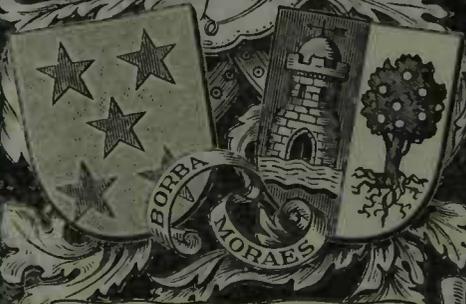
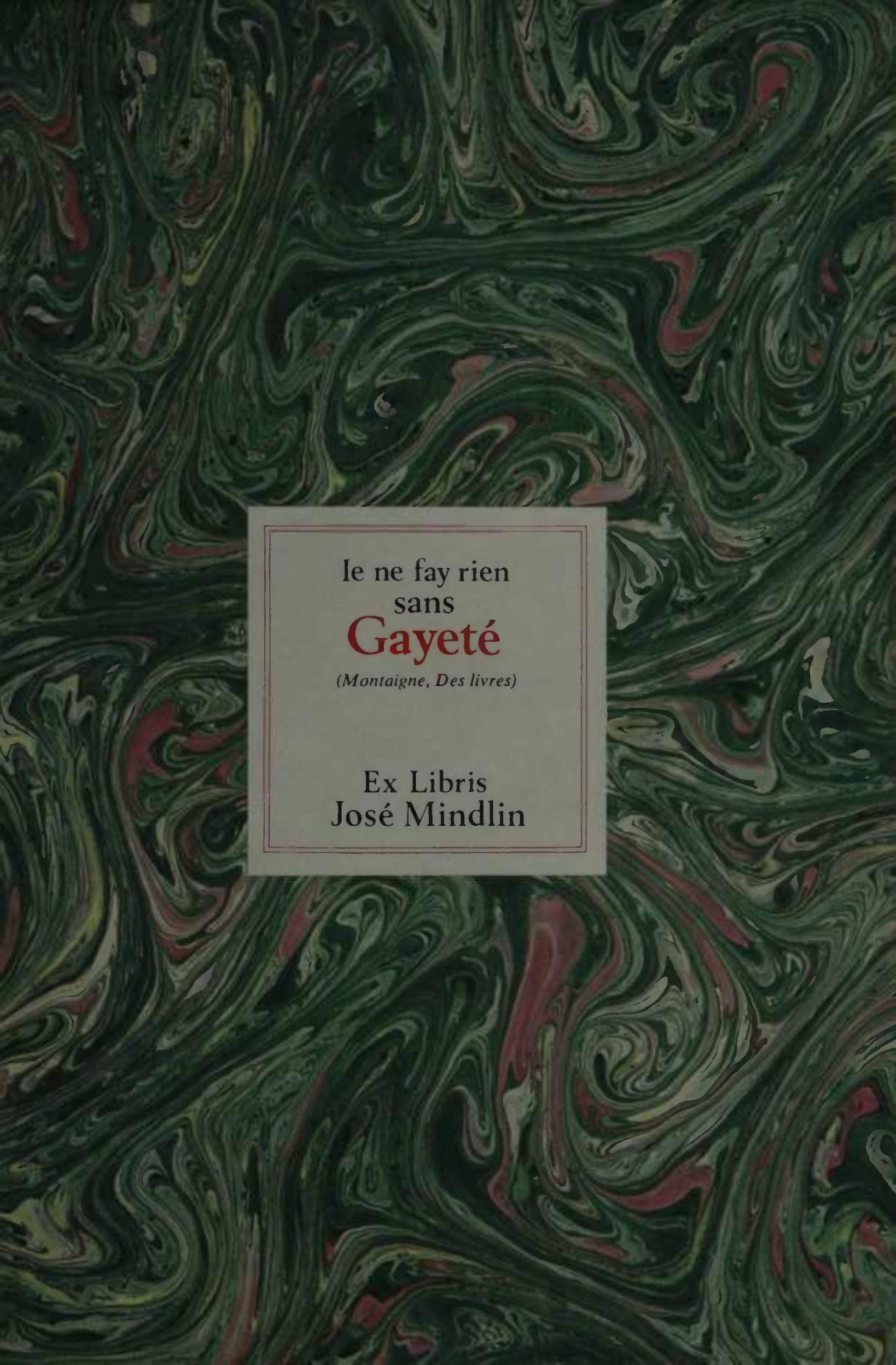


EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OBRAS DO AUTOR

Ardentias, Santos, 1885.

Relicario, 1.^a edição, Santos, 1888. 2.^a edição, Porto, 1890.

Solução da crise do café, S. Paulo, 1901.

Roza, roza de amor... Laemmert & C.^a, Rio e S. Paulo, 1902.

Poemas e canções, 1.^a ed. S. Paulo, 1908. 2.^a ed. Porto, Livraria Chardron, 1909.

Verso e Proza, S. Paulo, 1909.

Pajinas soltas, vol. I, S. Paulo, 1911.

NO PRELO

Versos da mocidade, Livraria Chardron, Porto.

VICENTE DE CARVALHO

(DA ACADEMIA BRAZILEIRA)



PAJINAS SOLTAS

VOLUME I

SUMMARIO: I — Uma candidatura. II — Em roda do fogo. III — Jezus. IV — Eterno problema. V — Crianças... VI — Um poeta. VII — Estremos. VIII — Crónicas (*Finados*). — *Carta ao bispo*. — *O ex-imperador*. — *O Carnaval*. — *Revolucionarios*. — *Euclides da Cunha*. — *A Historia em frases curtas*. — *Richet, poeta*. IX — Selvajem. X — Julio Ribeiro e o padre Senna Freitas. XI — Um ano depois (1890). XII — Braz Cubas. — XIII — Poetas paulistas. XIV — Os humildes. XV — Duas soluções (*a queima do café e a valorização*).

S. PAULO

TYPOGRAPHIA BRAZIL DE ROTHSCHILD & Co.

Rua 15 de Novembro N. 30-A

1911

BREVE ESPLICAÇÃO

Remendado com escritos de varias datas e diferentes generos, este volume não é propriamente um livro; com alguma dóze, ainda que diminuta, de má vontade poderia ser definido — *uma colcha de retalhos*. Impoz-lhe esse carater o *movel ocazional* da sua publicação. E' o caso que me apresentei candidato a uma cadeira vaga na Academia Paulista de Letras; e procurei justificar esse ato de *audacia* — ou de *fraqueza* — alegando a *qualidade de poeta com idade* e mais requisitos de *apozentadoria*. Parece, entretanto, que ha *dificuldades* para a *minha eleição*. Aqui ha tempos, uma voz, *saída do seio da Academia* para a imprensa, declarou *desdenhozamente* que *aquela illustre gremio não é*, e não quer ser um *Parnazo*. *Opinava Platão* que os *poetas fossem coroados de rozas* — e *espulsos da republica*... De alguns academicos paulistas, não sei si *levarão o platonismo literario* até a *condecendencia de admitir* que sejam os *poetas coroados de rozas*; ou si, da *sentença do filózofo*, apenas *subscvem a metade consagrada á carrancuda severidade da justiça*. Seja como fôr, *deliberei alegar e provar*, no interesse da *minha candidatura mal parada*, que, em *materia de letras*, não tenho *cultivado só o vicio*, realmente *escandalozo*, do *Verso*, mas *dei-me tambem*, com *afinco*, á *virtude austéra da Proza*.

Sim, *escrevo tambem em proza*, mal, porém *ha muito tempo*: é o que aqui se *demonstra com documentos autenticos*, alguns deles *antigos de mais de vinte anos*. Neste livro de *amostras pretendi coleccionar especimens dos diversos generos em que tenho divagado*, sobretudo no *jornalismo*, onde, *hospede geralmente raro*, fui algumas vezes *comensal assiduo*. Tal *orientação esplica a falta de homojeneidade do presente volume*, onde *hurlent de se trouver ensemble*, desde as *leves fantuzias em que as idéas esvoaçam com azas de borboleta*,

até os assuntos economicos, nos quais os argumentos procuram pezar com o lastro de algarismos. Ainda assim, a variedade saíu bem menor do que imaginava a minha intenção e permitia a abundancia de material. Este não pôde ser aproveitado todo, mesmo para o só efeito de documentar por alguns ezemplares o meu perseverante e mal sucedido esforço na cultura de varias especies literarias. Bastantes anos de advocacia e alguns de judicatura proporcionaram-me ocaziões de me deter no estudo de problemas juridicos; aconteceu-me tambem, e com frequencia, em recontros politicos ou literarios, entreter polemicas rizonhas; e ainda, em horas de bom humor dezocupado, votei-me ao humorismo, ao simples humorismo que, sem intenção de filozofia ou de malicia, não pretende sinão ser inofensivamente alegre. Nenhum desses generos figura, por um especimen ao menos, no livro que o leitor tem sob os olhos; e não de deliberada vontade minha, mas de circumstancia a ela alheia, rezultou a falta:

Para reunir estas *Pajinas soltas*, procurando os orijinaes, dispersos em periodicos ou esquecidos em gavetas; escolhendo-os; copiando-os; dando-lhes ordem; fornecendo-os á tipografia e revendo as próvas, dispuz apenas de umas férias de dezoito dias, curtas treguas na luta pela vida em que me acho empenhado por obrigações profissionais ezijentissimas. Urjia a publicação do livro, inspirado na ambição, que me assanha, de o fazer cabalar por mim na eleição academica proxima de desfecho. Si eu dispunha de brevissimo prazo para organizar a obra, de poucos dias mais dispunha a tipografia para imprimil-a. Tive, em consequencia, de ir dia a dia entregando a materia para a composição tipografica; e já o volume estava com as dimensões possiveis quando se apurou que não sobrava logar para copiozo material colijido e destinado a ser incluido. Ficaram de fóra diversas amostras, que só poderão entrar num segundo, ou num terceiro volume; os quais prometo para o primeiro vagar, e levarão melhor ordem quanto á distribuição das materias. Não podendo, por tardios, influir na eleição academica, muito proxima, servirão ao menos para acabrunhar a Academia sob um justo remorso, cazo ela repila do seu seio, como de um seio de madrasta, o autor de tão variegadas letras, todas elas de fôrma. Não creio que isso venha a dar-se: a maioria dos academicos, acatando a responsabilidade intelectual e moral que os seus nomes arrastam, não recuzará provavelmente o concurso de boa e leal camaradajem que com a minha candidatura lhes ofereço.

Estou tão acostumado, tão mal acostumado, á benevolencia da critica, que o presente livro em dezordem afronta, e á simpatia do publico, a que se destina a edição, — que não hezito em contar com a boa vontade de uma e de outro nesta emerjencia em que só me servirá de desculpa ter procurado sair, como pude, de uns apuros elei-

torais ⁽¹⁾... E' possível que os leitores encontrem na variedade dos escritos aqui enfeixados alguns que lhes não dezagradem; si assim acontecer, estará bem pago o que esses escritos custaram, a mim, para os escrever, aos leitores, para os lerem. Nem se deve em tais cazos de letras contar com outro proveito.

Quanto aos academicos cujo voto disputo e m'o caínam, si me fizerem a honra de folhear estas pajinas soltas, acreditarão, de certo, sobre o testemunho delas, que eu sou, ha bastantes anos, um fraquisimo porém dedicado cultor da proza em relações com o publico; e que, tanto por defeito de nacença como por efeito de cultura, sou, de corpo, de alma, de pena e de tinta, um paulista apaixonadamente amorozo de sua terra e de sua gente. Isso talvez os induza a refletir que, em meio literario tão limitado como o nosso é, constituem um duplo direito, bastante consideravel para que possa ser lejitimamente ezercido por numero muito estenso de pessoas, estas duas couzas reunidas: figurar numa Academia Paulista de Letras — e escluir-me dela.

S. Paulo, 30 de Junho de 1911.

V. C.

(1) Da pressa na publicação deste llvro rezultou avultarem nele os erros de revisão, especialmente numerosos quanto á ortografia. Nos orijinaes foi observada a da Academia Brazlleira, varias vezes alterada, sempre por engano, na composição tipografica. Entre os erros de outra natureza, mals sensiveis, foram encontrados os seguintes: A' paj. 8: *fazendo-os calar: a Academia os inimigos que por isso a incrépam; eu, aos amigos que de tal modo me acuzam.* No orijinal estava: *fazendo-os calar: a Academia, aos inimigos que por isso a incrépam; eu, aos amigos que de tal me acuzam.* — A' paj. 22: *copo de boca em boca* por: *o copo de boca em boca.* A' paj. 91: *prossições* por *procições.* A' paj. 95: *e quasi as formigas* por: *que si as formigas.* A' paj. 101: *Santos — 1903* por *Santos — 1905.* A' paj. 104: *Carlyslle* por *Carlyle.* Etc. Etc.

UMA CANDIDATURA

Sou candidato á cadeira da Academia Paulista de Letras, vaga pela morte do dr. Rafael Corrêa da Silva. Inscrevi-me, para esse efeito, não de surpresa, mas dous largos mezes antes do encerramento da respetiva inscrição. A noticia da minha candidatura terá cauzado estranheza, e demanda es-
plicação, que procurarei dar com toda a lizura.

Contrario, por principio, á idéa das Academias rejio-
nais, — sobretudo porque não temos dialetos ou literaturas
rejionais que elas representem — bati-me, pela imprensa,
contra a criação da Academia Paulista. Si a ezistencia dessa
instituição tivesse dependido, ou dependesse do meu voto,
ela não ezistiria. Mas a idéa de uma Academia Paulista
vingou; a Academia eziste; a propria eleição a que con-
corro mostra que ela vive, e quer viver. Mau grado as
minhas opiniões, tenho de aceital-a como um fato consu-
mado.

Não me cabendo responsabilidade na sua ezistencia, eu
poderia conservar-me alheio á Academia Paulista: o mundo
das letras é largo bastante para que nele coubessemos, ela
e eu, sem nos incomodarmos. Ser-me-ia até facil disfarçar
com o pretesto da coerencia o meu afastamento. A verdade,
porém, é que o argumento da coerencia seria um sofisma,
e que a minha atitude de abstenção teria alguma couza de
acintozamente aggressiva.

Sou um escritor genuinamente paulista; aqui naci, aqui tenho vivido sempre, aqui foi produzida até hoje, e, segundo as probabilidades, o será sempre, toda a minha obra literaria. Cultivo as letras com assiduo e não recatado amor, sem finjir que delas me dezinteresso como de couza secundaria. De todas as funções que tenho ezercido, e foram já bastantes, e algumas altamente honrozias, nenhuma sobrepuz ou sobreponho á de homem de letras. Só dessa fio a minha sobrevivencia espiritual, eu, pobre poeta desherdado da esperança numa outra vida, e que tem por suprema ambição do seu egoismo, não um grande logar na terra, mas um pequenino recanto na simpatia mais ou menos duradoura de algumas almas...

Si eu fosse um franco atirador fazendo literatura, livre de peias, por minha conta e risco, ser-me-ia licito manter-me alheiado de todo á Academia Paulista, sem dar marjem a que se attribuisse ao meu afastamento uma significação determinada. As letras são um terreno aberto em que cada um póde cultivar o seu jardim, ou a sua horta, segundo o seu gosto e sem constranjimentos obrigatorios. Ninguem é forçado, pela circúmsancia de que maneja uma pena, a pol-a em continencia diante das Academias, simbolos da Autoridade, de uma autoridade muito discutida, na Republica, ou, federativamente, nos Estados das letras.

O meu cazo, porém, não é o de um franco atirador: sou um soldado arrejimentado a quem a farda — uma farda bem vistoza por sinal! — impõi os deveres da disciplina. Aceitei, por um compromisso tacito, a autoridade das Academias, desde que dispuitei entrada numa delas. E a ecepcional generozidade com que essa me abriu os braços, e o patente carinho com que me acolheu em seu seio, collocam-me, com relação á joven Academia Paulista, numa dessas delicadas situações em que *noblesse oblige*.

Tendo eu, obscuro poeta provinciano, ido disputar tão longe e tão alto, com audacia que o successo corou, um logar na Academia Brasileira, chamada graciosamente e sem

impropriedade — «o senado das letras nacionais» —, que significaria da minha parte, não pretender, em cazo por assim dizer domestico, um logar na Academia de minha terra?

Ninguem aceitaria, si eu a dêsse, a fingida desculpa da modestia. Si eu, que me abalancei a empreza bem mais ambicioza e dificil, me detivesse agora diante da porta aberta da Academia Paulista, dizendo: «*Non sum dignus...*» havia de parecer que a minha escuza continha sob a sua solenidade de latim canonico um fundo de grosseira ironia.

Tambem me não valeria o pretesto de indiferença pelos titulos academicos, a mim que ambicionei o da Academia Brasileira. Contentar-me com esse, que lá fóra fui disputar, quando aqui, no meio em que vivo, por assim dizer ao alcance de minha mão, outro eziste destinado a coroar, num circulo limitado de que faço parte, o esforço dos que escrevem com amor da expressão, fóra permitir que se tirasse da minha attitude uma concluzão dezagradavel. Partindo de uma certeza provada para uma hipoteze compativel com a lojica, concluiriam os maliciosos que eu, que não menosprézo os titulos academicos, faço individuada e ofensivamente alvo de meu desdem o titulo da Academia Paulista. Ora a ambição de riquezas, ainda quando ezajerada, e satisfeita, não impede que se aprecie e estime a prata de caza...

Bati-me com o vigor de que dispuz, contra a criação da Academia Paulista; e fui afinal vencido no terreno dos fatos. A Academia venceu-me, vivendo. Longe de mim perpetuar em hostilidade rancorosa uma divergencia intelectual que já nem tem razão de ser. A Academia, mau grado meu, eziste. Não guardo resentimento de cazo em que ela, rezistindo á minha opinião e ao meu esforço, ezerceu o mais inviolavel dos direitos, o direito á vida. Ser ven-

cido também obriga. E' de coração á larga, risonhamente, que eu agora, com a minha candidatura, ofereço á Academia um ramo de oliveira, da arvore amada de Minerva, a cuja sombra fecunda é tradição que florem as letras...

Enterremos, e bem fundo, se assim o quizer a Academia, a acha da guerra. Não me considero humilhado ou diminuído por esta proposta de pazes. Não creio também que se humilhe a Academia, aceitando-a. Nem a Academia precisa de mim, nem eu preciso da Academia — é uma circumstancia feliz que nos põi á vontade. Quando combati a Academia, comecei reclamando energica e insistentemente contra o arbitrio com que ela me exilara das letras paulistas. Com a minha candidatura, mantenho-me no mesmo ponto de vista: desde que aqui eziste uma Academia, composta de quarenta escritores paulistas, cumpre-me disputar nela um lugar, o último.

Não se trata de amor proprio — sentimento que, alias, só é condenavel quando ezagera as suas proporções. Nem seria de estranhar que por amor proprio me empenhasse em ser incluído entre os quarenta escritores paulistas consagrados pela Academia, eu, cuja vida literaria, já distanciada do alvorecer, tem sido um esforço tenaz no sentido de merecer tal distinção. O meu curso de habilitação para esse bacharelato em letras dura ha trinta anos...

Mas não se trata de amor proprio repito — ou, se o quizerem, não se trata só de amor proprio. A honra que porventura me faça a Academia Paulista admitindo-me oficialmente no numero dos escritores paulistas, e que receberei como um ato de justiça, pouco acrecentará, no terreno das minhas vaidades, á que recebi da Academia Brasileira, quando, e com fraternal alvoroço, me franqueou entrada no gremio oficial dos escritores nacionais. Outro porém, que não o das minhas vaidades pessoais, é o terreno em que coloco a questão, ou em que a questão se coloca diante de mim.

A Academia, a cujas portas bato com a minha candidatura, fez-se para consagração dos escritores paulistas. Deixando-me de fóra, ela, evidentemente, não me contesta a qualidade de paulista, materia de fato, insusceptível de discussão e de duvida; o que parece, portanto, é desconhecer em mim as qualidades de escritor. Ora as insignias que me conferiu a Academia Brasileira obrigam-me a procurar manter com honra, em todas as situações, mesmo as mais difíceis, e em toda a parte, até na terra em que naci, onde vivo, onde escrevo, a minha qualidade de escritor.

A minha candidatura é aventureza; reconheço-o, mas nem por isso hezito em afrontar com ela os azares da sorte. Sei, de mim, que não guardo resentimento da Academia; ignoro, porém, quais os sentimentos da Academia para comigo. Ofereço-lhe, com a minha candidatura, ensejo de os manifestar, e de pôr á rixa que tivemos um remate espirituozoz, digno de um debate, como esse, travado entre gente de espirito, ou que tem obrigação de o ser.

Não será, de certo, e antes de tudo, falta de espirito dar razão a quem a tem. Que pretendo eu com a minha candidatura? Que a Academia me conceda fóros de escritor paulista. Não me parece fóra da razão o que ambiciono, ou fóra de-propózito que se me satisfaça essa ambição. Quem apenas reclama justiça não se humilha; mas será humilhante para quem a faz o fazel-a?

Si a Academia me tem na conta de inimigo, nem isso a dezobriga. A justiça que só se faz aos amigos não é justiça, é favor; e o favor, em materia como essa, de uma consagração só devida ao merito que fez perante o conceito publico as suas provas, tanto deprime a quem o recebe como a quem o concede. Ao contrario do que deve acontecer nos Templos, nas Academias só se póde entrar de cabeça erguida. Si eu reputasse como um favor o ti-

tulo que reclamo, fosse, indiferentemente, amigo ou inimigo da Academia, asseguro que não o pretenderia.

A minha candidatura é, a toda evidencia, mais significativa do que um amavel cartão de vizita. Si, apesar disso a Academia insistisse em considerar-me ainda como adversario merecedor da sua ira, poderia dar-me, com essa orientação vingativa, um castigo espirituozo — recrutando o inimigo para as suas fileiras, fazendo-me prisioneiro de guerra na cadeira vitalicia de que tão por minha vontade me abeiro...

Mas essa hipóteze é gratuita. A Academia não receberá como a inimigo quem bate á sua porta para oferecer-lhe uma proposta de reconciliação — de reconciliação que, sem ser de proveito para ninguem, póde ser honroza para todos. O odio, si não destôa tão feia palavra a proposito de couzas tão leves, está longe de ser planta precioza que se cultive com carinho...

Tem sido notado como uma esquizitice, que peza não sei si mais sobre mim ou sobre a Academia, o fato de existir uma Academia Paulista de Letras e não fazer eu parte dela. A estranheza se tem manifestado em letra de fôrma, de modo bastante publico para que eu a ela me possa referir em caracter de méra citação, sem que por isso a endósse. Tenham ou não razão os que consideram como uma anomalia esse fato, dá-se agora ocazião de taparmos a boca do mundo, fazendo-os calar: a Academia, os inimigos que por isso a increpam; eu, aos meus amigos que de tal modo me acuzam.

De minha parte, dezobrigo-me fazendo o que posso: apresento-me como candidato. A uma vitoria? A uma derrota? Ignoro-o. Apresento-me candidato a uma cadeira que está vaga — e que só poderei ocupar pelo concurso associado da minha iniciativa e do sufragio da Academia. Já

agora, e para todo o sempre, si eu continuar fóra da Academia, quem o estranhar não poderá imputar-me qualquer parcela de culpa nessa auzencia.

Advogando ardoroza e estensamente, como venho fazendo nestas linhas, a minha candidatura, deixei assignalados os varios motivos, todos de natureza literaria, que me induziram a ser candidato; resta-me espôr os fundamentos com que espero ser eleito. Ezibirei os dois titulos com que conto captar os votos da Academia Paulista.

O primeiro deles é o titulo de membro da Academia Brasileira. E' verdade que esse não tem, no mundo dos negocios, valor intrinseco, como os chamados *titulos de bolsa*; nem, no mundo da nobiliarquia, o merito de ser fruto de uma arvore jenealojica com raizes nas Cruzadas... Mas no mundo das letras, e no das letras academicas, principalmente, não se lhe póde negar cotação.

E' quazi certo que os que com os seus votos me receberam na Academia Brasileira não m'os negariam para que eu entrasse na Academia Paulista — si nesta fossem eleitores. Não ha razão nenhuma para que se louvem na opinião daqueles outros os academicos paulistas; a Academia Paulista é autonoma, e dispõi como entende dos seus votos e das suas poltronas. Como, porém, entre os que em mim votaram, figuram muitos dos maiores nomes literarios do Brazil, louvo-me eu neles para incutir animo ás minhas esperanças, e justificar a ouzadia da minha ambição.

Ajustaram-se o capricho dos deuzes e a boa vontade dos homens para fazer com que eu pudesse ostentar, em ocazião de tanta oportunidade como esta, o titulo de membro da Academia Brasileira. Muitos outros, no seio da Academia Paulista, o mereciam e merecem mais do que eu:

desvanece-me poder lembrar que isto mesmo escrevi, não quando lhes disputava os votos, como agora, e sim quando me achava empenhado em combater com veemencia a corporação de que eles são e eram ornamento. Seja como fôr, bem ou mal, possuo esse titulo, que conquistei licitamente, e que a Academia Paulista não póde deixar de tomar em alguma consideração. Porque, si em nenhuma o tivesse, em que conta poderia a Academia Paulista pretender que fossem tidos os que ela propria se destina a conferir?

O meu segundo titulo é de natureza mais intima; valeria, si outro merecimento não tivesse, pela antiguidade. Não me acoimem de vaidoso porque dele me socorro. Tenho necessidade de não ser modesto quando me empenho, como aqui faço, por alcançar o reconhecimento de um direito que supponho assistir-me, e não por obter um favor de que, a falar verdade, não preciso para qualquer fim pessoal. E depois, a minha vaidade merece perdão como sendo um produto da benevolencia alheia. No seio da propria Academia Paulista figuram muitos dos culpadissimos na culpa desse defeito meu...

Carlos Ferreira, o velho poeta que envelheceu gloriozamente fazendo versos, é, talvez, d'entre os nomes literarios da Academia Paulista, o mais venerando. Em 1885 — como as couzas a que se refere essa lonjinha data recendem a outro seculo! — em 1885, eu enfeixara em volume, sob o titulo de «Ardentias», um punhado de rimas escritas e publicadas com a descuidoza confiança da adolescencia. Por esse tempo um jornal carioca, nem me lembra qual, poz em votação publica o seguinte: qual o maior poeta do Brazil? Recordo-me apenas de que essa urna eleitoral improvisada teve razão, fazendo realçar em triunfo o grande nome de Gonçalves Dias.

Carlos Ferreira tratou da «Ardentias» em longo artigo,

na *Gazeta de Noticias*, de que era diretor. Nesse artigo, que datou de 26 de maio de 1885, e firmou com seu nome, então em pleno fulgor, de poeta, de dramaturgo, de jornalista, escreveu ele:

«Não sabemos quantos votos este escriptor já obteve na eleição a que se está procedendo no Rio para saber-se qual é o primeiro poeta do Brasil; mas si ainda não teve a gloria de contar um só, não se moleste com isso, porque nem assim deixará de ser um dos mais estimaveis talentos brasileiros».

Não dêmos ás frases que aí deixei transcritas proporções maiores do que as que elas têm, como ezagero de benevolencia, desculpavel num poeta familiarizado com o uzo das hiperboles... Asseguram-me até, couza que eu, aliaz, ponho em justa duvida, que Carlos Ferreira não me honrará agora com o seu voto na eleição que disputo. Mas espero que se louvem naquele testemunho do seu venerando colega os demais academicos paulistas, sobre tudo os que, e creio que são a grande maioria, naceram para as letras, ou para as letras paulistas, muito depois de 1885...

Limada do que escreveu o poeta toda a esterioridade hiperbolica, ainda ali ficará uma pequenina substancia bastante para garantir que ele, em 1885, me julgaria digno de ser votado... Para que? Para primeiro poeta do Brazil? Para figurar entre os mais estimaveis talentos brasileiros? Não, e nem se trata disso, nem de couza que com isso se pareça; para colocação bem mais modesta: para o ultimo lugar entre os quarenta escriptores paulistas a quem a Academia concede o direito de uzar esse titulo honorifico... Pois no conceito da Academia Paulista terei decaido tanto, da adolescencia para a idade madura, das «Ardentias» até aos «Poemas e Canções», a ponto de não merecer agora, ao menos em respeito ao passado, uma distinção

literaria que, segundo o testemunho academico, insuspeito e venerando de Carlos Ferreira, não me descaberia quando eu tinha dezenove anos?

Espero com expectativa simpatica, e impessoal, a decisão da Academia Paulista neste pleito de solução forçadamente alegre. Confio em que, elejendo-me ou não, a Academia procederá com acerto. Ela dará sem duvida o seu sufragio ao candidato que com melhores titulos o mereça. Vai nisso, mais do que o seu interesse, o seu dever. A Academia fez-se para representar oficialmente a nossa cultura literaria, e está ezercendo de fato essa representação em que se investiu. Isso impõi-lhe responsabilidades a que ela não quererá furtar-se. Quem, como a Academia, ezerce de fato uma tão alta representação, precisa, de necessidade, mostrar-se nos seus atos capaz de a exercer de direito.

Em téze, as Academias literarias só vivem, na larga acepção do vocabulo, pelo prestijio dos nomes que elas atraem para si, e que as constelam. As honras que as Academias conferem não podem ser distribuidas ao acazo como obras de graça criadora. Os titulos de distinção que outorgam aos que elejem não hão de ser malbaratados, hão de corresponder a merecimento notorio dos eleitos, ou descairão afinal, de atestados de benemerencia, em simples comendas, menos do que inofensivas, vexatorias.

Na hipóteze com que se vê a braços a Academia Paulista, tem applicação de rigor especial a téze que deixei esboçada. A Academia, muito no verdor da vida, não dispõi de passado que a prestijie, e lhe garanta fazer aceitar como ecepção desculpavel um erro que por ventura cometa. A Academia vai mesmo, desde a sua inauguração, praticar agora o seu primeiro ato significativo: pela primeira vez se lhe depara o ensejo de dar a sua decisão entre candidatos

que disputam o seu sufrágio. E' natural que a Academia procure, fazendo justiça, dar, nessa estréa em que se vae revelar, a medida da sua orientação e da sua capacidade.

Dir-se-á que os votos, em eleições como essa, não pertencem propriamente á Academia, e sim, em caracter individual, a cada um dos academicos; e que esses pódem ser levados a votar por considerações e compromissos de ordem pessoal, sem relação direta com os titulos literarios dos candidatos. Seria isso palpavel sofisma. Uma eleição dessas é um duplo julgamento; o que está em cauza são os titulos literarios dos candidatos, e, ao mesmo tempo, a capacidade da Academia para os julgar. Si ha cazos em que as razões pessoais de qualquer natureza devam ceder ao interesse coletivo, este é um deles, creio eu. O voto de um academico não é propriedade particular de que ele possa dispôr inteiramente á sua vontade, com o dezapego de quem dá ao primeiro pedinte um cazaco velho: o seu compromisso primordial, oriundo da natureza e da responsabilidade do proprio mandato que ezerce, é não votar de modo que seu voto redunde em desprestijio da instituição.

Imajino que todos os que, em nosso meio, se interessam por assuntos de letras, vão acompanhar com curiosidade este pleito, no qual a Academia Paulista se estreará em suas funções de grande eleitor. Por minha parte só dezejo, com sinceridade, que a Academia se saia bem desta primeira prova, ou elejendo-me ou derrotando-me, mas, em qualquer dos cazos, decidindo por bôas razões com que se imponha ao assentimento do publico. Vitoriozo, coroadado dos louros simultaneamente academicos, e triunfais, ou vencido, condenado a continuar no ostracismo peiorado pelo vexame da derrota, conservar-me-ei tranquilo de consciencia. A virtude não está em vencer, mas em bater-se bem. Suponho que me bati bem, com denodo e esforço,

pela minha candidatura: trabalhei, rimando versos e namorando a gloria, durante trinta anos; e, ao fim deles, escrevi estas compridas razões, nas quais argumentei vigorosamente sinão com eloquencia, ao menos com ardor e abundancia.

Eleições, como esta a que concorro, são incertas — para quem tem de nelas votar. O mundo das gentes que escrevem é farto; a Academia tem o direito de escolher dentre os candidatos que se lhe apresentem; não, porém, o de determinar de antemão quem sejam os candidatos... A Academia poderá vêr-se na continjencia de sobrepor ás suas naturais intenções de cortezia para comigo, e aos titulos com que demando o seu sufrajio, algum desses nomes illustres que se impõem por si mesmos. E fará então bem adotando-o, e, a esse nome, como ao seu proprio dever, sacrificando-me. Serei o primeiro a prestar, por tal ato de justiça, homenagem á Academia e ao seu eleito, dizendo a este: «A tout seigneur»... — e á Academia: «Não tem duvida! cá fico de fóra esperando vez».

O que espero confiantemente é que a Academia, não por amor de mim, que nada tenho a ganhar ou a perder nisso, mas por amor de si propria e da cultura paulista, evite a fraqueza de sobrepor-me algum aprendiz de poucas letras, para quem a cadeira academica vá servir como de pia batismal... Ela, e é o que espero confiante, terá, na sua estréa, o cuidado — que lealmente lhe dezejo com a sinceridade de quem bate á sua porta para levar-lhe uma proposta de reconciliação dezinteressada — ela terá o cuidado de evitar que, em tais condições, a minha derrota seja uma victoria escandaloza... De quem? Dos inimigos da Academia.

S. Paulo, maio de 1911.

EM RODA DO FOGO

Mal abaixava o sol para detraz dos morros, fazia-se fogo, um fogo agradável, quazi delizioso na frescura da tarde de Junho, sobre o chão de areia limpa, debaixo de uma alta nogueira que ramalhava, entre a cabana e a praia. Agrupavamo-nos em torno dele. Havia só dous bancos; mas os tócos de pau abundavam. O general e eu, como hospedes, tomavamos conta dos bancos, por um habito a que nos forçára a sinjela cortezia dos pescadores; e estes, velhos e moços, todos descalços, em calças de algodão e camizas de baeta, sob os chapéus de palha amarrotados do uzo e dos aguaceiros, espalhavam-se ao acazo dos tócos.

Viamos dali, por uma aberta que o boqueirão rasgava no jundú, o mar estendendo na praia a alvura das ondas, preguiçosas da calmaria, ou tumultuando desgrenhadas, em arrepelos e investidas, tocadas da viração do largo. Para traz delas, a vasta superficie azul em que o oceano se desdobra vagamente para o horizonte, e onde apenas se destacava, ao longe, esguio e solitario, o perfil dos Alcatrazes. Algum sabiá, pouzado num ramo de aroeira em flor, cantava a melancolia da tarde. E o marulho surdo, e esse gorjeio aveludado e triste, associavam-se ao silencio de emtorno, fundiam-se quazi nele.

Pouco a pouco, a tarde esmorecia. A sombra da noute caía lentamente, desmaiando, sumindo, apagando o horizonte lonjinquo, o estenso mar. O fogo, já rubro então no

escuro, desfraldando labaredas irrequietas, estalando os gravetos retorcidos, espirrando alegremente fagulhas, izolava-nos, numa insulação doce de claridade, da larga sombra espraçada fóra.

Dezatavam-se as linguas. Dezenrolavam-se historias de pescarias de fóra, nas afastadas ilhas do mar largo, moradia solitaria dos grandes meros, dos peixes formidaveis, cujo nome se não sabe, e que ninguem viu nunca. Naufragios de canôas despedaçadas nos costões bravios; borrascas desencadeadas de surpresa no mar alto, onde cada solavanco de onda faz sumir-se a terra e vacilar a esperança; a traição, a perfidia dos peraus; a agonia sem par dos afogados, prolongada numa rezistencia de desespero que a agua só pouco a pouco vence e estrangula: toda a vida aventureza do mar ali repassava, ao vivo de reminiscencias gravadas fundo pelo terror, entrelaçadas de lendas injenuas, contada na rude linguagem pitoresca das gentes praianas.

— Faz um rôr de tempo, contava-nos de uma feita o Antonio Cuba — caboclo que aguentava ainda rijo e desempenado os seus setenta anos de anfibio, divididos a meio entre a terra e o mar — faz um rôr de tempo que o cazo aconteceu... Eu tinha assim o tamanho daquelezinho — e apontava para um pequeno de doze anos que nesse momento aticava o fogo. Meu tio Jozé, cada ano, pela quaresma, ia á pescaria das ilhas de fóra, quando o tempo dava quadra; Lage, Alcatrazes, Queimadas, tudo aquilo era quintal dele. Eu ainda nunca tinha ido mais lonje do que as poitadas do Poço; um dia pedi para ir numa viagem da Queimada Grande, em que havia tenção de aproveitar a lua cheia para a arpoação das caranhas. — «Póde ir», disse tio Jozé. Tambem eu nesse tempo já sabia bater o remo e brigar com um peixe.

«Desde domingo tudo estava preparado, os linhotes desbolinados, os anzóes empatados, os arpões com cabo novo e ponta afiada, a véla bem serzida, o farnel pronto. Esperava-se a toda hora monção para sair. A lua cheia

era d'aí a quatro dias. Mas o tempo não dava. Vento tirando a sul, mar malcreado, ceu carrancudo de tormenta lá por fóra. Passou segunda-feira, passou terça, passou quarta, e a monção não vinha.

«Eu, como criança, andava só espiando o tempo, no desejo de que ele asserenasse, zangado daquela embirração que estava querendo fazer a gente perder a arpoação das caranhas, e a viagem. Na quinta-feira era a lua. Na enchente da maré, logo de manhãzinha, o vento rondou p'ra leste, o ceu clareou; o mar caíu, e quando foi de tarde já mal a espumarada branquejava de quando em quando ali no pontal do Suruguava.

«Ficou assentado que se havia de sair na vazante, ás nove horas, com o terralão da noite. A companha era de quatro: tio Jozé, eu, Bastião meu primo, e pai Felipe. Bastião era rapaz moço, de poucos anos, mas já matriculado em assuntos de mar. Pai Felipe era negro canhembora, fujido de Ubatuba, e que vivia antigo ali no Pecê. Era tido como feiticeiro, no parecer de muitos. Ninguem sabia de agouros como ele, e de curar com folhas e raízes apanhadas na lua propria. De tempos em tempos tinha assim uma afrontação, que ficava meio variado, e não conhecia ninguem. Aí, resmungava, e diziam que eram esconjuros com que ele enxotava do corpo o coisa ruim, não sei si seriam... Tio Jozé, homem dezabusado, gostava do negro, traquejado em tudo que diz pescaria; e sempre que saía para o mar levava pai Felipe de camarada.

«Logo na boca da noite fomos levando p'ra o Pecê a matalotagem toda. Botou-se a canôa nos rolos, deceu, ficou com a proa metida na resaca. No fim da arrumação dos preparos, já estava cada couza arranjada no seu lugar, o garrafão de pinga, que era só o que faltava, escorregou das mãos de tio José, bateu na borda da canôa, traz! partiu-se. «Filho das unhas! Custou tres mil réis p'ra ser bebido pela areia! E' preciso ir buscar outro». Tio Jozé falou assim.

«Bastião botou o facão de mato na cinta, não disse nada, seguiu atraz de outro garrafão de pinga. O atrazo era grande. Nesse tempo só havia venda do outro lado, no mar pequeno. Até chegar aqui, daqui entrar no caminho, pegar o morro, sair no Buracão, e daí remar até á venda, no Caruara, era um estirão. Tio Jozé, na claridade do luar que estava como dia, ficou lidando com os aparelhos, limando um anzol, apertando uma alça. O negro estendeu-se na areia, pegou no sono. Eu, sentado na borda da canôa, fiquei considerando, vendo o mar que arrebetava na Praia Grande, e que lá mais ao lonje, para o fundo da bahia, franjava como uma fitinha branca o jundú alto do Perequê.

«Passou tempo. Quando Bastião voltou, foi preciso acordar o negro. Ele levantou, espreguiçou-se, olhou para a lua que já ia em mais de meio ceu, e resmungou: «Eh, já vae querendo ir p'ra madrugada. Sesta-feira, dia ruim de sair». Botou-se a canôa nagua, os remos bateram. Quando se vencia a arrebetação, um uivo de cachorro, tão comprido, tão triste, soou no canto da praia, para a banda das cazas.

«O negro suspendeu o remo, abanou a cabeça. — «Sesta-feira, cachorro uivando, má viagem, *seu* Jozé. E' mais acertado deixar p'ra amanhã».

«— Já estás com teus agouros, feiticeiro de má morte?» retrucou tio Jozé. «Ha-de se perder outra noite de lua cheia por cauza de algum sarnento? O cachorro uivou porque é parente das caranhas que vamos arpoar. Tóca!»

«Fomos indo. No largo, o terralão estava fresco, soltou-se a vela. O mar estava que mal bolia. Eu encos-tei-me. E quando iamos emparelhando com o farol da Moela, adormeci, ouvindo, no fechar os olhos, o negro, dianho de negro agourento, que dizia: «Estou cheirando tempo, o sudoeste não tarda...»

«Dormi um sono estirado. De repente, acordei com uma sacudidela de Bastião, que me mandava pegar no

remo. Era dia velho. Tempo feio, sem sol, com um ceu cor de chumbo, e uma pretura grande para a banda do sul. Tinham arreado a véla, a canôa ia a remo. Vi adiante de nós uma pedraria estensa esparramada quasi no lume dagua. Perguntei si era a Queimada. Bastião respondeu que estavamos arribando na Lage, emquanto era tempo e o mar não crecia muito.

«Já se divulgavam as ondas arrebentando nalgum pontal da ilha; mas ainda ficava numa distancia. «Tóca, rapaziada!» — dizia tio Jozé — «é preciso aproveitar emquanto o mar dá jazigo de chegar na pedra!» Todos puxavam com corajem, de pé, dobrados para a frente, afundando o remo, sacudindo para traz, de cada remada, um rebojo forte.

«Sopravam rajadas que descabelavam as maretas, fazendo espirrar na gente os borrifos. A canôa dava trancos, mas corria, trepando, decendo, corcoveando. «Sesta-feira, o cachorro uivou, viagem perdida...» resmungava o negro de quando em vez. «Tóca», dizia tio Jozé, «ele vem que vem bufando...» As rajadas apertavam, cada vez mais a miudo, o temporal vinha perto, logo atraz de nós; mas a canôa ia numa corrida que comia mar. Dobrou-se uma ponta brava, de mar batido, cortou-se uma enseada de calhãos grandes, e caiu-se na frente do porto.

«Uma onda trepou na itapeva, meia altura, e rodou p'ra baixo; quando veio outra, a canôa embicou, subiu, o negro saltou, aguentou a prôa, nós atraz. «— Arre, diabo!» — disse tio Jozé — «Estamos em terra, passou-se a perna na tormenta».

«Mas de repente, quando mal se ia pondo a mão nos bancos para alar a canôa itapeva arriba, o vento levantou fóra um poder de maretas que branquearam tudo, e soprou rijo, de tufão. Um mar grande, muito grande, rebentou no Pontal, e veiu pelo costão estrondando, bufando, crescendo... — «Puxa!» — gritou tio Jozé. Puxou-se com força, na ancia de fugir. Mas o mar grande chegou em baixo no sopé da itapeva, encontrou o ressacão que decia, enro-

lou-se nele, retorceu-se como uma cobra de grandura que não ha, rebentou num estouro, investiu contra a pedra, e trepou...

«Não vi mais nada. A onda me suspendeu, e rodei com ela para baixo, atordoado, engolindo agua. Quando ela voltou, eu tambem voltei; agarrei-me com as mãos, com os joelhos, com os pés, na pedra escorregadia; mas quando o ressacão deceu, lá rodei. Veiu um outro mar, trepei outra vez, rolando, arrastado, aos trancos, vendo só assim uma amarelidão, e mais nada... Botei a mão numa couza sem saber o que era; botei a outra, aguentei, com toda a força. Quando a onda deceu, eu fiquei agarrado no rebordo de uma racha de pedra ao comprido do costão. Corri para cima, para o enxuto, e olhei:

«Embaixo, rolando no vagalhão, tio José forcejava por se suster, com a cabeça ensanguentada fóra dagua, os olhos esbugalhados, soprando... O mar arrebentou, e veiu, suspendeu-o: ele chegou quazi perto de mim um pedaço, segurou-se na pedra; o mar foi descaindo, e ele sempre agarrado. De repente, começou a escorregar, a escorregar... Rangia os dentes. Por onde as mãos e os joelhos passavam nas cracas da pedra molhada, ficava um risco de sangue... Caiu nagua.

«Outra onda subiu. Ele vinha embolado, com os olhos cada vez mais esbugalhados, e gritava quando a cabeça surgia e a agua não lhe tapava a bocca... E rolou, e foi no rebojo, gritando sempre, batendo, esfregado de pedra em pedra, e não apareceu mais...»

Neste ponto, Antonio Cuba interrompeu a narração para propôr um *golpe de pinga*. A garrafa correu de mão em mão, copo de boca em boca. O narrador estalou a lingua, enxugou com a manga da camiza os beiços, acendeu de vagar o pito num tição, e continuou:

— «Bastião e o negro, não vi. Imajinei que teriam batido com a cabeça em algum burgau, e ficaram logo da primeira... Sózinho, naquele rochedo perdido no meio do

mar, sem abrigo, sem esperança de socorro, me parecia que o mundo acabava ali para mim. Botei-me de bruço na pedra, e chorei, chorei... Depois, de tão cansado, adormeci.

«Quando acordei, era noite fechada, noite preta de borrasca, que não se via nada. O vento zunia, roçando na pedraria, enfiando pelas grutas. O mar, escondido na sombra, estrondava de um lado e de outro, com um rumor de trovoadas. Cada onda que trepava na itapeva, fosforeando e coaxando, parecia mesmo que vinha até em cima, onde eu estava. Com o coração pulando, eu não podia tirar os olhos dali. De uma feita, quiz fechá-los, e voltar a cabeça, para não ver nada. Mas foi pior, e vi mais assim: vi tio Jozé enrolado num vagalhão de mar, grande como um morro e que vinha sobre a ilha, e queria se agarrar em mim... Então abri bem os olhos, e fiquei fitando a noite escura.

«Certa hora, escutei no vento um uivo, comprido, lamentoso, o uivo do cachorro que tinha gemido na praia, para a banda das cazas, quando largávamos do Pecê. E uma voz como de alma do outro mundo, como saída do mar, falava em baixo, no escuro. Apurei o ouvido. Era a voz de pai Felipe, que resmungava aquele seu dito: — «Sesta-feira, o cachorro uivou, eh...» E dava uma rizada, feia como um uivo.

«Tive um arrepio em todo o corpo, senti no coração um pezo que nem me deixava respirar. Agarrei-me á Nossa Senhora, pedindo só que amanhecesse. Tremendo todo, com os joelhos na pedra, com os olhos escancarados para a sombra, com os cabelos em pé, passei o resto da noute, noute comprida que não tinha fim, escutando de pedaço em pedaço aquela voz da alma penada do feiticeiro, que resmungava e dava uivos...»

O narrador benzeu-se. Depois de uma pausa, em que espertou a fogueira, fazendo-a crepitar mais viva, tornou:

«Logo no amanhecer, quando mal principiou a clarear, fiquei outro. Levantei-me, consolado com a claridade, como quem sai do fundo de um poço muito fundo. Olhei em

roda. Divulguei pai Felipe de um lado, meio escondido por uma aba de pedra, sentado, muito quieto, abanando a cabeça de quando em quando. Estava vivo, o negro. Fui para ele, chamei. Ele nem me olhou: olhava á toa para o largo, com um olhar parado, de defunto. O negro estava variado, naquele estupor que de tempos em tempos dava nele.

«Passei o dia todo na grimpã de um calhau, olhando, na esperança de ver alvejar alguma vela pelo mar sem fim, tão grande, tão grande que não acabava mais... Varado de fome, vendo tudo tão solitario naquela extensão tamanha, desesperava ás vezes: punha a cabeça entre os joelhos, e chorava, chorava, sem coragem, só com vontade de fechar de uma vez os olhos, e morrer...

«Veiu a noite, com aquela tristeza da lua cheia no mar largo. Não sei si dormi, si sonhei acordado. De manhã, o mar, muito caído, mal espalhava no costão uma onda preguiçosa, sem espuma; mergulhões, assanhados com o sol, voejavam alvejando, ora rentes com o mar, ora subindo e pairando no azul do ceu limpo. Algum, mais afastado, me enganava de quando em quando, parecendo, no brilho do sol, uma vela branca de canôa que apontava ao longe.

«De uma feita a parecença era maior. Fiquei suspenso, de pé em cima da pedra, com o coração todo nos olhos. O vulto branco que eu divulgava ao lonje creceu, era uma vela... Aos bocadinhos, de vagar, uma canôa foi surgindo, subindo fóra dagua, e apareceu, velejando com a prôa em rumo da ilha.

«Senti como um amanhecer dentro de mim, uma vontade de dar rizada, de pular, de falar muito. Pulei, bati as mãos, falei sozinho, xinguei o mar, cuspi nele... A canôa vinha avançando, tocada da viração fresca. Corri para o lado em que pai Felipe estava, sempre sentado na pedra. Na alegria, passou-me que o negro estava sem conhecimento.

«Quando eu ia chegando junto dele, vi em baixo, uma distancia fóra do costão, boiando quieto no balanço da onda, um cambeva, grande como um pau de canôa. Era um cação que era um bicho.

«Bati no hombro do negro. — «Pai Felipe, aí vem uma canôa, vamos embora!» O negro ergueu de pé a sua figura corpulenta, olhando fito, com o olhar parado, para o mar, onde a canôa, cada vez mais perto, avançava sempre toda pensa ao pezo da vela cheia. Agarrou-me no pulso, com força: rindo, com um modo esquizito que metia medo, respondeu: — «Vamos embora, vamos embora...» E de vagar, comó sem sentir, foi decendo, arrastando-me, pela itapeva abaixo...

Eu afirmava os pés na pedra, dava trancos, pedia que me largasse, afogado em choro. Era á toa. Ele ia decendo comigo, e resmungava: — «Vamos embora, vamos embora...» Chegámos á beira do mar, vi o fundão, muito fundo, sob a agua clara. Brigando com o negro, agarrando nas pernas dele, gritei com força, com desespero, um grito de afogado, aflito, demorado, que se ouvia lonje... Na canôa ouviram, botaram os remos nagua, tocaram; já vinham dobrando o Pontal. — «Vamos embora, vamos embora!...» repetiu pai Felipe, dando um arranco. Caimos no mar.

«Afundámos e surjimos, eu agarrado pelo pulso, ele nadando com o braço esquerdo. Ouvi um rebojo forte; era o cambeva que tinha acordado com o rumor do nosso baque nagua. Voltou-se vagarozo, viu-nos, e rompeu como um raio em cima de nós, com a guela escancarada, onde os dentes retorcidos, muitos, reluziam... Fechei os olhos, senti a morte.

«Na mesma hora um tranco me abalou; a mão do negro afrouxou e me largou. Ouvi a sua voz socegada dizendo: — «Vamos embora, vamos emb...» — e acabando de repente num borborinho, naquele *glu glu* de quem se afoga... Olhei: na agua clara, voltado para cima, com um

ar assarapantado de quem acordou, uma aflição pintada no rosto, esperneando e batendo os braços, o negro ia decendo para o fundo, decendo para o fundo, de vagar, atravessado na boca do cação...»

O fogo amortecêra, já ninguém o espertava; o seu reflexo avermelhado, bruxoleante, dansava sinistramente na folhagem oscilante das arvores. E vibrava melancolicamente no silencio e na sombra o marulho das ondas batendo ao lonje, para o fim da praia, o costão bravio do Suruguava.

JEZUS

O moço galileu sob cujo nome e sobre cujas palavras se fundou o cristianismo é, sem duvida, a mais interessante fisionomia moral de toda a Historia. Dezenfeitada da contribuição lendaria com que a imaginação popular acrecenta sempre a memoria dos grandes tipos que a apaixonam, a sua biografia é de estrema simplicidade. Pela sua orijem, pela sua situação pessoal na sociedade em que viveu, pela ação insignificante que ezerceu no seu tempo, Jezus foi um humilde e um obscuro.

Tardio rebento do esgotado tronco israelita, surjiu no seio de um povo abatido pelo cativeiro e prestes a perder pela mais completa e definitiva dispersão, não só a individualidade, mas a propria ezistencia nacional. Naceu de uma familia proletaria e sem influencia. Num recanto quazi ignorado do mundo viveu a sua curta vida. Expiou pelo supplicio e pela morte, como tantos outros revolucionarios de todos os tempos, as palavras novas e blasfemas com que escandalizava uma sociedade organizada sobre o respeito intransijente de velhos dogmas. Vivo, falou a um rezumido auditorio de pescadores, de rusticos, de ignorantes. Morto, a sua memoria ficou apenas palpitando no entusiasmo fiel de um pequeno nucleo de adeptos.

Entretanto, transmitidas ao mundo pelo reduzido auditorio que as entendera, as palavras de Jezus ha quazi dois

mil anos repercutem sonoramente no mais fundo da alma humana. Ha quazi dois mil anos, por uma faculdade intrinseca de maravilhoza infiltração moral, o nome simbolico do Cristo vai conquistando, lenta mas irrezistivelmente, sobre todas as rejiões da terra, a adegão de todas as raças. Já hoje mal haverá na superficie terrestre, mesmo nos ultimos redutos das outras grandes criações relijiozas, povo em cujo seio não fermente, no seu trabalho de incessante germinação invazora, alguma das multiplas doutrinas em que proliferaram as palavras tão maravilhosamente fecundas que Jezus pronunciou, ha dezenove seculos, no obscuro dialeto de uma inculta provincia hebraica...

Para os que podem aceitar a olhos fechados o dogma da divindade de Jezus, a transformação, em Filho de Deus, daquele que a si mesmo se alcunhava «o Filho do Homem», nem chega de certo a haver no desenvolvimento historico do cristianismo um problema. Si é licita a admiração de alguma couza no rejimen do sobrenatural, só lhes deve a esses admirar que a sementeira divina tenha tardado tanto, e tanto esteja tardando, a fecundar de todo a terra maninha, a frutificar por completo no coração dificil dos homens.

Mas aos desherdados da fé, aos que têm de contentar-se com estudar terra a terra as criações relijiosas como simples produtos naturais da cultura humana, o cristianismo, com a sua força persistente de propagação *urbi et orbe*, é talvez o mais intrincado, é com certeza o mais empolgante problema da Historia. O proprio confronto desse grande fenómeno social com os outros movimentos relijiosos que, por alguns pontos de contacto no fundo, na fórmula e nos efeitos, se lhe pódem comparar, lonje de auxiliar a rezolver o problema, complica-o.

O sentimento relijiozo é, com evidencia, o mais energetico impulso coletivo de que se tem mostrado capaz a na-

tureza humana; é, de todos eles, o mais apto a enraizar-se e a propagar-se. E provavelmente sempre o será. E' duvidoso que a ciencia, esclarecendo por assim dizer a superficie da vida, consiga algum dia realizar para a razão a conquista integral do espirito humano. A razão é, de certo, uma das faces da alma; e será, si assim o quizerem, a sua face superior e luminosa. Mas não se resume, nunca se rezumirá nela a nossa natureza espiritual. Uma parte desta volta-se, e ha de voltar-se eternamente, para a infinita sombra de onde viemos, que atravessamos, onde teremos de ser absorvidos.

Não é possível dezinteressar a nossa especie do profundo misterio que envolve e dirige a sua propria existencia. Consolidando o dominio da razão, a ciencia restringe-o; reduzindo a verdade ao que póde ser verificado, nem por isso suprime no coração humano a preocupação dos segredos indecifráveis de cuja indagação ela abdica. A razão é, cada vez mais, uma severa diciplina regulando grande parte da existencia humana; não, porém, toda essa existencia. Contra a apertada diciplina da razão sublevam-se instintos e sentimentos, inalienáveis da nossa natureza complexa como elementos substancialmente componentes dela.

A ciencia propõi-se e ambiciona guiar o homem na viagem sobre a face da terra, defendendo-o das hostilidades da natureza. Vai-se vagarosamente aparelhando para cumprir essa missão utilitaria. Mas o destino final da nossa especie, como o destino particular de cada individuo, escapa á sua ação e á sua influencia. Quando chegasse ela a estirpar das nossas cojitações o terror instintivo dessa grande sombra que a morte escancara diante de nós, nem por isso conseguiria extinguir o natural temor que nos inspira a vida, com o segredo insondavel de cada dia que temos de viver...

Nos templos erijidos aos seus deuzes, consagravam os atenienses altares «aos deuzes desconhecidos». Fortalecidos embóra pela ciencia, guiado com firmeza pela razão,

o homem, no mais intimo do seu ser, renderá perpetuamente a uma força oculta, cujas leis a razão e a ciencia desconhecem, a essa incerta divindade de tão imperscrutaveis deignios, que é o Destino, o duplo culto da esperança e do receio.

As grandes criações relijiozas podem ser consideradas como sistematizações de instintos fundamentais na especie humana, correspondendo ao estado do meio intelectual e moral que as produz, e em que se desenvolvem. Deriva daí, naturalmente, a sua aptidão tradicional para alastrar em todas as camadas do mesmo conjunto etnico. Mesmo, porém, sob esse aspeto comum aos movimentos relijiozos, resalta a acentuada individualidade do cristianismo, com a sua orijem materialmente circumscriita e a sua admiravel força de expansão universal.

Compreende-se com facilidade o surto do budismo, como rebento novo do velho tronco bramanico conservado estacionario emquanto, em derredor dele, o meio social evoluia. Para propagar-se em terreno preparado a recebela, a criação de Çakia Muni tinha em si mesma condições conhecidas de sucesso. O budismo, pela sua parte metafizica, ezerceu naturalmente sobre os espiritos ávidos da suprema verdade, aos quais já o bramanismo não satisfazia, a forte sedução de ser uma nova e cabal explicação do universo. Pelo seu lado moral, revelava a uma sociedade alicerçada na distinção tradicional das castas a idéa da igualdade entre os homens, desterrados todos no sofrimento comum que é a vida. Apesar disso, a sua expansão, rapida e estensa, confinou-se dentro das afinidades morais e das fronteiras geograficas de algumas raças vizinhas.

Compreende-se tambem sem dificuldade a propagação, violenta como a de um incendio, do mahometismo. O Alcorão era mais um sistema metafizico, mais uma realização desse antigo sonho do espirito humano, de interpretar o

universo atribuindo-lhe um destino providencial. Surjiu da mesma crize febril em que o ramo arabe da raça semita entrou intelectual e politicamente, cheia de brilho e de força, na civilização. Foi um produto essencialmente etnico, que se propagou com a assombroza expansão do povo guerreiro e conquistador em cujo seio se gerara. Para as rejões da terra que invadiu, abriu-lhe caminho a cimitarra vitoriosa. Mahomet não foi apenas o profeta de Deus: foi tambem o chefe da sua raça. Com a sua raça dominou pelo dogma em toda a parte onde ela dominou pela força. Com a expansão politica dos arabes, o mahometismo chegou a penetrar um trecho do extremo ocidente europeu, semeando de mesquitas triunfantes o solo conquistado da península iberica. Mas no refluxo da expansão politica que o levara, refluuiu com ela, sem deixar na terra estranha, numa semente que fosse, vestijio da sua passajem.

O cazo do cristianismo é inteiramente outro, é como uma sequencia dezordenada de paradoxos. Jezus não foi um produto normal de sua raça; nem as suas palavras foram a expressão da cultura intelectual do seu tempo ou do meio em que deviam frutificar. O judaismo repeliu e matou esse filho concebido nas suas entranhas. Na dispersão em que perdeu todos os outros caracteres da sua nacionalidade estinta, a raça hebraica só conservou inalteravel a tradição relijiosa de Israel. E, circumstancia interessante, a raça dispersa e abatida de Jezus é, dentre todas as raças, a unica que parece irredutivel, com uma firmeza posta á prova em dezenove seculos de desgraça — de expiação, diria um ortodoxo — á influencia do cristianismo.

As palavras de Jezus, semeadas por assim dizer ao vento, só em estranhas terras vingaram florecer e frutificar, em chão onde, aliaz, já a cultura grega tinha lançado os fundamentos definitivos da ciencia. Roma, culta e pode-

roza, acolheu as palavras de humildade que a humilde, a abatida Judéa desprezara. Nas ínfimas camadas, no subsolo do mundo romano epicurista e céptico, lavrou obscuramente, numa longa germinação de trezentos anos, a planta ezótica que dali devia alastrar-se por toda a terra. Posto em contacto com os barbaros que invadiram e derrocaram o Imperio, já por ele conquistado, o cristianismo conquistou os vencedores. E, em suma, ha quazi dois mil anos, nenhum grande ideal humano se formou que não derivasse directamente de maximas consignadas nos Evangelhos, ou não se resentisse do influxo delas.

A influencia moral do cristianismo desenvolveu-se simultaneamente, póde dizer-se paralelamente com o desenvolvimento intelectual da ciencia. Parece não haver incompatibilidade na conquista que, sobre todas as rejões da terra habitada, uma e outra vão fazendo em duas rejões distintas da alma humana. Não é a verdade, a verdade material que a ciencia procura firmar no testemunho dos sentidos, o que se irá demandar ás palavras de Jezus. Mau grado os sistemas complicados que se procuraram alicerçar nos textos evangelicos, e que se esboroam de velhice, as maximas de Jezus, eternamente vivas e frescas, nada têm com a lojica. Aos olhos do grande idealista, a natureza fisica só existia para o seu desdem. Ele só via, em todo o universo, a alma humana ezilada na terra erriçada de iniquidades, anciando do fundo do cativoiro a que a submetem os interesses materiais, por um mundo ideal de amor, de bondade, de justiça, de desprendimento.

As suas palavras dirijiram-se, assim, a um grande instinto social, cada vez mais forte no homem. A sua eloquencia não argumentava: partia da idéa do aperfeiçoamento pela bondade, da vitoria de toda a ambição pela esperanza num futuro ideal, da felicidade pela rezignação, como de

pontos conhecidos, claros, de uma clareza de luz solar cuja existencia não precisa ser demonstrada. Ele prégava a necessidade espontanea de amar a Deus, a um Deus vago que nunca definiu, a um Pai Celestial que só ezijia dos homens o amor, um amor cego e incondicional, feito de fé e de renuncia, amor que o abençoasse com humildade e gratidão na prosperidade, com rezignação e esperança nos sofrimentos.

Toda a prédica de Jezus foi um longo, um lancinante grito de paixão. Não foi um corpo de doutrinas falando á razão, mas uma poezia, a mais bela, a mais profunda, a mais eloquente que o espirito humano produziu, falando ao sentimento e á imaginação em nome de eternos ideais que formam a parte superior da nossa organização moral.

Que importa esmiuçar a porção de verdade material que ezista ou não ezista nesse alto idealismo? Que importa ao viajante abrazado de sêde, para dezaltrar-se, verificar si é quimicamente pura a agua limpida e fresca que um oázis lhe depara em pleno dezerto?

O cristianismo, na sua orijem, na sua essencia, não foi e não pretendeu ser uma filozofia: foi uma suprema obra de arte. Consiste nisso talvez o segredo da sua força eternamente sugestiva, da sua vida eternamente moça. A arte não é a verdade, não é uma representação ezata da natureza, mas uma idealização da verdade e da natureza. Jezus apenas idealizou, com incomparavel vigor de inspiração, instintos que ezistem, em estado rudimentar mas progressivo, na natureza humana.

O cristianismo é essencialmente a relijião dos humildes e dos fracos; quer dizer: é uma relijião essencialmente humana. Porque si no estreito conjunto social os humildes formam uma classe, no conjunto imenso do universo, diante da natureza hostile, nas mãos do cego destino, os humildes

são todos os homens. Levada por essa força ignota que, sem a consultar e sem lhe dizer para onde, a arrasta através do tempo e do espaço, a Humanidade toda pôde repetir em côro as palavras de Job humilhado ao formidável Jehovah biblico que lhe falava de dentro da tempestade: «Eu sou um nada»...

Póde-se, de coração limpo, evitar os complicados sistemas organizados, bem ou mal, sobre as sinjelas palavras de Jezus, — turvas correntes em que se espraizou e dejenerou a fonte clara e sonóra... O que se não pôde, sem aberração do senso moral, é deixar de amar, com veneração e ternura, essa estranha figura do supremo idealista, que, por assim dizer, realizou a imajem poetica de uma alma passando de leve, sonoramente, pela terra povoada de entes feitos do mesmo grosseiro barro em que Adão foi moldado...

O ETERNO PROBLEMA

Dei-me certo dia, por mera vadição, a comentar longamente, em proza, velho tema que já antes espremêra nos quatorze versos de um soneto. O assunto, de duvidoso proveito e nenhuma novidade, mal valeria a pena do comentário; menos valerá, com certeza, o esforço de ser lido em derramada proza... Mas ha disposições de espirito em que é deleite acompanhar com os olhos a leve fumaça evolada de um cigarro, enrolando-se e desenrolando-se no ar até desaparecer nele sem deixar vestijio. Sim, ha na ezistencia, mesmo dos mais atarefados, momentos de treguas em que sabe e parece bem ocupar assim distraidamente os olhos, dezocupando a alma. Não fazer nada, ou fazer nadas, tambem ajuda a viver... Façamos de conta que eu ofereço ao leitor desta cronica a vista de um pouco de leve fumaça; e que o leitor tem alguns minutos feriados para os desperdiçar a seguil-a com os olhos, só com os olhos, vendo-a enovelar-se vagarozamente, e adelgaçar-se, e dispersar-se, até se desfazer, desfazer-se de todo e sem deixar vestijio, no ar...

Optimistas ou pessimistas, é indiferente: a vida justifica tudo quanto dela se disser em bem ou em mal. Tem — não direi razão, mas fartas razões — o proverbio que

tão admiravelmente define como um «vale de lagrimas» a terra habitada pelo homem; e não deixa de as ter com igual abundancia a opinião cômica de roza dos que entendem que tudo vai sempre pelo melhor no melhor dos mundos. Simples diferença do ponto de vista em que a gente se coloca, e olha para cima, ou para baixo. Em severa lição de Direito Ecclesiastico, o padre Andrade, lente da nossa Faculdade, ensinava-nos de uma feita, com cerrada argumentação, a verdade teologica de não sei qual ponto. Declarou fortissimo o ultimo argumento, que ia espor. Espol-o com vigor, triunfantemente; e rematou por esta advertencia: «Como vêm, o argumento é dicizivo; mas cumpre uzal-o com alguma parcimonia, porque póde servir para provar tambem — o contrario». A vida é como o argumento do padre Andrade.

O gozo e o sofrimento, nos mais infelizes como nos mais felizes, acirradamente se disputam esse despojo opimo que é o coração humano; e, de tão entrelaçados que andam, tornam impossivel distinguir si a vida é um bem ou um mal. Creio que será ambas as couzas ao mesmo tempo. Composto de pequenas agonias e pequenos prazeres é ela, com certeza; as grandes dôres como as grandes alegrias são ecepções, e duram pouco: quando não se apressa a morte a pôr-lhes termo, não tarda em reduzil-as o tempo.

Dizia Alfonse Karr que a pesca seria um divertimento — ainda que não houvesse peixes. A vida — e todo o seu encanto se resume nisso — é uma teimoza caçada á felicidade, que não eziste. A plenitude da felicidade é sempre uma ambição, e nunca uma realidade. Fazemos o trajeto da ezistencia perseguindo cançadamente essa sombra — que corre sempre adiante de nós, como a nossa propria sombra... A felicidade, como as mirajens que só de lonje se deixam ver, nunca está no que se alcança, mas no que se espera. Acostumamo-nos depressa ao bem adquirido, e depressa se esvai o prestijio de que o sobredourava o dezejo. Em todo cazo, a esperança, que mesmo para os

mais dezafortunados é uma suntuosa morada da alma, constitui a única verdadeira riqueza de todos nós.

Só a leve esperança em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz anciosa e embevecida,
E' uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

A grande esperança em que se resume para todos os homens a vida — é a de ser feliz. As mais pequenas não raro se realizam; essa, nunca. E' muitas vezes possível a conquista de um imperio, ou de um emprego; mas, ainda a meio do seu caminho triunfante, já Alexandre começava a sentir que o mundo era bem pequeno. Não ha amantense que, nesse particular, não tenha fibra de Alexandre; e que, no fim de pouco tempo, não se ponha a perceber que são bem limitados os horizontes da vida, e é bem diminuto o ordenado que de longe e de fóra o seduzira... A alegria da ambição satisfeita é sempre rapida; com pouco se cansa. A esperança é o contrario de tudo mais que existe: desde que se realiza, morre; e passamos a criar outra para dela vivermos, pois quer um rancoroso destino que viver seja anciarmos pelo que não temos:

Essa felicidade que supomos,
Arvore milagroza que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Eziste, sim; mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.

Conheci aqui não ha muito tempo, arrastando pelas nossas ruas uma velhice ainda viçosa aos oitenta anos, um homem que se considerava feliz. Não se imagine que fosse como o da conhecidissima lenda arabe — na qual certo rei,

para ser feliz, havia de vestir a camisa de um homem que por tal se tivesse. Procurou o rei por todo o seu reino esse homem contente com a sua sorte. Começou pelos palacios, acabou nas choupanas; e nem naqueles, menos inda nestas, encontrou quem se dêsse por venturozo. Descoroçoado já de tão improficua empreza, espairecia certa feita numa caçada a sua magua, de não poder realizar couza aparentemente tão facil, quando viu lavrando a terra um homem semi-nú que cantava uma canção alegre. Correu sobre ele o rei, e perguntou-lhe, mais por dezencargo de consciencia do que com esperança de acertar, si era feliz. — «Assim me considero», respondeu o rustico. — «Vende-me a tua camisa!» bradou-lhe sofregamente o monarca. Dou-te por ela a melhor das minhas provincias!» — «Camiza? Foi couza que nunca tive!» E o homem que nunca tivera camisa continuou, diante do poderoso rei dezapon-tado, a lavar a sua horta e a cantar a sua alegria...

Ao bom velhinho de quem falo não faltava propriamente a camisa. Era frei Monte Carmello. Frade, votado ao socegado recolhimento do claustro, não tivera de pelejar na aspera peleja a que ficou consagrado o nome tão espressivo de «luta pela vida». A sua alma, livre por profissão de cuidados materiaes em que tanto se desperdiça e que tão dezapiedadamente gastam a do comum dos homens, assentava solidamente num corpo cheio de força e de saude. Aos oitenta anos, ele ria ainda de um rizo claro, com todos os dentes. A vista conserva-se fiel aos seus olhos. O seu estomago era uma perfeição. O coração, pouco desgastado de paixões e atritos, batia-lhe compassadamente, na função mecanica de fazer correr por toda aquela robusta arvore quasi secular a seiva sempre primavera de um sangue quente. Frei Monte Carmello não adoecera nunca; ignorava aos oitenta anos, com uma ignorancia infantil, na virjindade do seu paladar, mesmo essas mézinhas cazeiras que são como os rudimentos, as primeiras letras da farmacologia.

Bem razão me pareceu ele ter quando certa vez, descobrindo a sua cabeça toda aureolada de cabelos brancos, me disse :

— «Eu agradeço a Deus Nosso Senhor o ter-me permitido assistir de graça a este belo espetáculo da vida...»

De graça... Não sei que proporção de verdade conteria esse hino de gratidão, murmurado em voz comovida como a do sabiá que no entardecer de uma bela tarde canta melancolicamente as despedidas ao claro dia... Frei Monte Carmello, nesse suave pôr de sol da sua vida, devia sentir, quando menos, a saudade dela e de si mesmo. Mas creio ainda que se enganava, que o lisonjeava a própria memória; e que ele teria pago de sua vagarosa passagem pela terra a contribuição de algumas lagrimas. Teria sido provavelmente pequeno o seu tributo; mas foi também com certeza bem pouco o que ele com tão pouco pagou. Só as asperezas do combate dão valia á vitória; só as ancias do torturado desejo fazem o apreço da posse; só das sombras do sofrimento, ou da monotonia, que também é uma sombra, alvorece o prazer. Ha quem diga que a boa temperatura é a que se não percebe, nem calor, nem frio. Mas que gosto póde existir no que se não sente? Ai de nós! Para que a vida tenha sabor, não basta que seja vivida, cumpre que seja sofrida. Quem nunca sofreu não póde dizer que viveu; apenas vejetou. O contentamento é uma conquista a que se não chega sinão pelo caminho, erriçado de cardos, da privação. A riqueza só é realmente um bem completo aos olhos enganados da necessidade.

Demais, julgar-se feliz, quando não fosse impossivel ao frajil coração humano, seria uma imprudencia: seria confiar cegamente na fortuna caprichoza; e da fortuna lá disse o poeta:

«Et comme elle a l'éclat du verre,
Elle en a la fragilité...»

Ninguém se pôde dizer feliz até o momento em que morre — afirmou Socrates. Não seria melhor afirmar que o homem nunca se pôde dizer feliz, pois só lhe é licito fazel-o quando deixa de o ser? «Vivi demais um dia!» — foi um grito desesperado de Laberius caindo de muito alto muito a baixo. — Quantos, acostumados aos sorrizos da fortuna, terão afinal ocasião de repetir essa lastima! A Niobe da fabula era feliz pouco antes de a transformar a dôr em pedra diante dos cadaveres de todos os seus filhos fulminados.

Ninguém sabe o destino completo com que veiu ao mundo; felicitar-se pela propria sorte, ou queixar-se dela, é arriscar-se a caluniar o futuro. Emquanto vivemos, tão espostos estamos aos desgostos como ás alegrias. Só uma couza o futuro nos garante, só uma couza a vida nos promete: é a morte. Perda de todos os bens e abrigo de todos os males, podemos estar tranquilos na certeza de receber afinal esse unico salario do grande esforço que é viver...

Será a morte, por sua vez, um bem, ou um mal? Não sei. E' uma função da vida; e como tal participa naturalmente na contradição em que esta se gasta. A morte dá-nos quitação plena de todas as obrigações, mas de tudo nos despoja. Na fraze de Lucrecio, tira-nos ao mesmo tempo o sentimento do descanso que nos proporciona, e o de tudo que perdemos. Vivemos á custa de nossa propria vida; dela é subtraído o que vivemos. «A hora que te deu a vida — diminuiu-a», disse Seneca. Nacer é começar a morrer; e, durante a vida, o que na realidade fazemos — é estar morrendo. Todos os nossos dias caminham e levam-nos para a morte; o ultimo chega ao fim da viagem... E todo o esforço humano, todas as ancias do coração, todas as enerjias da vontade, são custozamente desperdi-

çados na unica conquista definitiva da vida — a conquista de sete palmos de terra.

Têm-se moralistas de todos os tempos esbofado a sustentar em belas maximas a sem razão de tanto esforço malbaratado para alcançar tão inutil fim. Toda uma filozofia pregou a indiferença como defeza contra o destino; toda uma relijião assenta no supremo idéal do Nirvana, do absoluto repouzo pelo aniquilamento. Para esses moralistas, para essa filozofia, para essa relijião, a ação é um pezado encargo, a ambição é um erro, o dezejo é uma planta daninha que se deve estirpar do coração... «Com couza alguma se contentará quem se não contenta com pouco» — sentença o grave Epitecto. «E' rico quem não dezeja a riqueza; não ter a paixão de comprar é uma renda», diz pitorescamente Cicero. E, para não deixar deslembrado aqui o cristianismo, cujo reino não é deste mundo, citarei o velho padre Antonio Vieira, o qual repetia uma sentença muito mais velha do que ele, quando exclamava: «A riqueza não consiste em ter muito, mas em dezejar pouco».

Em tudo isso, é claro, estamos lonje dos construtores de civilizações complicadas, que querem o homem cada vez mais esforçado e mais armado na batalha da vida — de onde rezulta que esta se vai tornando cada vez mais encarniçada e mais dura... E para que? Para vencermos, com as mãos em sangue, com o coração dilacerado nos espinhos do caminho, com a alma esmagada de cansaço, todas as dificuldades que de nós mesmos criamos. Vista a sangue frio, assim me aparece a febre de progresso material que é uma crize do nosso tempo: como um delirio que pretende dominar a natureza, e só escraviza o homem; ambiciona enriquecer a vida, e só consegue estragal-a... Mas, de entre todas as razões dadas até hoje de um lado e de outro nesse velho debate, prefiro as de um filozofa que era filozofa como o Mr. Jourdain, de Molière, fazia proza: sem o saber. O meu, esse era um selvajem, um

completissimo selvajem caiapó dos sertões do Araguaya, com quem por algum tempo conviveu o general Couto de Magalhães.

Na vespera de deixar pela sua caza do Pará, onde residia, a choça em que durante mezes fôra hospede na taba lonjinha, convidou Couto de Magalhães o chefe da tribu, com quem se ligara em estreita amizade, a ir gozar em sua companhia as vantajens da vida civilizada. Com as melhores tintas que lhe permitia a rude lingua tupi, pintou ele ao selvajem os confortos da ezistencia a que o seduzia. Espoz-lhe, num minuciozo epitome, toda a civilização aplicada em fazer feliz o homem, fornecendo-lhe desde a caza bem construida até ás botas bem engraxadas. Entre esses dois extremos, catalogou tudo quanto no momento lhe ocorreu das ecelencias da civilização. «No Pará você terá tudo isso; vamos comigo, chefe!» — concluiu.

O caiapó, não fosse ele bugre, ruminou longamente antes de responder. Procurava de certo compreender, tanto quanto seria possivel ao seu acanhado cerebro de selvicola, as vantajens adquiridas pela humanidade civilizada em seculos de esforço incessante, e que agora lhe eram reveladas com entusiasmo e oferecidas de graça. Depois de refletir muito, como convinha a um filozofista prestes a dizer admiraveis palavras, respondeu:

— Eu não vou. Fique você aqui. Aqui você não precisa de nada disso».

CRIANÇAS...

Era o dia de S. Jozé, daquele velho, barbudo, calvo São Jozé, com a sua tunica vermelha caindo dos hombros, nas mãos o cajado de amendoeira milagrosamente abotoado em flores, e que, desde lonjinhos avós de cuja memoria já só ele restava, se mantinha como o santo predileto na devoção da familia.

Era o seu dia, segundo a consagração do calendario. E ao fundo do oratorio aberto, destacado, dominando de toda a majestade da sua estatura de dous palmos uma côrte de pequenas imajens secundarias, com um ramo fresco de lirios aos pés, o santo resplandecia no clarão da vela benta piedozamente aceza em sua honra.

Ali estava ele, iluminado e gloriozo, o bemaventurado carpinteiro de Belém, escolhido por Deus, como o mais puro entre todos os homens puros, para depositario e guarda fiel da predestinada, fecunda virjindade de Nossa Senhora.

Segundo uma tradição remota e que vinha, de geração em geração, transmitida de pais a filhos, a velha e encardida imajem recebia pontualmente todos os anos, naquele dia que o calendario lhe destinava, uma sinjela homenagem de veneração, de confiança, e de amor, sob a fórmula de um ramo de lirios que se desfaziam em perfume aos seus pés, e de uma vela benta que ardia e se derretia em sua frente...

Os trez pequenos, pilhando-se sózinhos, livres de qualquer intervenção adulta, tinham rezolvido entre si dar uma busca ao interior do oratorio aberto. Jorge, o mais velho, concebêra a idéa e dirijiu a acção. Era já um homenzinho de cinco anos, chefe natural e terrível do grupo. Fecundo em planos de travessuras, ouzado na ezeção, distribuindo com mão forte e pródiga despojos e taponas, Jorge era acatado e seguido.

Puxou vigorosamente para junto da meia comoda, em que assentava o oratorio, uma cadeira; ergueu para esta o Joãozinho, cujos trez anos eram ainda incapazes, sem apoio e sem auxilio, de altas cavalarias como essa...

— Agora você! disse com voz de comando, dirijindo-se á irmãzinha; e ajudou-a a subir. Em seguida, cumpridos os deveres de chefe, Jorge subiu por sua vez, colocando-se atraz dos outros dous.

E os trez, encantados, puzeram-se a ezaminar a um por um os sagrados moradores do oratorio.

Havia um São Pedro, com os olhos cheios do arrependimento de ter negado o Divino Mestre, fitando vagamente o teto. Tinha na mão a chave dourada com que abre ás almas dos eleitos as portas da bemaventurança; e, a seus pés, o galo tradicional, talhado toscamente, abria as azas deziguais, esticava o pescoço, um pescoço ezagerado de cegonha, e repouzava sobre a tunica azul do santo a sua crista quazi quadrada.

Fronteiro a S. Pedro, com o cordeirinho branco aos pés, a face rubicunda e moça, as pernas núas até o joelho, S. João apoiava a mão esquerda na longa curva do seu cajado de pastor, e estendia o braço direito num gesto majestozo de bençam ou de prédica.

S. Francisco, dentro do seu comprido habito negro, tinha um ar de suave humildade, com os olhos baixos, o rosto inclinado para o chão e emoldurado por umas enormes, incriveis barbas cor de chumbo.

Completava a coleção das pequenas imajens uma pequenina Senhora das Dores, doce figura de mãe angustiada, com o punhal simbolico cravado no coração até ao cabo, as mãos postas, os olhos aflitos e lacrimozos erguidos para o ceu.

A primeira couza que atraiu o olhar do mais pequeno — foi o cordeirinho de S. João:

— Um bicho! disse ele apontando com o dedinho esticado.

— Não é bicho, corriju Jorge, é carneiro.

— Ele morde?

— Não, explicou o mais velho; só dá chifrada.

— Mas ele não tem chifres, interveiu Vivi.

Jorge não gostou da objeção que infringia o respeito devido á sua autoridade em assuntos relativos aos animais. E retrucou:

— Tola! Ele dá chifrada com a cabeça.

— Eu tenho medo dele, disse Joãozinho.

— Não é carneiro de verdade, assegurou Jorge. Não se mexe. Quer ver?

Agarrou pelo pescoço o cordeirinho de S. João, e puxou-o. A frajil massa partiu-se; e ficou solta na mão de Jorge a cabeça do animalzinho degolado.

— E agora? perguntou Vivi assustada. Eu não disse? Vivi, note-se, nada tinha dito áquele respeito.

Jorge, porem, era corajozo e rezoluto; meteu rapidamente no bolso a parte arrancada do cordeiro, dizendo:

— Não faz mal, eu escondo. Ninguem conte, hein?

Pouco preocupado com aquele incidente, tão simples e tão vulgar, o despedaçamento de um objeto, Joãozinho olhava já atentamente para o galo posto aos pés de São Pedro.

— O que é aquilo? perguntou, desconhecendo a figura mal feita.

- E' uma galinha, explicou Jorge.
- Eu quero a galinha! declarou Joãosinho.
- Não, acudiu Vivi. Aquilo é do santo.
- Mas eu quero!

Jorge era generoso: arrancou e deu ao irmão o galo de S. Pedro, com as pernas partidas, e sem a crista, que ficara pregada á tunica azul do santo.

Vivi reparou na imagem da Senhora das Dores, por cuja face desbotada pela magua corriam lagrimas de sangue; e, comovida, perguntou:

- Porque será que ela está chorando?

Jorge explicou prontamente:

— Você não vê que ela está com uma faca enterrada no peito?

- Coitada! murmurou Vivi. E' melhor tirar a faca.

Jorge tirou a faca.

— Quem seria o mau que deu a facada? perguntou Vivi.

— Foi o barbudo! opinou Joãosinho apontando para São Francisco.

Devia ter sido mesmo: S. Francisco com a sua longa tunica negra, as suas enormes, incríveis barbas cor de chumbo, era a figura mais feia da coleção.

- Com certeza foi ele! concordou Vivi.

- Foi! decidiu Jorge. Pois vai de castigo.

E agarrando S. Francisco, meteu-o, prezo, no vão escuro entre o oratorio e a parede.

Chegara a vez de São Jozé, que jazia, no lugar de honra, ao fundo do oratorio.

Jorge, com uma erudição pitoresca, apanhada nas conversas em que a familia, de quando em quando comentava o padroeiro, começou a instruir os irmãozinhos:

- Aquele é o marido de Nossa Senhora, é o pai do

Menino Deus. Mas o Menino Deus não é filho dele, é filho do Espírito Santo, que é uma pombinha...

— E' uma pombinha que anda nas *folias*, em cima da bandeira, interrompeu Vivi.

— Eu já vi! disse com importancia e orgulho o Joãozinho.

— Chama-se São Jozé, continuou Jorge. Dantes era carpinteiro; agora é santo. Quando o Menino Deus naceu, apareceu uma estrela. Os pastores todos foram rezar. Foram tambem trez reis. Um era preto...

— Um rei preto? estranhou Vivi.

— Preto, sim. Na terra dos negros o rei é preto. Mas é rei.

— E as princezas?

— As princezas, não; que bôba! As princezas são umas moças muito bonitas, com cabelo de ouro, e uma estrela na testa... O outro rei mandou matar o Menino Deus...

— Porque? perguntou Vivi.

Jorge hezitou. Na realidade, ele estava pouco ao par das razões politicas de Herodes; mas não quiz dar parte de fraco, e, depois de refletir um momento, respondeu a Vivi:

— Ora, porque... Porque era um rei muito malvado.

— E mataram o Menino Deus?

— Não puderam, capaz! S. Jorge poz Nossa Senhora, com o Menino Deus no colo, em cima de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado; e todos trez fugiram para outra terra...

Joãozinho, apertando na mão o galo arrancado a São Pedro, dobrara sobre a comoda o braço, encostara a este a cabecinha loura, e coxilava, no aborrecimento daquela espozição de Historia Sagrada que Jorge ia cozendo de farrapos. Mas á aluzão de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, espertou e teve um aparte:

— O santo está sujo.

Efetivamente. O tempo e a fumaça da vela benta, acendida sempre, durante anos e anos, no dia consagrado a São Jozé, haviam encardido a imagem, desbotando-lhe as côres, envolvendo-a como numa poeira baça e gorduroza.

— E' mesmo, disse Vivi reparando. Está muito sujo. Coitado, é preciso limpar ele.

Jorge decidiu-se logo a limpar o santo. Fez decer da cadeira os irmãos. Afastou as pequenas imagens, e o ramo de lírios. Agarrou com a mão esquerda a peanha, e com a direita o pescoço de São Jozé. E, num gesto decidido e forte, tirou-o do oratório.

Dáí a instante, São Jozé estava no chão, sózinho, no meio do quarto, anulado e pequenino. Jorge trouxe uma bacia de rosto, larga e funda; e, enquanto vazava nela a água do jarro, ordenou a Vivi que troucesse o sabão.

Sentaram-se os trez. Joãozinho quiz logo meter na bacia o galo. Mas Jorge suspendeu-lhe o braço, asseverando que não se põem as galinhas nagua, porque se afógam. E, segurando com todo o cuidado o barbudo, calvo, veneravel São Jozé, deu-lhe um mergulho.

— Agora, você! disse ele, dirigindo-se a Vivi. Mulher é que lava.

Vivi não se fez rogar. E, carinhosamente, poz-se a ensaboar o santo.

Dáí a momentos, na confusão das tintas que se desmanchavam, São Jozé tinha a barba azulada, o rosto coberto de manchas, a sua calva, aquela austera calva tão liza e tão lustroza, aparecia salpicada de rubores que lembravam uma empinjem...

Jorge reparou nisso; e ordenou a Vivi que lavasse melhor, com mais força. Vivi esfregou com enerjia. A massa molhada começou a esfarelar-se...

— E agora? perguntou Vivi assustada.

Jorge não respondeu. Tinha ouvido passos na escada. Era a mãe, que subia, a ver de certo que é que faziam os trez traquinas, tão socegados havia tanto tempo... Jorge, muito ligeiro, nas pontas dos pés, escapou-se. Vivi seguiu-o logo, enxugando no vestidinho branco as mãos molhadas das tintas diluidas da imagem de São Jozé.

Joãozinho, então, sem reparar em nada de todos esses incidentes, percebendo apenas que ficára unico senhor do campo, apoderou-se do santo, e poz-se, muito entretido, a lambuzal-o de sabão.

Encontrou-o a mãe nessa tarefa, a que se entregava conscienciosamente; e avançou para ele no momento preciso em que Joãozinho acabava de esfarelar com todo o cuidado uma orelha de São Jozé.

— Maroto! exclamou ela.

E ia fazer cair sobre Joãozinho o castigo merecido pelo horrendo crime, cujos vestíjios e destroços via no soalho e no oratorio devastado, quando lhe acudiu a reflexão de que tudo aquilo não podia ser obra só do pequerrucho, de que houvera forçosamente no caso intervenção de mãos mais habéis, de braço mais forte, de figura mais taludinha...

— Foi aquele pestinha! murmurou indignada, pensando em Jorge.

Arrancou das mãos de Joãozinho aturdido a imagem escalavrada de São Jozé; beijou-lhe os pés com palavras compunjidas em que pedia perdão pelo sacrilejio dos filhos; e repoz o santo no seu oratorio forrado de azul com estrelinhas de ouro, cercou-o da sua côrte de pequenas imagens, todas mais ou menos mutiladas, só faltando São Francisco, que continuava oculto, de castigo, no vão escuro...

Cumpridos esses atos de piedade, voltou-se para Joãozinho, que apanhára do soalho o galo de São Pedro, e conservava-o na mão:

— Você fez uma couza muito feia, e vai apanhar, ou vai para o quarto escuro...

Joãozinho, aterrado, só respondeu:

— Não, mamãe!... Não, mamãe!...

Ela, porém, muito enérgica:

— Escolha: ou apanha, ou vai para o quarto escuro!

Joãozinho fitou-a. Percebeu no rosto severo da mãe — que não escapava mesmo. Ora ele nunca tinha apanhado — e conhecia já o quarto escuro. Escolheu, choramingando:

— O quarto escuro, não...

— Vá então buscar o chinelo, para apanhar.

Joãozinho foi, vagaroso, de cabeça baixa, como um criminoso que era. Quando voltou, trazia sempre, na mão esquerda, o galo de São Pedro; e empunhava na direita um pé dos chinelinhos... de Vivi.

— Com este, sim? implorou.

E ia entregar o quasi inofensivo instrumento do supplicio — quando se arrependeu, retraiu o braço, susteve-se... E com o rosto aflito, os olhos supplicantes, numa vózinha entrecortada, de susto e de choro:

— Eu mesmo me dou, sim, Mamãe? Eu me dou com força. Eu prometo que me dou com toda a força!

UM POETA

Basta ás vezes um verso para revelar um poeta. Ha versos que, por assim dizer, ficam fuljindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê. Nem sempre se poderá dar a razão da majia com que nos seduzem. E' difficil, quando não seja mais do que isso, decompor a trama subtil de que se tece toda a poezia de uma curta linha de poucas palavras. Definir a beleza tem sido aspiração de inumeros criticos; não sei de algum que a tenha realizado. O que é certo é que a beleza se faz sentir, independentemente de se fazer compreender, num belo verso como em tudo que é belo.

Um verso desses é um acazo feliz, de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuzes propicios só concedem aos poetas que de verdade o são. A' cata dessa ventura malbaratam a vida inteira os que consagram ao culto das musas toda a inutil enerjia das suas faculdades dezamparadas da *vis divina*. Poderá acumular-se, imenso pelo volume, o resultado do seu afinco; porque, nessa especie bastante numeroza, nem sempre falta, e até sóbra ás vezes, a fecundidade. Conquistam esses a perfeição mecanica do metro, e adquirem lejitimamente, com o suor do seu rosto e o concurso dos dicionarios, a riqueza, ás vezes opulenta, das rimas... E, com tudo isso, amontoando estrofes sobre estrofes, erguerão montanhas opacas de vulgaridades, de onde não se destacará nunca refuljindo o

pequenino diamante inconfundível de um verso verdadeiramente belo.

Si a poesia é um bem — e assim ha de parecer aos olhos dos que a namoram e requestam com paixão mal compensada e fiel — é bem que só se adquire *par droit de naissance*. Não ha esforço que assegure essa recompensa sem cauza, que os deuses prodigalizam unicamente aos eleitos da sua graça. Si eziste alguma vaidade mais vã do que as outras, será a dos poetas vaidozos. Bem espremido, o seu grande merecimento está em terem nacido. *Vanitas vanitatum*.

Seria talvez preferível, no interesse todo estético de uma melhor simetria das couzas, que a perseverança no culto do verso, e a fecundidade, sobretudo a fecundidade, fossem atributos menos comuns nos versejadores infelizes, e mais intensos em alguns poetas, de voz sonora e rara... E' possível que os deuses parcialísimos andem erradamente, nisso como em muito mais. A justiça é invenção humana a que os deuses votam o mais distraído desdem. A natureza é uma dezordem moral permanente. Mas que se lhe ha de fazer? E' licito, pois a critica é facil, e não estamos incumbidos de ezeutar melhor, criticar a ação dos deuses; mas não nos é dado corrigir-lhes os defeitos. Temos de aceitar o mundo como está feito á revelia da nossa opinião, e os poetas, bons ou maus, como nos aparecem nas obras que constroem por sua conta e risco.

Amemos os bons pelo bem com que nos favorecem, deliciando-nos a alma. A poesia tem alguma utilidade, ainda que só no ponto de vista puramente estético, como uma ornamentação da vida.

Perdoemos aos maus, fujindo-lhes. Mas não os condenemos a pena mais severa, e antes deixemos que os acompanhe e console a nossa simpatia. Eles são inteiramente inofensivos a quem não os lê. Ha rigoristas intran-

zidentes que classificam no quadro negro das más ações os maus versos. E' ezagero. Os maus versos só são imperdoaveis nos bons poetas. Com os versejadores infelizes, afinal o que mais se perde — é o tempo deles; si é que se póde considerar perdido o tempo que subtraem ás materialidades da ezistencia para o consagrar a uma preocupação espiritual... Os que amam a poezia devem, sinão estima, simpatia pelo menos aos que empregam no culto dela, com fervor e boa fé, todos os zeros que têm dentro de si. Quem poderá calcular a porção de alma que ha num ruim soneto?

Os metrificadores sem sorte praticam um voluntariado inutil, mas bem intencionado: dependesse da vontade deles, e seriam todos optimos, e rendilhariam 'primores. Querem, e com intensa fé, mas não podem. Onde está nisso culpa que não seja de um odiozo, de um desvairado destino? Segundo a moral humana, o merecimento consiste no esforço, e o premio compete ao merecimento. Os deuzes, ao que parece, não adotaram até agora a moral humana, que, a falar verdade, não se lhes terá imposto ainda pela autoridade de uma esperiencia suficientemente provada na pratica. Eles darão talvez ás nossas teorias irrefutaveis um ironico sorriso de benevolencia. Quanto á rejeneração dos seus costumes, é provavel que rezolvam nisso com a pachorra de quem dispõi da eternidade.

Vinha eu pensando tumultuozamente essas couzas vadias, a propozito de outra bem simples: o cazo de um poeta novo, que se me revelou, e advinhei por um dos que niaceram bem fadados, nesta sinjela estrofe:

*Quem perde uma illusão ridente nada perde:
Pois outras illusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões ..*

Pareceu-me, ao ler essa estrofe, que só um poeta de raça a teria escrito. Si eu fosse critico, pouco me custaria de certo deslindar os elementos de que se compõe o encanto daqueles quatro versos encantadores. Os criticos de nada duvidam, e se abalançam a tudo. Mas não sou critico, nem tenho inclinação para esse lado. Nunca achei quem me ensinasse porque me encanta uma alegre manhã de sol; nem o procurei aprender, o que aliás talvez só conseguisse fazer estudando-o menos nas claras manhãs em si mesmas, do que na minha propria alma...

Confesso-me incapaz de descobrir por mim as regras a que terá obedecido o poeta para conseguir dar áquelas quatro curtas linhas todo o perfume de poezia de que tão impregnadas as sinto. E resigno-me a acreditar injenuamente que ele, ao deixar cair da pena aqueles versos lindissimos, nem se lembraria talvez de que havia no mundo regras para fazer lindos versos...

Uma estrofe assim é sempre um acazo feliz; acazo procurado ou não, pouco importa, mas que só se depara aos que os deuzes parcialissimos protejem. A inspiração é uma borboleta caprichoza, que só os afortunados encontram, e dentro de si mesmos... Um versejador vulgar, mourejando a vida inteira a forjar versos nos moldes de todas as regras, não lograria nunca incrustar na sua vasta obra aquele pequenino e luminoso diamante:

*Quem perde uma illuzão ridente nada perde:
Pois outras illuzões
Se abrem no coração, que é uma rozeira verde
Coberta de botões...*

Interessou-se-me a curiozidade pelo autor dessa estrofe. Indaguei; e vim a saber que era um rapaz de vinte e cinco anos, nacido e criado em São Pedro de Piracicaba, onde vive, e ezerce as funções modestas de secretario da Camara Municipal. Não sei que vida ainda tão curta, e deslizada toda em tão remota e socegada vila, possuía historia que

se conte. Mas a alma do poeta é diferente da sua vida exterior; e tem uma interessante biografia, que se pôde ler entre as linhas dos seus versos.

Percorrendo este livro, será facil ir atravez dele imaginando a luta que renhiu, e as faculdades que nela teve de desenvolver o espirito de Gustavo Teixeira para atinjr, no seu retiro quazi sertanejo, uma arte tão culta e tão fina. Porque o *Ementario* é livro de um estreante; mas, de modo nenhum, o de um principiante que apenas balbucia. Vejam este soneto:

Cleopatra

*Sob o pallio de um céo broslado de cambiantes,
A galera real, de tyrias velas tezas,
Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.*

*Sob um docel de bysso, entre espiraes ebriantes
De incenso, á esculptural princeza das princezas
Scisma... Remos de prata, á flôr das correntezas,
Deixam mobeis jardins de bolhas trepidantes.*

*Soluçam harpas d'ouro ás mãos de ancillas bellas;
Branda aragem enfuna a purpura das velas
E á tona da agua alveja um espumoso friso.*

*E a Nayade do Egypto, ao ver a frota ingente
De Marco Antonio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um sorriso...*

Pode-se afirmar com afouteza que quem cinzelou tais versos é um artista. Qualquer aprendiz inspirado poderá fazer resaltar, numa obra dezigual, pelo meio de confuzos defeitos, belezas inesperadas. Mas acabar um soneto sem macula, mantendo de principio a fim o vigor da expressão, a limpidez correntia das idéas na sobriedade harmonica das imagens e da frase, é tarefa que só realiza um poeta já senhor de sua arte.

Como conseguiu Gustavo Teixeira, no seu inculto retiro de S. Pedro de Piracicaba, conquistar as preciosas qualidades de um fino e educado artista? Terá sido com es-

forçado amor de sua obra, e, principalmente, com muito talento, prezumo eu. Taine quer á viva força que os artistas sejam um produto do seu meio. O moço poeta do *Ementario* dá um novo e vigoroso desmentido ao sistema já tão contestado do critico; e faz-se mais um ezemplo de que o talento é planta sempre ezotica, que germina, e brota, e florece, e frutifica, ao acazo, na terra carinhoza dos jardins como nas frinchas de uma rocha.

Gustavo Teixeira adquiriu, ou advinhou, os segredos da forma; e esse elojio inclue o da sua inspiração. Dizia Goethe com razão e graça que um poeta, emquanto apenas dispõi de uma rica idéa, não possui ainda couza nenhuma. Em materia de poezia, a espressão é tudo; com a condição, está visto, de ser espressão de alguma couza, que dentro dela viva e palpite. Um belo verso ha de conter forçosamente uma bela idéa, ou não será um belo verso, mas apenas um vago rumor. A poezia é uma arte puramente intelectual, e eloquente da natureza. Custa-me acreditar na eloquencia possivel de frases sem sentido, e sentido claro...

No verso, as idéas fundem-se na espressão, e não ha meio de as separar. Não creio que haja poetas da forma, e poetas de outra especie. Não sei de poeta digno desse nome, que valha por obra em estilo atamancado, e não esprima, na lingua de ouro dos versos que ficam, idéas e sensações ainda não ouvidas. De todos os tempos e em todos os poetas, os versos que ficaram são os que têm a eternidade da perfeição, porque evocam, uma fraze perfeita, flagrantemente representativa e modelarmente conciza, algum aspecto dessa maravilhoza, dessa variadissima, dessa inesgotavel paizagem que é a alma humana.

Referi-me á sobriedade do poeta; é uma virtude austera e definitiva, que só os mestres atinjem, que só os

verdadeiros artistas praticam. O abuzo das imajens é tentador como quazi todos os vícios. A beleza é simples; mas o ezagero dos ornatos tem: um brilho falso que fascina os olhos injenuos. Si ha couza incompativel com a poezia, é o gongorismo, que, nas literaturas, assignala as fazes de pcbreza e decadencia, e, nos individuos, é uma doença incuravel dos incapazes, e uma crize vulgar dos principiantes.

A poezia do *Ementario* flue como as claras e tranquilas nacentes de varzea, que apenas murmuram discretamente deslizando sobre uma areia macia. Gustavo Teixeira pertence ao rezumido numero dos que carregam sorrindo o pezo da vida. Maguas, e grandes, com certeza as terá sofrido; mesmo nos mais felizes a felicidade é sobretudo feita de rezignação; e, nos poetas, a fantazia, aformozeando de mirajens o horizonte, faz de quazi todas as realidades dezencantos. Mas as suas maguas, não as dezabafa ele em desespero e indignação, arremessando contra o ceu lonjiquo os seus versos, como flexas sibilantes e inofensivas... As suas tristezas são melancolias suaves; ha sempre luar nas suas noites. O poeta do *Ementario* é um intelectual; creio que a sua unica paixão absorvente, dominadora, será o verso. No que se lhe depara, apenas o seduz o interesse estético. Os fenomenos da natureza, os incidentes da sua propria ezistencia, aparecem-lhe graciozamente como assuntos de estrofes. Em tudo quanto vê, brilha um fulgor de rimas. Cantando as saudades de um amor feliz, o que maiz o preocupa é o meio ambiente:

*Fui ha dias rever o sitio nemoroso
Onde tu me juraste amor, presa em meus braços,
E inda senti pulsar meu coração ancioso
Como outr'ora escutando o ruido dos teus passos.*

*A lua, lampejando em lagrimas acceza,
Desfiava em pleno azul q mystico roزاریo,
Diffundindo por tudo a ágonica tristeza
Que bebera no olhar da Virgem no Calvario.*

*Todo o jardim estava em flôr como o deixámos,
Mas pairava por tudo um vago desconforto;
Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
Como Jezus por entre as oliveiras do Horto.*

*O orvalho, que afogava as brancas açucenas.
Luzia como o pranto em palpebras humanas.
Os cravos, espalmando as petalas serenas,
Tinham a côr triumphal das purpuras romanas.*

*O jasmineiro abria os flócculos de neve
Como um solto collar de congelados beijos...
Parecia-me ouvir no choro da aura leve
Da tua voz celeste os ultimos harpejos.*

*Do velludo oriental das melindrosas flores,
Da bocca juvenil das nacaradas rosas
Subia incensalmente um halito de olores,
Uma fluida espiral de essencias vaporosas.*

*A rosa do Japão, que, ao léo, estremecia
A' brisa mais subtil que um sopro de creança,
Espetada no hastil, sangrando, parecia
Um coração suspenso á ponta de uma lança.*

*Os effluvios da noite enchem-me toda a alma
Como enchem uma igreja as vaporaes de incenso.
Havia no mexer de cada mobil palma
As maguas que no adeus sacode no ar um lenço.*

*E atroz recordação dos claros dias idos
— Mar em que o meu batel não encontrava escolhos —
A' bocca me arrancou gemidos e gemidos,
Fazendo transbordar os lagos dos meus olhos!...*

*Com que saudade agora, a suspirar, me lembro
Dos beijos que me deste em horas de delirio!
Não te recordas mais? Sorria em flor Setembro...
Pobre sonho! Não teve a duração de um lírio!*

Percebe-se que o amor foi aí o pretexto, e a paizagem o assunto. O que encantou o poeta foram as minucias do quadro em que ele se deteve a colher cuidadosamente

imajens. E lindas imajens, inspiradas quasi todas pelo mundo exterior; mas nenhuma que revelasse num grito eloquente de paixão, num gemido de angustiada ternura, numa fulgurante lagrima de saudade, o que o poeta sentia do seu amor perdido; nenhuma de que resaltasse e em que revivesse o vulto dominante da mulher amada.

Gustavo Teixeira, intencionalmente ou não, encara e canta o amor como um gracioso ornato da existencia. E si aqui deixo esta observação, é para melhor frizar, com ezemplo referente á mais vigorosa das paixões que fazem palpitar o coração humano, a impressão que me dá a poesia do *Ementario*: de que é naturalmente tranquila e discreta. Tenho ouvido afirmar com desdem que o amor é um velho tema. Velho, será; envelhecido, não — nem na poezia, nem na vida. Anacreonte e Petrarca, Salomão e Byron, Ovidio e Musset, Camões e Hugo, viveram e ver-sejaram separados uns dos outros por seculos de distancia; e todos amaram de amores novos e viçozos, e todos cantaram o amor com vozes novas e frescas. Porque supôr estancada de repente uma fonte de inspiração que em todos os tempos manou sempre abundante? Dentre os poetas, raros admitirão que não haja mais a dizer e ouvir do amor couzas interessantes; dentre os namorados, nenhum o acreditará...

A arte, em todo cazo, é a mais custoza e a mais ezi-jente das amantes. A produção da obra artistica demanda uma apaixonada enerjia. Na poezia, as rimas são um luxo suntuozo de pedras preciosas; as frases em que se moldam as idéas precisam ser de ouro, sonoro e fino. A poezia vive de riquezas que só se adquirem e acumulam por um aspero labor, garimpando assiduamente na lingua; lapidando pacientemente as palavras até pôr a descoberto o seu brilho intimo, que é a sua significação precisa e lumi-

noza; domando, corrigindo, encaminhando a inspiração, muitas vezes inconciente, quazi sempre tumultuoza, sempre descuidada; submetendo-se ao rejimen severo do numero e do ritmo; e só assim se familiarizando com essa difficil, maravilhoza linguaagem que tão poucos falam, e todos entendem...

Um livro como o *Ementario* representa — e disfarça na simplicidade aparente e procurada dos seus versos — um esforço violento e duradouro. Não o produziu o meio indifferente, sinão hostile; fel-o o poeta, sozinho, dezajudado, consagrando-lhe o melhor de sua mocidade, sacrificando por ele a bemaventurança tão cobiçada de se deixar viver; trocando a delicia facil de apenas vejetar sobre a terra pela ancioza tortura que é o dezejo insaciavel da perfeição. Só esplica tão forte empenho posto em granjear tão modesto rezultado, como é um livro de versos, aquele fortissimo instinto, profundamente humano, que se rebela contra a morte, sonhando, para ainda depois dela, uma continuação modificada da vida... A ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, atravez dos tempos, é sem duvida o incentivo dos poetas, e a illusão de quazi todos eles. Que recompensa melhor promete alguma relijião aos que estimula na incerta e penoza conquista do ceu?

Gustavo Teixeira quiz gentilmente associar ao seu livro de estréa o meu nome envelhecido, e aos seus versos algumas linhas de inutil proza. Submeti-me ao dezejo amavel do poeta, sabendo bem que nenhuma proza alheia o recommendaria como os seus proprios versos. Dar conselhos é um dos privilejios que a idade se arroga, muito particularmente em prefacios, como este, enxertados em livro de estreante. Não sei se alguem terá autoridade para aconselhar um poeta de talento; eu com certeza não a tenho,

e não a pretendo. Um poeta de talento sente, adivinha por intuição, o que mais convém á feição do seu espirito. Si fosse possível, só um conselho seria licito dar-lhe: o de ter inspiração, e muito amor á sua arte. São qualidades que se não adquirem a conselho de outrem. Demais, Gustavo Teixeira possui-as ambas, e em alto grau: prova-o triunfantemente o *Ementario*.

ESTREMOS

- Bom dia, comendador.
- Bons olhos o vejam, Guedes.
- Vai um chop?
- Vamos a isso.

E entraram na Flora Americana.

O comendador tinha a gordura proverbial que dá valor específico aos suínos de raça inglesa; Guedes era magro, daquela magreza ideal que Gustavo Doré ezagerou em D. Quixote. Um era baixo, atarracado; o outro esguiu, espigado. No comendador, o colete estalava, estalavam as calças; em Guedes, a sobrecazaca nadava sobre umas costelas deenhadas em relevo, e as calças bambeavam amorfanhadamente por umas pernas quazi sem fim. Os olhos de um bom observador perceberiam, entretanto, todo o esforço da arte, rasgos geniais de alfaiataria impotente, no costume claro do comendador, e no costume escuro de Guedes. Tudo quanto de apuro póde dar uma boa tezoura — estava ali: mas tudo era pouco, era nada, para as banhas abundantes, e para a espichadissima ossada de um e de outro.

Os dois eram amigos: consolavam-se, olhando-se. Eram solidarios no sentimento da elegancia revoltada contra a natureza, que os colocara em dois extremos, nos quais se tocavam.

Veiu o chop.

— Pois é assim, comendador. Ninguem imagina como admiro e invejo essas carnes. Com dois por cento disso, era eu perfeito. A natureza, infelizmente, ignora a conta de repartir, e comete iniquidades revoltantes... Aqui estou eu, que emprego todos os meios conhecidos para diminuir esta magreza deprimente, que é o meu desgosto, a minha humilhação. Todo o trabalho é perdido, todo o esforço é inutil. E você, comendador, muito socegradamente, sem esforço, sem fazer nada para merecê-lo, engorda magestosamente. E' revoltante.

— Não blasfeme, Guedes, não blasfeme. Eu dava alguma couza para ver substituida pela sua magreza esta obesidade que me persegue. Tenho tentado tudo quanto dizem que é capaz de derreter as banhas. Suporto jejuns nos quaes o meu apetite sempre agudo toma proporções de fome canina. Faço ginastica numa barra-fixa, arriscado a dar a cada momento com o costado em terra. Dou passeios que são escursões heroicas a pé e a cavallo. Passo noites em claro, eu que tenho o mais ezigente dos sonos. E, ao fim de contas, saio de cada experiencia com fome, alagado em suor, com dores de cabeça — e mais um quilo de toucinho. E' de desesperar.

— Mas você queixa-se de fartura: eu, de miseria. A sua gordura é respeitavel; a minha magreza é ridicula.

— Respeitavel, a gordura! E' ezatamente o que ela tem de dezolador. Ser respeitavel aos trinta e quatro anos, na minha posição, com o amor da elegancia, a paixão de agradar, o coração sensivel! A magreza, Guedes, é uma condição da elegancia.

— Deixe-se disso. A sua gordura rubicunda respira um ar de saude que consola. A minha magreza de tizico é feia, confesse: faz-me dezajeitado, dá-me um ar fosforico, insignificante. Bastava que eu tivesse um pouco da gordura que lhe sobra...

— Si eu pudesse dar-lha, Guedes!... Mas você é leve. Eu pézo, Guedes. Na valsa, que é a minha paixão, o meu

enlevo, devo parecer uma bola de borracha furada, em pulos malogrados. Isto mata-me. O que seria eu na valsa, que triunfos não me estariam reservados nos salões, si tivesse um pouco menos de banha. Trez arrobas apenas de diferença bastavam!

— Como você fala em trez arrobas, comendador! Que pouco caso de milionario, para quem parece migalha isso que seria para mim a fortuna. E queixa-se.

— Quando eu me sento numa cadeira, e ela ranje, a dona da casa assusta-se com um terror subito pela integridade da sua mobilia. E' dezanimador.

— E eu, comendador? Quando vou tomar um bonde, todos disputam a minha vizinhança no banco: «Aqui tem lugar. Venha para cá. Aqui está melhor. Sem cerimonia». São como facadas que me dessem. O que os seduz é a minha eziguidade. E' quazi ser ninguém. Decididamente é humilhante, no bonde como no mundo, ocupar um lugar estreito!

— A gordura é uma abjeção.

— A magreza é uma ignominia.

— A natureza é absurda.

— Absurdissima.

— Iniqua.

— Absolutamente iniqua.

— Não respeita o meio termo.

— E no meio termo, afinal, é que está a virtude.

— Qualquer de nós, com pouca diferença do que é, seria perfeito.

— A magreza, Guedes, é um bem. Mas, com franqueza, você ecede-se.

— Tambem a gordura é invejavel, em termos. Você é obezo.

— Você, Guedes, é um espeto.

— Você, comendador, parece um colchão enrolado.

— Isso traz uma pontinha de inveja, meu amigo. Não é gordo quem quer, mas quem póde.

— Ora a pre zunção! Você, si pudesse, era tão magro como eu.

— Nunca! A sua magreza, Guedes, é irrizoria. Você sabe disso.

— Contam-se a respeito da sua gordura couzas engraçadas, comendador; dizem que um dia caiu de costas, e foi-lhe preciso, para levantar-se, o auxilio de um guindaste.

— Pois a sua magreza tem inspirado ditos capazes de encher um almanaque. Um inimigo rancorozo dizia de você. — que vale quanto peza.

— O seu pezo em moedas de cobre, comendador, dava uma grande fortuna.

— Chamam-lhe Guedes Minhóca.

— Os mesmos que o conhecem por Lord Boião.

— Uma senhora, caluniada de disposta a aceitar a sua mão, defendeu-se dizendo com desprezo: «Roer esse osso!»

— E aquela que sendo-lhe apresentado você, e pedindo-lhe uma valsa, perguntou injenuamente si a caza era bem solida?

— Guedes, a sua magreza é celebre.

— Ora, comendador, o seu toucinho tem mais fama que o de Minas. Ha matematicos que se dedicaram a calcular quantos jacás daria você salgado. E o que mais espanto cauza é que a sua gordura crece. Você, no fim de contas, é considerado como um mancebo esperançozo, com um grande futuro de banhas incalculaveis.

— Guedes, isto deixa de ser uma brincadeira para ser uma calunia. Posso afiançar-lhe que, ultimamente, estou em tendencia para diminuir no pezo.

— Já baixou a duzentos quilos?

— Nunca passei de 144 quilos e 59 gramas.

— Naturalmente em jejum, e nú, na ocasião em que naceu?

— Você é que emagrece, Guedes. E' extraordinario como ainda tem por onde.

— Eu? Mas isso é ilusão sua, comendador. Tenho até, nos últimos seis mezes, feito uma diferença para mais em carnes...

— Com franqueza, não parece.

— Mas é verdade. O meu pezo aumentou sensivelmente.

— Duas gramas?

— Upa! muito mais!

— Então o seu pezo decerto dobrou. Mas vá ver que foi de você ter chumbado algum dente.

— Não; é que estou engordando.

— Está de certo ganhando o pezo da idade. Já não é sem tempo.

— Quem fala em idade, um velhote.

— Tenho trinta e quatro anos, Guedes.

— Comendador, quando fez cinquenta anos que você se desmamou?

— O senhor ecede-se. Ha brincadeiras que não consinto. Sou bastante respeitavel para ezigir que me respeitem.

— Acho-o respeitabilissimo como largura, comendador. Respeito-o como fenomeno. Mas o seu dandismo é ridiculo. As suas pretenções a moço bonito são lastimaveis.

— Senhor, seja ridiculo por sua conta. Pinte os cabelos para esconder o seu meio seculo, encha-se de algodão para disfarçar o seu esqueleto; faça tudo á vontade. Mas seja ridiculo sózinho: não me atribúa defeitos que não tenho, e nos quais não o imito.

— Atribuir-lhe o vicio de pintar os cabelos, quando sei que os compra da côr que mais lhe agrada? Supôr que se encha de algodão, quando sei o mundo de banha que o seu espartilho não consegue disfarçar? Sou incapaz disso, comendador. Eu sou razoavel: acho-o apenas obezo, e pretenciozo.

— E eu considero-o malcreado e grotesco. Adeus.

— Olhe, eu si fosse como o comendador, enforcava-me.

— Não lhe resta esse recurso. Falta-lhe pezo para esticar a corda.

O comendador encaminhou-se para a porta, furioso, vermelho, bufando, pizando forte, fazendo tilintar os cópos no estremecimento cauzado pelo seu pezo de hipopótamo.

O Guedes chamou-o:

— Comendador, faz-me obsequio?

E, alcançando-o, com uma gravidade ironica, vingativa:

— Dê graças a Deus, senhor comendador.

— De que?

— De não poder ver-se por detraz.

CRÓNICAS

*Finados — Duas linhas a S. Exa. Rev.ma
o Snr. Bispo Diocesano — O ex-impera-
dor — O Carnaval — Uma revolução —
Euclides da Cunha — A Historia em fra-
zes curtas — Richet, poeta.*

Finados

Les morts vont vite — os mortos vão-se depressa... Ainda não acabou a terra de apodrecer os ossos do que se foi — e já o esquecimento o eliminou da alma dos que ficaram.

Não ha lagrimas que não sequem; não ha saudade que se não dilúa no tempo. Só a morte não tem cura, e não tem fim: o que deceu para o fundo escuro de um tumulo, esse nunca mais beberá pelos olhos a luz dourada do sol.

Os que ficam... Esses guardam na alma a recordação do morto — como engastada numa chaga: pouco a pouco volta aos labios o sorrizo que deles dezertara; brilha de novo o olhar destoldado de lagrimas; e a chaga diminue, diminue — até que cicatriza.

E então, do morto, só resta — na terra que o sorveu, um punhado de ossos carcomidos; — na memoria dos que o amaram, um punhado de letras que formaram o seu nome.

Dia de finados, dia consagrado aos que se foram da vida! Tu vens lembrar, de ano em ano, aqueles que não deviam ser esquecidos nunca!

Numa clara manhã de Maio, aconteceu-me entrar por azazo a porta de um cemiterio. Sob o ceu todo azul, os

ciprestes ajitavam numa viração quazi impercetível as folhagens orvalhadas, resplandecendo de viço e de sol. Passaros cantavam jovialmente de todos os lados. Sobre alguns tumulos, rozeiras dezabotoavam-se em rozas.

Puz-me a percorrer as ruas dezertas, ladeadas de sepulturas. Só eu, flanando com indiferença, quebrava a solidão; só os passaros, gorjeando com alegria, quebravam o silencio. E sob as rozeiras que abriam para o ceu o sorriso das rozas — o marmore de algum tumulo falava, aqui, ali, de saudades imortais e de lagrimas sem fim...

Ao entrar, eu lêra, gravada sobre a larga porta do cemiterio — larga como a fauce de um abismo — esta inscrição: *Requiescant in pace!*

Descancem em paz! Piedozo meio de fugir á companhia dos mortos, deixando-os entregues ao socego desse abandono, onde os ciprestes viçam, os passaros chilram, as rozeiras florecem, e apenas o marmore finje que se lembra e que chora, com o finjimento de palavras humanas...

Santos, 1891.

Duas linhas

A Sua Exa. Rv.ma o Snr. Bispo Diocesano

Ha tres dias, exmo. senhor, vieram de um sitio afastado para esta cidade dous pobres pais que queriam abrir as portas da igreja católica a uma criancinha quazi agonizante.

Andaram trechos de mau caminho, em que os pés descalços roçaram pelas asperezas do mato; atravessaram numa canôa leve um pedaço de mar que o sudoeste ajitava; e, fazendo todos os sacrificios que lhes impunham as circumstancias, vieram pedir á Igreja, de que V. Exa. é um

dos chefes, lavasse na agua salvadora do batismo o filhinho ameaçado de morrer-lhes nos braços de um momento para outro.

Mal chegados, partiram com os padrinhos da criança para a igreja Matriz, onde um sacerdote acabava de dizer a missa conventual. Pediram a esse ministro de Cristo — do suavissimo Cristo que morreu pregado a uma cruz para salvar o genero humano — que salvasse aquella almazinha ameaçada de se evolar da terra sem pertencer ao numero dos cristãos. O sacerdote, desvestindo os paramentos e envergando o seu traje burguez, negou-se a batizar a criança na ocazião — eram nove horas da manhã, — alegando que só fazia batizados ás quatro horas da tarde. Ponderaram-lhe que o estado do inocente fazia temer se não conservasse ele vivo todo esse dilatado espaço de tempo. E o sacerdote, rindo diante da aflição dos pais alarmados, insistiu em só fazer á tarde o batizado, deixando cair dos labios por onde passara pouco antes a hostia sagrada, esta razão deciziva: de que no momento era-lhe de todo impossivel atender — porque ia almoçar.

Ao meu espirito leigo, sofrivelmente alheio ás subtilezas da teologia, aparece revestido de uma extrema gravidade este cazo cuja historia ahi fica toscamente esboçada.

E' possivel que para os habituados a aprofundar o Cristianismo, para aqueles que convivem com a erudição das interpretações ao Evangelho, não tenha importancia nenhuma o fato que acabo de espôr.

Mas eu, exmo. senhor, nunca tive infelizmente ocazião de fazer da filozofia cristã estudo especial; conheço apenas o Evangelho de o ler muito, na minha simplicidade e na dele, sem comentarios.

E' por isso talvez que eu penso no assunto couzas que farão, quem sabe? entreabrir num sorrizo ironico os

labios do primeiro teólogo que me fizer a honra de ler estas linhas.

Eu penso, exmo. senhor, que para os que professam a religião do Cristo — não pôde deixar de ser couza importantissima a salvação de uma alma.

E penso-o assim, talvez erroneamente, porque sei que o doce cordeiro pascal, Jezus, o filho de Maria, entregou-se voluntariamente ao suplicio da cruz e á ignominia de ser ezeccutado entre dous ladrões, para remir as almas afastadas do ceu pela macula do pecado orijinal.

Ora, exmo. senhor, quando Jezus, resucitado no terceiro dia, alçou o vôo do tumulo para o ceu, deixou na terra não só a semente da sua doutrina — mas tambem representantes a quem incumbiu de a cultivar.

Esses representantes, inspirando-se no ezeemplo do Mestre, devem naturalmente imital-o, procurando personalizar a mais alta concepção do Amor, da Abnegação, do Sacrificio.

O seu reino não é deste mundo: aqui, neste pedaço escuro do universo onde corre a vida do homem — eles vivem por conta de Deus, e obram em nome de Deus.

E não é sem duvida o culto da Divindade a sua mais bela tarefa: entoar hozanas a Deus nas alturas, prestar-lhe a dupla homenagem do incenso e da prece, é sem duvida a parte suplementar do officio que lhes foi confiado. O que ha de verdadeiramente grande e de verdadeiramente nobre no papel que representam, é a obra de guiar as almas transviadas para o caminho do ceu, é a obra de chamar para o rebanho do Senhor as ovelhas tresmalhadas. Jezus disse-o: «Ide e ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito-Santo»...

O reverendo sacerdote, que se recuzou a batizar uma criança ameaçada de espirar de um momento para outro, dezobedeceu flagrantemente á ordem de Cristo, e fez mais, exmo. senhor: não hezitou em fechar as portas do ceu a uma alma que lá não poderia entrar antes de purificada nas

aguas lustrais do batismo. E porque? Para que se lhe não alterasse a regularidade da vida metódica; para que lhe não esfriasse o almoço, exmo. senhor!

Esse forte motivo que impeliu Jezus Cristo a se fazer homem e percorrer a Via Dolorosa: a salvação das almas — não foi bastante para retardar o almoço a um reverendo ministro de Cristo. O sacerdote em questão parece-me deslocado: ele faz medrar, dentro da sua posição oficial de representante de Cristo — a tendencia eminentemente profana de dicipulo de Epicuro. Ele conserva na sua profissão espiritual de padre — um desmedido e intranzijente amor pela Carne. Com a circumstancia agravante de ser essa Carne — a de vaca.

Um dia em que entrava pelo Templo de Jeruzalém a dentro, encontrou Jezus uma sucia de mercadores que profanavam com o seu commercio a caza sagrada. «E, diz S. João o boca de ouro, dando-lhes com um azorrague, deitou-os fóra»...

Eu não levo o meu dezejo ao ponto de pretender que V. Exa. Rvm.^a imite fielmente o ezemplo do Divino Mestre — azorragando os intruzos que desrespeitam o templo. Simplesmente pedirei a V. Exa. Rvm.^a que em nome do cristianismo ultrajado, chame á ordem um sujeito que manifesta assim, tão ostensiva como inoportunamente, preferir á *Cidade Santa*, de Santo Agostinho — a *Fiziolojia do Gosto*, do gastronomico Brillat-Savarin.

Eu, pobre peçador um pouquinho ateu, respeito profundamente o cristianismo como um dos mais belos monumentos do espirito humano. Mas não é nessa simples qualidade que venho incomodar a V. Exa. Rvm.^a denunciando-lhe o fato que acabo de narrar.

Eu, exm.^o senhor, faço parte dessa couza complicada a que se dá o nome de Patria Brasileira; isto é, pago regularmente os impostos por meio dos quais o Estado, muito paternal. Ha por bem entreter relações comigo. E nesta qualidade, contribuo razoavelmente para o esplendor da Igreja Catolica em terras de Santa Cruz — fazendo passar para as mãos do Estado uma pequenina parte daquilo que o Estado fornece ás pessôas encarregadas de manter no paiz a relijião romana.

E' nesse carater respeitavel que eu invado o terreno onde agora tenho a honra inefavel de me encontrar com V. Exa. Rvma.

Porque, exmo. senhor, nós pagamos á Igreja para que a Igreja reprezente dignamente o Cristo, propagando-lhe a doutrina, fazendo-lhe frutificar o ezemplo.

Na regra geral, quando não nos servem bem aqueles a quem pagamos para o fazer, deixamos de pagar-lhes, e está tudo acabado. Si incumbo a um individuo de me conservar frescas as hortaliças do quintal — e pago-lhe para isso; e si esse individuo, ao envez de me fazer viçar as couves, regando-m'as convenientemente, m'as deixa morrer abandonadas aos calores do sol — eu mando-o á rua procurar-me, e não ponho o cazo nos jornaes.

Como no ezemplo antecedente, nós pagamos á Igreja para que ela nos conserve fresca e viçozza a relijião; mas acontece que, quando a Igreja não faz o serviço de um modo precisamente ezemplar — nós não podemos mandal-a, com o devido respeito, passear; pelo motivo ponderozo de se a isso opôr o artigo 5.^o da Constituição do Imperio.

E não nos resta outro recurso sinão o de pedir auxilio á letra de fôrma — e vir dezabafar para as folhas.

De V^o Exa. Revma.

Humilde Ovelha Tresmalhada.

Santos — 1889.

O ex-Imperador

Um dia — chegara Cromwell ao ponto mais elevado da sua gloria e do seu poder — festejava a cidade de Londres, ruidosamente, a investidura do famoso revolucionario nas honras de Lord Protector. A multidão, delirante de entusiasmo, apinhava-se, para o saudar, em frente ao palacio de Whitehall. O ilustre filho da plebe teve em sua honra festas que até então só se haviam dispensado a decendentes de reis.

Vendo esse movimento popular, um cortezão fez a Cromwell a seguinte observação banal:

— O povo adora-vos. A vossa gloria entuziasma-o. Toda a população de Londres procura saudar-vos.

E Cromwell respondeu-lhe:

— Si fosse para me ver enforcar, vinha ainda mais gente.

Essa frase profunda esprime bem precisamente o valor das manifestações que se rojam aos pés de todos os vencedores. A vitoria tem um estranho prestijio. Ela impõe-se por si mesma, independente de quaesquer circumstancias. O vencedor provoca o aplauzo, atraí a simpatia, arrasta a adefção — ainda que o vencedor se chame Nero, ainda que a sua vitoria seja a da baixeza mais degradante. E os vencidos! *Vae victis!* A desgraça, como a lepra, faz fugir. Os que hontem batiam palmas, hoje apupam. A lizonja fez-se afronta, a bajulação transformou-se em desprezo, o entusiasmo dissolveu-se em esquecimento.

Na coroa dos vencedores entra sempre um pouco de lama — a adefção dos que aderem sempre.

Ha talvez dous anos que voltava ao Brazil, com a saude quazi restabelecida, o então d. Pedro II. Foi uma comoção em todo o paiz. A' ecepção de alguns republicanos que

acuzavam nele o principio monarchico, toda a gente lhe tinha amor, toda a gente fazia timbre de o amar, toda a gente queria demonstrar á evidencia que o amava. Havia fieis que veneravam nele a monarchia; havia outros, os *pedristas*, que prestavam homenagem na sua pessoa — ao rei filozofa, ao politico sabio, ao patriota, ao homem de honra e de coração. Vinte mil pessoas o saudaram entuziasticamente á sua chegada. A imprensa quazi unanime o recebeu como a um pai de patria. Telegramas de todos os angulos do paiz foram depor a seus pés a fidelidade da nação.

Pouco depois, rebentou uma revolução que devia expulsar do trono e do paiz esse soberano bem querido. Uma revolução ás vezes, muitas vezes mesmo, aborta. Ah! si 15 de novembro anoutecesse com a vitoria da monarchia! Que jubilo nacional saudaria d. Pedro, o vencedor! Como se manifestaria ardentemente o amor deste povo pelo seu rei! Quarenta mil pessoas se apinhariam na praça publica em que houvessem de ser enforcados os vencidos — aventureiros que tentaram escalar o poder ensanguentando a nação, facinoras que armaram o braço do ezercito contra o mais digno dos homens e o melhor dos monarchas... Muita gente pensaria assim, muita. Os republicanos eram tão poucos, os monarchistas eram tantos! Tudo aquilo seria lojico.

Mas a revolução triunfou, e o paiz ergueu-lhe hozanas. A republica venceu, e o paiz fez-se republicano. Si o marechal Deodoro conseguisse apenas a corôa do martirio — o paiz o esqueceria como esquece a memoria do Tiradentes. Mas Deodoro conquistou uma corôa de louros — e ele a macula com a sua bajulação e o seu entuziasmo rastejante.

Na lojica do aplauso popular ha só um merito: vencer.

E d. Pedro, o rei amado de seu povo, aquele a cujos pés babujava a fidelidade da nação?

Voltando da Europa para o trono, ele encontrou vinte mil pessoas que o saudavam; saindo do trono para o exílio — mal teve amigos que o chorassem.

E toda essa gente que o adorava na prosperidade, que explodia de indignação quando nós, os republicanos, combatíamos o rei — toda essa gente não guardou no seu coração cheio de entusiasmo pelos vencedores um pedaço em que se aninhasse um pouco de compaixão pelo vencido.

Vae victis! Quem procura indagar como vive, errante por estranhos paizes, esse rei sem trono, esse velho sem forças, esse homem sem patria?

Emquanto uma subscrição entuziastica levanta rios de dinheiro para festejos em honra do vencedor — ninguém se lembra de pedir á nação que evite privações ao desterrado encanecido e inutilizado no serviço dela.

Emquanto milhares de votos prestam a azeite do eleitorado ao governo, emquanto a imprensa então hinos aos que dispõem do poder — nenhuma voz se levanta contra o banimento de Pedro de Alcantara, luxo de crueldade que arranca a um pobre patriota o direito de ter patria, amargurando-lhe ainda mais o já tristissimo fim da vida!

E não é tudo.

Essa preciosa coleção de objetos custozos e raros, por ele acumulados em tantos anos, e em que o infeliz velho punha todos seus estremos de colecionador, eil-a retalhada, desmantelada, vendida em praça como si tivesse sido objeto de uma penhora.

E ninguém protesta. A alma nacional é pouca para o entusiasmo que a enche pelos vencedores. Não ha nela logar para a lembrança do vencido.

Porque é que os grandes orgams da imprensa, os que dispõem da força da larga publicidade, não levantam uma subscrição nacional em favor de D. Pedro de Alcantara?

Porque não se esforçam para que seja comutada em

simples desterro a pena de banimento imposta a esse pobre velho cujo grande crime é ter sido rei?

Esqueçamos o representante da dinastia de Bragança; odiemos o principio que ele incarna; amemos a republica.

Mas não neguemos a nossa simpatia ao homem cujo unico patrimonio é a dolorosa recordação do passado; não abandonemos esse velho em cujos erros a aquieciencia da nação teve tão grande parte; não demos ao mundo o espetaculo vergonhoso de relegar á caridade europea um brasileiro que se gastou no serviço da nossa patria e que a nação amou tanto, ou finjiu amar — na prosperidade dos seus dias felizes.

Santos — 1890.

O Carnaval

Parece que só o Carnaval reziste, sempre viçozo e sempre transbordante de alegria, á onda de inconstancia que transforma e substitúe, de geração em geração, as tranzitorias couzas humanas. A alma, talvez ainda mais do que o corpo, obedece á moda. A mudança pela qual evoluiu no vestuario inexpressivo de hoje o traje pitoresco, ou ridiculo, ou simplesmente auzente, dos antepassados, é com certeza menor do que a diferença entre o modo pelo qual eles pensavam, sentiam e viviam, e o nosso modo de viver, de sentir e de pensar.

Tudo quanto é humano participa nessa influencia implacavel do tempo. As grandes couzas que têm a eternidade, pelo menos problematica, da Alma, como as couzas insignificantes que só têm a limitada duração do corpo, — a Relijião e o feito dos chapéus, as obras d'arte e as obras de pedra e cal, as nobres conquistas do Pensamento como as materialidades da Carne ezijente e fraca, os altos sistemas filozoficos e os modestos sistemas de preparar a cozinha, tudo isso vai de transformação em transformação aavez dos anos. Não é cada homem que tem uma alma;

é cada tempo. Cada geração possui, com entusiasmo e convicção, a sua moda privativa de encarar o Universo, de amar a Deus e a Mulher, de sonhar os seus sonhos, de gozar os seus prazeres, de guiar a sua ambição e de temperar a sua sôpa.

Tudo cança, tudo se arruina, tudo passa, menos o Carnaval. Só ele sobrenada no Oceano de destroços que é a vida humana. Desmaia o ardor pelas festas piedozas da Igreja; vai-se reduzindo a uma tradição perdida a solenidade aparatoza das prossições; amortece pouco a pouco no dezuzo a comemoração pirotécnica dos santos cujo dia se festejava com a aplicação inocente dessa diabolica invenção que é a polvora, feita para as batalhas e a carnificina... E só, de todas as festas populares que o tempo dezapiedado vae varrendo das nossas almas e dos nossos costumes, fica, eternamente juvenil, essa consagração de trez dias do ano ás loucuras da Alegria.

Seria interessante indagar de que fios de complicada psicologija se trama esse fenomeno de rezistencia sem ezemplo oferecida pela alma inconstante dos homens á ação implacavel do tempo. Não é certamente o vosso espirito, ó dominós espirituozos; nem o teu barulho, ó Zé Pereira barulhento; nem o vosso aparato, ó bandos carnavalescos deslumbrantes da facil riqueza de papel dourado e das sedas imitadas com economia; nem a vossa chuva multicôr, que faz uma noite estrelada na cabeleira negra das mulheres, ó confeti; nem o vosso esguicho, amavel, sobrio, perfumado, ó bisnagas que representais a civilização da antiga seringa, prodiga de simples agua do póte ou da agua complexa das sarjetas... Não, não sois vós que garantis ao Carnaval o seu viço de eterna juvenilidade e a frescura bem conservada da sua alegria!

O Carnaval, essa consagração de trez fujitivos dias do longo ano á loucura, esplica-se como uma instintiva revolta do homem, condenado a uma vida erriçada de asperezas,

escravizado entre as grades de carcere de uma civilização toda feita de complicadas conveniências que o obrigam a viver aprumado, de leis que o guiam como o freio guia um cavalo mal domado, de necessidades adquiridas que o espoream, de lutas estenuantes que lhe absorvem a alma, e de colarinhos engomados que lhe torturam o corpo...

Não ha tirania mais dura que a do bom senso. E' o bom senso que nos impõe o trabalho, cheio de fadiga, e a moda, fecunda em caprichos. E' ele que corta as azas travessas da nossa fantasia, e a substitue em nossos hombros vergados, pelo pezo da Verdade; que nos reprime dos instintos para os quais nos fez a natureza, como vigorozos animaes, que eramos, e nos submete ao respeito á Autoridade, ao Costume, aos Codigos, a toda a complicada engrenagem da organização social, como abatidos cidadãos que nos tornámos; que pouco a pouco desvia os nossos olhos da consoladora contemplação das couzas do ceu, para o mesquinho e amargo espetaculo das realidades da terra. E' ele, o bom senso, que envenena a nossa vida, que a despovôa de pitoresco e a ensombra de tristeza. E' ele que nos guia, que nos arrasta quazi, nessa curta e penosa jornada em que vamos caminhando sempre, sobrecarregados de deveres, de necessidades, de preocupações — e sem destino conhecido como digno de tanto esforço empregado e de tão duras dificuldades afrontadas.

O Carnaval é um ato de revolta instintiva contra as tiranias do bom senso. Abrimos com ele, no comprido ano todo preenchido com as couzas graves, com a Regra e a Ordem, um parenteze de trez dias consagrados á livre e tumultuoza Alegria. Nem ha, em todo o farto Olimpo, deus que mereça mais fervorozo e mais agradecido culto do que essa deusa de tão raras mas tão luminozas aparições para o nosso coração acostumado á sombra. A sua festa não é marcada apenas pela lijeira referencia do Calendario, feita com frajil tinta que um pouco do tempo apaga, no frajil papel que um pouco de tempo destrói; a sua

tradição é conservada intacta e viva, através do tempo destruidor, no espirito duradouro dos homens.

Santa Alegria, consoladora das aflições quotidianas! Que muito é que te consagremos trez dias do ano, nós que esbanjamos com a preocupação das couzas que chamamos graves apenas porque são dezagradáveis, e que chamamos sérias apenas porque não são rizonhas, — a nossa vida e a nossa alma?

Santos, 1900.

Revolucionarios

O cazo interessante da semana foi a revolução monarquista, que se reduziu a rebentar — como uma girandola falhada, de que sós duas bombas estouraram — em Ribeirãozinho e Araras. Nada entendo desses assuntos escabrosos, aos quais se dá o nome feio de política. Para habilitar-me a fornecer aos leitores algum comentario instrutivo de fato tão proprio de uma cronica alegre, consultei certo amigo que tenho, filozofa e orijinalão, muito propenso ao vicio do paradoxo. Dou em seguida a sua resposta, que não me aventurarei a qualificar de concludente:

«Lá diz na sua o proverbio — que ha furta e furta: quem furta pouco é ladrão, quem furta muito é barão. Ocorre-me isso pensando nos modestos revolucionarios de Ribeirãozinho e Araras, tratados agora severamente pelos que fizeram o 15 de Novembro.

Não direi que o citado proverbio assente no cazo como uma luva numa mão; e não o direi porque faria um cacófatón. Unicamente por isso. Bem sei que Camões, e mais era ele, escreveu — «*Numa mão sempre a pena e noutra a espada*» —; mas a quem fez os *Luziadas* se pode bem desculpar o que nem a todos se permite. *Quandoque bonus dormitat...* — sentenciou Horacio em favor de alguns mamões a que não escapou o proprio Homero; mas a sentença não aproveita a quem só nos cochilos com Homero se póde comparar.

Evitei aquele cacófaton camoneano, apesar de autorizado por ezemplo tão de pezo; e não me arrependo. Byron declarou orgulhosamente a uns tantos criticos — que preferia errar com Pope a acertar com eles; não é de estranhar que Byron preferisse fazer cacófatons com Camões a fazer couzas menos feias em peor companhia. Quanto a mim, não vou por aí. As boas companhias são proveitozas pelo que têm de bom, não pelo que nelas falha; como o sol é magnifico pela sua luz, e de modo nenhum pelas suas manchas.

Não foi provavelmente com os seus erros que Pope captou a estima de Byron; nem foi com certeza pelos seus cacófatons que Camões se fez o que é. Estou na minha de que andei bem evitando um defeito; e si não o provo aqui com provas mais fartas e mais aguçados argumentos, não é que me falem os materiais: quero apenas abster-me prudentemente de dar ocasião a algum Tolentino futuro de dizer de mim o que o outro disse vingativamente do frade que o massára ensinando-lhe latim:

Entre o Jota e o I romano
Que diferença se achasse
Trabalhava havia um ano;
Obra que si ele a acabasse,
Feliz do genero humano!

Por não incidir num cacófaton, perdi o ensejo de dizer uma verdade: deixei de afirmar que o meu proverbio assentava no cazo como uma luva numa mão; e foi pena, que sacrifiquei á sonoridade da fraze o que pensava. Os revolucionarios das Araras estão sendo severamente processados pelo crime de conspiração. Por quem? Pelos que conspiraram a queda da monarchia, e ganharam com isso o que são, que não é pouco. Ora a diferença unica entre as duas conspirações é que por uma foi deposta a monarchia, e com a outra só foi deposta uma moringa. Lá diz na sua o adagio — que quem furta pouco é ladrão, e quem furta muito é barão.

Não afirmarei que esse rifão seja elegante; mas é sensato. Que mais se hade razoavelmente ezijir a um proverbio de nossa lingua? Acuzando de prozaismo os proverbios francezes da edade media, alvitra Saint Victor e quasi as formigas e os caracóis falassem, falariam como eles. Dos nossos, não sei que diria Saint Victor si os conhecesse; digo eu que são uma substancial literatura de cozinha, grosseiros rezumos de um mesquinho bom senso aconselhando a prudencia, a desconfiança, a economia — todas as meias virtudes que não levam ao ceu, e apenas livram de massadas.

Estamos lonje da magnifica poezia dos proverbios orientais, que chega até nós e se faz sentir — mesmo desluzida em traduções de traduções, umas e outras provavelmente traiçoeiras. *Traduttore, tradittore*. Estes, por ezemplo: — «Sê como o sandalo, que perfuma o proprio ferro que o corta.» — «A mãe de um homem assassinado póde dormir: não o póde a mãe de um assassino.» — «Muitas vezes a lingua corta a cabeça.» — «E's senhor de uma palavra emquanto a não dizes, e escravo dela desde que a pronuncias.» — «Si queres vingar-te de um homem, deixa-o viver.»

Seria fanfarronada pretender que a riqueza da nossa lingua em proverbios é cunhada em ouro desse quilate; e que os nossos vulgarissimos rifões têm o fundo moral tão belo e a espressão tão pitoresca e tão nitida daqueles. O tezouro da nossa lingua, nesse particular, é todo em moedas de cobre. — «Quem vê as barbas do vizinho arder, põi as suas de molho.» — «Emquanto o pau vai e vem, folgam as costas.» — «Quem anda aos porcos, de toda a parte lhe roncam.» — «Gato escaudado á agua fria tem medo.» São assim em regra: de um bom senso banal esprimindo-se por imajens reles numa fraze mole. E quando se metem a rimar, rimam deste modo: — «Da mão á boca se perde a sopa.» — «Gata ruiva, do que faz, disso cuida.» — Não falando naquele espantozo

Este mundo,
Senhor Raimundo,
E' uma lastima,
Senhora Escolastica...

Não vá agora, a proposito disso, acuzar-me de *má lingua* o jacobinismo vernaculo. Se nesse assunto ha má lingua, não é a minha, é a nossa. Eu, por mim, bem preferia aplicar á revolução das Araras, ou dos araras, na versão do governismo — algum rifão mais elegante do que aquele; mas não achei couza melhor; e contentei-me com o que havia, o que até é virtude prégada em sermões.

O que se segue de tudo que se vê é que o crime dos nossos revolucionarios é grande — porque fizeram pouco; e por isso devem ser punidos. Si tivessem obrado em ponto maior, e restaurado a monarquia, seriam a esta hora barões. Fizeram o seu temporal, não num copo dagua, mas numa moringa, e estão na cadeia.

Conspirar contra a ordem estabelecida é crime, e lá está o Codigo Penal que categoricamente o define como tal. Sempre assim foi desde que ha codigos, e até desde antes. Eu acho perfeitamente legal que os revolucionarios das Araras sejam punidos, como entendo que foi de incontroversa legalidade o ter sido enforcado Tiradentes. O que não entendo é porque, em logar de ir á cadeia, e de lá á forca, o sr. Campos Salles foi parar ao Catete.

Ele conspirou em 15 de Novembro, com flagrante desrespeito ao Codigo; não só conspirou, mas, o que é peor no sentido juridico e no da verdade, consumou o delicto, fazendo a Republica que aí florece como se vê. Comtudo, não só o deixaram solto, mas ainda o premiaram com o premio grande da loteria eleitoral.

Os outros, os das Araras, ficaram-se na tentativa; e a unica instituição em que boliram foi uma moringa jacobina, substituida com violencia por uma moringa coroadada. Vamos e venhamos, eles não pretendiam isso unicamente; e se mais não fizeram é que a mais não lhes chegou o braço.

E' claro que são punidos, e não premiados, por não vencerem e serem vencidos. Ora o crime de ser vencido é, de todos os crimes imagináveis, o que se pratica mais contra a vontade. Não ter forças para dar bordoadas, e até ser constranjido a recebê-las, é, na categoria dos crimes pittorescos, o menos digno de severa punição.

Em moral, segundo opinam filozofos optimistas, a virtude não consiste em vencer, mas em bater-se bem. A politica não é a moral, nem nisso, nem no resto. Em politica, vencer é a virtude, e ser vencido é o crime. Em todo cazo, é esquizito que estejam sendo tão severos com uma simples tentativa os que em identica ação levada a cabo arranjaram a sua vida, e dezarranjaram a de quazi toda a gente.

Eu penso que é razoavel punir quem perturba a ordem publica. Mas isso, penso-o eu, que sou pacato e ordeiro. Sôa-me, entretanto, como paradoxo, igual convicção trovejando na boca dos que fizeram neste paiz a maior dezordem de que nele ha memoria.

Digam-me que a força é uma razão suprema: quem é forte, dá, quem é fraco, apanha; e sempre assim foi. Digam-me isso, que é portuguez e claro, e entenderei. Mas não me venham com rodeios juridicos e palavreados em latim, porque me confundem as idéas. Convencer-me não me convenço de que é Direito, e está na Doutrina ou na Jurisprudencia — que se deve galardoar um crime quando consumado, e punil-o quando praticado apenas por metade, e ezatamente pela metade mais inofensiva: quando ficou sómente na intenção.

E' de crer que os falhados revolucionarios das Araras aproveitem com a lição que estão recebendo sem a terem encomendado. Para outra vez, em lugar de apenas quebrar moringas, dêem logo com as instituições em terra, si puderem; si não puderem, fiquem em caza, que sempre é melhor do que estar na cadeia.

Agora reparo que me ia, sem sentir, escorregando para o terreno ingrato da politica. Fiquemos na inofensiva lite-

ratura, que é logar mais seguro e mais limpo. Eu não sou do partido monarquista. Nem do republicano. Sou apenas do partido do bom humor. Vendo o governo proceder com tão austera severidade contra conspiradores e revolucionários, não o condeno, nem o aplaudo: acho-lhe graça.

Dizia sensatamente um grave personagem de Anatole France — que os republicanos governam mal, mas defendem-se bem. Isso parecerá aos republicanos metade de um elogio — porque saber defender-se é virtude. Aos monarquistas parecerá vituperio inteiro — porque é duvidosa virtude, num mal, o conservar-se. As plantas daninhas que mais rezistem são, porisso mesmo, as mais daninhas».

Santos — 1902.

Euclýdes da Cunha

Euclýdes da Cunha, ilustre autor dos *Sertões*, e pessoalmente muito conhecido aqui, onde viveu algum tempo, e de onde ha mezes saiu para chefe da Comissão Brasileira de limites com o Perú — seguiu doente, dizem telegramas, de Manaus para o Alto Purús.

O fato de ter seguido, apesar de doente, não indica, infelizmente, para quem o conhece bem, que a sua doença seja sem gravidade. Porque Euclýdes leva até ao ezagero o sentimento do dever, e realiza a hiberbole dita por um estadista da monarquia no velho Senado do Imperio: «Só ha uma desculpa plauzível de não se comparecer em certas ocasiões: é a certidão de obito».

Vimol-o em condições bem difíceis, tentando cumprir a todo o tranze um dever bem duro... Tinhamos sido surpreendidos na ilha dezerta dos Buzios por um famoso temporal caído á boca da noite. O pequeno *Alamiro*, um rebocador, que lá nos levava e lá nos esperava, passara a noute de fogos acezos, pronto a fujir do seu abrigo es-

treito, onde a furia do mar ameaçava a cada instante esmagal-o nos costões... Antes de clarear o dia, repetiam-se os apitos do rebocador, chamando-nos. Nós estávamos no alto de um morro, a oitenta metros acima do nível do mar; e não podíamos, no escuro da noute, que o temporal de chuva em torrentes fazia mais escura, decer a ingreme escarpa e atravessar o aspero costão, que nos separavam do mar.

Aos primeiros clarões do feio dia que raiava, decemos. Conseguimos, encharcados da chuva e dos borrifos das ondas, chegar ao *Alamiro*. E, largando o seu perigozo abrigo, uma remançoza enseada que a furia do oceano violara e puzera a perder, o pequeno *Alamiro* meteu valentemente a prôa no mar largo e no temporal desfeito que esbravejava e rujia.

Euclides tinha a incumbencia official de visitar a ilha da Vitoria, mais ao largo, e que aparecia, no horizonte carrancudo, através da chuva que caía, como uma mancha cinzenta e lugubre. Mandou aprôar para a Vitoria.

Logo ao saír da enseada, o pequeno vapor começou aos boleos. Tínhamos de segurar-nos aos varões de ferro para não sermos atirados ao mar, varridos pelas ondas que entravam pela proa do *Alamiro* e iam sair-lhe, espumando e mujindo, pela pôpa. A cada passo, o rebocador subia, vagarosamente, — como por uma montanha acima — por uma onda enorme que lhe viera ao encontro; e chegado ao cume, na rapidez da propria marcha e do movimento da vaga em contrario, precipitava-se, como uma flecha, com a prôa quasi em rumo vertical ao fundo do mar...

Euclides, pouco afeito ao oceano, pelo qual sente verdadeiro pavor, conservava-se palido, com os olhos fixos na mancha lonjinqua e meio apagada que dezinava no horizonte e na solidão do mar a ilha da Vitoria.

O mestre do barco, um velho lobo do mar, que neste se creara como marinheiro da armada nacional, veiu a custo, aos transbolhões, agarrando-se por onde podia, dizer a

Euclides que a ida á Vitoria era um perigo, contra as aguas e contra o vento, com aquele mar e com aquele tempo.

«Ninguem sabe, dizia ele, o que vem atraz do temporal... O que já está aqui é grande; mas não se sabe si lá fóra nos pegará mais bravo ainda...»

— «A ordem é ir á Vitoria, é preciso que vamos!» respondeu Euclides, aterrado, com os labios franzidos, os dentes cerrados.

O temporal continuava; e tocado dele, o mar, cada vez mais colerico, cada vez se encapelava mais, sacudindo e rolando o *Alamiro* como a uma casca de nóz, entrando e saindo por ele ferozmente, levantando-o sobre montanhas e precipitando-o ao fundo de verdadeiros vales formados entre duas ondas...

E o *Alamiro*, obedecendo ás ordens inflexiveis de Euclides, avançava para o largo mar, penetrava cada vez mais no temporal e no perigo...

Final, a situação tornou-se grave. O mestre veio novamente procurar Euclides, e declarou-lhe isso mesmo. Havia risco, e risco iminente, em continuar aquella róta inflexivel. Tornava-se urgente aprôar para S. Sebastião, dando costas ao mar e ao vento, e demandando a segurança dum porto abrigado... Si continuassemos, era muito possivel que numa daquelas decidas vertijnozas em que o vapor se precipitava entre duas ondas, não conseguisse resurgir...

Só diante dessa declaração categorica Euclides cedeu. Deixou-se vencer. E, ainda assim!

— «Si eu morresse, dizia-me ele, tinha uma bela morte, a morte no cumprimento do dever. A sua é que seria estúpida; morrer num passeio...»

Creio que foi por essa razão, de ir ali, a passeio, quem escreve estas linhas, que não morremos. Si o que escreve estas linhas tambem fosse a cumprir deveres, adeus nossas encomendas! Tivamos morrido honradamente, e belissimamente.

Qual será a doença de Euclides, de que dão noticia os telegramas, e que não o impediu de seguir para as longinquas, as fundas rejões do Alto Purús?

Nenhum juizo podem formar os amigos que o conhecem bem... O que pódem é dizer comnosco, repetindo o bellissimo voto do poeta:

Deus acompanhe o peregrino audaz...!

Santos — 1903.

A historia em frases curtas

Disse não sei quem que, dentre todos os reis de França, só deixaram nome de grandes os que o deixaram aureolado por uma frase feliz. De que tamanho seria, na Historia, Luiz XIV, si não tivesse dito aquele famoso: *O Estado — sou eu!*... Ha talvez alguma ironia nisso; mas a ironia é apenas uma vestimenta leve da verdade.

E aquela verdade vem de mais lonje. Faltaria muito á gloria de Cezar, si ele não tivesse encaixado na historia romana aquele curto — *Veni, vidi, vinci*, ezemplo classico de rapidez na ação e de laconismo no modo de a narrar. Cezar póde ser considerado — o avô do estilo telegrafico.

A nossa historia, que não é tão comprida como a de França, e é menos interessante do que a de Roma, está já cheia de frases que ficaram. Na Republica então, parece que faz parte desse genero tudo quanto de melhor se tem feito!

Dos Prezidentes da Republica, passados, presentes — e futuros, só dois, até agora, não engastaram na historia a sua frase, destinada a enriquecer e iluminar as coletoaneas para uzo das escolas: Prudente, porque falava pouco; e Deodoro, porque falava muito.

Todos os mais tem dezempenhado, com zelo e brilho, essa atribuição que parece do cargo; todos eles têm con-

centrado em duas ou tres palavras homeopaticas — capitulos de historia.

Floriano, meio esmagado no mais acezo da grande batalha que foi a Revolta, teve, diante da ameaçadora pergunta das esquadras estrangeiras — aquella fraze de epopéa, aquella resposta de heróe pronto a morrer sem recuar: «A' bala!»

O Sr. Campos Salles disse que — *Governar é querer!*

Disse-o nas vespervas de ser governo; e podia ser uma figura de retórica destinada a arredondar um periodo e enfeitar um programa de candidato. Mas ele deu-lhe vida e valor, levando a termo, heroicamente, do heroismo moral que não é o menor nem o mais comum, a reforma financeira — atravez da impopularidade mais violenta e da mais assanhada opozição de que ha memoria no Brazil. Quiz, governou, venceu. Não vão agora, por estas ultimas palavras, achar-nos, a mim ou a S. Ex. — pareenças com Cezar.

O sr. Bernardino de Campos, prezidente do futuro, como a musica de Wagner — no bom sentido, para os seus entuziastas, e no sentido ironico, para os que combatem a sua candidatura — teve tambem a sua fraze feliz e heroica, lembrando a de Mac Mahon rogado a sair da torre Malakof que se esboroava sob os tiros do inimigo: *J'y suis, j'y reste...*

Tambem o sr. Bernardino de Campos quando o aconselharam a agachar-se, diante dos schrapnels do *Republica* a chover metralha, respondeu: — *O Estado de S. Paulo não se abaixa.* E ficou de pé.

Chegou, finalmente, a vez do sr. Rodrigues Alves. Na noite de 14 de Novembro quando as forças da Escola Militar revoltada marchavam sobre o Catete, amigos tremulos de susto, militares cheios de zelo e de prudencia — quiseram que o Prezidente da Republica se puzesse em segurança, e ao fresco, sob as espessas couraças de um forte couraçado, na larga bahia aberta para o mar largo. O sr. Rodrigues Alves, serenamente e sinjelamente, respondeu-

lhes: *O meu lugar é aqui.* E ficou, como uma sentinela avançada, incumbida de guardar e defender um posto perigoso.

A proposito disso, o sr. Rodrigues Alves vai ser, hoje á noute, alvo de uma grande manifestação. A manifestação será grande, pode-se pre-qualificar-a como tal: e sel-o-á, menos porque S. Exa. a merece do que porque venceu, e é Presidente da Republica. Mas, engrossada pelos engrossadores, nem por isso perde o seu carater de sincera em grande parte e de inteiramente justa.

Estamos acostumados, muito mal acostumados, a desfazer em tudo que é nosso, couzas e homens. E' uma forma de jacobinismo pelo avesso, tão feroz como o outro, e menos justificavel, e menos convencido. Entregamos, por habito, aos dentes da maledicencia, para que o esfarrapem, tudo quanto de nosso se salienta, e se eleva da vulgaridade... E o que sai esfarrapado e enxovalhado de tudo isso é a nossa Patria, pobre mãe difamada e caluniada, menos ainda de estranhos, do que dós proprios filhos...

Eu, com sinceridade, acho que é uma bela fraze a que disse em 14 de Novembro o sr. Rodrigues Alves, e que fizeram gravar no cartão de ouro que hoje lhe vão oferecer — *O meu lugar é aqui...*

Essa fraze soou no meio da fuzilaria que de todos os lados e por todas as ruas pipocava, e do ronco de canhões, que vinha sinistramente, atravessando a noute e a cidade ás escuras, da banda da Praia Vermelha, ninho de todas as revoltas até então triunfantes no Brazil... E foi dita serenamente, ás costas de amigos que fujam, numa atmosfera pezada de prezajos e sujestões, feita do terror dos que tremiam, e da tradição, que só o Marechal de Ferro interrompeu, de que, no Brazil, toda a força armada que sai á rua contra os governos — sai preparada para dar as salvas que festejam as vitorias sem luta, as conquistas sem rezistencia...

Richet, poeta

Poeta, sim, e na acepção em que a palavra é aplicada, com escludivismo e precisão, aos que cultivam o verso. O cientista, a quem neste momento temos a honra de proporcionar a nossa modesta hospedagem, achou tempo e vagares, através de uma vida empenhadíssima na pesquisa de fortes verdades, para enramalhetar um livro de rimas, dado a lume, aceito pelo publico, festejado pela critica. Terá o sr. Richet principiado por expandir em versos, como numa linguagem infantil, as aptidões embrionarias que depois revelou, já adultas, na solida proza de fisiolojista, de psicolojista, de sociologo — de escritor de vasta e variada ciencia? Ou serão as faculdades estraviadas de poeta que esplicam no eminente sabio a variedade, a vastidão e o brilho da obra scientifica?

Propendo para a segunda hipotese. A poezia póde, com bons titulos, disputar a gloria desse formozo espirito que por tantas e tão multicôres cintilações se faz admirar.

Numa pajina sugestiva, insinúa Carlyle que a variedade de altas aptidões é natural atributo dos poetas que verdadeiramente o são: «Aquele que só fosse capaz de compor estancias, não faria nunca uma estancia de grande valor... Ha sempre, num grande poeta, um herói, um politico e lejislador, um pensador e filozofa. Com outra direção na vida, o poeta teria sido qualquer dessas couzas. Que se poderá imaginar — que Shakspeare não tivesse conseguido ser no mais elevado grau?»

Nietzsche, especie de selvajem possante, atordoado e furiozo no meio de tudo quanto até hoje produziu a cultura humana, entende que «é divertida couza vêr como os filozofos mais sizudos, não obstante a gravidade que põem

em manejar certezas, se apoiam sempre nas «sentenças de poetas», — para dar força e autenticidade ás proprias idéas. E' mais perigozo para uma idéa ser aprovada pelos poetas — do que ser por eles contestada. «Porque os poetas, como diz Homero, mentem muito».

Nietzsche reuniu assim, debaixo da mesma ironia desdenhoza, os manejadores da certeza scientifica e os forjadores da mentira estética. Outro filozofa — e muito grande, esse, Augusto Comte — reunia tambem, mas a muito melhor sombra, a poezia e a ciencia, chamando-lhes «ces deux sœurs normalement inseparables». A Augusto Comte não pareceria estranhavel a evolução de um poeta dezabrochado em psicologista, autor de uma nova orientação da psicologia... Comte assinalou que «depuis Homère, l'art occidental n'a pas cessé de puiser ses principaux effets dans une fidèle representation de la nature humaine». Nem acharia fóra do natural que o sr. Richet, depois de rimar sonoras estrofes, surjisse reïncarnado em sociologo, apostolando na severa linguaagem da ciencia, em plena Europa cada vez mais armada, a aspiração pacifista — o mesmo Comte que observou: «Au milieu des populations les plus guerrières, la poesie proclama toujours l'avènement d'une sociabilité pacifique».

Mas o sr. Richet não é apenas um filozofa que foi poeta, ou um poeta naturalmente filozofa — pairando sempre, de uma ou de outra maneira, nas altas rejiões do pensamento: é um experimentador que dece pessoalmente, de microscopio em punho, a esmiuçar a verdade nas minucias da natureza. E mais poeta o acho eu nisso. Não ha poetas mais imaginozos do que os sabios. Os sabios, ao que me parece, são poetas cuja imaginação partiu os moldes apertados do metro e os grilhões de ouro da rima...

A verdade é a mais bela ilusão que o homem criou. A historia do espirito humano, feita de um incessante turbilhonar de certezaas que a sciencia procura, conquista, adora e repudia, é como a esplendida floração de uma mitolojia em perpetua evolução. A ciencia é um outro Olimpo, a cujos deuzes, dominadores e cheios de gloria, só falta um atributo: a immortalidade. De Aristoteles a Gustavo Lebon, todo o caminho andado pela ciencia é um confuzo cemiterio de deuzes mutilados, de certezaas destroçadas e de verdadeas desmentidas. E todo esse caminho são dois passos, dois curtos passos numa caminhada que continúa, e que provavelmente irá lonje. Ao termo de alguns modestos milhares de anos a mais, com que olhos verá o homem a verdade, com que alma sentirá a certeza?

«Que pensaré de nós o crente de amanhã?»

A pergunta é de um poeta livre pensador. Depois do que acima transcrevi de Nietzsche a respeito dos poetas e da serventia das suas sentenças, que é unicamente enganar filozofos, não tenho animo de deter-me naquella pergunta feita em verso; chego-me apressadamente para melhor arvore — acolho-me á bôa sombra de um sabio. Como o sr. Richet, Le Dantec é hoje um dos grandes nomes da ciencia franceza. Como o sr. Richet, deu-nos tambem a honra de ser nosso hospede. Mais: esse luminar do pensamento contemporaneo foi aqui funcionario do Estado ha uns quinze anos, como diretor do nosso obscuro Instituto Bacteriolojico. A tais circumstancias, que tornam tão azada a lembrança do seu nome nestás linhas, acrece a de ser Le Dantec um fervorozo e irredutível crente da ciencia.

Eis como se esprime ele numa de suas recentes obras: «Ce que l'homme connaît, ce sont seulement les rapports des choses avec l'homme, ce que nous appellons les choses ce sont les elements de la description humaine du monde; et ces elements dependent non seulement de la nature du

monde, mais aussi de la nature de celui qui les décrit»... «Notre connaissance du monde n'est que le resultat des rapports qui existent entre le monde et notre organisme; ou d'autres termes, ce que nous connaissons depend à la fois de l'état du monde e de notre propre état; autrement dit encore, notre connaissance du monde changerait également, soit que le monde changeât, soit que nous fussions nous mêmes modifiés...»

Apezar disso, Le Dantec tem fé absoluta na ciencia, numa ciencia de azas aparadas, é certo, e que se vê coajida a aceitar como verdade a interpretação arbitraria dos nossos sentidos. E' sob esse aspeto que ele admite a verdade scientifica — como afirmação dos sentidos, unanime e invariavel, em todos os individuos normais da especie. Creio resumir assim com fidelidade o pensamento do mestre, em proporção bastante para o fazer compreender quando ele assegura: «il est evident que nos organes des sens ne peuvent nous donner aucune notion trompeuse du monde exterieur...»

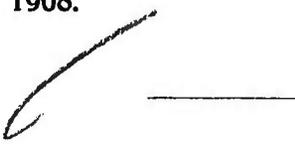
Tal evidencia, assegurada por Le Dantec, parece-me muito dar assim ares de familia com aquela outra, proverbial, e que por tanto tempo fez acreditar á injenuidade dos homens — que o sol girava em torno da terra. A evidencia é quazi sempre — quando não seja sempre — uma fraude dos nossos olhos. O microscopio farta-se de o provar minuciosamente. Mas, tendo retirado, induzidos sobretudo pelo microscopio, a confiança que depositavamos em nossos olhos, parece prudente que não a demos inteira e cegamente, mas apenas *si et in quantum*, ao microscopio.

E' licito imajinar que num futuro proximo — meio seculo ou cinco mil anos, pouco importa — o microbio, por ezemplo, preocupação tão viva e parte tão consideravel na ciencia de hoje, apareça como um pequeno monstro imaginario, rezultante de um esfarelamento que reduziu a quazi poeira, sem lhe alterar a substancia formidavel, o Dragão lendario, de antigas lendas que foram a certeza de outras civilizações...

Afinal, os sentidos humanos, como o proprio homem, não são entidades consistentes, mas simples *estados transitórios* de uma evolução indefinida. Assentar nessa baze movediça a certeza, é reconhecer implicitamente a instabilidade da ciencia; é dar, nos dominios desta, direitos de cidade á imaginação — que, aliáz, nunca cessou de ezercer esses direitos. Toda a verdade é um tema sujeito a correções. Os nossos axiomas talvez pareçam ao futuro injenuidades infantis. A ciencia é uma fermentação incessante de hipóteses, e é isso que faz, sinão o seu prestijio, a sua sedução...

Nada ha de admirar no cazo de um poeta que evoluiu em sabio, como o sr. Richet. Entre poeta e sabio não ha incompatibilidades, mas unicamente diferenças secundarias, leves nuanças adelgaçadas sobre um fundo comum de imaginação criadora. O poeta vê com os olhos fechados, olhando para dentro de si mesmo; o sabio é um poeta que abriu os olhos, e sonha de olhos abertos. Um e outro, por diferentes caminhos, mas ardendo na mesma ambição e animados da mesma fé, procuram decifrar ou interpretar a natureza; e semeiam a terra de iluzõis... Abençoados sejam por isso! Manter o ideal criando iluzõis novas sobre as ruinas das que o tempo esborôa — é dar á propria vida uma bem nobre função, e fecundar na alma humana uma eflorecencia que, em ultima analize, tem alguma utilidade, a utilidade suprema de ser encantadora...

S. Paulo, 1908.



SELVAJEM

Chegando ao porto do Buracão, no canal da Bertioga, a canôa parou, encostada ao barranco. Serafim ergueu o amolaxado baú de folha, pol-o em terra. Em pé na borda, com a mão esquerda apoiada no chão, a direita agarrada a uma touça de capim, balanceou o corpo, firmou o pulo, saltou.

— Adeus, todos! disse, dirigindo-se ao patrão e aos remeiros.

— Até um dia, sarjento! responderam.

A embarcação largou, os pezados remos de voga bateram nagua. Ficando só, na solidão daquela furna apertada entre morros e apenas aberta para o canal, Serafim relanceou em torno um olhar pensativo. O terreno decia, ondulando levemente, até achatar-se de todo em estreito brejo, que uma gamboa cortava. Num velho rancho, cujo teto de palha se apoiava sobre estacas empoladas de craca e fincadas na lama da gamboa, trez ou quatro canôas descansavam em seco sobre estivas de jissara. Destacando-se da confuza vejetação baixa, quazi anónima, uma grande figueira, enraizada na barranca, dependurava dos galhos estendidos sobre o canal longos ninhos de guaxes; um jarová, muito esguio, deixava pender do alto, com um ar de dezanimo, a sua folhagem desbotada e frouxa, de coqueiro desterrado no brejo; adiante, uma copada fronde de ipê, meio dourado das primeiras flores, rumorejava de um

bando de galhas assustadas que revoavam e gritavam com voz irritada...

Serafim reconheceu os morros, o pequeno varzedo ondulante, a gamboa lamacenta, o velho rancho, as velhas canôas, a grande figueira, o jarová solitario, o ipê dourado... Ali estava, ao sopé de um morrote, a entrada do caminho da praia, rasgada no mato, entre moutas de taquarussú, numa pequena subida de areia solta...

Com um gesto lento, prezo á contemplação comovida das couzas, outrora familiares, e que agora revia depois de tanto tempo, Serafim ergueu o baú para o hombro. Deu alguns passos vagos, de distraído. E, desprendido afinal, galgou a pequena subida, enveredou rezolutamente pelo caminho. Havia cinco anos que se fôra. O trilho que seguia ia-lhe despertando, em todas as minucias, a lembrança do funesto dia em que ali passára pela ultima vez, aterrado recruta, aljemado, entre quatro soldados.

Recompunha mentalmente aquele trecho, rapido e violento como um tufão, do seu passado: pela madrugada antes de clarear o dia, haviam batido á porta do velho Antonio do Monte, seu padrinho, com quem Serafim ficára vivendo desde que, aos nove anos, uma epidemia de bexigas lhe levára os pais. Antonio do Monte tinha saído, á noute, para o mar; Serafim estava sózinho em caza. Acor-dára, abrira a porta, imaginando que seria o pescador, já de volta. E ao surjir entre os batentes, espreguiçando-se, tonto de sono, quatro soldados haviam-n'ó brutalmente agarrado, subjugado, aljemado.

Pensando agora no seu assombrado terror de então, terror de ser soldado, terror da farda, do quartel, da guerra, Serafim teve um assomo de veterano: alçando a cabeça, confiando o bigode, murmurou entre dentes:

— Couzas de paizano...

Feito, porém, esse comentario todo atual, restituiu-se á simples recordação daquele momento, cheio de emoções e já lonjinqo, de sua vida. Os soldados — trez praças e

um cabo — não lhe haviam dado tempo de nada. Empurraram-n'o para diante, dirigindo-lhe graçolas, que ele, cabisbaixo e atordoado, mal ouvia. Não podéra despedir-se de ninguém, a não serem dois ou trez madrugadores que abriam as portas enquanto ele passava, e que, espantados e pezarosos, atiravam-lhe palavras de coragem com voz comovida e gestos de dezalento...

Fôra assim, esmagado e tonto, por todo o pedaço de varzea semeada de cazas. Ao chegarem, ele e a escolta, ao alto do morro, vinha amanhecendo. Do mar largo subia pelo céu aquele desdobramento de ouro que vem logo adiante do sol. Na claridade em que o lusco-fusco se adelgaçava, tudo aparecia como atravéz de uma gaze côr de roza.

Pararam um momento, e voltaram-se: os soldados, para apreciarem o largo, tormosissimo panorama dezenrolado em baixo; ele, para olhar pela derradeira vez a praia onde nacera e onde vivera até então, as couzas queridas que não contava ver nunca mais.

Lá embaixo, a noticia de sua prizão correrá já, sem duvida, de caza em caza. Apinhavam-se nas portas os moradores. Ele percebera-o confuzamente, no relance em que seus olhos vagaram na procura da cazinha branca, entre pitangueiras, para o canto da praia, onde morava a sua noiva. Distinguirá Thereza, entre os pais e os irmãozinhos. A moça, num gesto desconsolado, dizia-lhe adeus, acenando com um lenço. Numa alucinação que suprimia a distancia, pareceu a Serafim ver, nas faces morenas de sua noiva, dois claros fios de lagrimas...

Viera-lhe então um arranco de não seguir, de fincar os pés no chão, brigar com os soldados, acabar com a vida ali mesmo. Mas de repente, o cabo, farto do panorama, empurrára-o, dizendo-lhe com voz aspera e firme:

— Siga, camarada. Aquilo acabou. Agora, é meia volta á direita, marche para o Paraguai. E ande lizo, si não quer entrar em muita lambada...

A frase dura do cabo — *Aquilo acabou!* — ecoára-lhe dolorosamente no coração. De chofre, ele sentira a verdade terrível daquelas palavras. Tudo estava acabado. Thereza lá ficára, perdida para sempre, para sempre... Uma repentina, escura certeza de não voltar nunca mais, esvaziara-lhe em sombra a vida, como numa noite que não devesse ter fim... A angustia enchera-lhe o peito, asfixiando-o quazi: e subira, explodira-lhe á garganta, num soluço, um só soluço, sufocado, supremo...

Arrancando a custo os olhos do vulto de Thereza, que acenava sempre, ao lonje, e assim lhe mandava num gesto de carinho o derradeiro adeus, ele depuzera no ultimo olhar o coração todo; e, baixando a cabeça, seguira, sem vontade, tomado de um desespero inerte, num dezanimado abandono de si mesmo.

De então por diante, nunhuma revolta, mais nenhuma veleidade de insubmissão contra o destino que o empolgava. Fôra calado e sucumbido até ao Buracão. Só aí, em condições tocantes que lhe reapareciam agora esfumadas, como de muito lonje, na lembrança, dissêra as primeiras palavras.

A canôa, levando-o recrutado, afastára-se já de terra, as primeiras remadas tinham caído nagua, quando, na beira do barranco, surjiu o seu cão, o *Perdido*. Em meneios aflitos, alongando o pescoço, ora erguendo a cabeça, ora roçando a areia com o focinho, correndo de um lado para outro, farejando em vão um caminho que não havia, pozeira-se o cachorro a gemer e a ladrar, em uivos roucos e incompletos, entrecortados de latidos de colera e de revolta. Afinal, numa subita decizão, atirára-se ao rio e nadára na esteira da canôa.

Serafim, mesmo aljemado, podéra agarral-o, suspendel-o até á borda, embarcal-o. Mas, *Perdido*, sacudindo alegremente o pêlo encharcado, borrifára de agua as calças do cabo; e este, furiozo, agarrando-o pelo pescoço, arrojára-o de um tranco ao meio do rio, resmungando:

— Sai, peste! Olhem que Voluntario da Patria ia a gente levar para o quartel.

Serafim intercedera então pelo cachorro perguntando, si não poderia leval-o comsigo.

E o cabo a rir:

— Ora o bruto do caiçara querendo entrar para as fileiras já com ordenança atraz...

Todos riram, menos Serafim, que embatucára, remergulhado no seu silencio e no seu dezespero.

Serafim entrou com uma indiferença rezignada para a vida do quartel, e pouco depois, para o batalhão do norte, de passagem por Santos, e em cujas fileiras seguiu para o Paraguai. A pouca expansibilidade nativa, tornada mais aspera, mais sorumbatica, pelo retraimento vagamente ranco-rozo do seu dezespero, izolou-o no amalgama do batalhão, composto de nortistas prozas, entremeados de caipiras de serra acima.

A pouco e pouco, perdeu quazi o uzo da fala. Embotou-se-lhe a sensibilidade. O seu coração selvajem fôra sempre como esses rudimentares urocungos dos negros da Costa, que só têm uma corda, e só vibram de um som. O sentimento que o dominava absorvia-o todo. Outra, na lonjinqua praia natal, a sua vida de adolescente fôra, em todas as circumstancias, em todas as situações, um reflexo do amor de Thereza, como esses rios que correm num chão levemente ondulado de campo, enroscando-se em barrancos, tropeçando em pedras, espraizando-se em brejos, mas refletindo sempre, em todas as suas curvas deziguais, o azul do céu.

Arrancado bruscamente áquele sentimento, que lhe fazia amar a vida, cheia dele, só ficou em seu coração apagado, incapaz de nuanças, um negro, absoluto dezespero. Nem conseguiram sacudir-lhe os nervos, fazel-o vibrar numa

emoção, as primeiras balas que lhe zuniram ao ouvido, vindas do meio de macegas e do fundo da noute, num posto avançado do Passo da Patria. Ele ouvia-as passar, senti-as ameaçadoras, contava que alguma de repente o matasse... E mais nada. Acabar logo ali, ou acabar pouco adiante, não era tudo a mesma couza?

Atravessou assim, alheio e indiferente, por acampamentos e batalhas, na vagarosa marcha de cinco anos que foi a guerra do Paraguai. Só nas lutas corpo a corpo, nas cargas de baioneta calada, nas carnificinas á arma branca, deixava de bater-se maquinalmente, por simples obediencia aos toques do clarim. Assaltava-o então, furiozamente, a embriaguez do cheiro e da vista do sangue. Um desses momentos, em que era terrível de arrojo, dera-lhe as divizas de sargento — divizas que ele recebeu com a mesma indiferença com que receberia um castigo, ou uma bala.

Para os ultimos tempos da campanha, começou a seduzir-lhe o espirito, esboçada vagamente, a idéa de voltar. Mas o seu dezanimo, profundamente arraigado, resistiu. E' verdade que as balas eram já então bem mais raras do que nos alagadiços de Tuiuti, nas barrancas do Itororó, nas trincheiras de Curupaiti ou de Curuzú... Mas, pipocando de lonje em lonje, em frouxos tiroteios, em rapidos combates logo decididos, ainda assim matavam, abriam aqui e ali, ao acaso, um claro nas fileiras, varando um peito, despedaçando um craneo... Serafim fôra ferido em varios recontros, e escapára á morte; batera-se, durante quazi cinco anos, em cem combates, e estava vivo. Apesar disso, na obsessão da idéa que troucera de que vir para a guerra era vir para a morte, contava certo que a sua vez chegaria de ficar, enfim, estendido no campo, como outros que ele via a cada passo cairem, e ficarem, deixando para sempre vago o seu logar nas fileiras e na vida.

E, depois, a duração da campanha aparecia-lhe, para o futuro, indefinida, alongada para além, muito para além dos limites razoaveis da sua ezistencia. Não, decididamente era

loucura o pensamento de voltar, quando, de vagar, mas incessantemente, se marchava para diante, para diante sempre, dos esteiros para os campos, dos campos para as cordilheiras, e nas cordilheiras, desdobradas sempre para mais lonje, de serra em serra, de cada trincheira tomada para outra trincheira que surjia do chão...

Aos poucos, porém, a resistencia do seu dezanimo foi cedendo á evidencia. Os destroços do ezercito de Lopez, bandos de maltrapilhos, mal fugiam já: caiam aos pedaços despencando, pelos trilhos onde se estremalhavam acossados de perto, os seus soldados imberbes, nos andrajos de fardas esfarrapadas, desmaiados de cansaço e de fome... Era o fim.

O dezenlace da guerra, no Aquidaban, encontrou Serafim já restituído á esperanza de um regresso proximo, entregue de todo á preocupação do seu amor, que rezurjira, numa esplozão luminosa, de um fundo, vazio dezespero de cinco anos.

E agora ali estava ele caminhando para Thereza, vencendo os ultimos trechos do caminho que dezembocava na praia. Daí a meia hora, quando muito, tornaria a encontrar a noiva, amada e carinhoza, que por tanto tempo julgára perdida para sempre. Imaginava-a, em todas as minucias da formozura, como a deixára: o rosto levemente moreno, com um tom rozado de jambo maduro; os olhos humidos e vivos, muito negros, fitando-o com uma ternura que mostrava a alma; os labios rubros, de um sorrizo tão claro e tão meigo, e cujo beijo devia ser tão saborozo... Vinham-lhe á lembrança os contornos do corpo de Thereza, os seios redondos que espontavam sob a alvura, indiscretamente amoldada, da camiza... Deliciava-se de a supôr a mesma em todo o conjunto dos seus encantos. Talvez mais alta; deixára-a com quinze anos, vinha encontral-a com vinte. Procurava advinhar as primeiras palavras que ela lhe diria

na perturbação da surpresa, na alegria de o tornar a ver... E logo, logo, o dia do casamento marcado, um noivado curto, a bençãam do padre, — e o resto da vida na felicidade do amor, entrelaçados ambos para sempre, estreitamente, de corpo e de alma...

Cazualmente, os olhos do ex-soldado pouzaram num jarová meio debruçado sobre o caminho, por cujo tronco uma trepadeira se enroscára, cinjindo-o, e subira até ao leque das folhas. Chegada á cópa do coqueiro, a trepadeira, aberta em flor, pendia de todos os lados, balouçando molemente corimbo escarlates.

Serafim parou. Seu olhar, ordinariamente duro, inundou-se de uma infinita doçura; passou-lhe pelos labios como que a sombra dum leve sorrizo; ele deixou escapar, murmurada voluptuosamente, uma palavra solta, sem sentido:

— Assim...

Um murmurio de vozes despertou-o da cismadora contemplação em que ficára enlevado por instantes. Dois homens, alterados numa altercação, disputavam perto, com palavras asperas, furiozas.

Do ponto onde estava, Serafim não os podia ver. Contornando a encosta do morro, o caminho decia em zigue-zague. Serafim achava-se na parte superior do zigue-zague, a briga dava-se embaixo, na parte inferior, encoberta pelo barranco e pelo mato.

As palavras, porém, chegavam-lhe distintamente:

— Canalha! Já disse e não retiro! bradava uma das vozes.

— Canalha é você, ladrão! respondia a outra.

— Não repita!

— Repito.

— Não repita, que lhe quebro a cara.

— Quaes quebra nada.

— Tu não é homem p'ra mim...

— Sou homem p'ra dois como você...

Apressando o passo, Serafim dobrou a volta do caminho, e avistou, no meio deste, os dois contendores. Conheceu um, o João do Caruára, antigo dezordeiro, brigador avalentado. Grosso, entroncado, com a cabeça baixa, dava ares de touro que vai arremeter. Tinha a mão direita no cabo da faca suspensa á cintura. O outro, desconhecido para Serafim, fazia frente ao do Caruára, com o peito arquejante na camiza entreaberta, os olhos fuzilando, uma espuma de raiva nos cantos da boca. Com o braço direito estendido a todo comprimento, a mão crispada segurava o cabo de um remo, cuja ponta apoiava com força no chão.

Serafim largou o baú, e correu para apartar a briga. Mas a uma palavra obscena que o outro sibilára, o desconhecido ergueu raivozamente o remo, armou uma pancada formidável que ia despedaçar a cabeça do adversario... Não teve tempo. Rapidamente, com uma agilidade felina, João do Caruára sacou da cinta a faca, cravou-lh'a no peito, saltou para traz, embrenhou-se no mato.

O remo bamboleou no ar, soltou-se da mão. Esta deceu bruscamente sobre a ferida, que jorrava sangue, pouzou um momento, caiu inerte. O desconhecido, com a boca escancarada, de onde corria uma espuma sangrenta, com os olhos arregalados, como querendo saltar das orbitas, oscilou e cahiu nos braços de Serafim, que chegava.

A facada varára o coração; a agonia foi curta. Quando conheceu que o ferido tinha espirado, Serafim arrastou o cadaver, do caminho lavado de sol, para a sombra, alfombrada de musgos, de um guapuruvú isolado entre arbustos. Estendeu-o aí, fechando-lhe piedozamente os olhos. Apanhou a caixa dos aparelhos de pesca, e o puçá, que o desconhecido largára no chão para brigar, e guardou-os, juntamente com o remo, escondidos numa mouta de craguatás. Em seguida, ficou um pedaço contemplando o morto, e monologando:

— Não conheço esta cara. Coitado, teve a sua baixa do serviço na vida. Também é preciso ter a alma bem na flôr da pele para levar a breca assim tão de repente... Ah, paizano, si você tivesse andado por lá, como eu, havia de aprender a respirar mesmo com dois furos desses na barriga...

Foi buscar o baú, que deixára atraz, e seguiu. Ao passar na proximidade da sombra, onde deitára o morto, descobriu-se. Mas, não disse mais nada. Ia já novamente absorvido, pensando em Thereza.

Chegado ao alto do morro, estacou. Espraiou um largo olhar, que abranjia tudo, sobre a cazaria espalhada em baixo, salpicando, com os tons claros das paredes caiadas e o amarelo enfumaçado dos tetos de sapé, a verdura da varjem. Pela beira do jundú, na praia, que o mar ajitado franjava de ondas espumantes, canôas descancavam sobre os rolos, redes secavam ao sol, estiradas nos varais. Ao lonje, na fonte, que decia do morro cascadeando, mulheres lavavam; e, dispersas aqui e ali, refuljiam brancuras de roupas estendidas ao sol sobre o capim ondulante.

Num deslumbramento, Serafim esfregou os olhos. Parecia-lhe que despertava de um sonho. Era bem a sua praia que ali estava; era bem a sua vida de outrora, que revivia... Mas, a pouco e pouco, o seu olhar se foi fixando: no meio de todas as couzas que recuperava, Serafim passou a ver, unicamente, a cazinha branca, entre pitangueiras, lá para o canto da praia, onde Thereza morava...

A primeira caza, quazi encostada á aba do morro, era a do Manoel Pedro, principal personagem do lugar, pratico em couzas do mar, homem de bom conselho nas couzas da vida, e dono, além de tudo, da rêde grande. O velho pescador ezercia sobre a população da praia uma verdadeira autoridade de chefe de tribu, que todos espontanea-

mente lhe reconheciam. Em tudo a que se prendia um interesse coletivo, cabia-lhe a iniciativa, ou a direção.

Quando Serafim chegou, Manoel Pedro sentado na soleira da porta, preparava para as pescarias do costão, descascando-a pachorrentamente, uma vara queimada de bacopari. Serafim aproximou-se, e, postado em frente do pescador, perguntou-lhe:

— Então, *seu* Manoel, não me conhece?

O outro fitou-o com um olhar frio, e abanou negativamente a cabeça.

— Sou Serafim.

Manoel Pedro encostou a vara de bacopari, levantou-se, estendeu a mão:

— Pois seja bemvindo.

E com os pequenos olhos pardos fitos no rosto do ex-soldado:

— E' mesmo, é Serafim. Pois não reconheci. Também, quem hávera de dizer. Você saiu daqui rapazote, diziam que tinha morrido na guerra... E agora, de repente, aparece vivo, homem feito, de barba na cara. Vamos entrar.

E deu o exemplo. Serafim, depondo no chão o baú, seguiu-o. E Manoel Pedro, encarando-o risonho:

— Ora, já se viu como a barba muda a feição de uma pessoa. Sente, que eu vou mandar arranjar café.

E entrou para o interior da caza, deixando Serafim só, no meio da sala, sem dar ao ex-soldado tempo de contar-lhe que havia ali perto o corpo de um assassinado. Ancozo por fazer a comunicação, desembaraçar-se, e seguir para diante, Serafim nem se sentou. Esperou, de pé, pelo pescador, que voltou logo, seguido por um pequeno de dez anos, cujo olhar curiozo ficou parado, fixando, com injenua admiração, a figura do hospede.'

— Sente, insistiu Manoel Pedro. O café tem pouca demora, mas você ha de vir cançado do estirão que andou, do Buracão até aqui...

Serafim sentou-se.

— Topei com um homem morto, quazi no caminho, perto daqui...

— Um homem morto?

— Matado. Com uma facada.

— Conheceu quem era?

— Não conheci.

— Quem será? murmurou Manoel Pedro, apreensivo.

E, depois de uma pausa:

— E' preciso ir buscar o corpo. Vá ali no compadre Camilo — disse dirijindo-se ao pequenote — e avize a ele que chegue aqui. E' cazo de pressa.

E voltou para o interior da caza, de onde trouxe, acabando de o enrolar, um pano de vela.

Camilo chegou, ficou inteirado em poucas palavras do que havia. Os dois pescadores pediram a Serafim que os acompanhasse para guial-os ao ponto em que se achava o cadaver. Sairam os trez.

— Que noticias me dão do meu padrinho? perguntou Serafim.

— Morreu de umas maleitas brabas, vai fazer trez anos pela quaresma, respondeu Manoel Pedro. E foi pena, porque era rijo, e haveria de botar lonje si não fosse a doença.

Serafim não disse nada; apenas se lhe assombrou levemente o rosto. Depois de um curto silencio, tornou a perguntar:

— E o Jozé Benedito?

— Vai bem.

Era o pai de Thereza. O nome desta subiu do coração de Serafim para os labios: ia pronuncial-o, pedir noticias dela. Mas o seu acanhamento de retraído venceu-o. Veiu-lhe uma subita repugnancia de revelar a anciedade que sentia, de fazer a dóis estranhos a confidencia do seu amor. Arrependeu-se mesmo de ter perguntado por Jozé Benedito, mostrando por este um interesse em que se traía o seu afeto pela filha.

E calou-se.

Emquanto galgavam a subida do morro, Manoel Pedro e Camilo iam interrogando Serafim. Metido comsigo, e brusco, como sempre, o ex-soldado respondia-lhes em frases curtas, ás vezes por monossilabos. Ao fim de vinte minutos de caminho e de perguntas, os dois pescadores sabiam da vida de Serafim e da guerra, pouco mais do que na vespera.

Chegaram junto do guapuruvú, a cuja sombra jazia o cadaver.

— Anselmo! bradou Camilo recuando, espantado, ao reconhecer o morto.

— E' o Anselmo, confirmou Manoel Pedro. Coitado, rapaz de poucos anos e de tanta vida, com dous filhos...

E, de repente, o seu olhar, esprimindo como que uma idéa vaga que se acentuava, que tomava corpo, passou da figura do morto para o rosto de Serafim, do rosto de Serafim para os olhos de Camilo. Este compreendeu, sem duvida. Quando o ex-soldado se abaixava, estendendo o braço para tirar da mouta de craguatás, onde os escondera, a caixa, o puçá e o remo do morto, appareceu-lhe ao longo da manga uma mancha de sangue ainda fresco. Ficara-lhe ela de ter Serafim amparado o moribundo no momento do assassinato.

Camilo, disfarçadamente, mostrou a Manoel Pedro aquele sangue, dizendo em voz baixa:

— Olhe, compadre.

O outro olhou. E, tambem em voz baixa, murmurou:

— Já reparei.

Estenderam o pano da vela; nele pozeram o cadaver. Camilo e Manoel Pedro carregaram a rêde improvisada. Atraz, Serafim conduzia os objetos do morto.

— Como é que você pôde dar com o corpo assim afastado do caminho? perguntou, subitamente Manoel Pedro, parando e voltando o rosto para Serafim.

Este demorou em responder. Não dezejava, de fôrma alguma, ser denunciante; e por isso evitára contar que as-

sistira ao assassinato, que tomára no caso uma parte qualquer. Sem entrar em explicações, havia-se limitado a dizer laconicamente que encontrára um morto. E agora a pergunta de Manoel Pedro embarçava-o.

Os dois pescadores ficaram olhando para Serafim; os seus olhos procuravam na fisionomia do ex-soldado a resposta que este estudava e estava tardando a dar. Afinal, Serafim explicou :

— Não vê que eu quiz ver a cachoeira, no ponto em que ela cái da laje, ali adiante. Entrei no mato. Logo nos primeiros passos dei com o morto.

Era uma resposta. Os dous ouviram-n'a em silencio e recommçaram a andar.

As duas noticias emocionantes, de que resuscitára Serafim, e de que havia sido ali perto morto um homem, que ainda se não sabia quem era, corriam já na praia toda. Serafim, Manoel Pedro e Camilo encontraram apinhadas á boca do caminho umas vinte pessoas, anciando de curiosidade.

Houve rapidas palavras de boas vindas dirijidas a Serafim. E cada um exprimia o seu espanto e a sua compaixão, ao reconhecer no semblante desfigurado do morto as feições de Anselmo. Explodiram frases de indignação contra o desconhecido assassino, conjeturas sobre quem seria, ameaças vagas, pragas rogadas com furor...

O corpo foi deposto sobre um catre forrado de uma esteira, na sala de Manoel Pedro. E, enquanto a um aceno do velho pescador, varios homens, dos mais idozos, o acompanhavam para uma sombra de murteiras, na frente da caza, onde ficaram conferenciando em voz baixa, a mulher de Manoel Pedro dirijia-se a Serafim :

— O café está quentinho. Sente um pouco que já vem. Serafim sentou-se e esperou.

Pela janela aberta, via o grupo de pescadores que conferenciavam animadamente. O borborinho das palavras, pronunciadas em segredo, chegava-lhe confuzamente ao ouvido. Serafim apenas compreendia que se tratava da morte de Anselmo, de conjeturas sobre o autor ignorado do crime, de providencias a tomar.

— Ha de ser bem custozo, pensava ele, atinarem que foi o João do Caruára. Ninguem viu, sinão eu; e ele não deixou signal nenhum...

Depois da pequena demora, o café veiu. Serafim esgotou a tijela de louça branca com ramajens cor de rosa e levantou-se.

— Obrigado, sinhá Rita. Até logo todos.

E saiu.

Quando fóra da porta, abaixava-se para apanhar o baú, que deixára no chão, chegou-se-lhe Manoel Pedro, acompanhado dos demais pescadores; e batendo-lhe no hombro, o velho disse, com voz firme, a Serafim:

— Esteje prezo.

Serafim olhou estupefacto. Não podia acreditar que o pescador falasse a sério; mas não lhe parecia tambem que a ocazião fosse propria para um gracejo.

— Prezo, eu? perguntou entre espantado e incredulo.

— Você mesmo.

— Prezo porque?

— Porque foi você que matou o Anselmo.

E vinte vozes apoiaram Manoel Pedro:

— De certo que foi! — Não foi outro! — Ninguem é cego p'ra não vêr o que está entrando pelos olhos! — Não negue, que é asneira!

Todos os presentes, cujo numero aumentava sem cesar com os que vinham chegando, cercaram Serafim. Um côro tumultuozo de imprecações, um granizo de frases que o condenavam, caiu sobre a sua cabeça.

— Vejam só, foi á guerra aprender a ser matador. — Soldado sempre foi gente de má casta. — E este então, que

sempre foi um boi sonso, um casmurro de cara torcida. — Nem bem chegado, já matou um. — Deve ir prezo! — Ha de ir! — Ha de ir!

— Esteje prezo, repetiu Manoel Pedro.

Serafim sacudiu os hombros, no gesto de quem cede a uma força maior do que a sua vontade.

Para desfazer aquela acuação absurda, para aplacar aquele assanhado furor da gente de sua terra, que contra ele tempestuava logo no momento da sua chegada, não tinha outro recurso que não fosse dizer o nome do assassino, contar o cazo como o prezenciára. Repugnava-lhe vivamente o papel de denunciante. Mas que fazer? Não tinha outra defeza. E resolveu-se.

— Pois eu sei quem matou o homem. Foi...

Mas, interrompeu-se, enguliu o resto da fraze. Por entre os troncos de murteiras, caminhando para o lado dele, apparecêra Thereza. A alma de Serafim concentrou-se, rezumiuse toda no olhar, que se embebeu na figura da moça. Pareceu-lhe esta mais bonita do que nunca, no desenvolvimento das fórmias opulentas, no brilho dos grandes olhos pretos, numa desmaiada palidez que a fazia mais branca, branca de marmore... Nas feições alteradas de Thereza, Serafim adivinhou, sentiu, viu — toda a ternura de outrora, ardente e fiel, revelando-se na comoção em que a sua chegada imprevista alvoroçava o coração da noiva.

E deu um passo para Thereza.

Mas a moça, com um andar incerto em que os tamanhos arrastavam no chão, passou por Serafim sem olhar, entrou a porta, foi direita ao cadaver de Anselmo, e, atirando-se sobre ele, debulhada em pranto, abraçando-o e beijando-o, num desespero que lhe fazia tremer o corpo todo, teve um grito lancinante:

— Meu marido!...

Mulheres e crianças, ao contajio da dor de Thereza, romperam então numa vozeria de gemidos, num côo de lamentos. Frazes soltas, em vozes entrecortadas de choro, comentavam o fim triste do morto, lembravam as suas boas qualidades, lastimavam a sorte da viuva, com os seus dous filhinhos sem pai...

Serafim viera até á porta. Com os braços abertos, as mãos firmadas nos dous batentes, via e ouvia tudo, assombrado, num atordoamento. Só aos poucos o seu cerebro foi saindo do torpor em que o submerjira o imprevisito, o espantozo da cena. Começou afinal, a compreender, num dezalento em que tudo parecia desmoronar-lhe em cima, a terrivel, irremediavel situação: Thereza, esquecida do seu amor nos braços de outro; o morto, recebendo ali, diante de seus olhos, toda a apaixonada ternura que ele, Serafim, contava encontrar fiel; a natural suspeita, tão servida pelas circumstancias do acazo, que o apontava como assassino do que se tornára marido de sua noiva...

De repente, Thereza ergueu-se. Voltada para Serafim, com os olhos fuzilando odio, num gesto desesperado, em que atirava as mãos acima da cabeça, bradou:

— Malvado! Matador! Malvado!

E tornou para o morto, caiu sobre ele, abraçando-o e beijando-o sofregamente, afogada em soluços.

Serafim abaixou a cabeça, deixou pender os braços.

Em seu coração esmagado começou a surgir um sentimento estranho. Olhou para as proprias mãos, viu-as limpas, e teve pena, pena de que não estivessem tintas, enso-padas no sangue de Anselmo... Pareceu-lhe que lhe seria deliciozo ter sido ele mesmo o verdadeiro assassino, ter varado ele mesmo o coração daquele que, vivo, lhe roubára a noiva; morto, ainda o esbulhava do desesperado carinho, da arrebatada paixão que ali soluçava e se estorcia; e, mesmo enterrado, apodrecido debaixo do chão, estaria ainda assim vinculado para sempre ao coração e á vida de Thereza, pelos dous filhos que lhe deixava...

Fitando a moça, que abraçava furiozamente o cadaver, e alagava de lagrimas e cobria de beijos o rosto desfeito do marido, Serafim pensava:

— Devia ser eu! Devia ser eu! O João do Caruára se adiantou, tomou uma tarefa que era minha...

A idéa de ser para sempre, aos olhos de todos, o assassino de Anselmo, penetrou-o de uma dolorosa voluptuosidade. A perspectiva da força ou das galés atraiu-o com uma atração vertijinoza de abismo... Invadiu-lhe a alma, apoderou-se de toda ela, uma desesperada sêde de sofrimento, de mais, de mais sofrimento...

Voltando-se para os homens, que desde a chegada de Thereza se conservavam mudos e imoveis, fóra da porta, Serafim falou:

— Fui eu mesmo. Matei quem roubou minha noiva... Matei, está acabado... Si ele tivesse outra vida, eu matava outra vez... Podem-me levar pr'a Justiça.

JULIO RIBEIRO
E
O PADRE SENNA FREITAS

I

Ja nas vespervas da morte, Julio Ribeiro me confiou a honroza missão de defender dos ataques do ultramontanismo interesseiro a memoria da sua independencia espiritual. O saudozo escritor, sentindo-se morrer, temia que sobre o seu tumulto a exploração clerical fosse cantar uma finjida vitoria; e dezejava, com empenho, evitar que o seu nome de lutador, verdadeiro patrimonio da ciencia e do livre pensamento, servisse para engalanar como trofeu de uma falsa conquista a decadencia do credo romano.

Até aos derradeiros momentos, Julio Ribeiro conservou a inteiriça plenitude das suas convicções filozóficas, e manteve a sua firmeza de ateu impenitente. Não o apavorou a proximidade da morte; não lhe intimidou a alma enerjica a hipótese de uma outra vida, na qual fosse chamado a dar contas do seu crime de ateismo. Na fulguração do seu espirito, que fulgurou até estinguir-se, a superstição não encontrou falha por onde penetrasse. A longa e tormentoza enfermidade a que sucumbiu não pôde, até que o matou, perturbar-lhe a lucidez das ideias ou vergar-lhe a rijidez do animo.

Certa vez, surjiu na alcova em que o eminente publicista devia espirar poucos dias depois, a sotaina agoureira de um jezuita. Julio Ribeiro, com a penetração que o ca-

raterizou sempre, viu nessa inesperada visita, feita sob pretexto de consolação a um moribundo, o verdadeiro motivo que a ditava. Ele compreendeu que em torno do seu nome, que breve seria um despojo mortuario, começava já a adejar um vôo sinistro de corvos...

Chamou-me com urgência, por um bilhete lacónico. Apressei-me em atender ao chamado. Do leito de onde não devia sair sinão para a sepultura, Julio Ribeiro incumbiu-me de defender a sua memoria contra as tentativas, que ele previa se fariam, como em tantos cazos semelhantes, para criar uma lenda da sua conversão. — «Veja, disse-me ele, a tristeza de ser pobre. A falta de recursos obrigou-me a entregar um filho á educação gratuita do Colejio de Itú. O reitor daquele estabelecimento julgou-se autorizado pelo favor que me presta a perturbar a minha agonia, enviando-me um emissario incumbido de me reconciliar com a Igreja. Acredito que os padres tentarão explorar o meu nome, apregoando que me aproximei afinal das suas cren-dices. Defenda a minha memoria. Afirme que eu morri sem reconhecer o Deus absurdo do cristianismo».

No mesmo dia em que devia morrer, horas antes do seu trespasse, recebeu Julio Ribeiro a visita do snr. padre Senna Freitas. Que foi fazer o snr. padre Senna Freitas á cabeceira de Julio Ribeiro moribundo? Era ele, porventura, um amigo levando as suas despedidas a outro que se apresentava para a grande viagem da morte? Ia, como admirador, render preito derradeiro a um talento digno de sua admiração, e que bruxoleava prestes a estinguir-se? Ministro de Cristo redemtor, pretendia apenas oferecer o balsamo da relijião á agonia de um crente?

Não. O visitante era menos dezinteressado do que isso. Membro ativo da Igreja, buscava conquistar para ela o prestijio de uma conversão ligada a um nome significa-

tivo; representante do clero, esperava poder enlaçar numa retratação que faria rumor as palavras desconexas de um agonizante. O intuito da sua vizita aparece claramente revelado no efeito que dela procurou o snr. padre Senna Freitas tirar, aproveitando-a para um artigo de imprensa, traçado com habilidade, e no qual pouco se afirma, mas insinua-se muitissimo.

O sr. padre Senna Freitas tenta, com arte, fazer acreditar que Julio Ribeiro, nos ultimos tempos de sua vida, liberta a alma das paixões que a tinham ajitado, na serenidade que dá a proximidade da morte, renegara o seu passado de materialista e enveredara para a religião pelo caminho do arrependimento. Cumpro a promessa que fiz ao illustre pensador, pondo a minha pena humilde no serviço de refutar a lenda com que se pretende comprometer a sua memoria disfarçando a verdade. Não é ezato que Julio Ribeiro tivesse morrido cristão, ou com algum pendor para se aproximar do cristianismo. Ele morreu percebendo nos Evangelhos, e admirando-a, apenas a abundante poezia que ali palpita.

II

Tivesse o snr. padre Senna Freitas afirmado unicamente, no seu depoimento prestado espontaneamente perante o publico, que Julio Ribeiro manifestava nos ultimos tempos uma pronunciada tendencia para o néo-budismo, e que essa tendencia importava numa dezerção do ateismo e numa aproximação para o cristianismo; e eu poderia, conservando-me na rejão da doutrina, dirijir todo o meu esforço no sentido de procurar demonstrar que, de parte do snr. Senna Freitas, só havia um erro de apreciação.

Nesse terreno franqueado a uma ampla discussão pessoal, eu trataria apenas de provar que a nova tendencia intelectual de Julio Ribeiro não o afastava das concepções fundamentais do naturalismo monista; e que a simpatia do

illustre pensador pelo budismo científico, longe de ser um sentimento relijiozo, era um simples movimento de curiosidade filozofica, nada incompativel com as suas idéas de materialista.

Infelizmente, o snr. padre Senna Freitas deu á questão um caracter mais estreito, procurando fundamentar a pretendida conversão de Julio Ribeiro em pequenos fatos, que refere como testemunha. E, nem se contentando com interpretar tais fatos, S. Revma. ajeita-os, transforma-os, substitue-os mesmo. Penetro a contragosto nesse incomodo terreno, em que sou forçado a provar que a pequena historia narrada pelo snr. Senna Freitas é um tecido de equívocos.

O snr. Senna Freitas, equivocou-se muito, e muitas vezes. O seu desejo de ver o nome laureado de Julio Ribeiro enramando a corôa de glorias da Igreja encheu-lhe o espirito de piedozas fantazias. Pareceu-lhe ver o famozo escritor, ao fim da sua aspera jornada pela vida tempestuoza, debruçar-se estenuado sobre a fonte do cristianismo, a pedir-lhe algumas gotas de consolação e de esperança. Os olhos do snr. Senna Freitas sonharam que a presença de um padre junto ao leito em que agonizava Julio Ribeiro tornou este tímido, primeiro, e, em seguida, lhe foi agradável. Os seus ouvidos de sacerdote sonharam que, prestes a ezalar a alma, o eminente pensador chamava pelo Cristo, e apelava para Deus...

Tudo isso não foi mais do que um sonho, de que me cumpre fazer o snr. Senna Freitas acordar. Julio Ribeiro não morreu cristão, nem inclinado, levemente que fosse, para o lado do cristianismo. Ele, que tinha declarado: «A educação me criou católico; a leitura da Biblia tornou-me protestante; a razão fez-me ateu» — conservou até morrer o uzo da sua razão. Os fatos que o snr. Senna Freitas alega em apoio do contrario não são fatos, e sim iluzões de que foi vítima o digno sacerdote — como passamos a ver.

Conta o snr. Senna Freitas que recebêra ha seis mezes, por intermedio de um colega seu, a seguinte declaração: «Diga ao padre Senna Freitas que não sou mais o ateu Julio Ribeiro, sim o cristão Julio Ribeiro». Tal declaração, feita nesses termos peremptorios, ou em quaisquer outros com sentido identico ou mesmo remotamente semelhante, não podia ter partido, e não partiu do grande filólogo. Que não partiu, afirmo-o com autorização de uma pessoa cuja palavra é duplamente digna de respeito: porque essa pessoa foi a companheira desvelada de Julio Ribeiro vivo, como sua espoza, e porque lhe compete, de direito, velar pela memoria de Julio Ribeiro morto, como sua viuva. Que não podia ter partido de Julio Ribeiro aquela retratação, asseguro-o fundado em pormenores que equivalem, pela sua flagrante significação, a uma demonstração pozitiva.

Em consequencia de uma discussão pela imprensa, discussão que de literaria dejenerara em pessoal e atinjira os extremos da violencia, Julio Ribeiro — é dezagradavel mas é precizo dizel-o — votava ao padre Senna Freitas uma antipatia vivissima, que se não disfarçava, e que nem a proximidade da morte conseguiu amortecer. Recebendo, ha seis mezes, em Sorocaba, uma carta em que aquele sacerdote lhe pedia licença para vizital-o, recuzou Julio Ribeiro, terminantemente, essa vizita de conciliação que se lhe oferecia. Fez mais. la passando, na rua, uma procissão; e ele, por curiozidade, chegou-se para a janela. De parando-se-lhe o snr. Senna Freitas, que figurava na procissão, Julio Ribeiro reentrou bruscamente para o interior da caza, afim de não o ver. E' admissivel que o illustre escritor entremeasse de recados amaveis tão vivas manifestações de dezagrado?

O proprio snr. padre Senna Freitas confessa que Julio Ribeiro pareceu ficar admirado quando o viu no quarto em que agonizava. Porque? Pois não fôra provocada essa vizita, tornada naturalissima, desde que ele enviara ao snr.

Senna Freitas, por uma embaixada, não já amavel, mas humilde, a certeza de sua reconciliação e a noticia da sua volta de ovelha tresmalhada ao cristianismo?

A verdade, porem, é que Julio Ribeiro não ficou apenas admirado com a vizita do snr. Senna Freitas. A sua impressão foi mais forte. Devo dizel-o, ainda que me peze: o eminente pensador manifestou sem disfarce o desgosto que lhe cauzava a prezença do snr. Senna Freitas. Reconhecendo a vizita, voltou-lhe o rosto; ia tomar uma poção, e tentou o snr. Senna Freitas dar-lh'a: o enfermo recuzou, e preferiu servir-se da poção, com extrema dificuldade, pela sua propria mão enfraquecida, de moribundo.

O snr. Senna Freitas e o medico assistente puzeram-se a palestrar sobre a molestia de Julio Ribeiro; este pediu-lhes que falassem mais baixo. Fizeram-lhe a vontade; e o enfermo, instantes depois, incomodado ainda, pediu-lhes que não falassem perto dele. Tão vizivel era o dezagrado de Julio Ribeiro, que sua espoza se viu forçada a fazer delicadamente retirar-se o snr. Senna Freitas para outro compartimento da caza. Será crível que ha seis mezes tivesse enviado ao snr. Senna Freitas um recado amavel quem, até á hora deciziva da morte, conservou contra aquele sacerdote um tão manifesto sentimento de intranzijente antipatia?

Informa ainda o snr. Senna Freitas que, durante a sua estada no quarto do moribundo, ouviu deste, pronunciadas distintamente, as exclamações: *Ai, Jesus! Jesus me valha!* E' um simples equivoco, de que o snr. Senna Freitas procura tirar conclusões — ou fazel-as tirar a quem o lê. O que perceberam as demais pessoas presentes é que o enfermo, alanceado de dores, exclamava: *Ai, Jesus!* Não era uma fraze formulando uma idéa, esprimindo uma opinião, referindo-se a uma crença; era uma interjeição manifestando instintivamente um estado fisico de sofrimento. «A inter-

jeição», escreveu o proprio Julio Ribeiro na sua *Grammatica*, «não representa idéa, não envolve noção; é articulação instintiva, é grito animal.»

Mais conta o snr. Senna Freitas que o medico assistente lhe chamou, no momento, a atenção para aquelas exclamações de Julio Ribeiro. E' ainda um equívoco. O medico assistente, snr. dr. Silverio Fontes, chamou realmente a atenção do snr. Senna Freitas, mas chamou-a para palavras do doente que denotavam manter-se ainda neste uma grande lucidez de espirito. E' o que confirma o notavel facultativo em documento que acompanha este escrito.

Estão desfeitos os frajeis suportes em que o snr. padre Senna Freitas procurou assentar como fato a suposta conversão de Julio Ribeiro. Os insignificantes incidentes trazidos a publico pelo digno sacerdote, ainda quando fossem a expressão rigorosa da verdade, só teriam serventia como elementos primordiais na formação de uma lenda criada e mantida fóra de qualquer intervenção do senso critico. A' luz da razão, que poderiam significar atos e palavras exprimindo sensações de um organismo no auge da decadencia, prestes a entrar em dissolução, e em cujo cerebro começava a anoutecer a grande noute que é a morte; que poderiam significar, á luz da razão, esses atos e essas palavras, em confronto com as idéas concientes, com as convicções afirmadas, com as doutrinas sustentadas durante a plenitude de uma vida de pensador, na força de um organismo são e de uma intelijencia senhora de si mesma?

Mas nem esse vago carater de simples elementos para uma lenda quero deixar-lhes; e assim cumpro a vontade espessa de Julio Ribeiro. Destrúo pela raiz uma versão que não é a da verdade. A verdade é que Julio Ribeiro, uma vez liberto de preconceitos relijiozos o seu espirito,

nunca mais se aproximou do cristianismo, de qualquer das fórmulas do cristianismo.

E' precisamente o snr. Senna Freitas quem menos me poderá contestar. Si fosse ezato que Julio Ribeiro pouco antes de espirar se sentia cristão; si fosse admissivel que o snr. Senna Freitas assim o acreditou; porque não procurou sua Revma. encaminhar para o terreno da relijião o espirito do moribundo, preferindo, como preferiu, ele, padre, entreter-se em palestra scientifica com o medico assistente? Porque não proporcionou áquele crente que ia entrar na outra vida as consoladoras promessas da relijião que nessa nova e definitiva existencia o salvaria? Porque, em momento tão propicio á pratica do seu ministerio sacerdotal, se despojou da sua qualidade de sacerdote, para só se dirigir, como homem, como letrado, como admirador, a Julio Ribeiro que morria, a Julio Ribeiro, que fôra um valente escritor, a Julio Ribeiro, que tinha sido um sabio — titulos esses dos quais nenhum lhe garantia entrada no ceu?

O snr. Senna Freitas nem tentou a esperiencia de falar em assunto relijiozo ao enfermo, naquela alcova já quasi mortuaria, para onde levou, em carater particular, a sua vizita, feita não se sabe ao certo com que sentido; e de onde saiu para, como membro da Igreja, propagar por meio da imprensa a lenda de uma conversão fantastica. Julio Ribeiro previu que sobre sua memoria se tentaria fundar a lenda de uma retratação de ultima hora; e incumbiu-me de destruir essa lenda. Do honroso encargo, que com empenho ele me conferiu e eu recebi com promessa de esforçar-me por cumpril-o, procurei dezempenhar-me nestas linhas, ás quais porei remate afirmando que Julio Ribeiro morreu, como nos ultimos anos vivêra, inteiramente, convencidamente, declaradamente ateu.

NOTA: — O escrito acima foi acompanhado, na publicação, do seguinte documento:

Santos, 10 de Novembro de 1890.

Illm. Sr. Dr. Silverio Fontes.

Peço-lhe o obsequio de me declarar, com relação aos ultimos momentos de Julio Ribeiro, a que assistiu na qualidade de seu medico:

1.º

Si ouviu ao eminente escriptor a phrase: «Jesus me valha»?

2.º

Si chamou a attenção do revmo. padre Senna Freitas para alguma phrase em que Julio Ribeiro manifestasse crença religiosa;

3.º

Si o revmo. padre Senna Freitas deu a absolvição catholica ao agonisante, ou praticou algum acto do seu ministerio sacerdotal, emquanto Julio Ribeiro esteve no goso das suas faculdades psychicas;

4.º

Si é exacto que a exma. esposa de Julio Ribeiro, chamando de parte a v. s., lhe pediu que ficasse á cabeceira de seu marido, emquanto ella se retirava com o revmo. padre Senna Freitas, cuja presença estava sendo visivelmente desagradavel ao moribundo;

5.º

Si Julio Ribeiro se lhe revelou alguma vez christão:

6.º

Si em conversa, elle não lhe declarou terminantemente, mais de uma vez que conservava as suas idéas contrarias á doutrina do christianismo.
Respondendo-me v. s. muito obrigará

Ao amigo e vndr.
Vicente de Carvalho.

Illm. Sr. Dr. Vicente de Carvalho.

S. C. em Santos, 10 de Novembro de 1890.

Admirador da erudição de Julio Ribeiro, tive innumeradas vezes occasião de apreciar, á luz da sciencia hodierna, a orientação de sua vigorosa intelligencia.

Livre pensador, o pranteado philologo ha muito distanciara-se tanto da anarchia metaphysica, como da retrogração theologica.

Durante sua longa enfermidade, em numerosas discussões sobre assumptos scientificos, nunca revelou pendor para a doutrina christã.

Em resposta aos quesitos propostos, affirmo:

1.º

Que não ouvi o eminente escriptor pronunciar a phrase «Jesus me valha»; mas, sim, com exclamação de dor, ai Jesus!;

2.º

Que apenas chamei a attenção do revmo. padre Senna Freitas para os pensamentos perfeitamente concatenados e que demonstravam pleno uso das funcções psychicas, sem referencia a crenças religiosas;

3.º

Que só num dos momentos em que o illustre pensador perdeu os sentidos e apresentou signaes de morte apparente, o revmo. recitou uma oração em latim, enquanto eu submettia o enfermo á acção de ether, de cafeina e de trinitina, empregados, com excellente resultado, por via hypodermica.

4.º

Que, em verdade, a exm.^a esposa me informou que a presença do revmo. contrariava sobremodo seu marido, e que julgou prudente convidar o visitante a retirar-se para uma sala proxima.

Prejudicado.

Ao 5.º

Prejudicado.

Ao 6.º

Satisfeito, desta sorte, o pedido de v. s., subscrevo-me

Am.º att.º e cr.º
Dr. Silverio Fontes.

T

UM ANO DEPOIS

Ha quazi dez anos, escrevia Assis Brazil no seu ece-lente livro *Republica Federal*: «Dizem que a republica não terá o magico poder de transformar momentaneamente o miserando estado, a pessima educação da nossa sociedade... Na verdade, não se eliminam de um dia para outro habi-tos inveterados. Os primeiros dias da republica podem ser mesmo tão criticos como os atuais da monarchia...»

A Republica sucedeu á monarchia eliminada; e os fa-tos estão mostrando que tinham razão as apreensões do valente propagandista republicano. Dói-nos dizel-o. An-tigo e ardoroso soldado da democracia, os erros da Repu-blica não nos deziludiram, nem nos abalaram as crenças. Apenas nos entristecem. Não era licito a um espirito em que o entusiasmo não sufocou o bom senso, esperar que a Republica se estresse com a prospera bonança que a democracia promete aos povos. Devia-se contar com dias dificeis na implantação da fórmula republicana. Mas, si os dias dificeis eram de temer, agora que chegaram, é natural nos entristeçam; porque, força é reconhecel-o, os males que sentimos não parecem defeitos passageiros, inherentes á dezordem de uma mudança de rejimen em si mesma, e á falta de tempo que ainda não permitiu assentar em ba-zes seguras a nova ordem de couzas. Esses males mani-festam-se com o carater assustador de sintomas acuzando

a existencia de um vicio constitucional no organismo da nação.

«Uma das mais apreciaveis virtudes da republica, escrevia Assis Brasil, é a moralização do carater nacional». Nada mais verosimil; nada mais flagrantemente desmentido pelo movimento politico iniciado em 15 de Novembro e que dura ha um ano. Concorreu essa revolução pacifica para alentar o sentimento da dignidade civica, para restaurar o carater nacional, para criar o sonhado prestijio da soberania popular? Não. Antes reforçou a idéa deprimidamente de que os governos, que a doutrina apregoa meros prepostos do povo, são, muito ao contrario disso, os unicos dominadores. Antes confirmou em convicção a desconfiança pessimista de que a opinião nacional flutua á mercê de todos os ventos, e segue docilmente a opinião de todos os vencedores. O que o advento da Republica fez, sem ilusão possivel, foi cavar mais fundo a indifferente descrença do povo no que se chama enfaticamente os seus direitos. O que ele conseguiu, foi arraigar na opinião publica a consciencia da sua nulidade e da sua impotencia. Era de prever que, assenhoreando-se o dominio dos fatos, nele se estreassem os republicanos cometendo erros, erros praticados de boa fé, proprios de quem dá os primeiros passos em terreno desconhecido; mas devia-se esperar que mantivessem, tão perto da escola doutrinaria de civismo, que foi a propaganda, um austero respeito dos principios. A inauguração do novo rejimen tem sido, sob esse ponto de vista, uma surpresa e uma dezilusão. O começo da Republica faz com que se olhe apreensivamente para o seu futuro como para uma grande sombra.

De certo, doze mezes decorridos são espaço de tempo insufficiente para permitir que se formule juizo definitivo e se determine a significação historica de um acontecimento

complexo qual foi a substituição acontecida em 15 de Novembro, quer sob o aspeto das causas que o determinaram, ou das circumstancias em que se produziu, ou ainda dos resultados que já deu e que promete. Os elementos estão ainda muito próximos de nós, acham-se ainda muito envolvidos em nossas idéas e em nossos sentimentos, para que os possamos julgar por completo e com izenção. Sem pretender enunciar uma apreciação definitiva com relação ás causas de se haver feito a Republica como se fez, apontaremos alguns elementos componentes desse acontecimento, que foi simultaneamente um successo de politicos e um insuccesso nacional.

E' evidente que a aspiração republicana, circumscrita a um pequeno grupo, mas procurando constantemente agitar o espirito popular, foi um dos fatores apreciaveis do acontecimento que estudamos. A substituição do Imperio pela Republica não se resumiu, como tantos querem que tenha sido, em mero produto de uma revolta militar. O exercito foi o braço que ezeudou: mas esse braço, impeliu-o o pensamento que trabalhava desde 1870. Afastar a coparticipação do partido republicano na revolução, negar a parte eficaz que nela lhe coube, é falsear a historia, vendo os fatos apenas na sua materialidade exterior. O que, porém, não se póde sem ezajero é attribuir á aspiração democratica o papel de elemento preponderante no estabelecimento do novo rejimen e na rapida consolidação da Republica.

A idéa republicana estava circumscrita, como deixámos dito, num pequeno grupo; e tinha contra si a má vontade manifesta de um grande numero, e a indiferença absoluta de uma grande parte do paiz. Ser-lhe-ia de todo impossivel realizar e firmar a sua obra sobre os seus proprios elementos unicamente. Insignificante como numero, perdido na massa dos elementos contrarios, o partido republicano era incapaz de levar a cabo, por si só, a tarefa de reorganizar o paiz, e mesmo de substituir a Monarquia

acastelada no poder. Em 1888, as dificuldades naturais eram acrecidas por impecilhos de ocasião. O Visconde de Ouro Preto iniciara uma politica de reacção contra a propaganda republicana; e essa politica encontrara éco e apoio na opinião publica. As urnas o demonstraram cabalmente. Conseguindo, com as suas reformas financeiras, impulsionar um notavel movimento economico, e levantar o credito do paiz, o estadista liberal cercara-se de grandes interesses muito generalizados, e captara a confiança das forças conservadoras. E' essa uma verdade tão patente que reziste a qualquer sofisma.

Foi precisamente no ponto culminante de seu prestijio, que a ultima situação da Monarquia, próspera nas finanças, vitorioza nas urnas, armada com um programa de refórmias liberais, inspirando confiança ao paiz, recebeu o choque do imprevisto movimento revolucionario. A ocasião não podia ser menos azada. Comtudo, a Monarquia foi derrocada ao primeiro embate, a conspiração triunfou sem rezistencia, a Republica se estabeleceu sem embaraços. Infelizmente, a epoca dos milagres passou, e cumpre á historia procurar as cauzas naturais dos fatos aparentemente inesplicaveis. O dedo da Providencia está ha muito apozentado, e já não é licito imputar-lhe a responsabilidade das couzas que se passam debaixo do ceu, e muito lonje do ceu. Não foi o dedo da Providencia que enxertou em nossa historia paca-tissima o subito e assombrozo enraizamento da Republica.

O apoio incondicional, que encontrou no entusiasmo subito de todo o paiz a Republica triunfante no terreno dos fatos, tem sido atribuido vagamente á falta de carater na nação. Esta esplicação é, sem duvida, fundada, mas insufficiente. Um povo não deixa de ter carater como um individuo, por simples cauzas fiziojicas ligadas á conformação cerebral. As cauzas, nesse cazo de patolojia social, devem ser procuradas, não na antropolojia, mas na historia. A deformidade moral que apresentamos não é um carateristico da raça, mas um produto de circumstancias

esteriores. A inesperada, pressuroza, unanime adezão com que o paiz recebeu a Republica não foi apenas um sinal de leviandade ou de inconstancia: denunciou-nos como um povo sem civismo, tendo unicamente, em materia de idéas, a inconciencia do seu destino, e dominado, em materia de sentimentos, pelo mais rastejante servilismo, a mais indifferente aquieciencia ao despotismo dos fatos consumados, á vontade dos que detêm o poder. Uma verdade, que o 15 de Novembro deixou á vista mais uma vez, é que ocilamos á mercê do acaso, como um ser inconciente que só vive e só se desenvolve materialmente, deixando-nos levar sem o emprego de um esforço, sem uma tentativa de rezistencia, sem a aspiração de dirijir o nosso flutuante movimento na historia.

A retorica, muitas vezes sincera mas injenua, dos propagandistas republicanos, attribuia á corrupção do Imperio o abatimento do carater nacional. Tal esplicação era um recurso da propaganda, e como tal já cumpriu a sua missão. Si nessa qualidade tinha o valor de um argumento frizante, transportada para a rejião mais pozitiva da indagação historica, fica reduzida ás proporções de elemento muito secundario. A corrupção imperial era insufficiente para levar o organismo nacional ao ponto de intoxicação a que ele chegou. Não ha grandes efeitos de pequenas causas. Acreditar que a influencia da politica imperial conseguiu dissolver o espirito da nação, equivale a supôr as azas de um corvo capazes de produzir um eclipse solar. Depois do terceiro imperio, cognominado o baixo imperio, o povo francez dispunha ainda de elementos morais bastantes para fazer a esplozão do fanatismo comunista, e para organizar a atual republica contra as rezistencias que se lhe opunham. Entre nós, nem rezistencia, nem luta. O povo, que não podia ver no advento da Republica a realização do seu idéal, aceitou-a alegremente, como quem se senta á meza de um banquete. O paiz aderiu, não á Republica, mas ao governo. Não houve choque de idéas, de senti-

mentos, de interesses superiores: houve converjencia de pequenos interesses individuais formando como uma grande podridão coletiva em fermentação. E' o triste espetáculo que ha um ano damos ao mundo.

Faz-se mister procurar mais lonje, e mais fundo do que a simples influencia da politica imperial, as cauzas do abatimento moral, que aqui nos limitamos a constatar, e que mais para diante destas linhas estudaremos e procuraremos explicar.

Por outro lado, a cauzas tambem profundas, e não a motivos ocasionais, se deve attribuir a ineficacia da revolução, a inanidade do novo rejimen, a sua ação contraproducente em confronto com a doutrina. A Republica eliminou a dinastia privilegiada; e rezumiu-se nisso quanto fazia esperar das suas promessas. As demais reformas que ella ezeceutou, federação, liberdade de cultos, casamento civil, grande naturalização, faziam parte dos programas liberais; idéas indispensaveis á organização democratica, nem porisso eram incompativeis com o regimen monarchico. Não foi propriamente para as realizar que a Republica se fez. A tarefa da revolução era mais ampla: incumbia-lhe, sobretudo, substituir ao poder pessoal de um individuo, imposto pelo acaso do nascimento, a vontade soberana da nação. Ora a Republica, decretando liberdades populares teoricas, concentrou de fato o poder nas mãos do chefe do Estado. Ninguém negará que o snr. Deodoro da Fonseca dispõi de uma força absoluta que o ex-imperador nunca possuiu; e que o governo da Republica se vê investido de influencia como não a teve nenhum dos governos monarchicos. Nesse ponto, a revolução errou o seu alvo, e fez o contrario do que era o seu fito. Em lugar de servir a soberania da opinião, que o Imperio finjia reconhecer, a Republica eliminou-a.

Cumpria ao novo rejimen inaugurar a rejeneração do

carater nacional, que a monarquia estragava. Entretanto, pela prova, que provocou, de submissa inercia da nação em face do poder material, fez lavrar mais intensamente a descrença em que se iam diluindo na consciencia nacional os ultimos vestijios da nossa fé civica. O nivel moral baixou com o estabelecimento da Republica. E' um fato que entra pelos olhos. O governo republicano, investido no poder em nome de principios austeros, na pratica deu curso á noção lamentavel de que a falta de carater é um titulo de benemerencia, o servilismo, uma escada, a honestidade, um obstaculo e uma parvoice. Na luta pela vida, vence o mais subserviente.

Acuzando a monarquia de sofismar o sufrajio, a revolução propunha-se restituir ao povo a liberdade de opinião pelo respeito á verdade eleitoral; entretanto, amordaçando-a primeiro, e captando em seguida a imprensa, preparou a primeira eleição da Republica de modo a deixar soberana a prepotencia governamental, empregou todos os meios de corrupção e de pressão, e fez para Constituinte incumbida, em doutrina, de organizar a Nação em nome da Nação, uma camara unanime, composta de fieis obedientes á ditadura. A representação continúa a ser, e é mais do que nunca, uma apparencia. Como quazi todos os governos da Monarquia, os governos da Republica disporão sempre, em quaisquer circumstancias, de grandes maiorias esmagadas e esmagadoras.

Alega-se que a Republica, decretando a Constituição, deu-nos liberdades de que a Monarquia nos privava. Examine-se, porem, de perto, o que corresponde, como fato, a essa palavra prestijioza de liberdade. E' ezato que a revolução nos deu um Código politico fundido em moldes liberais; mas essa doação teorica, feita por um poder sem limites materiais ou morais, não oferece garantias de que seja ezecutada na pratica. Não temos, por tradição ou por indole, respeito á força espirital da lei. Seria injenuidade acreditar que a decretação de uma lei é tudo, e que o or-

ganismo vivo dos povos se modifica pela simples virtude de algumas frases da legislação. No terreno dos fatos, a liberdade continúa, e mais do que nunca, auzente da nação; o governo, que decretou uma Constituição liberal, mantém-se alheio aos ditames dessa Constituição; e a formidável maquina governamental, funcionando tão á revelia da opinião publica como de principios, é dirigida pela vontade sem peias dos governantes.

O governo fez a Constituição como lhe aprouve, e applica-a como quer; organizou o Congresso como lhe convinha; hipotecou por largos anos as finanças do paiz; vai impor, que tanto vale fazel-o eleger pelos que, á sua vontade oppressiva, investiu em orgams da soberania nacional, o chefe constitucional da Nação. Que se hade imaginar que ele não possa fazer sem obstaculos, e assim os seus successores? A soberania da vontade popular não se recebe do ceu ou da lei: conquista-se. A pacata revolução de 15 de Novembro não conseguiu estimular o espirito publico até um esforço qualquer nesse sentido. E' até preciso convir que, nesse ponto de vista, o paiz perdeu mais do que ganhou: a aspiração republicana era um dique posto aos abuzos do Imperio, um terreno de cultura para os ideais dos que descriam não de nós mesmos, como povo, mas da monarquia, como doença curavel do nosso organismo. Hoje, o governo da Republica não tem diques que se oponham á sua vontade: para onde quer que ele arraste a Nação, encontrará todas as facilidades do apoio interesseiro de muitos, e a dezanimada indiferença dos restantes.

Ha, por certo, em tudo isso, responsabilidade dos que, tendo feito a Republica, nela se aboletaram como em paiz conquistado. Mas seria critica bem estreita a que visse nas qualidades pessoais de alguns individuos as orijens de um estado social manifestado tão estensamente. Lonje vai o tempo em que se viam, «no sonho de Dario, na vitora de Cleopatra, no abcesso de Francisco I, os verdadeiros fatores dos acontecimentos»... No organismo das

sociedades, na larga evolução da historia, os individuos, por maiores que os façam o genio ou a posição, representam o papel de atomos perdidos na imensidade da materia. Já o velho Montesquieu dizia: «Ha causas gerais, sejam morais, sejam fisicas, que ajem sobre cada povo, que o elevam, o mantêm, ou o precipitam; todos os accidentes estão submetidos a essas causas... A direção geral dos acontecimentos arrasta consigo todos os accidentes particulares.»

Humboldt, estudando as causas do descobrimento da America, dá um ezemplo sugestivo de quanto, contra as apparencias, cabem pouco á influencia pessoal de um individuo os grandes fatos da historia:

«E' preciso considerar, escreve Humboldt, o grande numero de homens ouzados que desenvolveram simultaneamente nos espiritos a liberdade de pensar, e o dezejo forte de penetrar os fenomenos da natureza; as influencias que ezerceram nas fontes mais profundas da vida intelectual a renacença da filolojia grega na Italia, a invenção da imprensa, um conhecimento mais amplo da Azia Oriental, derramado pelos monjes mandados como embaixadores junto aos príncipes mongois, e pelos viajantes comerciaes, orijinarios de territorios do sudoeste da Europa, cujos povos, em relações de comercio com todos os paizes conhecidos, nutriam vivo dezejo de descobrir caminho mais curto para o paiz das especiarias. Cumpre não esquecer o que no seculo XV favoreceu essa aspiração — o progresso da arte nautica, o aperfeiçoamento dos instrumentos de navegação, magneticos e astronomicos, a applicação de metodos positivos para determinar o ponto em que se achava no mar um navio, e o uzo mais generalizado das efemerides solares e lunares».

O que decide da sorte dos povos e da evolução das sociedades não é a influencia izolada de alguns individuos. Nem são os governos que, na acepção rigorosa do termo, dirijem os povos: «Os rejimens sociais, como diz Litré,

são independentes dos governos; estes não os dirijem, são dirijidos por eles». Buckle exprime pensamento identico por outras palavras: «Os individuos que governam um paiz são sempre, nas circumstancias ordinarias, habitantes desse paiz, alimentados pela sua literatura, educados nas suas tradições, imbuidos dos seus preconceitos; tais homens não são criadores, são creaturas do seu tempo e do seu meio»...

Estamos, pois, diante de dous fatos de significação profunda: de um lado, a auezão pressuroza, entuziastica, incondicional, de um grande paiz monarquista á Republica proclamada por meia duzia de batalhões que a ouzada iniciativa de alguns republicanos e o prestijio de um general valente manejaram. De outro lado, a Republica, triunfante sem rezistencias, ajindo livremente sem obstaculos que a desviassem do seu rumo, e que fracassa por completo como realização das suas promessas, como ezeução do seu programa, como pozitivação da sua sinceridade, como afirmação da sua capacidade para servir aos ideais democraticos. Devemos pedir á nossa historia a espiciação de tais fatos, cuja apparencia é de anomalias incompreensiveis; e ela nol-a dará, em conceito que só pela superficie é pessimista e dezanizador.

O grande defeito nacional, que em tão deprimentes manifestações se revela, consiste fundamentalmente na organização artificial da nossa individualidade como nação. Sobre o egoismo, que fórma o elemento básico da evolução humana, para o sentimento nacional, que a dirije no sentido do desenvolvimento coletivo. A solidariedade da especie é mal definida, vaga, insufficiente. *Homo hominis lupus*. A solidariedade nacional, ao contrario, é um laço estreito que reúne na aspiração de um destino superior comum a variedade dos egoismos dispersos. Nas sociedades organizadas sobre o sentimento religioso, Deus era o ponto

de atração para onde tendiam os esforços pelo aperfeiçoamento moral. No mundo atual, em que a religião se vai reduzindo a um vestígio, a idéa de Deus foi substituída pelo ideal da Pátria.

Como, porém, se faz a solidariedade nacional? De que elementos se compõe? Lonje vai o tempo em que a espada dos reis

No mapa das nações traçava as raias.

O laço político é demasiadamente fróuxo para ligar os povos; póde soldar as regiões, conquistar o solo, formar de pedaços diversos da terra a unidade física de um paiz. Mas alguma couza paira em esféra superior á sua influencia: é a coêzão moral, que só rezulta de remotas oriens, da identidade da raça e da lingua, das idéas e dos interesses, das tradições de um passado comum e da consciencia do mesmo destino. O Brazil é uma agremiação artificial de fragmentos. A raça primitiva ramificou-se; nas diversas regiões, sob a influencia de fatores diferentes que entraram dezigualmente na sua composição, e das condições físicas que a têm modificado em varias direções. A lingua vai pouco a pouco perdendo a sua unidade, deixando-se enxertar de elementos locais, já perceptíveis. Não ha uma corrente geral de idéas ou de sentimentos. Não eziste comunidade de interesses economicos ou políticos. A diversidade de solo, de clima, de densidade e aptidão das populações, determina a independencia, ás vezes antagonismo, dos interesses de produção e de expansão economica. As distancias enormes, a variedade de colocação e de fronteiras, afrouxam, quando não dezatam, os laços comuns relativos ás relações internacionais, de comércio e de guerra. Não ha tradições coletivas, capazes de reunir sob a mesma bandeira, de congregar em torno da mesma gloria comum, as populações disseminadas nas diversas regiões do paiz.

Dous fatos predominantes salientam-se em nossa historia: a Independencia, que foi uma farça, e a guerra do

Paraguai, que terminou por ser uma barbara montaria contra Solano Lopes. Mirrado florão de glorias que a tão pouco se reduz! E, no entanto, as varias rejiões em que a natureza, e mais do que ela a historia, divide o paiz, têm o seu patrimonio moral feito de tradições locais que afirmam as suas qualidades e lhes impõem o culto do passado. O paulista tem de que sentir-se orgulhoso de o ser, como o pernambucano, ou o rio-grandense, ou o mineiro, que aqui destacamos só a titulo de ezemplos. Ser brasileiro, porém, é uma qualidade negativa, que nada esprime de positivo, de concreto.

Buckle — o illustre historiador que já citámos acima — escreveu a respeito do Brazil umas palavras dezoladoras.

«Os ventos alizios, diz ele, soprando sobre a costa oriental da America do Sul, atravessam o oceano Atlantico, e atingem a terra sobrecarregados de vapor, que se acumulou na passajem; chegando á terra, esse vapor transforma-se periodicamente em chuvas; e, como estas não podem avançar para oeste, por cauza da cadeia gigantesca dos Andes, que lhes embargam a passajem, derramam toda a sua humidade sobre o Brazil. Essa alimentação abundante, auxiliada pela rede vastissima de rios, particular á parte oriental da America, e acompanhada pelo calor, dá ao sólo brasileiro uma fecundidade que nenhuma outra rejião do globo iguala. O Brazil é coberto de uma vejetação luxuriante, cuja profuzão é incrível. O desenvolvimento vegetal é tão vigoroso e tão extraordinario, que a natureza parece entregar-se a uma desregrada orjia de fecundidade.

«Arvores magnificas, de uma florecencia sem rival, brotam seus frutos com prodigalidade sem rival. Os troncos são carregados de trepadeiras, de cipós, de parasitas, onde formigam inumeraveis criaturas vivas. Juncam suas lagoas e suas florestas reptis singulares, serpentes de uma beleza perigoza, animaes ferozes tão numerosos que parece impossivel serem algum dia esterminados.

«No meio dessa pompa, desse esplendor da natureza, não ha lugar para o homem, reduzido, pelas grandezas que o rodeam, á insignificancia. As forças que se lhe opõem são tão formidaveis, que ele nunca poude resistir-lhes á pressão. O Brazil não apresenta vestijios de ter tido jamais uma civilização. Seus primitivos habitantes são selvajens errantes, incapazes de lutar com os obstaculos que a propria riqueza natural lhes ergue no caminho.

«E essas dificuldades são por tal forma serias, que, durante mais de trezentos annos, os recursos europeus têm procurado em vão destruil-as. No litoral, os europeus estabeleceram tal ou qual civilização; mas, ainda mesmo imperfeita como é, essa civilização não conseguiu penetrar o interior..... Nesse paiz as causas fisicas são tão poderosas que foi até hoje impossivel ao homem escapar aos efeitos de sua ação combinada.

«As montanhas são dificeis de escalar, os rios, pela sua estrema largura, dificeis de transpor com pontes. Tudo se reúne para dezanimar o espirito humano, para reprimir a sua ambição. A enerjia da natureza embaraça o genio do homem. Em parte alguma se vê um tal contraste entre a pujança do mundo exterior e a fraqueza do mundo interior.»

Proseguindo nesse pensamento Buckle chega á conclusão de que o Brazil, sob a malefica influencia das suas poderosas condições fisicas, está condenado a não ser nunca o *habitat* duma raça forte. Será realmente essa a cauza primordial de todos os nossos males, da nossa nulidade de nação, da indiferença marasmatica que distingue o caracter do povo brasileiro?

Não o acreditamos. Buckle argumenta com a influencia dos nossos rios, que se não pôdem transpôr, das nossas montanhas, que se não pôdem escalar, da onipotencia vejetativa das nossas terras, que se não pôde dominar. São recursos oratorios, e não verdades; literatura, e de modo nenhum razões convincentes. O nosso grande

defeito consiste em sermos um amalgama de quantidades heterojeneas. Temos sido, em verdade, um povo nulo na historia da civilização. Naturalizadas brasileiras, as melhores idéas se adulteram, como acaba de succeder com o advento da Republica. O distintivo da politica nacional é a indiferença, a sujeição servil aos fatos consumados; em suma, a falta de patriotismo e de ideal. Segundo nolo mostra a nossa historia, somos um povo sem patriotismo, porque somos um povo sem patria; mas o que falta á generalidade do todo, eziste, carateristicamente, em muitas das suas partes consideradas izoladamente.

A falta de solidariedade nacional entre as diversas rejiões, unidas apenas artificialmente pelo laço politico, esplica esta ausencia de carater civico que nos distingue, e a consequente passividade com que aceitamos todas as reformas traduzidas em fato. Os negocios do Brazil não nos inspiram mais do que a tenue simpatia que votamos ás prosperidades ou ás desgraças de um vizinho. Esta lei domina toda a nossa historia. Todas as ajitações verdadeiramente enerjicas que sacudiram o torpor natural do paiz foram diretamente inspiradas no sentimento separatista. A nossa historia não aprezentam um só movimento de entusiasmo coletivo. As revoluções verdadeiras de que ela polula foram sempre movimentos rejionaes, escluzivos e escluzivistas. Esta circumstancia indica que não eziste homojenidade nacional no paiz considerado como todo; e demonstra por outro lado que a aspiração separatista é capaz de um esforço muito acima do nivel moral do conjunto. As unicas revoluções brasileiras são deploravelmente chatas: 1822 e 1889 são, apezar de toda a boa vontade dos sentimentalistas, e de toda a retorica dos interessados, duas manchas negras na historia da America Portugueza. Todos os povos tinjiram de sangue generozo a historia de sua independencia: nós comprámos a nossa. No seio das nações que têm a alma forte, a democracia é uma conquista do amor á liberdade: para nós, a republica foi uma

concessão da inercia e da covardia. As revoluções separatistas, ou, pelo menos, izoladas, como a Inconfidencia, a Republica do Equador, a de Piratiny, o movimento de 1842, viveram de entusiasmo patriotico, palpitarão de enerjico sentimento nacional, produziram lutas e produziram martires. Somos um amalgama de povos desviados do seu destino. Todas as vezes que uma rejião se vê acidentalmente colocada na direçãõ da aspiraçãõ separatista, aparece o sentimento da nacionalidade, que a vida em comum abafa e sepulta.

O Brazil é, afinal de contas, o senhorio de uma vasta propriedade que cada um ocupa unicamente em parte. Zelamos da nossa caza, interessamo-nos por ela — sem nos importar muito o modo como vão os negocios do senhorio. Que a propriedade se ache hipotecada a uma dinastia, ou a uma ditadura, que o senhorio a dezempenhe ou não, — só nos interessa sob o ponto de vista das vantajens ou desvantajens que disso rezultam para o nosso predio: queremos o aluguel módico, dezejamos viver o mais confortavelmente que for possivel em nossa caza. O advento da Republica só conseguiu despertar algum interesse pelo lado da autonomia dos estados. As reformas teoricas, que procuraram realizar na lei principios abstratos da democracia, ficaram sem eco. Para o paiz, no seu bom senso intuitivo, a unica couza seria da Republica é a promessa de decentralisaçãõ.

A consolidaçãõ da Republica foi, não uma vitoria da democracia, mas uma conquista do poder. O novo rejimen cimentou-se, não na conciencia nacional, mas no abandono, na inercia, na indiferença e no servilismo.

E' um edificio construido sobre a arêa, e que virá abaixo ao primeiro choque. E' possivel que o choque não venha a dar-se; mas não é impossivel que ele se dê. Basta para isso que o ezercito o queira. Qualquer revoluçãõ que se apodere do tezouro — será uma revoluçãõ triunfante, pouco importa que fale em nome da liberdade ou em nome da tirania. Washington ou Napoleão encontrariam aqui o

caminho igualmente entretecido de flores, atapetado de aplausos servis, dezimpedido de obstaculos.

A' mesma cauza, que produz a indiferença disso que se diz o povo brasileiro pelo seu destino politico, se deve attribuir a ineficacia da revolução e a inanidade do novo regimen. A mesma incapacidade moral, a mesma incapacidade intelectual, revelam-se no acontecimento de 15 de Novembro como em todas as manifestações coletivas do amalgame brasileiro. Os principios dominantes que pretendiam dirijir a revolução foram absorvidos pela massa da nossa moleza inconsistente. A Republica não veiu de um movimento nacional conciente e enerjico; nada mais facil do que arrancar-a do organismo onde não tem realmente raizes. O edificio, erguido sem custo pela ouzadia de alguns homens sobre a apatia da nação, póde desmoronar-se de um momento para outro.

Eis porque dizemos que a revolução de Novembro só conseguiu eliminar a dinastia reinante. Seria banalissimo attribuir essa impotencia da revolução aos defeitos e á incapacidade daqueles a quem as circumstancias incumbiram a tarefa de a organizar e dirijir. E' mais razoavel levar-a á conta de defeito organico da massa brasileira, verdadeiro monstrengo incapaz de produzir couzas que se vejam.

Não faltará quem nos acuze de negro pessimismo; não faltará quem suponha nossos olhos cobertos de uma nuvem atravez da qual só aparecem sombras. Nada mais erroneo. Pessimistas, são os que descrêm da nossa raça; pessimistas, são os que desprezam sem remissão o nosso povo, são os que afastam da alma toda a esperanza de re-jeneração nacional, e cruzam os braços na rezignação do dezanimo, acreditando que o vicio está nos homens e não nas couzas.

Lonje desses, o humilde escritor destas linhas tem confiança no sentimento nacional, porque acredita no separatismo. Descrente do pequeno movimento de 15 de Novembro, ele crê numa revolução que desperte o sangue

amortecido de nossas veias, que faça bater fortemente o nosso coração, que ilumine a nossa alma de sentimentos elevados. E, no fundo do seu espirito, ele guarda, viva no meio de ilusões mortas, a esperança da Patria livre, a aspiração da Patria Paulista (1).

Santos, 15 de Novembro de 1890.

(1) O tom desse escrito, publicado no *Diario da Manhã*, de Santos, revela sobejamente o entusiasmo juvenil pela solução separatista, a cujo credo o autor, muito moço, e mau grado o estabelecimento da republica federativa, em que não confiava, se mantinha fiel. O separatismo grassou com intensidade durante os ultimos anos da monarquia; pouco tempo antes de proclamar-se a Republica, esteve aquela idéa a pique de a adotar oficialmente em seu programa o partido republicano de São Paulo.

BRAZ CUBAS

Meus senhores (1). Há mais de trezentos anos, num recanto da desconhecida, da quazi fabulosa América, um desses aventureiros, que para imorredoura glória do seu nome e para eterna fulguração de sua história o pequeno Portugal espalhava, através de mares nunca dantes navegados, por lonjínquas terras virjens de civilização, lançou ao solo pantanozo de uma obscura ilha, meio escondida entre serras que por assim dizer a abafavam, a semente de uma povoação.

Foi, de certo, alguma cabana tosca, amassada em grosseira taipa, coberta de sapé humilde, e cujos vestíjios materiais o tempo destruiu de todo... Mal poderia imaginar o aventureiro, que a plantou no chão, que daquela pequenina semente germinaria um foco do formigueiro humano, que daquela mísera cabana dezabrocharia uma opulenta cidade, que o que ele amassava em frájl taipa era um monumento em que se perpetuaria a sua memória... Chamava-se Braz Cubas esse aventureiro; Santos é a posteridade glorioza daquela cabana humilde.

(1) Este escrito reproduz, como, aliás, pelo testo se perceberia sem custo, discurso pronunciado na inauguração de uma *loja maçónica*.

Os trez seculos até hoje decorridos fizeram, com certeza, muito pela obra de Braz Cubas, porque o tempo é o grande fecundador de todo o progresso; mas tudo que esses trez seculos fizeram foi, em sintheze, dar razão ao fundador da cidade de Santos... Braz Cubas era um utopista, um desses espiritos superiores á realidade, que poetizam o presente e abrem caminhos para o futuro. Lançando os fundamentos da povoação que criava, ele teve sem duvida a intuição de que punha em contato essas duas grandes forças: a riqueza ainda latente do vasto sertão que era o planalto paulista — e o mar; isto é, uma das mais fertes regiões da terra — e o caminho para todo o resto do mundo...

A obra de Braz Cubas foi a primeira pedra de um edificio que seria, por igual, forçozamente grande de grandeza material, e forçozamente belo, da beleza moral que o tempo não destrói. Porque Braz Cubas teve a soberba compreensão de que, como nem só de pão vive o homem, nem só de riqueza vivem os povos: no meio das toscas vivendas em que se abrigavam os primeiros homens que traziam a esta terra ainda virjem o esforço do seu braço, e as mulheres que traziam ao novo nucleo solar, em começo de formação na nebulosa da America, a fecundidade do seu amor, — no meio dessas cabanas destinadas a gerar um grande emporio de comercio, Braz Cubas implantou duas instituições que traçariam á nova povoação o seu destino moral: uma Igreja, e uma caza de caridade.

Uma torre branca, erguida dentre as humildes cabanas, pairando acima de todos os tétos como o espirito paira acima de toda a materia, apontava o ceu, o ceu dezerto para o olhar, mas povoado de vizõis magnificas para a alma feliz dos que creem... Sobre a mataria brava das varjens de Ingáguassú, acostumadas apenas a reboar com o ruído das

féras e com o grito de guerra dos selvajens, vibrou no ar leve das claras manhãs e no socego melancólico das tardes a voz sonóra do sino cristão — arauto dos interesses da alma nesse ajuntamento semi-barbaro de homens votados á conquista da riqueza...

E a torre branca, e o sino sonóro, a todos os momentos diziam:

«Em meio do esforço que empregais para tirar ao seio fecundo da terra os seus tezouros, no deslumbramento das vossas ambições, na existencia sertaneja em que os vossos instintos se sentem livres de todas as peias da sociedade, — não esqueçais que o homem é uma alma servida passageiramente por um corpo, não deslembreis que tendes a cumprir um destino superior á vida material, não violeis uma lei suprema que a toda parte vos acompanha, porque está dentro de vós mesmos... A riqueza á uma bela conquista: fazeia-a. Mas a conquista do ceu, prometida aos bons, aos justos, aos humildes de coração, pelo melhor dos homens, pelo mais justos dos juizes, pelo mais benigno dos deuzes, por Cristo, é mais bela ainda, não a desprezeis» ...

Ao lado da igreja que, em meio dessa aglomeração semibarbara de cabanas, interpretava a formosa poezia do espiritalismo cristão, e representava assim a mais alta civilização desse tempo e de todos os tempos — ergueu Braz Cubas o hospital da Mizericordia. Junto da каза de Deus, o templo da humanidade.

Os povos obedecem, em todo o decurso de sua historia, á influencia e aos impulsos de sua orijem. Santos confirma essa regra. O que distingue acima de tudo a nossa cidade, não é a opulencia da sua riqueza, não é a

atividade do seu comercio, meros resultados desse acazo da natureza representado pela posição geografica... O que a distingue acima de tudo — é o espirito da sua população, espirito que ela herdou, herdeira feliz, daquelas duas instituições primordiais com que Braz Cubas traçou indelevelmente o seu destino moral.

Da humilde igreja, que foi contemporanea das suas primeiras cabanas, vieram, para constituir por assim dizer o fundo da nossa natureza psicologica, essas virtudes tão cristãs e tão santistas: o culto do ideal pelo amor das idéas elevadas, o sentimento de justiça, a independencia, o desprezo das vaidades mundanas, a doçura dos costumes, numa palavra — a espiritualização da vida pela supremacia da alma.

Da Misericordia, que foi irmã gêmea dessa humilde, dessa fecunda igreja; do hospital, que foi naquele pequeno mundo semibarbaro uma eloquente afirmação da solidariedade humana; que corporificou a abnegação dos fortes em favor dos desprotejididos, o concurso de todos em beneficio dos que padecem, — herdou Santos a generosidade proverbial que a distingue, que faz dela, por assim dizer, a patria da caridade, a Terra Promettida aos naufragos da vida...

A obra de Braz Cubas triunfou em toda a linha. Um soberbo futuro deu razão a essa audacioza tentativa de implantar no solo pantanozo de uma obscura ilha, izolada, de um lado pelo mar, de outro pelas escarpas de Parana-piacaba, — um fóco de civilização. O futuro só dá razão aos que realmente a têm. A historia não é um produto do acazo. O tempo esboroa os monumentos de pedra, car-

come os monumentos de bronze, varre as grandezas materiais, esfaréla em poeira tudo que é feito de poeira... Só as criações que têm alicerces na alma são eternas.

O nome de Braz Cubas, dado a esta loja maçônica pelos que a criaram, não significa apenas uma homenagem á memoria do criador da cidade de Santos. Tem alguma couza de instintivamente simbolico a escolha desse nome — do nome do feliz sementeiro de um grão de areia que se fez montanha, do predestinado arquiteto de uma cabana que se fez cidade...

Como ele, com os olhos erguidos para o futuro, iniciamos a nossa colaboração numa grande obra; como ele, pomos a nossa obra sob uma dupla éjide: a afirmação do aperfeiçoamento humano; a afirmação da supremacia do bem. Deixemos que rosne o pessimismo dos pessimistas: de dia para dia os homens se tornam melhores. A civilização caminha incessantemente; e a civilização não consiste no desenvolvimento da instrução, no conhecimento mais vasto das pequenas verdades materiais — como pretende o pedantismo científico que nos legou o século XIX; a civilização não é a força do individualismo apregoada como supremo idéal por uma filosofia desvairada; nem é a riqueza, em que a resume o industrialismo absorvente que arrasta uma porção transviada dos homens e dos povos... A civilização é o alargamento da simpatia e da bondade no coração humano. Só realiza um progresso quem se torna melhor.

Todas as conquistas do homem sobre a natureza são secundarias: só é verdadeiramente grande a conquista do homem sobre si mesmo pelo esmagamento progressivo do

egoismo. Toda a tentativa que se esforce para estabelecer o reinado definitivo do bem é uma tentativa destinada a triunfar afinal; porque é uma lei iniludível a força moral que arrasta irresistivelmente a humanidade para o seu aperfeiçoamento, isto é, para a sua felicidade...

A vida do homem assemelha-se, ainda e por enquanto, a um grande mar batido de tufões, ajitado de ondas furiosas, de paixões que desvairam, de egoismos que se chocam, de forças brutais que procuram impor-se, de odios que se dezencadeiam, e rujem, e ferem... Nesse ajitado mar, a maçonaria é como uma tranquila enseada, onde se encontram e onde encontram abrigo — a abnegação dos fortes e a fraqueza dos humildes, o espirito da concordia, o ideal superior da fraternidade. Para a maçonaria, não existem as raças, não se incompatibilizam as religiões, não ha fronteiras politicas: o que para ela existe é uma humanidade com um destino comum e uma patria comum — uma só humanidade desterrada num mundo hostile, condenada a este grande sofrimento, que é a vida...

Penetrando o Templo, cada um de nós, maçons, sacóde no limiar o pó mundano das suas sandalias; e conserva apenas comsigo a unica couza digna de preocupar vigorosamente a alma: o sentimento altruistico dos grandes interesses humanos. Nós sabemos que sobre todas as conquistas que fazem o orgulho dos homens, sobre todo o progresso material que consubstancia a chamada grandeza das nações, paira essa conquista cada vez maior da humanidade — a bondade triunfando do egoismo — como sobre todas as couzas da terra paira a serenidade luminosa do ceu estrelado...

Santos — 1901.

POETAS PAULISTAS

Iniciando com o seu folhetim de hoje uma simpática vulgarização de versos de poetas paulistas, pede-me a *Tribuna* algumas linhas como de prefácio; e eu escrevo-as, não a título de apresentação, descabida tratando-se, como se trata, de nomes quasi todos vantajosamente conhecidos, mas como um simples e ligeiro comentario.

Não faltará a quem pareça levemente paradoxal a união dos dois vocabulos — *paulistas* e *poetas*, porque a muita gente, e com apparencia de razão, se antolhará a nossa terra como fadada pela caprichosa natureza e pelo esquizito gosto dos homens — a só produzir café e prezidentes da Republica.

Mas aquella apparencia não corresponde á verdade das couzas. Ao lado dessas duas luxuriantes vejetações tão genuinamente paulistas, e que formam os dous grandes flores das nossas glorias de momento, viceja a flor modesta e duradoura da poezia.

A nossa geração tem a honra de conter em seu seio uma farta coleção de cultores do Metro e da Rima; nessa coleção se destacam luminosamente dous nomes de mulher:

D. Zalina Rolim e **D. Francisca Julia**. — A primeira escreveu *Coração*, um livro de versos liricos cheios de espontaneidade e doçura. Faz parte desse volume o soneto *Pomba ferida*, que é quasi celebre, e que revelou a poetiza ao publico, logo que foi publicado e de todos os

lados transcrito em jornais. Esse soneto, pela delicadeza do pensamento, que uma fôrma simples e encantadora veste admiravelmente, é uma verdadeira joia, e resume as qualidades da autora (1). Professora durante alguns anos na *Escola Modelo*, **D. Zalina Rolim** foi levada por essa circunstancia a cultivar a literatura infantil, produzindo nesse genero versos e proza em que continuou a revelar o seu talento espontaneo e gracioso. Despoçando mais tarde um dos membros mais distintos da nossa alta majistratura, calou-se — para o publico pelo menos. E' cazo de se pedir aos deuzes propicios que não tenha sido apenas um desfastio da descuidada mocidade aquele culto do Verso que fez o *Coração*, e que tantos outros formozos livros prometia...

D. Francisca Julia é autora dos *Marmores*, um livro forte. Não sei que haja na poezia brasileira mais vigoroso e lejítimo representante do parnagianismo. E' é interessante que pelas mãos delicadas de uma senhora seja vazada em versos que lembram o brilho metalico do aço a poezia menos sentimental da nossa literatura. O verso da poetiza dos *Marmores* é sempre sonóro, de uma sonoridade belicoza de clarim. Nele, as palavras faiscam com um fulgor de pedraria.

(1) Eis o soneto :

Pomba ferida

Ella veiu cahir tremula, exangue
Juncto a um craveiro aberto em rubras flores.
Tinha entre as pennas humidas de sangue,
Das petalas do cravo as rubras cores.

O moribundo olhar ennevoado,
Todo a tremer de inquietação, volvia
Para os beirões fronteiros do telhado,
De onde queixoso pipilar partia . . .

Batendo as azas, arquejante, anciado,
Rápido chega, exausto, allucinado,
— O companheiro que o lamento ouvira :

E a pobre, que a esperal-o á dor resiste,
Soergue ao vel-o a cabecinha triste,
E, as brancas azas agitando, expira . . .

Em algumas resumidas linhas não se pode dizer de tão poderosa individualidade literaria sinão, como aqui faço, palavras de entusiasmo.

Dado ás duas ilustres poetizas o logar que lhes compete nesta cronica, que os seus nomes femininos iluminam, recorro precavidamente á ordem alfabetica para distribuir logares aos do sexo feio. Eu sei bem, e um pouco por experiencia propria, quanto é viva e suceptivel a vaidade dos poetas... Não me arrisco a pôr o nome de um depois do nome de outro — sem ser escudado na ordem insignificativa em que o insuspeito batismo os colocou. Si algum não ficar contente com a colocação, será perfeitamente o cazo de se ir queixar ao bispo.

Alberto Souza é santista, e muito conhecido do nosso publico, principalmente como prozador brilhante e fluente. A sua obra em proza consta de um belo livro — *Brazil-Paraguay*, de alguns folhetos, entre os quaes se destaca o *Positivismo e Espiritualismo*, e de grande numero de cronicas, de artigos de critica e de polemica esparsos no jornalismo desta cidade e da capital. Algumas das suas polemicas fizeram epoca pela vivacidade do estilo e pela mordacidade da verve. Alberto Souza tem mais de trinta anos, mas procura chegar aos vinte e cinco remoçando um ano em cada seis mezes. Creio que ainda não tem cabelos brancos, mas não o garanto; porque ele promete arrancar meticulozamente todos os que lhe vierem, e não estou certo de que já não tenha posto mãos á obra, quero dizer ás melenas. Em todo cazo, é uma alma juvenil que o tempo terá muito trabalho em gastar e despojar dos seus entusiasmos. Cultiva com afinco a estatistica, na sua qualidade

de oficial da respetiva repartição; mas eu confesso que nunca li as estatísticas feitas por ele. Além de magnífica proza, e de estatísticas que talvez também sejam magníficas, Alberto Souza escreve belos versos, corretos e brilhantes sempre, muitas vezes com grande felicidade de imagens e de expressão. E' pena que ele não se dedique ao verso com a assiduidade e o amor que o verso merece aos que o cultivam com talento. Alberto Souza é um diletante. Entretanto, tem em versos espalhados por jornais e revistas material para um livro que promete ha anos e deve até hoje (¹).

Amadeu Amaral. Um lirico cheio de suavidade. O seu volume publicado, *Urzes*, é um livro encantador a que só o acanhado meio provinciano em que foi produzido privou do successo que merecia. Raramente a estréa de um poeta moço dá tanto como as *Urzes*, não em promessas que nem sempre são cumpridas, mas em realidade de couzas definitivamente belas. O livro dos vinte anos de Amadeu Amaral é o livro de um artista feito, senhor da sua arte, conhecendo-lhe não os seus recursos vulgares, por assim dizer — de superficie, mas os segredos intimos com os quais se consegue a beleza subtil e indefinivel da expressão poetica... O seu verso tem uma grande doçura, as

(¹) Eis um soneto de Alberto Souza :

Vingança

Como esquecer o amôr que nos votámos
e as nossas noites olvidar felizes,
si esta paixão cavou fundas raizes
e desdobrou-se em florescentes ramos ?

Sob o fino docel de aureos matizes,
no abandono do amôr juntos peccámos...
E que resta dos beijos que trocámos?...
Negros signaes de mutuas cicatrizes.

Que me importa saber, a cada instante,
que alheios labios os teus labios tomem,
e proclamem que tu ja não me queres ?

Hei de quando passares, inconstante,
apontar-te ao desdem de homem por homem
e á execração de todas as mulheres !

suas imagens são quazi sempre pitorescas e sugestivas. A sua poezia, carateristicamente subjetiva, é toda impregnada de amor enlevado e contemplativo.

Amadeu Amaral é noivo; e, pensando nisso, sente-se a gente quazi a dezejar — ele que me perdoe! — que o poeta das *Urzes* fosse noivo toda a vida, e conservasse o belo sonho que inspira seus deliciosos versos de amor...

Arthur Andrade. Pouco sei dos versos deste poeta, que infelizmente só uma ou outra vez tenho visto publicados em jornais e revistas. Mas o pouco que dele conheço dá a Arthur Andrade o direito de figurar com honra nesta crónica. E' um lirico que faz versos com fórma parnaziana, ao que me tem parecido. Seus versos não são vulgares.

Baptista Cepellos. Idem, idem. Deste, conheço alguns poemetos, entre outros *Thereza de Jesus*, em quadras cheias de vigorosa inspiração, vazada em belas imagens. E' outro poeta a quem, como a Arthur Andrade, só falta, para conquistar o publico, fazer imprimir em livro os seus versos.

Candido de Carvalho. Um santista que em Santos pouca gente conhece. Um poeta que não o parece — pela sua incorrijvel modestia. Candido de Carvalho só poderá ser levado á celebridade... á força; por seus pés e seu gosto não vai lá. Vive encafuado no seu lar e no seu cargo de vice-diretor da Repartição Central da Policia; e só por comprazer com algum amigo deixa que escapem para a publicidade alguns dos seus versos admiravelmente bem feitos, cheios de frescura e de brilho. Custou-me muito descobri-lo em Santos, onde ele se havia criado e onde era então joven caixeiro, quando, impressionado por este delicadissimo verso publicado num jornalzinho de meninos, e em que ele falava de um certo olhar de menina loura:

E' azul como a flor da trapoiraba,

o procurei para um logar na redacção do *Diario da Manhã*. Até hoje Candido de Carvalho é o mesmíssimo invizível poeta que canta na sombra as suas melodias encantadoras. Não se pôde falar sinão com carinho desse belo tipo de alma serena e desprendida das couzas da terra... Mas não é para ser carinhozo que eu digo de Candido de Carvalho — que ele é um dos poetas paulistas mais inspirados e mais vibrantes (1).

Canto e Mello. Deste se pôde dizer — que é um poeta de acazo. Advogado e redactor do *Diario Official*, Canto e Mello só escreve versos por extravagancia, de lonje em lonje, sem a preocupação da Arte em que se finje de simples diletante. E é pena. Os seus versos são delicadissimos, e têm uma simplicidade e uma melodia real-

(1) Tratando-se de um poeta refratario á publicidade, e por esse motivo escassamente conhecido, apraz-me transcrever aqui, a título de documentação do que acima disse, os seguintes versos de Candido de Carvalho:

Tu és a Primavera, eu sou o Outomno...
Falaste-me de amor. O teu sorriso
rasga em meu peito, quasi em abandono,
a formosa illusão de um Paraizo.

Bem dita sejas tu! Bem dito seja
teu amor, que me veste de esplendores!
Sou velho tronco, que já mal viceja,
mas que um beijo do céu cobriu de flores!

Eu tinha a noite nalma erma e vasia
e caminhava assim, por noite em fóra;
mas de improviso ví rompendo o dia
pelos teus olhos, num fulgor de aurora...

Chorei... Pudéra! Era um deslumbramento,
era a Luz, era o Céu — o Amor em summa...
E agora vivo num encantamento,
numa louca paixão como nenhuma...

Eu sou o Outomno, tu, a Primavera;
mas minha harpa outomnal nos seus harpejos
pede, chorando para o azul da esphera,
a esmola de ouro de um Verão de beijos...

Mas que digo? Desculpa esta loucura
de um coração ardente mas caçado:
que elle morra de sede — sede pura
junto á fonte de amor que brota ao lado...

mente raras e deliciosas. O grande pecado deles é serem poucos (1).

Freitas Guimarães. Autor das *Estrophes*, livro de estréa, com altos e baixos, e cuja qualidade mais saliente é a fecundidade. Freitas Guimarães é mais uma confirmação de que

Não fazem mal as muzas aos doutores.

E' promotor publico da Capital; mas nem o folhear autos lhe impede a convivencia com as muzas, nem o trato com estas o perturba nas funções judicarias, que, segundo

(1) Tambem como documento do que affirmo de Canto e Mello quero deixar aqui uns versos dele:

O nosso lar

Olha, querida, o lar que eu te preparo
é risonho e feliz, casto e discreto!...
Nelle virão, por noites estrelladas,
bellos clarões de rubras alvoradas
lembrar-te a historia deste nosso affecto...

Sonhos dispersos vagarão sem rumo
cantarolando a te cercar o leito...
Passarás pelo mundo alegremente,
satisfeita sentindo essa alma ardente
e o coração sentindo satisfeito.

Por sobre nós a cupula infinita
do curvo céu azul, profundo e vasto,
ha de guardar as nossas phrases bellas
e serão testemunhas as estrellas
de um dueto de amor eterno e casto...

Olha, querida, o lar que eu te preparo
tem tanta flor gentil, bella e cheirosa!...
Os archanjos do céu vestindo gazas
virão brincar contigo abrindo as azas
feitas de arminho e petalas de rosa!

Quando as estrellas forem desmaiando
ao clarão transparente das auroras,
verás sobre as devezas dos caminhos
ruflando as pennas quentes de seus ninhos
aves em bando a te saudar canóras...

Depois nós dois iremos lado a lado
das brisas da alvorada ao fresco açoite,
lentos, gosando a vida, em doce enleio,
emquanto as flores vão abrindo o seio
para verter as lagrimas da noite...

Lá nas aguas do lago fundo e calmo
verás as garças que se vão, boiando...
E os primeiros clarões do sol que nasce
virão pousar subtis na tua face
num morno beijo apaixonado e brando...

parece, ele ezerce com distinção. Vai-se alongando de nós o tempo em que uma desnorteada geração literaria confundia a arte do verso com a boemia dos costumes, e acreditava que nos lameiros da devassidão devia germinar a flor delicada da poezia. Eram geralmente vadios que nada faziam com o pretexto de fazer versos, e faziam versos para ter o pretexto de não fazer couza nenhuma. Trocistas, cultivando ao Deus dará versos mal arranjados e rimas de pouco mais ou menos, o seu odio aparente á correção, na metrica e na vida, reduzia-se, em essencia, a incapacidade para o trabalho e gosto pela cerveja... Os versos de Freitas Guimarães são bem medidos e geralmente bem rimados; não é muito, mas já é alguma couza.

Horacio de Carvalho. Mais conhecido como prozador. Escreveu o *Chromo*, romance, e o *Itatiaya*, livro recente, com pajinas ecelentes, e que é a sua melhor obra. Tem espalhada na imprensa jornalistica uma aluvião de trabalhos, muitos deles de real merecimento. Diz-se que conserva ineditos varios livros. Muito estudioso, com variada leitura, que parece ter concentrado ultimamente em obras

Pelos jardins do nosso lar, errantes,
entre as lianas e os cipós vetustos,
hão de passar em bando os beija-flôres
expondo ao sol as pennis multicores,
bebendo o mel nas flores dos arbustos...

Ao meio dia, quando o sol se estende
como um lençol de cálidos vapores
sobre a verde alcatifa das alfombras,
nós iremos, então, buscando as sombras
onde moram as aves e os amores,

e lá, por sob as franças somnolentas,
ao murmurar das fontes crystalinas,
tu contarás historias dos reis mouros
que amavam damas de cabellos louros
e de risadas frescas, argentinas...

E assim verás que as horas vão ligeiras
nesse idyllo de amor, sem fim, sem termo...
Tu viverás do meu amor e vida
eu viverei do teu olhar, querida,
como na quieta solidão de um ermo.

Emfim, quando das altas serranias
descer da escura noite o véu tristonho,
voltaremos os dois ao ninho amado,
ambos felizes: — eu, tendo-te ao lado,
— tu, sonhando, enlevada no meu sonho.

referentes ao Ocultismo. Horacio de Carvalho foi poeta, e fez naturalismo em verso; mas ha anos dependurou a lira num cabide, e consagrou-se escluзивamente á proza. Como poeta, não chegou a conquistar definitivamente a fórma, supponho que por falta de esforço. Foi um poeta preocupado com idéas — mas que algumas vezes chegou a esprimil-as em versos aceitaveis. Horacio de Carvalho é diretor do *Diario Official*.

Silvestre de Lima. Coube-lhe a honra de ligar o seu nome a um movimento literario; com Luiz Delphino, Theophilo Dias, Alberto de Oliveira, Luiz Guimarães, Raymundo Corrêa, Adelino Fontoura e Hugo Leal, Silvestre de Lima foi um dos introdutores de uma das feições do parnagianismo na poezia nacional. A essa pleiade illustre, de que Silvestre fez parte, se deve o amor á impecabilidade do verso e á precisão da espressão, qualidades que foram eles os que conquistaram para a nossa poezia, até então dezigual e desmanchada na fórma. Sobre o fulgurante nome do Silvestre de Lima da *Gazetinha*, afundado aí por esses sertões dentro, se fez um eclipse de vinte anos, de que ele agora resurje em versos publicados no *Diario Popular* e em cronicas insertas no *Estado de S. Paulo*. Silvestre é deputado ao Congresso Estadual.

Silvio de Almeida. Grande erudito, espirito culto, prozador vigorozo e fecundo. Como poeta, publicou um belo livro: *Ephemeras*. Ha nessa coleção versos que lembram os de Raymundo Corrêa, pela sonoridade muzical, pelo pitoresco da espressão, pelo fundo conceituozo. Silvio de Almeida tem por espoza uma delicada poetiza mineira, d. Presciliana Duarte. E' lente no Ginazio do Estado.

Wenceslau de Queiroz. Ha mais de dez anos, eu tive com este poeta uma polemica literaria — si tal nome póde caber a uma troca furioza de frases duras, que só a combatividade dos turbulentos vinte anos esplica. Inspirado no azedume dessa polemica, escreví a respeito dos *Versos*, livro que ele publicára de pouco, alguns artigos de critica,

cuja flagrante injustiça estimo ter hoje ocasião de resgatar com estas linhas dezapaixonadas. Wenceslau é o mais assíduo, o mais operoso dos nossos poetas; e essa qualidade, que o torna digno de respeito, não é a única que o distingue. Correto sempre na forma, muitas vezes inspirado e original, Wenceslau de Queiroz é um poeta de valor, que conquistou o seu logar na poesia paulista, e que não faz figura inapreciável na poesia nacional. A maneira atual deste poeta é um satanismo que o título de seu livro a publicar, *Rezas do Diabo*, indica bem. Como prozador, o seu estilo tem adquirido ultimamente uma flexibilidade e elegancia perfeitamente distintas. Wenceslau de Queiroz é suplente do juiz federal em S. Paulo.

Nas linhas que aí ficam, escritas ao correr da pena, e com forçada limitação de espaço, não pretendi mais do que fazer uma leve referencia a cada um dos poetas paulistas que em nossa geração mais se têm destacado.

E' possível que falem nessa galeria alguns nomes dignos de figurar nela. Si assim for, peço aos injustamente esquecidos que atribuam essa falta ao unico motivo que a pôde ter originado: a natureza deste trabalho escrito sobre a perna, com todos os defeitos da improvisação (¹).

Santos — 1902.

O Cysne encantado

O poemeto de Baptista Cepellos é interessante por mais de um titulo. Antes de tudo, é uma estréa. O autor, conhecido vantajosamente por versos esparsos em jornais,

(¹) Houve realmente nesta lista falta de dous nomes, pelo menos: o de Ezequiel Ramos, que, depois de se estrear com brilho, ha bastantes anos, num volume, *Poemas*, se recolheu em absoluto silencio; e o de Julio Cezar da Silva, irmão da grande poetiza dos *Marmores*, autor de belos versos.

só agora, dando publicidade a obra de mais folego sob a fôrma estavel de livro, proporciona á critica ocazião de se fixar na apreciação do seu valor como poeta.

Além disso, o *Cysne encantado* revela certa tendencia, felizmente não comum na nossa literatura, para o nebulozo simbolismo que é uma crize de decadencia em boa parte da poezia franceza atual. O *Cysne encantado*, em que se acentúa de modo vizivel essa tendencia, é, por isso mesmo, um documento curiozo.

Para nós, esse é o seu peor defeito. A concepção não é clara, e não admira que nem sempre o seja a expressão. Lá disse o poeta que

Ce que l'on pense bien s'enonce clairement.

A clareza é uma das qualidades essenciaes do escritor; podia-se mesmo dizer que é o seu dever elementar... Como observa com razão Tolstói, a arte para entendidos é uma arte de *coterie*: póde fazer algum successo numa certa roda e num certo tempo, mas é incapaz das criações humanas superiores, que sempre são obras de arte entendidas por toda a gente. A arte feita para amadores é uma arte de *bibelots*.

Pelo lado da orijinalidade, o *Cysne encantado* deixa perceber, vizivelmente de mais, a impressão daquele peregrino dos *Simplex*, de Guerra Junqueiro, o *belo senhor de olhos côr d'esp'rança*. Como aquele, Ophir abandona o seu lar carinhozo e as doçuras certas da vida simples — para seguir a mirajem da sua ambição de gloria; como aquele, despreza as vozes amistozas da realidade que o aconselha e tenta deter-lhe os passos; como ele, ezausto da jornada na qual desperdiçou em sonhos o melhor da vida, volta acabrunhado de dezalento, maldizendo amargamente e inutilmente a cegueira da sua fantazia... E' a mesma idéa, tratada por Guerra Junqueiro na concizão de alguns ver-

sos sempre belos, e desenvolvida pelo snr. Cepellos em muitas pajinas das quais nem todas são felizes.

Outro defeito a notar no *Cysne encantado* é a abundancia de trechos em proza entremeiando os versos. Sistemáticamente, o snr. Cepellos descreve em proza os seus variados cenarios; e não nos parece que o processo seja recomendavel. Si o verso é uma linguagem mais rica — e quem escreve um poema não póde deixar de assim pensar — para que socorrer-se o poeta de um meio de expressão mais pobre? Facilita tal espediente a tarefa; mas em arte é um dever fechar os olhos ás facilidades que permitem uzar defeitos, e só os ter abertos para o ideal da perfeição.

Nos detalhes da sua tecnica, o snr. Cepellos não raro deixa a dezejar. O seu verso é muitas vezes sonóro e brilhante, mas nem sempre lhe acontece isso, e é pena. Aqui e ali destoam do conjunto agradavel versos que deviam ser limados com mais cuidado; o poeta não é inteiramente fiel áquela regra que Olavo Bilac tão lindamente esprimiu na sua *Profissão de fé*:

Tórce, aprimóra, alteia, lima
O verso; e, emfim,
No verso de ouro engasta a rima
Como um rubim.

Tudo quanto vimos dizendo é sem duvida severo, e é propozitalmente severo. A critica, si alguma utilidade tem, não é de certo a de dar talento a ninguem, mas, quando muito, a de desviar de escolhos, chamando-lhes a atenção, os escritores que têm talento e defeitos; e o snr. Cepellos está neste cazo. A benevolencia só póde prestar serviços aos que dela precisam; só a verdade póde ser proveitoza aos que a merecem, e o snr. Cepellos merece-a pelas suas qualidades já adquiridas, e pelo muito que elas prometem.

Trabalhe a sua arte o autor do *Cysne encantado*; lime as suas obras futuras com a tenaz paciencia que não obteve

esse poemeto, cuja publicação nos parece precipitada; escoime-as dos defeitos que, no livro de que tratamos, fazem dezagradavel sombra ás belezas que o polvilham de ouro: é o voto da nossa admiração, que dezeja ser completa (1).

Santos — 1903.

Carta aberta
ao «*Commercio de São Paulo*»

Com cativante gentileza, que só a generosa amizade póde e deve atribuir-se, convida-me o *Commercio* a inaugurar com o meu voto uma eleição literaria: qual, atualmente, o melhor poeta, qual o melhor prozador de S. Paulo? A amizade não conhece a justiça; é uma outra cega, de cegueira talvez mais bela. Enganados dela, os meus amigos do *Commercio* querem abrir com a minha opinião o seu certamen, *para que seja de ouro a chave de abertura...* Desvanece-me essa lembrança de amigos, que com ela me distinguem; e sou, comtudo, forçado a declinar do convite feito em termos tão amaveis. Envergonhado o digo, pela apparencia de ingratição, ou de grosseria, que possa ter á primeira vista essa recusa de tão lizonjeira honra; e pela idéa que possa á primeira vista dar de falsa modestia, que é a mais ridicula das vaidades, porque é a vaidade com mascara.

A minha recusa a esse convite todo feito de generozidade tem melhor fundamento, graças aos deuzes! A minha desculpa não é um pretexto, é uma razão. E' mesmo uma boa razão — relevem-me qualificar assim tão elojiozamente couza que de tão perto me toca. A verdade, a pura verdade, é que não posso dizer qual o melhor prozador e qual o melhor poeta de São Paulo. Uma opinião, nesse assunto, é sempre difficil; no meu cazo, é impossivel. Em

(1) B. Cepellos publicou posteriormente, em verso, *Os Bandeirantes e as Vaidades*; em qualquer desses dous livros ha pajinas verdadeiramente magnificas.

plena gloria do velho Hugo, Henri Heine arriscava o paradoxo de que Musset era o maior poeta dos tempos modernos, e um dos maiores de todos os tempos — e a mim me parece que quem tinha razão não era o mundo enlevado na Arte formidável do Titan de cujas mãos os versos se despenhavam com o fragor de desmoronamentos e com o clarão de relampagos... Quem tinha razão era talvez Heine, advinhando, na meia obscuridade em que ainda jazia quazi ignorado o cantor de *Rolla*, a nota profundamente humana de sua poezia, a riqueza incomparavel do seu verso encantadoramente muzical, de uma muzica nova, sugestiva pelo sentimento e pelas imajens.

Não se trata aqui, está claro, de decidir entre Hugos e Mussets; e muito menos, incomparavelmente, de opiniões de Henri Heine... Mas é sempre de boa pratica esclarecer com grandes ezemplos mesmo os assuntos modestos. O que aí deixei citado mostra quanto é difficil estabelecer superioridades absolutas de merito entre artistas contemporaneos, que só se distinguem pela diferença e não pelo valor das suas qualidades pessoais. Com o ezemplo que citei, só isso pretendi.

Quanto aos prozadores, que elementos, a não ser o da simpatia pela especialidade de cada um, pôdem concorrer para que se decida entre Luiz Barretto, o velho mestre de todos nós, cujo estilo imajinoso e veemente reflete no brilho e na vivacidade toda a inesgotavel riqueza de um espirito eternamente moço; e Euclides da Cunha, esse grande escritor cuja fraze, lembrando a de Michelet, tumultúa como uma catadupa ao sol, aos arrancos, com fulgurações repentinas de diamante, com as surpresas de faiscas de ouro, com reflexos de laminas de espada? E a lista dos nossos prozadores é vasta, composta de nomes dos quais muitos se destacam por mestres na sua especialidade. Valdomiro Silveira, cujos contos não sofrem competencia no genero, está de fato incorporando na literatura nacional a transformação da velha lingua luzitana passando pela alma da nossa gente.

Julio Mesquita, fino polemista politico, lembra na ironia de suas frases leves, cantantes e transparentes, o sussurro das azas e o ferrão venenozo das vespas. Silvio de Almeida põi a serviço de uma erudição vastissima, de filologo e de filózofo, a sua fantazia de poeta que se apozentou voluntariamente, a sua linguagem rica de espressõis, incedivelmente correta. Paulo Pestana, de modesto, esconde atraz de duas iniciais o seu nome; mas o vigor dos seus escritos de tal modo o denunciam, que a popularidade e a gloria o estão procurando e descobrindo no seu escondrijo. João Mendes Junior e Pedro Lessa, dous mestres consagrados de Direito, são simultaneamente dous mestres da palavra escrita. Almeida Nogueira e Alberto Souza, o primeiro como escritor cheio de recursos nos graves artigos politicos; o segundo, com o estilo transbordante e a fraze sonora como o verso, lembrando, nas suas polemicas aggressivas, brilhos e golpes de sabre; e outros ainda, que não cito para não dar a estas linhas o ar de um dicionario de contemporaneos ou as proporções de um indice...

Que dizer dos poetas? Como escolher entre Wenceslau de Queiroz, o poeta das *Rezas do Diabo*, cujo verso correto, e cuja inspiração incansavel ha vinte anos se impõem á nossa estima; e Amadeu Amaral, o lirico suavissimo, o fino artista das *Urzes*, cujo aparecimento em nosso horizonte literario foi logo o de um astro de primeira grandeza; e Cepellos, o das rimas fulgurantes e das ricas imagens; e Candido de Carvalho e Canto e Mello, dous obscuros por vocação, ezilados voluntarios da popularidade, e cujo verso tem o encanto de surdinas... (1). E outros, e tantos

(1) Dous sonetos de Candido de Carvalho:

Visões

De sob estas palmeiras oscillantes,
de leque verde e de dourado cacho,
ninguém encontra as emoções que eu acho,
no recordar das epochas distantes.

outros, uns que deixaram as líras dependuradas nas arvores do caminho, desfolhadas do outono; outros que começam cantando a mocidade, que para eles amanhece como uma manhã de primavera...

Não, não sei decidir-me nesse pleito. Para mim, a dificuldade comum do caso avulta por motivos pessoais. Porque a respeito do mérito dos escritores paulistas eu não tenho e não posso ter opiniões; tenho e quero ter afetos. Não sei julgar-os como críticos: só sei admirar-os e imitar-os, a uns como mestres, a outros como companheiros da mesma jornada, — de quem tenho recebido, em troca da minha admiração que nada vale, a sua simpatia tão grata ao meu coração...

Agora mesmo, a amizade que lhes devo vai reunindo os seus nomes nesta pequena tenda que é *O Jornal*, erguida obscuramente num recanto provinciano... Uns aqui fulguram já, os outros virão ainda, todos eles, com o seu

Coqueiros altos, frondes soluçantes,
touças abertas em floral pennacho,
dae-me alegria, reaccendei-me o facho
das illusões que me offuscaram dantes

Evocae-me as phantasticas mulheres
que idealisei, por estas solitarias
plagas, entre rosaes e malmequeres;

Sim, reavivae-me estas imagens varias,
estas claras visões de amados seres,
que eram de carne, sendo imaginarias!

Recuerdo

Fui um dia feliz. Em ceu distante,
numa ilha, rindo em flôr, que o mar abraça,
Eu, exgottando da volupia a taça,
vivi nos braços de formosa amante.

Corriam mezes no mais breve instante
mas num instante veu-me a desgraça:
e como tudo nesta vida passa,
fugiu o amor ao seio da inconstante.

Ella partiu, eleita entre as eleitas,
por certo em busca de ridentes plagas,
de emoções novas, de almas mais perfeitas.

E deste amor só me ficarann chagas,
sabor de beijos, illusões desfeitas,
e o mar ao vento balançando as vagas...

fulgor de estrelas, iluminando a noute obscura num arido deserto, — que, sem o seu concurso, seriam estas colunas.

O primeiro prozador paulista... Ainda que eu quizesse escolher, não o saberia: nem com o cerebro, nem com o coração.

O primeiro poeta paulista...

Direi que és tu, Wenceslau? ou que és tu Amadeu? Ou qualquer de vós, Cepellos, Candido de Carvalho, Canto e Mello? (1).

(1) Alguns versos de Canto e Mello :

Morta

Já não te lembra agora o tempo antigo
nem te recordas mais que nos amámos!
Sonhos! Sonhos de moços que sonhámos,
que tu sonhaste e que eu sonhei contigo....

Na estreiteza feral do teu jazigo
já não farfalham mais tremulos ramos....
Cantam-lhe em torno os tristes gaturamos
e as orvalhadas vão chorar commigo....

Deixa, deixa prostrar-me ainda um instante
sobre essa tumba fria que te encerra
o alabastrino corpo, ó minha amante!

Quando a noite descer do alto da serra,
hão de os astros reler no meu semblante
a saudade maior que ha sobre a terra!

Na matta

Que vens fazer aqui? Porque procuras
este recanto tétrico e sombrio,
as paragens escuras
e os esguios atalhos
onde suspira eternamente o rio
sob um fresco docel de verdes galhos?

Lá pelo mundo, ha tanta cousa casta,
tantas flores sem dono,
prazer a cada passo...
E aqui na vastidão da selva basta,
andam as aves tropegas de somno
e as borboletas mortas de cansaço...

Ainda que eu soubesse escolher, não o quereria. Posso felizmente admirar-vos a todos sem ser preciso comparar-vos. Dentre vós todos, só tenho uma preferencia: no momento em que leio versos de algum dos cinco, prefiro sempre o que estou lendo. A frase é velha; mas a verdade não é como nós, meus amigos, a verdade não envelhece.

Não lembrei até aqui um nome luminoso a que deixei propositalmente o ultimo lugar, como um lugar á parte. E' um nome de mulher. Os poetas paulistas cederão com prazer a palma a essa poetiza, que é a maior da nossa lingua. D. Francisca Julia, a soberba artista das *Esphinges*, cujo verso tem a sonoridade solene e evocativa do bronze,

Porque deixas affectos e carinhos
que longe tens, que ha tanto já creaste?
Aqui, virás achar desertos ninhos,
flores que o vento mutilou na haste
e que o destino salpicou de espinhos.

Sob estes troncos, vê, cobertos de heras
e de musgos virentes
passam de noute as sanguinarias feras
procurando as gazellas innocentes.

Si ficares aqui, ouve, querida,
a cadencia do rio que te emballa
e que te faz, tão terna,
amar um pouco a minha pobre vida,
é sempre a mesma, é voz que não se cala
e que abhorrece, emfim, por ser eterna!...

Nenhum prazer, nenhum, aqui se abriga...
Nenhum pastor errante
passa cantando uma canção amiga
por esse campo triste...
E é tão bom escutar assim distante
A historia de um amor que não existe...

Ha serpentes bravias nestas moitas,
sonhos maus pelo espaço
e desejos sem norte...
Por isso este meu peito em que te acoitas
póde nas ancias de um extremo abraço
do calor que lhe sobra dar-te a morte...

Volta, pomba, a teu lar... Estes logares
onde germina o cardo
e as flores venenosas,
não podem ser os lucidos altares
onde se queime o nardo
á rainha das flores mais formosas.

em que parece terem sido fundidos; a autora deste admiravel soneto colhido ao acazo num livro de sonetos admiraveis:

Adamah

Homem, sabio producto, epítome fecundo
Do supremo saber, forma recém-nascida,
Pelos mandos do céo, divinos, impellida,
Para povoar a terra e dominar o mundo;

Homem, filhó de Deus, imagem foragida,
Homem, ser innocente, incauto e vagabundo,
Da terrena substancia, em que nasceu, oriundo
Para ser o primeiro a conhecer a vida;

Em teu primeiro dia, olhando a vida em cada
Sêr, seguindo com o olhar as barulhentas levas
De passaros saudando a primeira alvorada,

Que ingenuo medo o teu, quando ao céo calmo elevas
O ingenuo olhar, e vês a terra mergulhada
No primeiro silencio e nas primeiras trevas...

E seja a evocação á Muza paulista o fecho de ouro destas linhas, que, para se desculpar com a redacção gentilissima d'*O Commercio*, um pobre jornalista atarefado trouxe ao correr da pena.

Santos — 1905.

“Nevoa”, por Amadeu Amaral

Nunca, de certo, um titulo disse melhor de um livro. A poezia de Amadeu Amaral lembra esses véus de nevoa matunina, pairando sobre o fundo de um vale onde um arroio cascadeia, occulto e sonoro... Para que, porém, hei-de eu diluir em apagada proza a imajem que o proprio poeta esprimiu em lindos versos?

Este imenso thesouro de ternura
Será como um regato num abysmo
Rolando occulto as cristallinas aguas.

E' do seu amor, ou de um dos seus amores, que o poeta assim fala; mas podia assim falar, com a mesma imagem e as mesmas palavras, de todos os sentimentos que revela, ou antes a que se refere na meia confidencia dos seus versos. A sua poezia, profundamente subjetiva, é toda feita de sentimentos intimos que ele exprime, ou, para dizer com mais precisão, disfarça em meias palavras.

Não sei se todos os leitores lhe agradecerão essa reserva. A muitos, com certeza, parecerá ela uma garridice encantadora; outros prefeririam que o poeta lhes desvendasse, na transparencia dos versos, todo o fundo de sua alma. Os poetas, em regra, são indiscretos; esse defeito concorre, creio eu, para que sejam amados...

Em vão se procuraria em todo este livro uma palavra de paixão, um movimento de enthuziasmo, de indignação, de desespero — de qualquer sentimento veemente esprimindo-se com veemencia. O que nele domina de principio a fim é uma suave penumbra, a vaga tristeza sem motivo a que vai tão bem o nome sonoro de melancolia.

Amadeu Amaral é uma alma tranquila e concentrada, que a vida não revolta nem deslumbra, apenas entristece. Ele definiu-se falando daqueles rios quietos que

Lá se vão num rolar manso e tristonho
Cumprindo o seu destino sem clamores
E sonhando comsigo um grande sonho.

Inutilmente se tentaria seguir o poeta no seu grande sonho. Ele guarda-o para si:

Tu que vais a gemer atravez desta vida
Triste, sonhando o bem numa selva de males,
Não maldigas da sorte, a magua não exales
Diante da indiferença ou compaixão fingida.

Guarda o sonho com que, por não chorar, te embriagas
E, humilde como Job, volve esse olhar tristonho
A mais altas regiões, a mais serenas plagas.

O poeta abstem-se discretamente de dizer em que consistem os males que o atormentam. Tambem não revela o

que vê, ou o que sonha, nas rejões mais altas a que volve o olhar. Estou em crer que serão nuvens. A sua alma compraz-se na solidão. Porque? Porque nela póde entregar-se á inteira posse de si mesma:

A solidão é um bem; bem tanto mais perfeito
Quanto não se alimenta de illusão...

E' um bem que nada custa, é um bem que nunca passa,
Gosa-o quem o quizer, como quizer...

E' talvez, neste mundo, a só felicidade
Que a negra inveja não nos vem rondar.

Só ella nos permite o voar quando nos praza,
(E a quem de quando em quando isso não praz?)
Da ampla meditação na aza possante, na aza
Veloz e branca, a uma região de paz.

Só ella nos permite abrir a cada instante
Em meio á treda realidade atroz
A clareira feliz de um sonho apaziguante
Onde possamos respirar a sós.

Só ella nos permite ascender, qualquer hora,
Aos altos cumes da contemplação
E ver claro, ver bem, ver de cima e de fóra
Os marneis da maldade e da illusão.

Só ella nos permite, ella apenas consente
Conservemos nossa alma tal qual é,
Distincta e individual, sobranceira e potente,
Com as suas feições e a sua fé.

Só ella nos permite — e isso apenas bastava —
O restaurar e aperfeiçoar o Eu,
Arrancar-o á torrente em que se dissipava
E restituir-lhe os traços que perdeu.

Não ha negar a esses versos uma grande elevação que raia quazi pelo misticismo. Mas da alma que assim se compraz absorvida em si mesma, podia-se dezejar alguma couza de mais confidencial: o segredo das idéas e dos sentimentos que em tais estados a dominam. E' isso, sem duvida, o que mais nos interessaria; e é isso, precisamente, que o poeta cala.

Cada vida humana, por mais humilde, é sempre um drama cheio de ação e de sentimento. Esse drama, ou

antes, esse imenso conjunto de dramas a que cada um assiste, atravessa-o o poeta algum tanto alheiado dele e de tudo, com o olhar enevoado da melancolia do seu sonho. Pouco o interessa o mundo exterior. O torvelinho humano dá-lhe a impressão de

... uma selva triste e bruta
Sussurrante e medonha.

Para ele, a vida é

uma
... uma gandara de abrolhos,
... melancolica descida
Atravez de sarçais e de atoleiros.

No seu pessimismo, parece-lhe que segue

Entre lamas e espinhos
Que uma sorte fatal nos depara sem falta
Em todos os caminhos.

À ouvir em derredor os regougos e os brados
De ferozes catervas.

Entretanto, nem refujindo á companhia dos homens se consola o poeta com a da Natureza. A Natureza não o encanta pela grandeza ou pela doçura dos seus aspetos, não o atrái pelo misterio das suas maravilhas, não o subleva contra a fatalidade inconciente e brutal da sua força; não lhe inspira amor, ou simpatia, ou admiração, ou curiosidade, ou odio, ou terror. Inspira-lhe, simplesmente, a mais serena indiferença. Não ha paizagem que lhe detenha o olhar, não ha fenomeno fisico que lhe seduza a atenção. Ele passa sobre a terra como sem a ver, todo embebido na nevoa do seu sonho. Cantando ecepcionalmente, e em deliciosas estrófes, uma arvore — «Árvore da rua» — o poeta dá-lhe apenas algumas palavras de leve simpatia inspirada pela identidade dos seus destinos. O que o comove nessa arvore

... balançando
No ar impuro e bulhento da cidade
A velha fronde empoeirada ...

... no amplo seio
Da natureza, a grande mãe extrenua
Em meio de outras arvores, em meio
De arroios mansos e de gente ingenua.

E hoje abrindo essas ramas, com desgosto,
Neste ar tão carregado de impurezas;

o que o comove nesse espetaculo é a imajem do proprio Eu :

Eu que tambem nasci como nasceste
Na doce paz bucolica da aldeia,
Tambem padeço nesta vida, neste
Ambiente cruel que me rodeia.

O amor, sentimento vivaz por ecelencia, eterno veio de ouro que ha milhares de anos a poezia explora e em milhares de seculos não esgotará de certo — o proprio amor, tema frequentissimo nos versos de Amadeu Amaral, aparece sempre neles atenuado, como atravez de uma nevoa:

Tu passaste por mim como um deslumbramento
Que passa; e eu mergulhei desde então num delirio
A scismar e a tremer sob o presentimento
De uma nova paixão e de um novo martirio.

Tenho na alma, depois que te vi e me viste,
Uma surdina, um murmurinho, uma alvorada,
Qualquer cousa de bom, qualquer cousa de triste.

Qualquer cousa que chega em ancias inda incertas
Como uma ave que acorda e inda mal acordada
Move, numa tonteira, as azas entreabertas.

Mesmo no amor, é o indeterminado de um sonho vago, póde-se dizer sem objetivo, que domina o espirito do poeta. Percebe-se que o que ele ama na mulher amada é o seu proprio sonho. Ela passa, como uma vizão espiritual, aureolada pelo deslumbramento momentaneo dos olhos que a fitam; e ele fica a cismar, desgostado já antecipadamente desse amor que apenas alvorece:

Tudo isto ha de passar, de certo, muito em breve,
Branca nevoa subtil, ir-se-á quando o sol nasça,
Branco sonho de amor, passará como passa
Pelas ondas em furia uma garça de neve.

Passará dentro em pouco, imitando a fumaça
Que se evola e se esvai na curva que descreve;
Fumaça de illusão, força é que o vento a leve,
Força é que o vento a leve e disperse e desfaça.

Que importa? Uma illusão que nos alegra e embriaga
Ha de ser sempre assim no mar bravo da vida,
Como a espuma que fulge e morre sobre a vaga.

Esta me ha de fugir, esta que hoje me inflamma!
E antes vel-a fugir como uma luz perdida
Que possuil-a na mão como um pouco de lama.

Nunca se disse talvez em mais harmoniozos versos a aver-
são, o desprezo — eu ia escrevendo *o nojo* — pela realidade;
mas tambem, com certeza, nunca um sonhador, e um sonha-
dor enamorado, anteviu mais placidamente, dezejou mesmo,
o desvanecimento do seu sonho e a perda de sua iluzão:

Oxalá tudo passe! Ao aneio que trago
Succeda a triste paz que já outróra eu trazia;
Fique a tua lembrança em minha alma sombria
Como a recordação de um sonho doce e vago.

Vae-te, chimera azul, sonho ridente e floreo,
Onda, ceu, borboleta, espuma, arco-iris, frança,
Tudo o que é leve e encantador e transitorio.

Tudo o que em nossa mão se apouca e se distingue,
Tudo o que nos atrai, e nos fere e nos cança,
Tudo o que se procura e que nunca se atinge.

Sonhos, sonhos de amor... Enganosa miragem
Do deserto... Fulgor de insidiosa lagoa
A sorrir e a tremer sob a fresca ramagem,
Na apparencia feliz da agua limpida e boa...

Castello de fumaça a embalar-se na aragem
E que de brusco rola e no azul se esboroa...
Rutila espumarada oceanica... paizagem
Que vista ao longe encanta e que de perto enjoa...

Borboletas ao sol... ingreme e dura serra
Que na luz do horizonte afunda as amplas cristas,
Lembrando uma região de paz dentro da terra...

Paizagem, borboleta, aguas, espumaradas!
Illuzorio clarão das cousas entrevistas!
Passageiro esplendor das cousas desejadas!

Todo este livro de Amadeu Amaral é assim, da primeira á ultima pajina: impregnado da funda melancolia de um idealista que não crê nos seus ideais, que não os fixa, nem sabe ao certo onde estarão e em que consistem... E' um injenito, irremediavel desgosto de viver, de tudo que a vida possa oferecer ao corpo ou á alma. Cairia com justeza nessa poezia o nome de poezia do dezanimo.

Nem se suponha que ha nela apenas um pessimismo de superficie, uma atitude literaria ou uma intenção filozofica, meramente intelectual. Toda a poezia da *Nevoa* é fundamentalmente sincera, toda a sua melancolia é espontanea. Nem, uma e outra, esprimem estados acidentais da alma do poeta, sim essa alma toda, tal qual é: uma alma que se não rebela contra o destino, nada lhe pede, nada espera dele, mas aceita com uma dezanimada rezignação a sua propria tristeza refletindo-se em tudo, a tudo se comunicando, e assim fazendo da vida, no conjunto como em cada uma das minucias dela, uma couza infinitamente triste...

Toda essa poezia, invariavel e essencialmente subjetiva, desliza como um tranquilo arroio no fundo enevoadado de um vale. Os versos em que ela flue — já o leitor o deve ter percebido pelos estratos que deixei entremeando estas linhas soltas de proza — são de uma alta perfeição, dos mais perfeitos e dos mais suaves da lingua portugueza. A nossa terra paulista, tão caluniada pelos outros e por si mesma de ser a vaidosa terra do café e dos palacetes, póde orgulhar-se de ter, a intervalo relativamente curto, com as *Esphinges* de Francisca Julia e a *Nevoa* de Amadeu Amaral, produzido dois livros que ficarão fuljindo, de um fulgor proprio, intenso, e definitivo, na literatura nacional.

S. Paulo, outubro, 1910.

OS HUMILDES

Seriam trez horas, por uma radioza tarde de Abril, quando o vija do Pecê fez soar a buzina, alvoroçando a praia com a noticia de que havia peixe á vista. Desde muitos dias os pescadores do alto denunciavam o aparecimento de um cerrado cardume de tainhas, que vinha do sul aproximando-se da costa. — «E' grande que *aquaje* ⁽¹⁾ tapa o mar! E está bate não bate na praia!» dizia arregalando os olhos o espevitado Jozé Mamangaba.

Logo ás primeiras noticias trazidas pelos que vinham do largo, fôra o Faustino destacado para o costão do Pecê; e lá, enganchado numa alta forquilha de arvore debruçada sobre as ondas, passava as horas, de sol a sol, vijiando o mar. Durante dias e dias assim esteve, pesquizando com os olhos a ondulação monotona, suspensa a tiracolo a buzina inutil. Mas, finalmente, chegára o momento de dar num toque triunfante o avizo de que estavam á vista as primeiras tainhas do ano.

Ele não as vira, mas era como si assim fosse. Lonje, para o fundo da estensa baía, destacando na verdura do jundú, fuljia ao sol faiscante um lençol estendido a prumo entre duas estacas: era o sinal combinado com o José Portuguez, morador solitario da praia do Perequê; e indicava,

(¹) *Aquaje*, quazi.

que a manta de tainhas, a toda hora esperada, fôra dar ao canto daquela praia, na tranquila enseada, tão procurada pelo peixe, onde o Piavú despeja as suas aguas claras.

Ao som alviçareiro da buzina, tudo se assanhou. As crianças, numa ruidoza alegria, correram logo para o Pecê, em bandos barulhentos, tagarelando, aos saltos e aos gritos. Pelas casas, os que estavam dormindo a sesta saltaram da cama esfregando os olhos; os que jantavam levaram apressadamente á boca as ultimas colheradas; mulheres, numa azafama, davam a ultima demão a algum arranjo cazeiro, na anciedade de sair. Largando as enxadas no chão, os que andavam nas roças deciam morro abaixo, deixando-se escorregar pelos barrancos, cortando por atalhos. E na fonte as lavadeiras recolhiam ás pressas as roupas mal enxutas estendidas no capim.

A pouco e pouco toda a população da praia foi chegando e amontoando-se confuzamente na estreita faixa de areia do Pecê. Só algum velho estragado dos anos, cego ou tropego, se deixára ficar em caza, remoendo a sua saudade sem remedio. Todos os mais, até as criancinhas de peito penduradas ao seio das mãis, tinham vindo para ali, para a festa da fartura e da alegria, que começam nas praias com o primeiro lanço da rede grande.

Deceram para o mar as quatro canoas maiores. Numa delas, tocada a seis remos, ia a rede. Nas outras, depois que ficaram boiando, balançadas na arrebentação preguiçosa das ultimas ondas, foram entrando as mulheres: entre rizadas, com gritinhos de susto, arrastavam na agua as barras dos vestidos arregaçados até á curva do Joelho.

Embarcaram tumultuosamente as crianças mais taludinhas, as que podiam chegar ás canoas por seu pé, algumas com agua quazi até ao pescoço. A miuçalha foi trazida a braços para o colo das mãis. E, carregadas afinal, calcadas na agua até quazi á borda, com as velas trapejando ás rajadas da frouxa viração, as quatro canoas, emparelhadas, romperam galhardamente pelas ondas alvas,

françadas de espuma, da pequena angra do Pecê, e entraram na vasta baía verde e ocilante do Perequê, cuja extensão de mais de uma legua de mar grosso tinham de atravessar...

Decêra o sol para traz da varjem, alvejavam no céu as primeiras estrelas ainda sem brilho, quando Manoel Pedro começou a soltar a rede. O cardume era grande de verdade, e foi precisô cortar pelo meio dele. Quando percebeu que não podiam cercar o peixe todo, porque a corda estava no fim, Manoel Pedro mandou ciar. O pôpeiro ciou, a canôa descreveu uma curva rapida; e, de chumbada em chumbada, as cento e vinte braças de rede foram caindo na agua...

Depois, a canôa aliviada tomou o rumo da praia, veiu tocada dos seis remos, correu como uma flexa na arrebentação, chegou á ressaca, encalhou na areia. Os canoeiros saltaram, aguentando o cabo da rede. Parte dos que já tinham desembarcado na praia, homens, mulheres e crianças, juntaram-se-lhes. Os mais já lá estavam, a umas duzentas braças dali, atracados á outra corda.

E, de um lado e de outro, era só puxa que puxa. Fortes e fracos, empinado o corpo, firmado o pé no chão, as duas mãos agarradas á grossa corda de embirossú, cada um punha naquilo toda a força dos seus musculos. A esse esforço reunido, o pezo da rede, aumentado pela vazante da maré, cedia vagarosamente: pouco a pouco creciam as cordas que iam sendo colhidas e ficavam largadas na areia, meio enroscadas, como duas negras serpentes mortas.

— Desta vez é familia grande! Ali dentro tem peixe por dezafôro! dizia o Mamangaba no seu famoso vozeirão.

— Tem muito peixe! afirmava laconicamente, de quando em quando, algum velho pescador autorizado.

— Tambem o cardume era por demais, nem se sabe até onde iria! tornava o Mamangaba. E o mar estava for-

rado que parecia um chão. Homem, a gente era capaz de andar ali em cima a pé enxuto, e viajar por essa costa a fóra em cacunda de peixe, sem molhar o tornozelo!

— Por que você não fez a esperiencia? perguntou uma voz chocarreira.

— Porque não tinha viagem p'ra fazer hoje, respondeu ele prontamente.

Houve algumas rizadas. E o Mamangaba, cheio de entusiasmo:

— Puxa, gente mole! Puxa, que hoje é dia de se ficar sem pele na palma das mãos.

O grande malandro, tagarela incorrijível, gesticulava sempre de cada vez que falava. Emquanto isso, as suas mãos, ocupadas a fazer gestos, descansavam da aspera corda de embirossú.

Adiante dele, torcida no joelho a perna que em pequeno quebrara, mancando grotescamente de cada vez que mudava o pé, Faustino conservava-se calado, dando ao serviço todo o seu esforço de aleijado e de raquitico. Só os seus olhos repouzavam — postos na graciosa figura da moça que em sua frente, fingindo puxar a rede, mal apoiava na corda esticada as duas mãozinhas frajeis.

Era Joaninha, a linda, a cobiçada filha de Manoel Pedro. Por ela batia em todas aquelas praias, numa extensão de leguas, mais de um coração de moço enfeitado pelo seu encanto. Faustino adorava-a de uma paixão envergonhada e discreta, que só vagamente dezabafava naquelas cantigas cheias de melancolia, improvisadas á viola, de que todos gostavam, que as mulheres, encantadas, decoravam, das quais se dizia «que não havia outras assim...»

Desde principio colocara-se disfarçadamente o aleijado junto de Joaninha, e, por uma habil manobra, mantinha o seu lugar perto da moça. De cada vez que chegava á areia solta, quasi no barranco do jundú, tinha de largar a corda para a ir de novo pegar em baixo, na ressaca. Ele decia pará a beira do mar com a lentidão natural do seu passo

de aleijado, até que a moça, desembaraçada e ligeira, passasse adiante. Acompanhava-a então, movendo rapidamente a sua perna torcida. E assim a posição de ambos na corda conservava-se sempre a mesma: ela adiante, dando-lhe as costas; ele, fartando os olhos numa estaziada contemplação do seu corpo, sentindo-a pertinho de si, sorvendo o aroma do seu cabelo...

Do meio do mar surjiu a lua esbranquiçando a noute. Numa faixa luminosa, o seu reflexo pairou sobre a esmeralda da baía, ocilando na ondulação, palpitando no tremor da agua, com uma poeira de ouro... A' claridade do luar, apareceram, numa estensa curva, a certa distancia ainda, as boias de cortiça da rêde. Algumas tainhas começavam a saltar, fujindo dessa prisão em que se sentiam arrastadas para a praia; e nadadores afoutos saíam pelo meio das ondas para suspender a toda a altura do braço a rede que boiava na flôr dagua. Ganhava a todos o entusiasmo do lanço farto prestes a dar em terra. E quazi todos os que puxavam as cordas iam atropeladamente pegal-as no mar, em plena arrebentação, alguns com agua até á cintura.

No meio desse dezordenado movimento, houve uma ocação em que Faustino e Joanhinha ficaram sós, na ponta da corda. Uma especie de embriaguez apoderou-se do aleijado, dominando a sua calada timidez de sempre. Nunca ele tivera Joanhinha tão perto de si como nessa tarde; nunca pudera, como nessas horas cheias de uma delicia nova, contemplar assim o corpo bem amado, sem que os olhos dela ou de estranhos fizessem baixar ou desviar discretamente os seus... E como quem sente uma vertijem, e se precipita no abismo que o atrái, Faustino rezolveu falar, dizer todo o seu amor, provocar de uma vez o dezen-gano que temia. Com os beiços tremulos, o coração batendo apressado, murmurou quazi indistintamente:

— Joanhinha eu queria lhe dizer uma couza....

A moça não se voltou, não respondeu; nem ouvira de certo. Tinham chegado quazi ao barranco do jundú; e ela, naturalmente, sem afetação, largou a corda, deceu para a beira do mar. Faustino seguiu-a. E ambos, com os pés mergulhados na ressaca murmurante, ocuparam de novo na corda as suas posições: ela adiante, ele depois.

— Joanhina, tornou Faustino, ouviu o que eu disse?

A sua voz comovida, tremula, sussurrava, com um fervor de supplica.

A moça voltou o rosto; e muito séria, com o olhar tranquilo posto nos olhos dele; respondeu:

— Ouvi. Ouvi muito bem. Mas não gosto de brincadeiras comigo, sabe?

As primeiras palavras timidas em que Faustino encetara a confissão do seu amor, até aí padecido em silencio, tinham sido como o despedaçamento de uma represa: como a agua longamente acumulada e que de repente abre caminho, a sua paixão rompeu, rolou impetuosamente, tumultuando num turbilhão de frases dezordenadas. Curvado para a frente, quazi a tocar com os labios o cabelo da moça, Faustino falou-lhe baixinho:

— Escute, Joanhina, não é brincadeira... Antes fosse, que eu não penava tanto como peno. Escute, não se zangue comigo... Só o que eu faço é lhe querer bem, muito bem, muito, muito, muito!... E ha tanto tempo!... Ainda eramos pequenos... Eu era um pobre enjeitadinho, aleijado, franzino, sem amparo... Só você tinha algum agrado para mim, lembra-se?... Eu não tinha a quem querer, dei-lhe todo o meu coração... Crecêmos... Você ficou a moça que é, bonita como não ha outra... Eu fiquei sendo sempre o mesmo aleijadinho sem amparo, com o coração batendo por você, só por você, Joanhina... Esta paixão é minha vida... Conheço que hade ser custozo você gostar de um coitado como eu... Quando penso nisso, aperto o coração com as mãos, de medo que ele me estale o peito... Mas eu não tenho culpa, não é? Eu

não tenho culpa de ser como sou... Esta paixão é minha vida, Joanhinha... Si eu não *lhe* visse mais, ficava como cego, nem sabia o que havia de fazer dos meus olhos... E si você quizesse... O meu rancho é pobre, mas o ninho dos passaros é mais pobre, e eles vivem felizes... Eu nada mais tenho do que o meu corpo enfezado... Mas o mar é dos valentes... Si você me quizesse bem, parece que eu era capaz de arcar com o mundo... A vida ficava sendo uma claridade... A's vezes imajino que você está num altar, e eu embaixo, de joelhos, *lhe* adorando como se adora uma santa... De joelhos, de joelhos é que eu queria estar para *lhe* dizer tudo isto, Joanhinha... E eu imajino que de repente você déce do seu altar, vem para mim, passa o braço no meu pescoço, aperta o peito contra o meu peito, chega a boca na minha boca... E assim ficamos o resto da vida, esquecidos naquele beijo...

Joanhinha largou bruscamente a corda da rêde, e, sem nada dizer, sem se voltar, dirijiu-se num passo vagaroso para a beira do mar. Faustino, arquejante, na mesma posição, curvado para diante, sem corajem de fazer o menor movimento, seguia com o olhar desvairado o vulto da moça, que se foi afastando lentamente, até que se apagou de todo na brancura fôska do luar mareado de salsujem...

— Olá, perneta! Emquanto a gente esfóla a mão na corda, você toma o fresco da noite, hein?

Era o vozeirão de Mamangaba, que aproveitava a ocasião propicia a um pouco de proza e de descanço. Ab-sorto, Faustino nem o ouviu. E o outro, com uma larga gesticulação em que empregava braços e mãos:

— Ora já se viu que freguez! Não basta andar numa perna só, como sací, e ser sumido de figura como é... Emquanto a gente, que tem força como trez duzias dele, puxa pelo talento e súa na corda, o sací fica muito quieto,

contando as estrelas, com as mãos atrás das costas, como moço da cidade!

Algumas rizadas acoroçoaram o Mamangaba. E ele continuou:

— E quando se chega no fim, ele entra na repartição do peixe, que é serviço bom de fazer, e ganha quinhão como si fosse gente.

Faustino, maquinalmente, pegou a corda, poz-se a puxar. E o Mamangaba:

— Puxá, pernetá! Si você não bota a sua força na corda, a rede não chega hoje em terra. Puxa, forçudo!

Novas rizadas o acolheram. E Faustino, irritado, resmungou, olhando-o de revez:

— Sei de uns que têm muita força no braço, mas ainda têm mais força na lingua. Muita paróla e pouco serviço... Cada um cuidando de si já não faz pouco...

Mamangaba ia responder de certo. Tão atrevido como tagarela, nunca lhe faltava resposta. E o dialogo travado entre ambos prometia azedar-se, dar de si: Faustino, raquítico e concentrado, sentia desde muito uma espontanea aversão por aquele rapagão sacudido e dezembraçado, que falava sempre alto, que em toda a parte e a todos impunha o que dizia no seu vozeirão ezajerado. Provocada diretamente agora, irritada num momento em que os nervos do aleijado vibravam, essa aversão ia de certo esplodir... Mas um incidente veio interromper os dous adversarios: os pescadores mais praticos perceberam de repente que o pezo da rede afrouxava, afrouxava... — «A rede está furada! Foi algum cação»! — exclamou uma voz.

A noticia funesta correu ao longo das duas cordas, já proximas. E então, para impedir que o peixe todo acabasse de escapar, uma furioza atividade se desenvolveu — «Puxa! Puxa!» gritavam diversas vozes. Todos puxavam o mais que podiam, num frenezi, procurando correr, arrastar ás pressas a rede aliviada de parte do pezo, e cujas boias balouçavam já na arrebentação.

Afinal, uma ultima onda a trouxe, depositou-a na praia, e deceu, encardida de areia. Poucas tainhas — umas trezentas talvez — esparramaram-se tentando nadar no chão molhado. Depois, começaram a saltar. E, ao reflexo do luar, a brancura das suas escamas prateadas faiscava.

O peixe todo foi amontoado, contado, repartido. A Manoel Pedro, como dono da rede, coube metade. Da outra saíram os dous quinhões de cada canoeiro, o quinhão de cada homem, o meio quinhão de cada mulher. E enquanto o pessoal da rede a ia embarcando na canoa, colhendo-a de vagar, depositando-a no paneiro com todo o cuidado, para que as chumbadas e as boias não se enrolasssem nas malhas do fio, os outros, dezocupados, espalhavam-se ao acaso.

Num grupo de moças, Joaquina sentara-se á beira do jundú. Perto, crianças rolavam na areia solta. Uma das moças propoz ir em á fonte que corria proxima, no sopé do morro, e cujas aguas cristalinas, num fio lacrimozo, caiam sem rumor de cima de uma pedra núa sobre o mar. Todo o bando, entremeado das crianças que se lhe haviam misturado, abalou, menos Joaquina, que ficou só, sentada no barranco, a cabeça inclinada para o peito, seguindo distraidamente com o olhar os sulcos que o seu pézinho descalço, movendo-se de um lado para outro, ia riscando na areia.

Faustino, a pouca distancia, devorava-a com os olhos. Viu-a sózinha, viu-a pensativa... Aproximou-se dela, falou-lhe:

— Zangou comigo, Joaquina?

A moça ergueu a cabeça, num movimento de impaciencia, e, fulminando-o com um olhar carregado, respondeu bruscamente:

— Me deixe, ouviu?

Faustino curvou a cabeça. Quiz falar, defender-se, disputar para o seu amor o coração de Joaquina; mas as palavras calorozas, de desesperada paixão, que sentia tu-

multuarem-lhe no cerebro, não lhe chegavam á garganta. Venceu-o afinal um grande dezanimo. Sentiu-se dezanado, compreendeu que a sua esperança de ser amado por Joaquina tinha sido apenas uma cegueira sonhadora... E, comovido, como apartando-se para sempre de tudo que fôra o encanto de sua vida, afastou-se, decendo sem destino, atordoado, pela praia... Postos no chão os olhos razos dagua, o aleijado apenas via a sua propria sombra que se alongava na areia dezanconçando-se grotescamente de cada passo em que ele manquejava...

Poucos passos tinha dado Faustino. A fraze impaciente e rispida com que Joaquina o escorraçara zumbia ainda nos seus ouvidos; e, de repente, uma duvida consoladora o assaltou, iluminando a sua alma como um jorro de claridade. Quem sabe? Ele era um inesperiente que até ali só conhecêra do amor o que sentia. Era bem possivel que a atitude de Joaquina tivesse significação diversa da que ele, na sua inesperiencia, lhe atribuíra. Aquela repulsa, que lhe parecera a condenação final do seu sonho, podia ser apenas o ultimo esforço de um coração vencido mas arisco, recuzando entregar-se sem rezistir. Talvez não fosse mais do que a finjida esquivança de moça recatada disfárçando em palavras de enfado e em gestos de amúo a confuzão de sua alma surpreendida...

Reanimado, Faustino parou em meio da praia, voltou-se, encaminhou os olhos para o lugar em que deixára Joaquina. A moça continuava sentada no barranco do jundú. De pé, deante dela, gesticulando, Jozé Mamangaba dizia-lhe palavras, que, pela distancia, Faustino não ouvia. Clareado pelo luar, pareceu a Faustino que o formozo rosto de Joaquina resplandecia. Instintivamente, ele adivinhou — porque, de lonje, não o podia vêr decerto — que o seio da moça arquejava, que havia em seus olhos um ful-

gor de paixão, que um sorriso enleiado florescia em seu labio, que uma branda vermelhidão rozava a sua face morena...

Mamangaba falava vivamente; Joanhina movia a cabeça num gesto indecizo de frouxa negativa. Ele insistia, ela outra vez negava brandamente. E quando o Mamangaba, com um largo acionado, lhe disse a ultima fraze, e se afastou — a moça, vencida ou enfarada, nada respondeu: deixou pender a cabeça para o peito, e assim ficou, pensativa, acompanhando distraidamente com os olhos os sulcos que o seu pézinho descalço recomeçára a traçar na areia...

A cena fôra rapida, e rapida foi a punjente impressão de ciume que despertára em Faustino, e que ele sentira inopinadamente como uma punhalada traiçoeira. Vendo agora o Mamangaba afastar-se descuidadamente de Joanhina, gingando o corpo, o velho chapéu á banda, o cigarro fumegando nos beiços — e ir misturar-se, gesticulando e falando, ao grupo de canoeiros que recolhiam a rêde, pareceu a Faustino que fôra vitima de uma alucinação. O Mamangaba, inesgotavel tagarela, falara de certo a Joanhina como a toda a gente falava. Era evidentemente absurdo imaginar naquele rapido colloquio, casual e insignificante, um romance de amor. Joanhina continuava, como antes de se lhe dirigir o Mamangaba, absorta e preocupada... E Faustino relacionava naturalmente essa preocupação da moça, que o dialogo com o Mamangaba não interrompera, com as couzas apaixonadas que ele, Faustino, lhe dissera quando juntos puxavam a rêde...

— Ela pensa em mim! Pensa no que eu lhe disse! — afirmava a si mesmo o aleijado.

E, arrastado por um irrezistivel dezejo de averiguar a deslumbrante verdade que lhe parecia adivinhar, de novo se encaminhou para Joanhina.

Mas, nesse momento, a buzina soou, dando o sinal da partida; e todos os que se achavam disseminados pela praia converjiram apressadamente para as canôas, que balançavam já na ressaca, prontas para a volta.

Joaninha foi das primeiras a embarcar. Faustino ar-
ranjou-se de modo a aboletar-se na mesma embarcação.
Recostado á prôa, ele podia assim, durante a viagem toda,
devorar com os olhos a figura da moça.

Vencida a arrebentação, entradas as canôas na ondu-
lação tranquila do mar largo, uma voz sôou acompanhando
os sons de uma viola, e cantando:

Minha mãi já me ensinava
A regra do bem viver:
Meu filho, cóme do alheio,
Deixa o teu para vender.

Os remeiros todos das quatro canôas acompanharam
o canto, suspendendo o movimento dos remos e repetindo
em côro:

Quem sabe, cóme do alheio
Deixa o seu para vender.

O violeiro tornou:

La bem no cimo do monte
Fica a mais alta palmeira...
Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.

E o côro dos remeiros:

Não ha dinheiro que pague
Beijo de moça solteira.

— Isso não ha mesmo! comentou José Mamangaba
com entusiasmo chocarreiro, no seu vozeirão.

Mas uma voz lembrou que Faustino devia cantar al-
guma das suas *módinhas*. De todas as canôas, mulheres
e crianças insistiram: — Cante, Faustino!

O violeiro passou-lhe a viola. E Faustino cantou, na tristeza do luar e no silencio quebrado apenas pelo rumor surdo e monotono das marolas que as prôas cortavam, e das remadas que, num ritmo compassado, faziam borbulhar a agua:

Eu sou como aquela fonte
Que vem, tão triste, a chorar:
Desce da encosta do monte,
Corre em procura do mar...

Algumas vozes repetiram em côro:

Desce da encosta do monte,
Corre em procura do mar.

Faustino continuou:

Perdição da minha vida,
Meu amor! Eu bem entendo
Onde vou nesta decida...
E vou chorando... e decendo...

E o côro:

Onde vou nesta decida...
E vou chorando... e decendo...

Faustino insistiu:

Pobre da fonte, baqueia
Na varjem, sempre a chorar;
E turva, turva de areia,
Corre... corre para o mar...

E turva... turva de areia,
Corre... corre para o mar!

cantou o côro. Faustino retomou o tema:

Perdição da minha vida,
Amor que me vais levando,
Terá fim esta decida?
Ha de ter... Mas onde?... E quando?

E o côro:

Terá fim esta decida?
Ha de ter... Mas onde?... E quando?

Faustino terminou a cantiga:

Com pouco mais que descaia
La vai a fonte parar:
Chega na beira da praia,
Morre nas ondas do mar...

E, enquanto a viola ezalava os ultimos sons, como um gemido, o côro de vozes de homens, de mulheres, de crianças, repetia arrastadamente:

Chega... na... beira... da... praia,...
Morre... nas... ondas... do... mar...

As canôas vogavam, emparelhadas, na ampla baía. Para o largo, o mar, plano e vazio, se espriava até aos confins do horizonte, onde o ceu decia vagamente sobre ele como um silencio estrelado...

Passados alguns momentos, pediram a Faustino outra *módinha*. E ele, com os olhos em Joaquina, que sorria distraída e enlevada, cantou com voz tremula de paixão:

E' tão pouco o que dezejo
Mas é tudo o que me falta
Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta.

E o côro:

Só porque a flor do teu beijo
Pende de rama tão alta...

Faustino:

Ninguem sabe o que suporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia...

O côro:

Por essa tristeza morta
Das noutes de lua cheia.

Faustino:

Em baixo o pranto das aguas,
Em cima a lua serena:
E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar, e tenho pena...

O côro:

E eu, pensando em minhas maguas,
Ouço o mar, e tenho pena...

Faustino:

Meu amor é todo feito
De neblina tão cerrada
Que por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada...

E o côro:

Ai, por mais que em roda espreito
Só te vejo a ti, mais nada!...

Faustino concluiu:

Ai, minha sina está lida,
Meu destino está traçado:
Amar, amar toda a vida,
Morrer de não ser amado!...

E então o côro, que reunira todas as vozes na mesma emoção, num conjunto em que se fundiam os timbres mais diversos, repetiu, enquanto os remos paravam suspensos no ar:

Ai!... minha sina... está... lida...
Meu destino... está... traçado...
Amar... amar toda a vida...
Morrer de... não... ser... amado...

Resoavam ainda, dispersas no luar, as ultimas notas do canto, quanto as canôas embicaram nas primeiras ondas da arrebentação que orlava de espuma a prainha do Pecê...

Puxadas as canoas para junto do jundú, seguiram todos, em pequenos grupos de parentes ou de amigos, para a praia do Iporanga, pelo caminho de areia, que serpenteava em estensão de uns trezentos metros, atravez do maço. Morador solitario do Pecê, Faustino ficou só. Entrou vagarosamente para a sua cabana, feita de pau a pique mal barreado, coberta de sapé, e que se rezumia numa saleta de entrada servindo de quarto, e numa cozinha. Na saleta, havia um catre feito de varas apoiadas sobre duas travessas que quatro estacas fincadas no chão suportavam, tudo de paus roliços, e tendo por cima uma velha esteira esfarapada. Um pequeno banco com pernas tambem de madeira roliça completava a mobilia. Jaziam a um canto, no chão, a caixa dos aparelhos de pesca e um pequeno e enfierrujado baú de folha. Sobre as traves do teto, alguns caniços; suspensas na parede, uma espingarda *picapáu*, uma viola, uma antiga folhinha com vistoza pintura em côres, a imajem de um santo num quadro. Era tudo.

Faustino acendeu a candeia dependurada á parede, na cozinha; fez fogo na tosca lareira, que se reduzia a trez pedras dispostas triangularmente no chão; aqueceu café, tomou-o, e deitou-se no catre. Mas os seus nervos vibravam das emoções novas em que ele passara a tarde, e não pôde dormir. Com os olhos abertos ou fechados, via sempre a figura de Joanhina, envolta num clarão onde ás vezes passava, rapida e vagamente, como a sombra de um corvo atravessando o ceu claro, o vulto de Jozé Mamangaba...

Faustino levantou-se afinal do catre, e foi para a porta. Calculou, pela lua já alta, que seria quazi meia noute. Deceu para a beira do mar, sentou-se numa das rochas sol-

tas que, no canto da praia, dão os primeiros sinais do aspero costão que vai começar. Para além da ponta do *Suruguava*, uma pequena mancha negra flutuava no amplo horizonte; era uma nuvem formando-se no sul, e Faustino pensou que antes do amanhecer haveria uma volta do tempo...

— Adeus, pescaria. Não é ainda nesta semana que se hade matar tainhas, murmurou.

Levantou-se, poz-se a caminhar lentamente pela beira do mar, olhando para o lado em que a praia do Perequê, ao lonje, no fundo da baía, franjava de uma fita de espumas e de areia o jundú alto negrejando no luar... E, de repente, subiu da beira da agua, enveredou pelo caminho de Iporanga.

A caza de Manoel Pedro, lá para o meio da praia ficava para dentro do jundú, atravez do qual tinha saída por uma curta vereda tortuoza cujas curvas propositais a defendiam dos ventos do oceano. Chegado ao boqueirão dessa vereda, Faustino hezitou. Algum cão latia ou uivava de quando em quando, num ou noutro ponto, alarmando o socego da noute adormecida, como embalada pelo rumor monotono, sempre igual, do mar em calmaria, que se espreguiçava na areia... Faustino desviou-se, penetrou no jundú, e insinuando-se silenciosamente por este, chegou até o chão limpo, sombreado de pitangueiras e murteiras, que rodeava a caza de Manoel Pedro.

Encostou-se a um tronco: e ficou, como um namorado que era, a gozar com delicia a vista daquelas paredes brancas, daquele teto de sapé, daquela caza silencioza, onde Joanhina dormia no seu leito virjinal, e adormecêra talvez pensando e dormia talvez sonhando pensamentos e sonhos de amor, desse grande amor que Faustino, aquela tarde lhe dissera nos ouvidos, e lhe cantára depois, durante a travessia no mar, em cantigas transbordantes de indiscreta ternura...

De subito, o aleijado percebeu um vulto atravessando, entre duas murteiras, a estreita aberta que o luar enchia de claridade. Era um homem. Faustino seguiu com os olhos esse vulto, que repenetrára na sombra das arvores, e entre elas se esgueirava... Viu-o aproximar-se silenciosamente da porta da caza de Manoel Pedro. Proximo dela, o desconhecido modulou um assobio quazi imperceptivel. A porta abriu-se instantes depois, e a ela assomou uma figura humana que alvejava indistintamente na escuridão. Atordoadado, sem saber que pensasse, comprimindo o coração com ambas as mãos, Faustino percebeu que os dous vultos discutiam em voz baixa, gesticulando: reuniram-se afinal, como num abraço; puzeram-se a andar, abraçados; e, ao atravessarem um farrapo de luar que pendia entre duas arvores, Faustino viu, como na aflita vizão de um pezadelo, viu com os seus olhos, em que não queria acreditar, Joanhina, arrastada por Jozé Mamangaba que a enlaçava pela cintura e a quem ela opunha uma frouxa resistencia, caminhando para o mato, escuro e silencioso, onde os dous se embrenharam...

Faustino, imovel, ficou fitando a escuridão vazia do mato, onde a vizão de Joanhina e Mamangaba enlaçados dezaparecêra. Assim quedou, como petrificado, durante alguns minutos. E de repente, como fujindo de um fantasma ou de si mesmo, dezandou a correr, sem destino.

Perdeu o folego, as pernas fraquejavam-lhe; e foi já a passo, cambaleando, que ele chegou ao canto da praia e começou a galgar e transpor as grandes rochas amontoadas ao acaso no dismantelamento do costão. Seguiu ao longo deste que se entranhava, por mais de um quilometro, na agua. Esse difficil percurso, venceu-o Faustino febrilmente, trepando com ezaltada irritação as pedras escarpadas, deixando-se escorregar para as fundas depressões cavadas entre os rochedos, equilibrando-se sem se deter, nas

passajens perigozas, sobre a craca das itapevas em que subia e espumava a ondulação do mar... Chegou, afinal, arquejando, á ponta do Suruguava, extremo da terra que até ali se alonga e acaba como uma flexa cravada em pleno coração do oceano. Junto daquela ponta, a dous metros dela, um calhau despegado ampara-a, dedicado e humilde, do embate das ondas, que só depois de o rodear no tempo calmo, de passar-lhe por cima nos temporais, atinjem o costão. A sua fôrma valeu a esse calhau o nome de *Candieiro*. Para ele saltou Faustino; sentou-se com as pernas dependuradas para fóra da pedra, e ficou enfrentando o mar e a noute.

A pequena nuvem escura que horas antes, da praia do Pecê, Faustino tinha visto para a banda do sul, diluir-se num tom cinzento mosqueado de grandes manchas negras, e alastrára-se pelo céu. A lua, envolta nesse pezado veu, decia no poente, quasi pouzando já sobre a Serra do Mar, que, esboçada no horizonte, resplandecia ainda de uns restos de claro luar lonjinho. Lufadas de vento do largo esfolavam a superficie das aguas, fazendo de quando em quando correr por toda ela um longo arrepio. De subito, surpreendida por uma rajada mais forte, alguma onda vinda vagarosamente, majestozamente, do alto, se desmanchava em maretas, que, rapidas, em dezordem, se dispersavam, alvejando, como um bando de gaivotas assustadas.

Faustino olhava o céu, despovoado de estrelas e onde o luar se apagára; olhava o oceano que ondulava surdamente na infinita sombra... Era áquele céu ameaçador, sob cuja proteção ele, crente, pozéra as suas esperanças repentinamente esboroadas; era áquele mar, erriçando-se agora nos prenuncios de um temporal, o mar com quem e de quem vivêra sempre a sua vida de solitario; era áquele ceu vazio, áquele mar irritado, que Faustino, mais só, mais

dezamparado do que nunca, se acolhia como forajido da terra formidável — para fazer-lhes, pelos olhos, a confiança de sua desgraça...

Assim ficou, absorto, mudo, com a alma desvairando em ideias confusas, obscuras, que se entrecrocavam, num tumulto, como as ondas que Faustino via correrem desvairadamente na sombra, sob o céu pezado de nuvens que corriam desvairadamente...

Assim se passaram as horas. A lua entrou; o céu tornou-se negro. Pouco antes de amanhecer, o temporal, que se ensaiara longamente em rajadas intermitentes, desencadeou-se em tufão. A leve agitação do mar creceu, transformou-se em furia desgrenhada e ruidosa. Todo o horizonte fechado pela cerração dava a Faustino a impressão de um muro lugubre, cinjindo, num pedaço de mar de tormenta e de um céu de chumbo, a sua existência...

Afinal, o temporal passou, desfeito num aguaceiro forte; um vago mormaço clareou o dia, ampliou o horizonte; mas o mar, que se sentira fustigado, continuou a esbravejar, cada vez mais bravo.

Em certo momento, apareceu ao lonje, rolando do largo para terra, uma onda enorme. Próxima do *Candieiro*, essa onda encontrou o refluxo da que a precedêra, e que voltava repelida pelo costão. Dominou-o, absorveu-o, creceu com ele, e, imensa, investiu, roncando sobre os rochedos. Instintivamente, Faustino levantou-se, saltou para a terra firme, correu pela rocha escarpada acima... Era tempo. A onda alagára o *Candieiro*, deixando-o mergulhado sob uma imensa massa d'agua, e trepára por um grande pedaço da itapéva. Quando ela voltava, rolando pela pedra abaixo como numa dezordenada precipitação de fuga, Faustino, olhando-a vagamente, sacudiu os ombros:

— Susto, de que? murmurou.

Continuou a olhar vagamente; a pouco e pouco o rosto contraiu-se-lhe, o olhar fixou-se concentrado na onda que decêra e que, encontrando outra vinda do largo, enro-

lava-se nela e preparava-se para assaltar e alagar novamente o costão...

Faustino teve uma nova sacudidela de hombros; murmurou:

— Para que?

E, vagarosamente, dirigiu-se, pelo costão a dentro, para o lado da praia, isto é, da vida.

A' saída do costão na praia, logo no canto desta, Joanninha, em companhia de trez ou quatro crianças, brincava á beira do mar, mergulhando os pés na ressaca.

— *Cadê* o peixe, pescador? perguntou em tom de caçada a Faustino, vendo-o vir do costão com as mãos vazias.

Estava alegre, de uma alegria que parecia sorrir-lhe nos olhos vivos, transbordar-lhe de todo o semblante luminoso, esvoaçar em todo o seu ar leve... Nem já se lembrava, por certo, das loucuras que Faustino lhe dissera na vespera. Sentia apenas, mais expansiva porque toda ela estava expansiva de felicidade, a amizade quasi de irmã que desde pequena votara ao aleijado.

Faustino respondeu-lhe com uma voz lenta, que tremia:

— Não fui pescar...

E seguiu, desviando os olhos da moça.

A' entrada do caminho do Pecê; alguns pescadores palestravam, em grupo, uns sentados á beira do jundú, outros de pé.

— O' vija, perguntou Jozé Mamangaba, com intenção de troça, a Faustino que se aproximava, — descobriu alguma manta de tainhas encalhada aí pelo costão?

Faustino deu um bom dia geral, e passou, sem responder ao Mamangaba.

— Com este mar, considerou Manoel Pedro, o peixe podia aparecer até na arrebentação, que era tempo perdido;

estava livre de que ninguém o fosse cercar. Mas não aparece. Com o temporal, ele afunda p'ra o largo...

— Não, que ele tem pele e osso, e não quer se arriscar a bater com as costelas por essas pedras. Com o mar zangado nem os peixes brincam — opinou o Mamangaba.

— Isso não, disse de um lado o velho Antonio Cuba. A maimbá, o guarabebê, a pirajica, o parati-apuan, o mesmo sargo, são peixes que afrontam o costão quando o mar está grosso. Até fazem pegadeira no ressôlho das ondas grandes que atrepam pela racha das pedras.

— E' assim, confirmou Manoel Pedro. Quazi todo o peixe de caniço gosta de pegar com o mar bolido, no ressôlho.

— *Menas* a garôpa, contraveiu Mamangaba. A garôpa é peixe muito de bem, não se mete em barulhos...

— A garôpa é outro cazo, explicou Manoel Pedro; só péga com mar manso porque com o mar repicado não se póde ir aos pesqueiros onde ela mora. Que a garôpa é peixe morador...

— Isso é, disse Antonio Cuba. Comigo já me aconteceu um cazo que até parece por demais. Aqui ha tempos, fui, mais o compadre Zé Benedito, divertir de caniço nos *Guarás*. Rodeámos todos os pesqueiros da ilha sem sentir nada...

— Acontece, concordou Manoel Pedro.

— Não vê que as aguas estavam claras...

— Com a agua clara é asneira, interrompeu Mamangaba. Quando o peixe vê a linha, cheira a isca, e sente logo que ela está estragada, com gosto de anzol...

Antonio Cuba continuou:

— «Homem, disse eu, aqui não fazemos nada. Vamos tentar alguma couza dentro da barra da Bertioga. Lá, como a agua no canal é mais turva, póde ser que se mate alguma garopinha p'ra o jantar». Tinhamos isca boa, savelhas de dous dias, que estavam mesmo no ponto. Fomos. Poitámos por toda aquela costeira. Sentimos uns peixinhos,

couza de nada, que não se afirmavam na linha. Na laje grande que fica perto da barra, bem sobre a racha de fóra, ferrei uma garopeta vermelha, ainda criança, de um palmo curto. Passei-lhe a faca no queixo, enfiei-a na corda, e ela ficou nagua, nadando, muito importante, como si fosse pessoa de consideração. Como o peixe não pegava mesmo, fomos até á Bertioaga, comprar uns trens e matar o bicho. Lá, na beira da praia, o compadre Zé Benedito, muito arreliado, disse: «Levar isto p'ra caza, antes não levar nada»; e, dezatando a corda, soltou a garopinha. Ela inda pererecou um pedaço nagua, mas afinal meteu a cabeça no fundo, raspou-se, sacudindo o rabo, de contente. Eu disse ao compadre: «Esta não arranja mais a vida, coitadinha. Do lado de cá da praia não póde ficar, que não hade comer areia; p'ra o costão não póde atravessar, que de certo nem sabe o caminho, e, inda que soubesse: assim largada, não conseguia passar toda a largura da barra sem cair na boca de algum méro», — que ali é a terra dos méros. Pois senhores, trez *somanas* depois, tocados do alto por um tempo de sueste que caiu de repente, fujimos para a barra da Bertioaga; ficámos internados trez dias naquela gruta da costeira. P'ra ocupar o dia, e ter o que comer, andavamos mariscando por aqueles pesqueiros, com isca de algum guaiá que se apanhava. De uma feita, soltei a linha na mesma racha da laje do canal, onde da outra vez tinha pescado a garopinha que disse. Daí a nada senti um *toc, toc*, beliscando no anzol. Ferrei, puxei: era uma garopêta vermelha, de um palmo, com o sinal da faca e da corda no queixo... O couza rúim do peixinho tinha atravessado toda a largura da barra, e tinha ido de certo ao comprido do costão, procurando, de toca em toca, o buraco que era sua morada...⁽¹⁾

— Não tem que ver, apoiou Manoel Pedro, a garôpa é peixe morador...

(1) Esse cazo, realmente curiozo pela coincidencia, passou-se, em substancia, com o proprio autor do livro.

Nesse momento dobrou o pontal do *Suruguava*, muito ao largo, fumegando fumo negro pelas chaminés, um paquete da *Mala Real*, saído do porto de Santos, e que navegava para o norte. Percebia-se o balanço que o sacudia, e em que ele afundava e alteava sucessivamente a proa e a pôpa.

— Lá vai o inglez, disse um do grupo.

— E o mar lá por fóra não está de brincadeira, observou Manoel Pedro. Olha como o inglez joga, nem que fosse uma canoa...

— Éta, *ingrez*, exclamou o Mamangaba; você parece que saiu mas foi do *shipexandre*. Você vai cambaleando que até é uma vergonha, *ingrêz!* Você tá na bitra, *Jones!*

Chegado á caza, num passo vagaroso em que a sua perna de aleijado arrastava, Faustino dirijiu-se para o pequeno baú de folha que jazia a um canto, no chão; e, tendo-o nas mãos, sentou-se á beira do catre. Colocou o baú sobre os joelhos. Olhou-o longamente; depois, dando um suspiro, abriu-o. Procurou, no fundo, sob algumas peças de roupa, um pequeno pacote, que de lá retirou: era um pedaço de jornal velho, que Faustino rasgou, e que embrulhava um rôlo de notas do Tezouro. Aquele dinheiro que, desde os primeiros dias da sua adolescencia, Faustino accumulara vintem a vintem, com avareza e amor, pensando vagamente num lar iluminado pela irradiação de Joaninha, representava mais de que o fruto de seu trabalho: era a flor, a flor que ele até então abençoara, da sua miseria padecida sem desfalecimento durante seis longos anos... Faustino ficou considerando algum tempo aquele dinheiro inutil, aqueles centos de mil réis que tão inutilmente contrastavam com a nudez da sua cabana vazia... Depois, deixando cair dos joelhos o baú, debruçando-se

no catre, com o rosto mergulhado nas mãos crispadas, vencido e entregue afinal, poz-se como uma criança, a soluçar alto, afogado em choro...

Passára o tempo das pescarias, as tainhas tinham dezaparecido com os últimos frios de Agosto. Toda a população adventicia, que a pesca reunira na praia durante alguns mezes, espalhara-se internando-se pelas fundas varzeas, pelas abas de morro, onde tinham os seus sitios, e as suas cazas, á beira dos rios e das gamboas. Jozé Mamangaba fôra dos primeiros a abalar. Passára por ali, de volta, uma dessas *folias* do Espirito Santo que, no tempo farto das pescarias, correm dezenas de leguas, esmolando de praia em praia para as despezas do culto nalguma capelinha humilde, consagrada a algum santo milagroso, num lonjinho bairro de S. Sebastião ou Caraguatatuba. Mamangaba, folião de nacença, aproveitára a passagem da *folia* como meio de voltar em boa companhia para sua terra; e lá se foi com ela, foliando de praia em praia, tocando viola e cantando no côro do *Divino* e nos catere-tês alegres, contando lérias aos homens e amando as mulheres...

Tinham ficado no Iporanga só os moradores, umas trinta familias, essas mesmas desfalcadas: muitos lá andavam na pescaria demorada e aventureza das ilhas de fóra, outros garopeavam, abrigados em ranchos improvisados com folhas de palmito, nos costões remotos dos Itaipús, ou na remançoza costeira do Suan... Dos homens, os que não andavam no mar passavam os dias cuidando das roças, do arroz nos terrenos encharcados, da cana e do feijão nas encostas mais suaves, da mandioca, nas varzeas de areia. As mulheres absorviam-se nos misteres cazeiros, cozinhavam e remendavam as roupas, ou lavavam nas fontes, cantando, na sombra do mato sussurrante, rodeadas das

crianças que peralteavam espicaçadas pelas mutucas. A praia, recaída na monotonia da sua vida normal, era, durante os dias abraçados pelo sol, ou, durante as noutes, sob o ceu de verão formigando de estrelas, uma solidão silenciosa, onde raro passava, deslizando em silencio pela beira do mar adormecido, algum vulto humano...

No ermo do Pecê, Faustino arrastava os seus dias e as suas noutes. Cuidava, com uma preguiça dezanimada, das suas roças, outrora tão limpas, e que agora o mato, repellido frouxamente, invadia pouco a pouco. Caniçava pelo costão, para comer; raramente ia até á praia do Iporanga, comprar algum pouco de assucar, de café, de sal. Ninguém déra pela sua auzencia e pelo seu retraimento. O aleijado nunca fôra comunicativo, ou alegre; tornara-se apenas mais arredio e mais triste, e ninguem puzera reparo nisso. Acostumara-se a descançar á tarde, sobre uma pedra alta, á beira do mar, de onde ficava olhando horas e horas, com um olhar de infinita saudade, a fita de areia branca que franjava o jundú, lá para o remoto fundo da baía do Perequê. Nessa estreita faixa de areia, o mizero tivera o unico instante feliz da sua vida, uma iluzão momentanea, e tão bruscamente desfeita, de que era amado... Entrava a noute e, rezistindo com a alma ao cansaço do corpo, só tarde, o mais tarde que podia, ele se recolhia ao seu catre, de onde o sono tranquilo dezertára para sempre, e que borbulhava de pezadelos.

Num entardecer, dos fins de Novembro, formava-se ao norte uma trovoada. O ar abafava. Sob o sol que esbrazeava todo o poente num clarão côr de sangue vivo, o mar, de um azul fôsko, adormecera, como quebrantado pelo calôr, num socego de agua parada. Faustino, sobre o rochedo a que se acostumara, absorvido nos seus pensamentos, nem sentia o calor do ar, que o alagava em suor; embebido na vista da praia do Perequê onde a areia fulgurava com matizes de purpura no reflexo do ocase, Faustino nem ouviu o rolar surdo da trovoada, que passava ao lonje, nem deu

atenção ao rapido aguaceiro de pingos raros, grossos e frios que lhe ensoparam as vestes... A trovoadá lá se foi rolando surdamente pelo ceu fóra, até perder-se na distancia... E Faustino ficou, como sempre, sobre a rocha nua, até tarde da noute.

Quando se deitou, sentia como uma opressão no peito e um pezo na cabeça. Dormiu agitado. Alta hora, acordou com calafrios em que fazia tremer o catre. Teve sede. Levantou-se, foi á cozinha, esgotou de um trago a cabaça dagua que lá encontrou quazi cheia. Tornou a deitar-se. E ficou o resto da noute, e o dia todo, caído no catre, ardendo em febre, respirando a custo e com dor... Tentou por varias vezes levantar-se, ir á fonte buscar agua; mas não pôde: de pé, a cabeça andava-lhe em roda, bambeavam-lhe as pernas. Para o entardecer, delirava.

Tarde da noute, já quazi para a madrugada, abrazado da sêde que todo o dia o atormentara, deceu do catre, arrastou-se pelo chão, falando e gemendo, chamando por Nossa Senhora, pedindo vagamente socorro em voz abafada, desfalecida... Assim foi rastejando pela praia; perto já do boqueirão em que dezembocava o caminho do Iporanga, perdeu os sentidos.

Manoel Pedro destinara aquella manhã de domingo para vadiar caniçando no costão. Rezolvêra ir, antes de amanhecer, aproveitando o reponto da maré de enchente, experimentar algum pesqueiro do Pecê. Ao dezembocar na praia, deu com Faustino caído no chão, voltando a si do deliquio em que desmaiara.

Perguntou-lhe, espantado, o que era aquilo.

— Doença, respondeu Faustino.

Manoel Pedro apalpou-lhe a testa, sentiu-lhe a febre.

— Ha de ser maleita, disse.

— Não, murmurou Faustino. E, pondo a mão sobre o peito:

— E' aqui. Mas eu não morro da doença, vou morrer de sede...

Manoel Pedro tentou erguel-o e ajudal-o a recolher-se; Faustino não se aguentava nas pernas, e o velho pescador ainda robusto, pol-o ás costas e carregou-o para a cabana, onde o deitou no catre.

— Vou buscar agua, disse ele.

Agarrou a cabaça caída no chão, e saiu correndo. Pouco apóz voltava. Percebêra que o estado de Faustino era grave; e, depois que este bebeu sofregamente um imenso gole de agua:

— E' melhor você ir para a Santa Caza, que sempre é de mais recurso. Vou prevenir a rêde e canôa para o levarem sem perda de tempo...

— Não, atalhou Faustino. Quero morrer aqui mesmo. Tanto se póde morrer aqui, como na cidade...

— Não, isso é verdade, concordou Manoel Pedro. Na cidade até morre mais gente do que aqui...

— Um homem, tornou o doente, não deve correr de nada, nem da morte... Me dê a agua, seu Manoel.

Bebeu outro grande gole, caiu sobre o catre, muito desfigurado, respirando a custo, numa respiração dezigual. Manoel Pedro, alarmado, saiu para ir depressa buscar algum remedio e alguma enfermeira que tratasse do enfermo.

O velho pescador voltou, daí a pedaço, acompanhado de Joaninha e de duas vizinhas, já idozas. Joaninha entrou no apozento com um ar de curiosidade triste. Não parecia a mesma. Emagrecêra. O seu rosto perdêra a côr, a apparencia de roza viva; desviçava agora numa desmaiada palidez de cêra. O olhar travesso perdêra o brilho, amortecido numa sombra de tristeza, lembrando uma lagoa em cuja escura superficie se adivinha a profundidade da agua...

Uma ruga leve, franzindo-lhe o canto do labio gracioso, dava-lhe o aspeto de uma linda flor que começa a murchar.

Auxiliando as outras mulheres, Joaquina tratou de fazer fogo, ferver agua para o café em que Faustino devia tomar o quinino, varrer a caza. Foi ela quem conseguiu que Faustino tomasse a primeira dóze do remedio que ele recusára, e que dela aceitou em silencio, com humildade. Joaquina passou o dia á cabeceira do doente, servindo-lhe de principal enfermeira, atenta e carinheira.

Para a tarde, caíu uma tempestade forte de trovoadas e chuva. Faustino, que durante o dia tivera acessos de delirio, quando entrou a noite delirava de todo, gesticulando e dizendo com exaltação frases entrecortadas pela respiração difficil. Lá fóra, a tormenta dezencadeada reinava, enchendo a noite de rumores lugubres: a chuva, em torrentes, escorria, como um choro continuo, do teto de sapé sobre a areia encharcada; as arvores ramalhavam na furia do vento; o mar, muito agitado e muito crecido com o temporal, estrondava no costão e marulhava na praia, pertininho, quasi á porta da cabana. Dentro, no apozento onde a luz mortíça da candeia derramava uma como penumbra vaga, avivada de quando em quando pela refuljencia rapida e livida de um relampago, só cortavam o silencio a respiração ofegante e a voz surda de Faustino, que delirava:

— O mar está roncando... Ronca, diabo!... E' atoa... As pedras você não abala, ixé!... Ha gente como as pedras... Ronca, diabo!... Passa por cima de mim, que passas por cima de um homem... Eu não fujo... Só uma vez corri, corri, corri até o fim do mundo, até onde a terra acaba na ponta do Suruguava... Mas não foi de medo que eu fuji... Foi de ver...

Ficou com os olhos arregalados, fixos, a boca aberta, como diante de uma horrozoza vizão. Depois de algum tempo, tornou:

— Aquele Serafim que contam, do tempo de dantes, matou... Penou na cadeia o resto da vida, mas matou...

foi homem... Um homem é p'ra outro... Com o tempo que está fazendo é atoa pensar em pescaria... Não ha tainhas na costa... Não vem gente para puxar a rede... Diz que Jozé Mamangaba é forçado... Com o mar é que eu queria ver *ele* pegado... Com o mar ninguem póde... O mar é o homem mais forte que ha ⁽¹⁾... *Cadê* o Mamangaba?... Chamem *ele*, que venha... *Tá* aí?... Espera, malvado, que tu vais já fazer conhecimento com a minha pica-pau... Pontaria firme!... Fogo! *Páum!*... Caiu!... — Deixe ver!... Não era o Mamangaba, era um passarinho... Que bonito passarinho!... Não!... Não!... Não quero!... Não era passarinho... era o coração *dela*... Foi o coração de Joanhina que eu matei... Não quero!... Não quero!... Acudam!

Num supremo esforço, conseguiu soerguer-se de leve apoiando-se sobre os cotovelos, com um ar desvairado; e recaiu, de olhos fechados, arquejando, sobre o travesseiro.

Joanhina acendeu a vela benta preparada para o transe final do moribundo; poz-lh'a na mão que descaira abandonada; e ajoelhando, com as duas velhas, á beira do catre, começaram as trez a rezar em côro:

— Senhor, tende piedade dele!... Senhor, recebei a sua alma no seio da vossa infinita misericórdia!...

Mas Faustino voltou a si. Uma tranquilidade, de luar mortiço no vazio duma planície, espalhou-se-lhe no semblante. Abriu os olhos como quem acorda de um sono pezado; circumvagou o olhar pelas pessoas presentes, fixou-o demoradamente em Joanhina... E disse afinal, articulando a custo as palavras, em voz fraca, quasi espirante:

— Eu queria dizer uma couza a Joanhina, antes de morrer... Nós nos criámos juntos... fômos quasi como irmãos...

As duas velhas afastaram-se, foram ajoelhar na outra

(1) Essa frase estranha ouviu-a o autor a um praiano.

estremidade do apozento, onde ficaram rezando baixinho. Faustino murmurou:

— Me dê a sua mão, Joaquina... Quero lhe dizer adeus...

Fechou por um momento os olhos; e, reabrindo-os:

— Me perdoe, Joaquina... Eu sei tudo... Você também não foi afortunada...

Repentinamente, estinguiu-se-lhe a vista:

— O vento apagou a luz... Acendam a candeia... Depressa!... Quero ver Joaquina ainda uma vez... antes de morrer... um momentinho que seja... Ai, minha Nossa Senhora, como padeço!...

Fez uma pequena pausa; e depois continuou:

— Você também não foi afortunada, Joaquina... Mas o tempo da pescaria vem logo... o Mamangaba hade voltar... Você hade tornar a ser feliz... Seja feliz, Joaquina...

E, com uma inflexão infantil de suplica, como esprimindo um supremo desejo que vinha do fundo de todo o seu ser:

— Seja feliz, sim?... Eu vou morrer... Morro só desta doença que me pegou...

Joaquina, vencida pela emoção, deixára pender a cabeça; o seu rosto, lavado em pranto, pouzava na mão do moribundo agarrada ás suas. Sentindo-lhe as lagrimas, Faustino sussurrou:

— Eu vou morrer... Mas não chore... Você sempre me quiz bem, sempre, eu sei... Morrer não é nada... Viver é que custa, não é, Joaquina?

As palavras saiam-lhe cada vez mais difficilmente, como num sopro interrompido a cada sílaba.

— Eu vou morrer porque Deus quer... de doença que Deus mandou... Ninguem tem culpa...

Depois de um pequeno silencio:

— De certo vou para o ceu... nunca fiz mal a ninguem...

E, num soluço estrangulado:

— Mas o ceu fica tão lonje daqui!...

Duas lagrimas, transbordando dos olhos marejados, rolaram-lhe pelas faces. Pouco a pouco, voltou-lhe a serenidade ao rosto, que se iluminou como de um clarão espiritual:

— Você também irá para o ceu, algum dia... Você também tem padecido... e o mal que me fez... não foi por querer...

Tentou ainda dizer algumas palavras em que a lingua se lhe enrolou, e que só produziram um som como de gargarejo abafado. Teve um leve suspiro; e, como uma criança que adormece, espirou.

DUAS SOLUÇÕES

Flo leitor (1)

Este livro, em que se acham reunidos alguns artigos vindos a lume na imprensa diaria, é animado pelo mesmo espirito que dominou a publicação daqueles: — o sincero desejo de ser util.

Alimento a esperança de que, lendo o livro com a calma que a celeuma provocada pelos artigos não permitiu, cada um possa atender serenamente ao que esponho, e apreciar com izenção de animo o que digo.

Os artigos que publiquei provocaram uma avalanche de contestações; e boa parte delas foi trazida a publico por pessoas que não conheciam a materia. Muitas dessas pessoas supunham sem duvida que é sufficiente dispôr de alguma imajinação, pena e papel, para discorrer proveitozamente a respeito de couza tão complexa, em que as minucias se entrelaçam tanto, como é a crize do café. Alguns começavam confessando não entender do assunto; e pré-gavam em seguida medidas que lhes pareciam decizivas, e que declaravam unicas a adotar.

Como era de supôr, isso não concorreu para esclarecer couza alguma; mas, pelo contrario, contribuiu em muito

(1) Reproduzem-se aqui trechos de um livro publicado em 1901 sob o titulo — *Solução da crize do café*. A parte transcrita vão acrescentadas algumas rapidas considerações de confronto entre o que o autor propunha em 1901, e o que se fez alguns anos depois.

para perturbar a minha espozição, e o debate em geral. Uma discussão só é util quando os que discutem sabem com segurança o que querem, e mutuamente se ouvem e se entendem. Fóra disso não ha propriamente discussão: ha apenas barulho.

A essa esteril perturbação procuro fujir publicando o prezente volume. Dezejo para o que esponho ezame sereno e refletido. Este livro oferece a cada um dos interessados oportunidade de pezar devidamente, com a preciza calma, o valor dos dados em que me bazeio, a razão de ser da medida que proponho, as vantajens ou desvantajens dela.

Dezejo que cada um decida como entender, mas depois de ler serenamente o que esponho. Em assunto complexo como este, a primeira impressão, sem o conhecimento dos dados da questão, não é um guia seguro e infalivel.

Não se acoime de pretenciozo esse dezejo que manifesto, de ser ouvido antes de ser julgado. A numeroza adezão de interessados e de competentes, o ruidozo interesse que a medida por mim proposta dispertou no espirito publico, autorizam-me a pensar, e a dizel-o com franqueza, que não se trata de uma idéa estravagante ou menos merecedora de atenzão.

A minha insistencia, de que a publicação deste livro dá testemunho, é natural. Estou convencido de que o espediente que proponho é caminho seguro por onde sairemos da gravissima situação em que se acham a lavoura e a nossa terra. E seria estranhavel que a uma convicção como essa não correspondesse o esforço que emprego.

Um esforço, eis o que este livro representa; esforço inspirado no lejítimo interesse que tenho no assunto, como brasileiro, como paulista, como lavrador.

Julho de 1901.

I

Apresento ao estudo dos interessados o que me parece ser uma solução para a crise atual do café, que ameaça agravar-se assustadoramente. Peço para a medida que lembro, e para a espozicação com que a fundamento, ezame calmo e sem prevenções. Bem sei que, em principio, é um absurdo economico produzir para destruir, mas não se pode negar que, tambem, em principio, é um absurdo economico produzir com esforço e sem lucro.

Comtudo, esta anormalidade se está dando. O café está sendo produzido, com um enorme esforço, para ser vendido, como está sendo, por preço que mal cobre as despezas do custo, e' estamos ameaçados de o vender com indiscutivêl prejuizo. Mesmo os que mais se apeguem aos principios não poderão fujir á evidencia desse fato.

Trata-se de uma situação inteiramente anormal, que escapa de todo ás regras ordinarias e que ezije o emprego de meios tambem extraordinarios.

A desvalorização atual do café é devida á superprodução; já não ha meio de o pôr em duvida. Mesmo que o excesso de produção não fosse atestado irrefutavelmente pelo estado de todos os mercados do mundo, onde os *stocks* de café que esperam ocasião de entrar no consumo aumentam de ano para ano, uma consideração seria bastante para tirar-nos as iluzões que ainda nos permitissemos ter: a produção brasileira aumentou bruscamente, dos ultimos 5 anos para cá, de alguns milhõis de sacas por ano. Não ha fundamento sério para supôr que o consumo crescesse na mesma proporção, acompanhando o salto prodijiozo da produção.

O excesso atual da produção sobre o consumo, segundo indicam as mais cuidadosas estatisticas, é de cêrca de dois

milhões de sacas. Em numeros redondos, para quatorze e meio milhões de sacas que o mundo consome anualmente, ha dezeseis e meio milhões de sacas que entram nos mercados. (1)

Deve-se tal ecesso esclusivamente á produção brasileira. Nos vinte e seis anos ultimos, a produção do resto do mundo manteve-se estacionaria, sendo atualmente o que ha vinte e seis anos era: de quatro a quatro e meio milhões de sacas. Entre os paizes produtores estrangeiros, o pequeno aumento de uns tem sido compensado pela diminuição de outros. Apesar das varias peripecias que o café atravessou nesse longo periodo, a produção estrangeira, considerada em globo, se tem mantido sem modificação.

O grande fator da baixa somos só nós, que fazemos o ecesso da produção sobre o consumo. E, fato digno de toda a atenção, esse ecesso não consiste propriamente em café, mas nas impurezas com que esportamos os nossos cafés, e *que como café são torradas e oferecidas ao consumo do mundo*. Isso, que em linguagem comercial se chama *cafés baixos*, é o que faz, por si só, a superprodução.

Póde-se, realmente, avaliar em 20 % da nossa produção esse terrivel e desmoralizador concorrente do café brasileiro; e 20 % da nossa produção correspondem aproximadamente a dois e meio milhões de sacas.

A eliminação desse grande fator não só faria desaparecer imediatamente a superprodução, mas aliviaria mesmo em pouco tempo os *stocks* provenientes do ecesso de produção acumulado nos ultimos anos. Suprimida a cauza da desvalorização, é evidente que os preços do café procurariam o seu *nível normal* anterior ao atual e persistente fenomeno da superprodução. Cumpre observar que o *nível normal* dos preços do café em ouro foi sempre muito superior aos preços atuaes, a que nunca deceu antes da su-

(1) Esse calculo é feito para o ano corrente de 1901—902.

perprodução, que começou ha cinco anos, nem mesmo nas mais bruscas e passageiras baixas.

Mesmo que a eliminação, durante dous ou tres anos, de 20 % das nossas safras, isto é, a supressão anual de dous ou dous e meio milhões de sacas de cafés baixos, só tivesse como resultado uma alta de 20 % nos preços, essa eliminação seria, ainda assim, de extrema conveniencia. Compensada a quantidade sacrificada pela melhora correspondente do preço, nenhum prejuizo sofreria o produtor; e conseguiriamos assim, sem sacrificio, a rehabilitação do café brasileiro pela esportação unicamente de café depurado e superior. Habituaríamos assim os consumidores a beber realmente café. Não se póde imajinar mais eficaz elemento de propaganda.

A influencia nefasta dos cafés baixos não se faz apenas sentir na superprodução. Chamamos toda a atenção para este ponto. Esses tipos impuros, verdadeira falsificação do café, são um formidavel concorrente do verdadeiro café. A observação dos mercados nos ultimos anos mostra que eles tendem a nivelar-se com as qualidades superiores, não subindo até estas, mas desmoralizando-as. De ano para ano as diferenças entre os cafés superiores e os tipos infimos se tornam menores. A baixa ataca de preferencia, com maior intensidade, os belos tipos de mokas e finos. Esse caminho leva-nos ao deazastre de peorar cada vez mais o nosso produto, pela falta de incentivo que obrigue o produtor a melhorar a produção. A pequena preferencia de preços obtida atualmente pelos cafés sem defeito já compensa mal o esforço que o lavrador emprega para conseguir esses cafés, e o que ele perde em quantidade e pezo. Essa preferencia tende a diminuir cada vez mais. Caminhamos assim para este deazastre: ser de bom conselho não empregar trabalho e despezas para obter café sem defeito; mas, pelo contrario, poupar o esforço e aproveitar os defeitos, que fazem avultar a quantidade. Nesse declive em que vamos, a lavoura brasileira se lançará descuidada-

mente no que se pôde chamar uma verdadeira falsificação do seu produto.

Ainda mesmo, como acima se disse, que a supressão dos nossos cafés baixos só produzisse uma alta geral de 20 % nos preços, essa supressão seria extremamente conveniente pela reabilitação que traria ao nosso café. Mas a verdade é que essa eliminação anual de dous e meio milhões de sacas não teria como consequencia, com relação aos preços, fazel-os subir apenas de 20 %. Restabelecendo o equilibrio entre a produção e o consumo, entre a quantidade do genero disponivel e a necessidade dos mercados, essa eliminação elevaria os preços do café naturalmente, sem outro esforço, como acima observámos, ao seu *nivel normal* anterior á superprodução. 20 % sobre os preços atuaes (cotação de 38 francos no mercado do Havre), corresponderia a pouco mais de 7 1/2 francos. O aumento de 20 % elevaria esses preços a 45 1/2 francos. Ora, toda a historia comercial do café ensina que antes da superprodução, que data de 5 anos a esta parte, o café só acidentalmente, e por pouco tempo, deceu a 45 francos. O seu preço normal foi sempre muito mais elevado.

Bastaria que a eliminação de 20 % da nossa safra elevasse o café a 57 francos, preço ainda baixo comparado com os preços medios anteriores á superprodução, para que essa medida dêsse aos lavradores brasileiros um resultado de 50 %. Os 20 % perdidos em quantidade seriam compensados por 50 % de aumento nos preços, o que representaria um lucro liquido de 30 %. E, cumpre notar, esse lucro liquido seria obtido sobre as cotações atuaes, *que não pôdem ser consideradas como as mais baixas que o café alcançará.*

O lado mais serio do problema é este. O café está a 38 francos, que correspondem, com o cambio atual, a 4\$000 e 4\$200 por 10 quilos. Mas as cotações já chega-

ram, em 1899, a 31 francos; e, tomado em consideração o volume da colheita brasileira, que está agora começando, *não se póde determinar qual o extremo da baixa a que os preços chegarão.*

E' em face dessa terrível incerteza que a eliminação temporaria de uma parte das nossas safras assume as suas verdadeiras proporções de medida necessaria e urgente. A lavoura de café póde rezistir, por algum tempo, mais ou menos organizada, aos preços atuaes; mas não rezistirá, com o cambio em vigor, a uma baixa que leve o café mesmo aos 31 francos a que já chegou.

Não ha necessidade de ezajerar os dezastres que essa baixa possivel acarretará. Ela trará a dezorganização da nossa lavoura e do nosso comercio, provocando uma verdadeira perturbação social cuja estensão não é dado prever.

Por outro lado, cumpre salvar o enorme capital que em futuro não remoto representará a nossa capacidade ativa de produção. Deve-se atender a que o consumo do café crece numa proporção aproximada de 5 % ao ano, o que constitue atualmente um aumento anual de cerca de setecentas mil sacas. Eliminado durante dous ou trez anos o excesso das nossas safras sobre o consumo, é provavel que, ao fim desse sacrificio, a nossa produção natural já não seja demaziada. Um esforço tendente a alcançar tal resultado dispensa encarecimentos. E' de simples bom senso sacrificar uma parte inutil do fruto para salvar a arvore. A produção hoje excessiva, e que nos empobrece, fará a nossa riqueza de amanha: sacrifiquemos o que hoje é demais, que a ninguem aproveita, conservando inteira e organizada a nossa capacidade de produzir, que nos será util em futuro proximo.

E' preciso compreender que só a eliminação pozitiva de parte das nossas safras atuais produzirá esse resultado:

a sua simples retenção não só importaria numa acumulação de café retardando por muitos anos o necessario equilibrio entre a produção e o consumo, como seria uma permanente ameaça aos mercados, impedindo assim a alta.

O café, como produto de zonas especiaes e de extensão restrita, não é, não póde ser um genero barato. O abaixamento de preços que se faz sentir ha cinco anos não prova contra essa afirmação, e, pelo contrario, os seus efeitos falam em favor dela. Esse abaixamento é devido ao fenomeno anormal da superprodução; e está, literalmente, esmagando os produtores. A produção sem lucro é uma anomalia anti-economica, que só se póde dar temporariamente. Essa anomalia não está no interesse do consumidor; porque, a prolongar-se, ameaçaria a propria existencia do genero.

Com relação ao café, nem o consumo está aproveitando com o sacrificio imposto ao produtor, nem esse sacrificio é ezijido pelo alargamento do consumo. O consumo do café aumentou sempre numa proporção normal, rezistindo mesmo aos preços de mais de cem francos a que o nosso café se manteve em alguns anos. Atualmente, o café, desvalorizado para o produtor, continúa a ser um genero caro para o consumidor. E isto esplica-se: o café é tão onerado desde que sái das mãos do produtor que a alta ou a baixa de 50 %, por exemplo, nos mercados de orijem, representa de fato uma porcentajem minima nos preços do consumo.

A verdade é que a baixa atual não é de fórmula alguma determinada pela rezistencia do consumo, mas é-o — escluzivamente — pela má posição em que a superabundancia do genero coloca os produtores. O mundo não está ezijindo beber café barato; nós é que nos estamos matando para fornecer-lh'o a preços impossiveis de sustentar.

Com tudo isso, estamo-nos preparando uma situação desesperada: a da dezorganização da nossa lavoura. Será esse o preconizado meio de vencer os nossos concorrentes? Será esse o unico caminho para sairmos da baixa atual?

Não.

E' preferivel mantermos as nossas forças procurando um justo equilibrio entre as conveniencias do consumo e a remuneração da produção.

Uma medida capaz de restringir no momento a produção *á quantidade de café que o mundo precisa e aproveita* atenderá a essa necessidade de salvar a nossa lavoura e o nosso comercio. Tal será a corajosa eliminação, durante dous ou trez anos, de uma parte da nossa produção; eliminação que fará subir os preços, nos mercados de origem, 50 % ou 60 %, talvez mais, e que, recaindo nas qualidades mais baixas reabilitará o café brasileiro.

Haverá, porém, um meio pratico, adotavel e eficaz, de conseguir esse rezultado sem vexames, sem desigualdades individuais e odiosas para os lavradores, sem perturbação dos serviços de produção, de transporte e de comercio que o café ezije no paiz?

Esse meio eziste:

Consiste ele na criação, *por parte dos Estados brasileiros produtores de café*, de um imposto de 20 %, *pago em especie*, sobre todo o café que fôr esportado e eliminação pozitiva do rezultado desse imposto. Tal imposto será pago pelo esportador no ato de despachar o café para a esportação; isto é, para despachar perante a repartição fiscal o café que tiver de embarcar, o portador será obrigado a ezibir certificado de que entregou ao depozito publico, para esse fim instituido, a quantidade de café — *sem determinação de qualidades* — correspondente a 20 % do que vai embarcar.

A eliminação dos cafés baixos se fará assim por simples seleção natural, porque nessa especie de menor valor procurará o esportador pagar o imposto. Tais cafés serão procurados e comprados para tal efeito como hoje o são para serem esportados.

A eliminação de 20 % da nossa safra não será destruição de café: será destruição apenas de qualidades baixas, de escorias, de concorrentes do café.

A adoção dessa medida produzirá efeitos imediatos. Ninguém ignora que as cotações do café são feitas por antecipação. A noticia das nossas floradas influe imediatamente em todos os mercados. A certeza da eliminação anual durante dous ou trez anos, de parte das nossas safras, equivaleria á noticia, não já de uma florada pequena, mas de uma grande geadá.

A medida que lembramos póde vir a tempo de salvar toda ou quazi toda a safra que se está começando a colher.

Tal medida é, naturalmente, de carater tranzitorio; mas produzirá efeitos beneficos definitivos. Antes de tudo, permitirá á lavoura nacional atravessar organizada a crize que ameaça subvertel-a, e conservar toda a sua capacidade produtiva, que, atento o natural alargamento do consumo, será precioza em futuro não remoto. Em segundo lugar, essa medida reabilitará o café brasileiro. Os consumidores se habituarão, durante dous os trez anos a beber verdadeiramente café brasileiro; durante dous ou trez anos, desaparecerão do mercado as escorias que usurpam esse nome. E a certeza de que, ao fim desse tempo, os chamados *cafés baixos* não mais serão procurados para a eliminação, e já não encontrarão fácil mercado de consumo, levará os produtores nacionaes a aperfeiçoar o seu produto.

Para produzir todos os efeitos, a medida deve ser tomada corajosamente por trez anos; mas a porcentagem de café a eliminar deve variar anualmente de acôrdo com o volume das safras pendentes. Calculamos que, para a safra atual, a eliminação de 20 % será razoavel; para as duas outras a porcentagem será maior ou menor, segundo as circunstancias aconselharem.

O que convirá, para evitar perturbação nos mercados, é que a porcentagem adotada para cada ano seja inalteravel durante todo esse ano.

A medida que lembramos é a unica, dentre todas as que têm sido aventadas, capaz de conjurar o perigo que nos ameaça, que está iminente. Estamos ameaçados de ver a safra proxima vendida a 3\$ por 10 quilos. Não podemos esperar de braços cruzados esse perigo; não podemos correr o risco iminente, vizivel, de ser esmagados, sem tentar uma rezistencia.

Todas as outras medidas lembradas, algumas das quais são plenamente aceitaveis e devem servir de complemento a esta, dependem de tempo para serem adotadas ou para produzirem resultado. Esta pôde ser adotada prontamente, e produzir efeito imediato.

Essa medida não esclue qualquer outra de feição a auxiliar a lavoura. Não perturba nenhum dos serviços que o café ezije, no paiz. Permite a modificação do nosso comercio e o abaixamento das tarifas de estradas de ferro. Não prejudica a organização da propaganda do nosso café, antes vem em seu auxilio, pela rehabilitação dele como qualidade; não impede o alargamento do credito agricola, mas, pelo contrario, favorece-o pela valorização do café como fonte de renda para o produtor.

Deve-se acrescentar que a unica fórmula possivel de tornar forçada e proporcional a contribuição de cada lavrador, e de fazer a perfeita seleção dos cafés baixos, é a do imposto de esportação nos portos de embarque. Qualquer modificação nessa fórmula tornaria a medida impraticavel.

Quanto ao efeito moral que essa medida possa causar na opinião do mundo, ha duas couzas a considerar:

1.^a Suprimindo as escorias que como café temos vendido até aqui, e que como café brasileiro têm sido até aqui torradas e fornecidas ao consumo, praticamos um ato de moralidade comercial;

2.^a Eliminando a parte ecessiva e pernicioza das nossas safras, ezerceremos, apenas, enerjicamente, um direito: não temos obrigação nenhuma de arruinar-nos para que o mundo compre café por preço inferior ao custo da produção.

II

Algumas pessoas pretendem negar a influencia deciziva da superprodução na baixa do café, e atribuem essa baixa á especulação.

A verdade é que *sempre*, até hoje, a alta e baixa dos preços do café foram determinadas pelo volume das safras. A regra é que as safras grandes determinam baixa, as safras pequenas determinam alta. Sendo o aumento do consumo um fenomeno normal, é a diferença do volume das safras que inflúe diretamente nos preços.

As oscilações dos preços do café obedeceram sempre á comezinha lei economica da oferta e procura. A especulação é bastante inteligente para tentar fujir á ação dessa lei: e é impotente para conseguir libertar-se dela.

O papel da especulação não é ir de encontro aos elementos naturais, mas aproveitar-se deles, antecipando ou retardando temporariamente os seus efeitos, ezagerando-os.

O erro das tentativas brasileiras, que falharam todas, foi sempre o tentar, por méro palpite, a rezistencia aos mercados estrangeiros, quando estes faziam a baixa em perfeito acôrdo com as circumstancias. Os anos em que se deram aquelas infelizes tentativas foram ezatamente anos de co-

lheitas enormes. Nós, brasileiros, desprezámos esse fator, e o nosso palpíte saiu errado; os mercados estrangeiros, tomando em consideração os elementos naturais, jogaram de acordo com eles, e ganharam.

De 1876-77 a 1881, em cinco anos, nós produzimos 20.235.000 sacas, ou uma média de 4.057.000 sacas por ano. Os preços mantiveram-se durante esse período numa média superior a 90 frs.

De 1881-82 a 1886, os preços caíram a 50 francos e por aí se mantiveram durante os 5 anos. Porque? Porque nesses 5 anos a nossa produção foi de 29.072.000 sacas, ou seja uma média de 5.800.000 sacas, enorme para esse tempo.

De 1886-87 a 1891, os preços subiram outra vez a mais de 100 francos. Não fôra preciso para isso organizar resistencias e formar sindicatos. Simplesmente, a nossa produção caíra a 25.400.000 sacas no quinquenio, ou a uma média de 5.080.000 sacas por ano.

De 1891-92 a 1896, a nossa produção vai a 31.730.000 sacas. Era, aproximadamente, a produção de 1881-82 a 1886; mas, nos dez annos decorridos, o consumo aumentára, apesar da alta dos preços; e a pequena produção dos annos anteriores fizera esgotar os *stocks*. Os preços se mantiveram a 90 francos. A média da nossa produção foi, nesse quinquenio, de 6.340.000 sacas.

De repente, começa a formidavel baixa dos preços, que atingiu em 1899 o seu minimo, 31 francos. Não é necessario, para explicar essa baixa, perder o tempo a imaginar couzas extraordinarias e causas fantasticas quando os algarismos falam com a maxima clareza. Nesses trez annos, 1896-97, 97-98, 98-99, nós produzimos 29.623.000 sacas, ou seja uma média de **nove milhões oitocentas e setenta mil sacas** por ano.

Não ha fundamento serio para admitir que o consumo acompanhasse a produção brasileira nesse prodijiozo salto. E' mais natural, é mais razoavel, e é mais proveitozo vêr

as couzas como elas são, aceitar os fatos na sua lojica. Aquele salto da nossa produção, de uma média anual de **6.072.000** sacas a uma média de **9.870.000**, esplica bem evidentemente a ezistencia de um *stock* vizivel de 6.200.000 sacas nos mercados do mundo em 30 de junho de 1899, como esplica a quéda do café a 31 francos nesse ano... (1)

Não temos onde escolher. O unico meio de sairmos desta situação é a deliberação corajosa de destruir 20 % da nossa safra proxima, e a rezolução solene de destruir das duas que se lhe seguirem a porcentajem que reprezentar excesso da produção sobre o consumo.

Mudaremos com isso a situação do café no mundo. Dispomos de força para isso, porque produzimos 75 % do café fornecido ao mundo.

Poremos assim de nosso lado a especulação, que aproveitará o elemento natural da alta, fornecido por nós.

A adoção dessa medida, enerjica mas indispensavel, violenta mas não sem precedentes, mudará imediatamente a situação do café nos mercados.

A destruição de 20 % da nossa safra não quer dizer que esportaremos em 1901-902, 9.600.000 sacas dos 12.000.000 que produzirmos. A melhora dos preços, melhora que se acentuará de ano em ano, não só aconselhará a rezistencia dos lavradores que têm recursos para reter o seu café, como aumentará o numero dos que têm esses recursos. Não esqueçamos que a valorização do café importará uma valorização geral nos Estados produtores, isto é, um aumento de recursos em dinheiro e credito. O fenomeno da rezistencia instintiva nas ocasiões de alta é conhecido e é vulgar. Os que venderam café a 6\$ em 1899, rezistiram quando o café a entregar era pago a 9\$ em 1900.

E essa rezistencia, essa retenção, é natural. Não se

(1) Seguia-se um quadro da produção brasileira anual, de 1876-1899, e da media dos preços correspondentes; tabela que se omite por amor da brevidade. Suprimem-se tambem os comentarios a essa tabela, que eram longos, sendo certo que já hoje ninguem pôi em duvida a superprodução que áquele tempo se contestava cégame.

deve e não se pode reter café quando as probabilidades são para a baixa, mas quando são para a alta. Quando a corrente é para a alta, a natural resistencia aparece.

Por essa regra, que não falha, é bem possível que, destruindo 20 % da nossa safra, e adotando medida idêntica para as duas seguintes, entreguemos aos mercados, em 1901-02, não 12.000.000 de sacas, porém, menos talvez de 8.000.000.

Isso obrigará o consumo a entrar largamente nos *stocks* existentes.

Mudados assim os elementos naturais, porque motivo supôr que a especulação resistirá, cometendo um erro, e pretendendo forçar a baixa?

Dizem alguns que a especulação, nessas condições, aproveitar-se-á da mudança de situação, para vender a preços altos o seu *stock*, 7.000.000 de sacas, e aproveitar-se-á ao mesmo tempo da nossa fraqueza para continuar a comprar-nos a preços baixos.

Os que assim pensam fundam-se, principalmente, numa ilusão: acreditam que é possível uma grande disparidade de preços entre mercados de café. Como as vendas de café são feitas geralmente pelo telegrafo, e como entre os mercados existe franca e rápida navegação, é absolutamente irrealizável a hipótese de estar o café a 80 francos, por exemplo, em Hamburgo, e a 40 francos em Nova-York; de manter-se ele, mesmo por poucos dias, a 80 francos no Havre e a 40 francos em Santos.

Si o café subisse, por exemplo, a 80 francos no Havre e nos outros mercados, e não nos quizessem pagar aqui mais do que 40 francos, o nosso recurso era simples: vender diretamente a 70 ou 75 francos. Obrigariamos, assim, sem resistencia possível, os mercados, ou a baixar os seus preços ou a comprar-nos pelos nossos.

III

Um dos argumentos que mais tem aparecido e reaparecido contra a medida que propuz — é a de que o imposto de 20 %, pago em especie pelo esportador, cairá sobre a lavoura.

A insistencia nesse argumento é puramente gratuita. Trata-se, realmente, para a lavoura, de sacrificar 20 % da sua colheita, e nos cafés mais ordinarios, afim de salvar os 80 % restantes. O total da nossa colheita está arriscado a perder-se, a ser vendido por menos do que nos custa, a nós produtores: nada mais razoavel, nessas condições, do que sacrificarmos corajosamente 20 % para salvar do deazastre os 80 % restantes.

Os dados que espuz mostram que, com essa medida, valorizaremos a parte aproveitavel da nossa produção, isto é, os 80 % que dela conservaremos. Si a valorização da parte aproveitada corresponder apenas ao sacrificio da quantidade, isto é, si fôr unicamente de 20 %, conseguiremos, sem prejuizo algum, a rehabilitação do café brasileiro; mas todos os dados levam a acreditar que a valorização se dará em escala maior, e que a destruição dos nossos cafés baixos será largamente retribuida pela alta dos preços obtidos pela parte bôa da nossa safra.

Imajinemos o café chegado a 3\$000 de baze.

Um lote de 80 sacas de café superior, e de 20 sacas de café baixo, dará:

80 sacas de café superior, ou sejam 4.800 quilos de café a 3\$000 por 10 kilos	1:440\$000
20 sacas de café baixo, ou sejam 1.200 quilos a 2\$000 (?) por 10 quilos	<u>240\$000</u>
Valor do lote	1:680\$000

Admitamos agóra que a destruição resolvida, e em ezeução de 2 1/2 milhões de cafés baixos da nossa safra,

eleva a 6\$000 o preço dos cafés esportáveis. E' inutil observar que 6\$000 é um preço extremamente baixo com o cambio actual e que só a superprodução permite esse preço. Mesmo, porém, com o preço de 6\$000, o resultado do lote em questão seria:

80 sacas de café superior a 6\$000 por 10 quilos, ou a 36\$000 por saca	2:880\$000
Menos 20 sacas de cafés baixos a 4\$000 por 10 quilos, ou a 24\$000 por saca	480\$000
	<u>2:400\$000</u>

Na primeira hipotese, o comprador pagaria 1:680\$000; na segunda hipotese pagaria 2:400\$000. Nos doze milhões de sacas da produção brasileira essa diferença seria de 201.600:000\$000 para 288.000:000\$000, ou um resultado de 86.400:000\$000.

Para o lavrador que colhe 12.000 arrobas o resultado bruto seria, na primeira hipotese, 50:400\$000; na segunda, 72:000\$000. As despesas de transporte seriam as mesmas. A diferença liquida seria, portanto, de 21:600\$00.

Isso representa a proporção do lucro liquido que, sem prejuizo e sem perturbação de toda a engrenagem que em nosso paiz auxilia a produção e o escoamento do café, teria a lavoura com a destruição de 20 % dos cafés mais baixos, da escória da sua safra; e isso mesmo na hipotese de que a eliminação de 2 1/2 milhões de sacas da nossa colheita, a deliberação firme de adotarmos medida identica por trez anos, o fato de pormos assim um termo á superabundancia do produto, a mudança completa da situação do café no mundo — só fizesse subir nos mercados ao preço modesto de 6\$000 por 10 quilos a parte bôa e aproveitavel da nossa colheita.

Trata-se, portanto, de um resultado provavel de cerca de *cem mil contos* a obter pela lavoura brasileira num ano. Essa cifra vale, por si só, um sacrificio. Mas a medida

lembrada não se limita a isso. Ela tem a intenção de realizar couza identica nos dous anos proximos. Ela tem intenção de permitir á lavoura manter-se organizada. Ela tem a intenção de conservar, intacta e poderosa, a capacidade produtiva dos nossos cafezais, que representarão dentro em poucos anos uma riqueza enorme para nós lavradores, e para a nossa terra.

Ela tem a intenção de tornar possivel a propaganda do café brasileiro pela sua reabilitação como qualidade e pela sua moralização comercial, que a superabundancia impede. Ela tem a intenção de tornar possivel pelo emprego desses dous elementos e pelo aumento de recurso a aproximação entre o produtor e o consumo, a intervenção mais direta do comercio brasileiro, hoje estenuado, no escoamento do café. Ela permitirá modificar o rejime do trabalho agricola, ou dando ao colono confiança no café, interessando-o na produção, ou dando ao fazendeiro a faculdade de ajir com franqueza no salario, pela certeza, por parte do lavrador, de que poderá pagar, pela certeza, por parte do trabalhador, de que será pago. Ela reerguerá o credito da lavoura, ela abrirá caminho para a organização do credito agricola, pela estabilidade de valor de um produto que até hoje tem ido de depreciação em depreciação.

Não valerão essas vantajens o sacrificio da natural repugnancia que todos sentimos em queimar café depois de colhido, beneficiado e transportado? Não valerá porventura a vantajem de salvar a vida ameaçada, o sacrificio de tomar um remedio amargo? Será razoavel perder por amor do cisco da nossa colheita, o total dela, e o capital que os nossos cafezais representam? Será preferivel succumbir á gangrena, a suportar a operação, embóra dolorosa, da parte contaminada?

Eu peço desculpa de não corresponder á honra que me fazem todos os que me têm interpelado ou objetado

em publico. Ser-me-ia materialmente impossivel, nesta grande batalha, em que todos estamos empenhados, deter-me em tiroteios parciais.

Responderei hoje, de passagem, mas de modo que tenho a veleidade de supôr sufficiente, a algumas objeções.

A primeira, trazida a publico com a responsabilidade de nomes dignos de acatamento, é de que é errado o *principio* de valorizar o produto pela destruição de parte dele.

A objeção me é oposta em nome da ciencia.

Antes de tudo, permitam-me os distintos contraditores que, em companhia de um ilustre escritor, que foi tambem um notavel estadista, eu considere essa pretendida ciencia economica como um simples ramo de literatura enfadonha.

Depois dessa liberdade que me permito, protegido pela sombra de uma bôa arvore, passo a responder:

A objeção já está plenamente respondida. Onde? Nas primeiras linhas da minha espozição publicada a 9 do corrente.

Nessa espozição começo eu dizendo que a medida que ia propôr seria um absurdo considerada como um principio, como uma norma de conduta; mas que era justificada como remedio de momento applicavel a uma situação anómala. Produzir para destruir é um absurdo em principio, disse eu: mas tambem produzir com enorme esforço para vender com prejuizo — é igualmente um absurdo em principio. Ora, este ultimo cazo, que é um rematado absurdo em doutrina, está-se dando, infelizmente, como um fato, na pratica.

Si a alegada ciencia não impede que se dê a anomalia que nos prejudica, não me parece que lhe assista direito de se opôr á anomalia, toda temporaria, que nos dará remedio.

Outra objeção: a medida proposta provocará a alta do preço do café; a alta do preço fará diminuir o consumo.

Eu já tive ocasião de me referir á influencia nula dos preços do café nos mercados de especulação — sobre o consumo. O aumento do consumo universal rezistiu mesmo aos preços de mais de 100 francos em que o nosso café se manteve por anos. Julgo-me dispensado de fazer um estudo minuciozo desse fenomeno, atendo-me apenas a um fato, que esclarece perfeitamente o assunto, e que tem a vantagem de ser conhecido por toda a gente:

Com o café a 400 rs. por quilo no mercado de Santos, vende-se o quilo de café torrado a 1\$200. A bôa matematica em serviço do amor aos principios provará que: com o café em grão a 600 rs., o quilo de café torrado custará 1\$800; si for aquele a 800 rs. custará este 2\$400; e que, si o café em grão fôr a 12\$000 por dez quilos, o consumidor terá de pagar 3\$600 por quilo de café torrado. O mesmo na ordem inversa.

Unicamente, ninguem acreditará nessa matematica dos principios: porque a destrói por completo o que se conhece na pratica. A pratica ensina que aqui, na terra do café, onde o consumidor está tão proximo do produtor, tão ligado a ele, os preços têm oscilado, de ano e meio a esta parte, para o produtor, entre 400 rs. e 1\$000 por quilo; e, para o consumidor... em couza nenhuma.

A chicara de café, que se pagava a 100 rs. com o preço de 15\$000 por dez quilos nos mercados, paga-se aos mesmos 100 rs. com o preço de 4\$000 por dez quilos.

O fantasma do retraimento do consumo universal por subir o café a 6\$000 ou 8\$000, no mercado de Santos — não é digno de assustar mesmo aos mais medrozos.

O consumo não tomará parte alguma nisso. A fabuloza riqueza que estamos perdendo não é aproveitada pelo consumo.

E que o fôsse. Si o alargamento do consumo só fôsse possivel com café a 3\$ — não teriamos razão nenhuma para dezejar esse alargamento. Si o mundo só quizesse ou só pudesse beber café a 3\$, por dez quilos, o remedio

não seria destruir 20 % da nossa safra, mas destruí-la toda, e abandonar os cafezais. Não valeria a pena nos estarmos matando, nem mesmo estarmos a discutir — para conseguir unicamente que o mundo bebesse café por menos do custo da produção.

Felizmente isso não se dá; e o terror dos que temem que a elevação do preço do café a 6\$ ou a 8\$ no mercado de Santos afujente o consumo é um panico produzido apenas por abstrações teóricas.

IV

Couza interessante! Enquanto na lavoura e no commercio de café a idéa de eliminação de 20 % da nossa safra segue o seu caminho, e conquista dia a dia mais adeptos francos e decididos, vê-se fervilhar na imprensa uma encarnizada opposição de pessoas cujo interesse é no assunto muito vago. Enquanto essa idéa vai provocando manifestações favoráveis de nucleos importantes de lavradores e de comerciantes solidarios com os interesses da lavoura, manifestações feitas com conhecimento de causa, porque cada um é em geral bom juiz no que diz respeito aos seus negocios; enquanto isto se dá por um lado, vê-se por outro esgrimirem no ar — é claro que eu não me refiro ás honrosas e mesmo brilhantes excepções — escritores de ocasião que vêm apenas revelar em publico um conhecimento muito duvidoso do assunto.

Como se trata de materia que não pôde ser decidida só com o concurso de frases e de imaginação; eu tomo a liberdade de pedir aos que não têm a dizer a respeito couzas uteis o obsequio de não perturbarem o debate. Este pedido é acompanhado de outro, dirigido aos que podem dizer a respeito, pró ou contra, couzas aproveitáveis: a de esclarecer a discussão tomando parte nela.

Tenho-me até agora dirigido á lavoura; vou hoje diri-

jir-me, individualmente, a cada um dos lavradores que ainda hezitam, ou sentem mesmo repugnancia pela medida por mim proposta.

A cada um deles peço que faça applicação do cazo á sua situação pessoal, e que, subtraído assim o assunto a generalidades, decida pizando em terreno conhecido e firme.

Cada um de nós sabe que, no principio da crize, em 1896, o café caiu a 12\$ por dez quilos.

Foi uma perturbação, mas descançámos esperando que a baixa fôsse passageira. No ano seguinte, o preço veiu a 10\$000.

Caiu depois a 8\$, a 6\$, a 4\$... E, diante desse desmoronamento, que fizemos nós?

Mandámos aos mercados o total das nossas safras, vendemos essas safras a 12\$, a 10\$, a 8\$, a 6\$, a 4\$.... E com isso fizemos subir, nos mercados de todo o mundo, a sete milhões de sacas os *stocks* de café. Com esse sistema peoramos, de ano para ano, a nossa situação. Cada um de nós sabe isso.

Esse rumo seguido até aqui é evidentemente errado. E' evidente que não devemos continuar a ter por norma de conduta mandar o nosso café aos mercados sem nos importar o destino que esse café vai ter, o preço a que ele vai ser vendido.

Si continuarmos a proceder como temos procedido, continuará a acontecer o que tem acontecido: os preços continuarão a baixar, os *stocks* de café continuarão a crescer. Isto não é uma teoria: é um fato que nos ensina a triste esperiencia destes ultimos cinco anos.

Essa esperiencia está mostrando, sem iluzão possivel, que alguma couza devemos tentar para sair desse mau caminho seguido até aqui. E' necessario que os preços do café subam. O nosso problema é este.

Ora de quem podemos esperar a alta dos preços, a valorização do café, si nós não a promovermos? E a ser

necessario para essa alta algum esforço, algum sacrificio, quem empregará esse esforço, quem fará esse sacrificio, a não sermos nós? E si o sacrificio tem de ser feito por nós, em que mais o havemos de fazer, sinão em café, desde que, sem dinheiro e sem credito, só de café dispõi a lavoura?

A situação me parece bem clara. Si continuarmos a querer aproveitar, como temos feito, toda a quantidade das nossas safras, continuaremos a ezercer sobre os mercados a ação que nestes cinco anos ultimos temos ezercido: a de forçar, ou, si o quizerem, a de favorecer a baixa dos preços. Pomos á disposição dos compradores uma quantidade enorme de café: os compradores servem-se disso para comprar barato.

Com o café a 4\$ de baze, pôde-se tomar 3\$ como média do preço alcançado em Santos pelos cafés baixos. Isto é, o café baixo, sobrecarregado com as despezas de frete, carroto e comissão, rende 4\$500 por arroba, resultado bruto.

Admitamos que o café, na safra nova, não baixe de preço; e que se conserve na baze de 4\$000.

Tomemos agora o cazo de um fazendeiro que colhe 10.000 arrobas. Adotado o principio da eliminação por meio do imposto de esportação, esse fazendeiro concorrerá, em café, com o valor bruto, em Santos, de 2.000 arrobas das qualidades mais baixas, isto é, 9:000\$000.

Cumpré, porém, observar que as despezas feitas com os cafés baixos, ou os ónus que sobre eles cáem, não são os mesmos nas duas hipoteses de serem distribuidos ou de serem esportados.

O café baixo, não sendo esportado, não pagará o imposto de 11 %, e como todos os cafés esportados pagam aquele imposto pela pauta do café superior, isto é, como na baze de 4\$ por dez quilos, o café baixo paga 660 réis por arroba, isso representaria para o lavrador, na hipoteze

formulada, uma economia de 1:320\$000, (duas mil arrobas a 660 réis por arroba).

O café baixo, destinado á eliminação, dispensaria o *saco novo*, que é pago pelo esportador a 1\$700. Isso daria ao lavrador em questão uma economia de 850\$ (1\$700 por sacco em 500 sacos).

Reflitamos agora na questão do frete. Si o processo de eliminação dos cafés baixos se fizer natural ou artificialmente por outro processo que não seja o imposto cobrado no ato da esportação, importará isso em perda, para as estradas de ferro paulistas, de cerca de um milhão e seiscentas mil sacas a transportar durante o ano. Seria compatível com essa diminuição de mercadorias a transportar a redução de tarifas que temos direito de ezijir? Não é provavel que as estradas de ferro se prevalecessem disso para manter as suas tarifas insuportaveis, ou para fazer apenas reduções modicas?

Cumpre não perder de vista que a eliminação de uma parte da nossa produção, quer pelo imposto proibitivo para os cafés baixos, quer pela solução natural, isto é, pelo abandono e morte de grande parte dos cafezais, é argumento de que as estradas de ferro uzarão para não fazer nas suas tarifas os grandes córtes que são necesarios. Em rezumo, a adoção da medida proposta permite-nos garantir ás estradas de ferro o transporte do total das nossas safras; e dá-nos assim direito de obter a redução das tarifas. Calculemos que a medida em questão nos habilita a conseguir uma pequena redução, apenas de 5 % no fretes do café em geral, — além da redução que temos de obter sem essa medida.

Tomemos como média dos fretes, com qualquer dos outros dous processos de eliminação, imposto proibitivo ou morte de cafezais, 1\$400 por arroba. A diferença em frete seria, para o fazendeiro de 10.000 arrobas, de 700\$000.

Temos, portanto, a deduzir do valor bruto, de 2.000

arrobas de cafés baixos no mercado de Santos, isto é de 9.000\$000.

diferença de imposto	1:320\$000
diferença nos sacos .	850\$000
diferença nos fretes	<u>700\$000</u>
Total	<u>2:870\$000</u>

o que reduziria o sacrificio do valor de 2.000 arrobas de café baixo no mercado de Santos, isto é o sacrificio de um fazendeiro de 10.000 arrobas, a cerca de *seis contos de réis*. Isto ainda mesmo na hipoteze de, com a safra nova, o café baixo manter o seu preço atual de 4\$000 por dez quilos.

Esse sacrificio para que será feito? Para conseguir a eliminação de 2 1/2 milhões de sacas de cafés baixos, isto é, para obter uma completa mudança da situação comercial do café no mundo; para acabar com as escorias que usurpam e desmoralizam no estrangeiro o nome do café brasileiro, e que aqui mesmo, aos nossos olhos, no mercado nacional de consumo, que é importante, que é de mais talvez de 1/2 milhão de sacas por ano, fazem a mais desbragada concorrência ao verdadeiro café. (E' sabido que só o Rio recebe quantidades colossaes de escolha, para o consumo local e dos Estados; e que essa escolha é paga pelo consumidor nacional a preços muito mais altos do que os que alcança nos mercados de esportação o melhor café *moka*).

Estas considerações, por si sós, justificariam o esforço a empregar, ainda que custozo, o sacrificio a fazer, ainda que penozo.

Mas o esforço não é tão grande, o sacrificio não é tão penozo, como parecem. Seis contos, para um lavrador de 10.000 arrobas, é prejuizo que lhe traz uma simples baixa de 400 réis em dez quilos no mercado de Santos. E nós estamos infelizmente acostumados, desde cinco anos a esta parte, a afrontar baixas bem mais consideraveis.

Não valerá a pena, a um lavrador de 10.000 arrobas, de-
zistir desses seis contos *com que não pode contar, que uma
pequena baixa de 400 réis no mercado de Santos lhe tirará*
— para tentar uma seria rezistencia?

Mesmo que isso fosse um sacrificio seria util, seria
justificavel. Mas a verdade é que nem se trata de sacri-
ficio. Trata-se apenas de pôr fóra o que não nos aproveita.

O principal intuito da medida em questão é — valo-
rizar o café. O sacrificio de 2.000 arrobas de café ordinario
representará para o fazendeiro de 10.000 arrobas a valori-
zação das suas 8.000 arrobas de café bom.

O pretendido sacrificio de seis contos é feito para ob-
ter um resultado de quinze, vinte, ou trinta contos. Não
será um sacrificio: será um emprego intelijente de capital.
Semear não é sacrificar a semente.

Objetam alguns que o resultado não será immediato,
que poderá fazer-se esperar por um, trez, seis mezes...

Admitamos esse argumento dos timidos.

Mas para nós, que sabemos o que é derrubar o mato,
plantar o café, crial-o e tratal-o em cinco anos de esforço,
de enerjias, de despezas, para só ao fim desse tempo co-
lher o fruto — para nós não póde prevalecer contra um
esforço a empregar o argumento de que esse esforço le-
vará um, trez, seis mezes, a produzir resultado.

Acreditar que a eliminação de 2 $\frac{1}{2}$ milhões de sacas
de café num ano, que a eliminação de 5 ou 6 milhões em
trez anos — não faça subir os preços? Mas então a que
preços fará descer o café essa massa enorme, si, em lugar
de ser destruida, entrar nos mercados? Isso pede refle-
xão calma e sem prevenções. E pede tambem enerjia.

A nossa situação é ezatamente a de um fazendeiro
que possúe 100.000 pés de café, dos quais 20.000 são ruins
de tratar e produzem pouco, sobrecarregando o custeio.

Chegamos a esta situação: não podemos tratar dos
nossos 100.000 cafeeiros. As nossas forças não dão para
tratar bem de mais do que 80.000.

Nessas condições, que faria um lavrador prudente? Preferiria tratar mal todo o cafezal, sacrificar toda a lavoura — ou abandonar os 20.000 pés ruins, e salvar os 80.000 que são bons de tratar, e que produzem?

Responda o bom senso de cada um.

A situação é bem clara. Si cada lavrador quer continuar o sistema até aqui seguido, si insiste em aproveitar mesmo as escorias da sua safra, continuaremos a inundar os mercados, continuaremos a fazer baixar os preços do café. Que vantagens temos tirado desse sistema? Fazer baixar o café a 12\$, a 10\$, a 8\$, a 6\$, a 4\$000...

A continuação em tal caminho levar-nos-á a vender 10.000 arrobas de café a 3\$ de base em lugar de vender 8.000 arrobas a 6\$.

As vantagens do nosso procedimento são todas unicamente para os que estão empregando dinheiro em café á espera da nossa ruina. Estamos-lhe fornecendo os elementos de que eles precisam: estamos-lhes entregando muito café barato.

Creio que não ha um lavrador ao qual não se faça sentir a necessidade de reajir contra este estado de couzas.

Todos compreenderão que é necessario tentar um esforço; todos compreenderão que só de nós, que somos os grandes interessados na alta do café, poderá partir a iniciativa eficaz desse esforço; todos compreenderão que qualquer sacrificio a fazer, de nossa parte, só poderá ser feito em café, porque é a unica couza que todos temos.

O que eu proponho é um esforço possivel, na proporção de café no valor bruto atual de 6:000\$000 para o lavrador de 10.000 arrobas.

Si não estamos dispostos a fazer um esforço dessa ordem, então é inutil pensarmos em subida de preços. Si não temos a corajem de fazer esse pequeno esforço individual, que representará coletivamente uma enorme força, a diminuição de 2 1/2 milhões de sacas de cafés baixos, então é escuzado pensarmos nisso. Quem não tem a corajem de semear não deve ter a esperança de colher.

Só a lavoura empregará um grande esforço em beneficio da lavoura, ninguem mais. Só a lavoura tem meios de empregar um esforço em proporção com as necessidades da situação.

Nem os capitais estrangeiros têm interesse em fazer subir o preço do nosso café, que podem a cada canto, comprar barato; nem o Estado tem recursos — independentes dos recursos da propria lavoura — para compensar uma simples baixa de 1\$000 em dez quilos no mercado de Santos (quarenta e oito mil contos em oito milhões de sacas); nem, e muito menos, as estradas de ferro podem reduzir os fretes de modo a compensar uma simples baixa de 200 rs. em dez quilos naquele mercado (nove mil e seiscentos contos em oito milhões de sacas).

O que todos podem é — colaborar com a lavoura na sua salvação: o Estado, ou diminuindo o imposto e reduzindo as suas despesas, ou aplicando em beneficio mais direto do café parte do que recebe da lavoura: as estradas de ferro, reduzindo as suas tarifas ao que é razoavel e compativel com a situação; quanto aos mercados estrangeiros...

Quanto a esses, si me permitem uma alegoria, nós temos sido coletivamente como um grande fazendeiro relaxado. Os mercados de café foram o bem mais valiozo do patrimonio nacional. Nós temos unicamente estragado essa propriedade magnifica. Como? Abarrotando-o de café, dando-lhe os meios de obter facilmente, por qualquer preço, todo o café que precisam, e até mais do que esse... Todas as vezes que não abuzámos dos mercados eles nos deram quantias enormes pelo nosso café. As nossas safras, nos

anos de falha, foram sempre vendidas por alto preço, deram-nos sempre uma renda opulenta.

Despejemos menos café sobre os mercados, eles nos pagarão melhor.

V

Peço licença aos que me lêem para, neste assunto grave que está sendo debatido, lembrar uma anedota. Lembro-a, não pelo seu lado jocoso, o que seria inoportuno em situação tão séria e tão triste; mas pelo que ela contém de sentencioso e de aplicável ao caso.

Trata-se de um general que formulava o seu complicado plano de ataque ao inimigo. A meio do seu trabalho, vêm avizal-o de que o inimigo se movia. «Não me interrompam!» bradou ele. E continuou a organizar o seu plano... Pouco depois, vêm avizal-o de que o inimigo avançava. «Não me interrompam, repetiu. Estou acabando de estudar um plano infalível para o esmagar». O inimigo aproxima-se; ataca; vence; e fal-o prisioneiro no momento precisamente em que ele dava a última demão ao seu plano admirável...

— E' pena! exclamou o infeliz general ao ser prezo. Si se demoram um pouco, eu, com este plano, esmagava-os...

A nossa situação está ezijindo uma reacção enerjica e pronta. Já não temos tempo para estudar mecanismos complicados. A nova safra está proxima a despenhar-se sobre os mercados. Daqui a poucos mezes alguns milhões de sacas dessa safra já estarão vendidos, sacrificados, postos fóra a preços baixos — e a lavoura estará a braços com a liquidação das suas contas do ano... Daqui a poucos mezes, a lavoura, tendo já sacrificado a preços infimos uma bôa parte do seu produto, e sem esperança, com relação á

parte restante, em couza alguma que não seja um milagre, terá de pagar a centenas de milhares de colonos — dezenas de milhares de contos em que importa o simples serviço da colheita que está em começo...

Nesta terrível situação, quando o tempo que temos diante de nós é tão pouco, aproveitemol-o, sem demóra e sem hezitação; não o desperdicemos a divagar em teorias, a preocupar-nos com medidas de pequeno alcance ou de efeito demorado, com planos vagos que nem estão estudados no ponto de vista da sua aplicação e nos seus detalhes...

Não nos detenhamos a imaginar o que, em teze, seria melhor; façamos o que é possível, o que é compatível com as nossas circumstancias precarias.

A medida que eu espuz tem uma vantajem que tem sido reconhecida sem contestação, e que não é contestavel: a sua facil applicabilidade imediata. Essa medida póde ser adotada numa lei de dous artigos, e a sua applicação depende de um regulamento simples. Votada a lei, póde ser eze-cutada sem demora no prazo do estilo, em trinta dias.

A applicação dessa medida não perturba serviço algum existente, não ezije a criação de nenhuma engrenajem complicada. A lei terá de ser cumprida pelos esportadores, e de uma forma simples: o esportador, que hoje é obrigado a apresentar, para embarcar café, uma guia certificando que pagou 11 % em dinheiro, terá apenas de acrescentar a essa guia uma outra que próve haver pago 20 % em café. Só isso.

Para evitar as fraudes, a entrega de casca e outros corpos estranhos em lugar de café, bastará que se adote um tipo minimo oficial de cafés baixos recebiveis, ficando uma amostra desse tipo em espozição na Associação Commercial (1).

(1) A incineração dos cafés baixos póde ser feita em Santos imediatamente. Eziste naquela cidade um grande forno montado pelo governo para a incineração do lixo da cidade. Tal forno não funciona porque a sua capacidade foi considerada insufficiente, em vista da abundancia de materias de difficil combustão que entram no amalgame do lixo urbano. Mas a sua capacidade é bastante para a incineração diaria de grandes quantidades de café ordinario, cuja combustibilidade é conhecida.

Esse mecanismo simples funcionará sem a menor dificuldade, eliminando os 2 1/2 milhões de sacas que nos estão matando por fazerem a superprodução do café; impedindo que esses 2 1/2 milhões de sacas, que são apenas o cisco das nossas colheitas, continuem a desmoralizar o café brasileiro, correndo mundo com esse nome uzurpado. Uma das intenções da lei, aquela que poderia ser sofismada, em qualquer outra forma, a seleção dos cafés baixos se fará com a maxima perfeição: essa ezijencia da lei estará de inteiro acôrdo com o proprio interesse dos que a têm de satisfazer.

De que vale, nesta situação, pretender que a queima dos cafés baixos se faça nos terreiros, si não ha meio pratico de conseguir isso? Porque chamar á discussão teorias economicas inaplicaveis desde que essas teorias não impedem que estejamos produzindo café com um esforço estremo para o vender com prejuizo? Porque lembrar a remessa do cisco das nossas safras para os outros Estados brasileiros, quando estes não teriam o que fazer desses 2 1/2 milhões de sacas de escorias de café a não ser vendel-os ao estrangeiro? Porque, numa situação como esta, que ezije solução urjentissima, lembrar a refôrma da nossa lejislação civil e comercial? Porque opôr a essa medida pronta, e em proporção com a intensidade do mal, o precedente de pequenas remessas diretas de café para o estrangeiro, quando o sucesso dessas pequenas remessas

O valor comercial da cinza dará para cobrir as despesas de depozito, fiscalização e incineração. Foi unicamente esse detalhe que me determinou a propor a queima como forma preferivel de destruição. Parecerá mais simples atirar ao mar os cafés condenados; mas algumas considerações destróem essa iluzão. Para atirar ao mar cerca de 1 1/2 milhões de sacas, durante o ano, seria preciso pagar ás docas de Santos 300 réis por saca, pela passagem desse café no cais, ou seja uma soma de perto de 500:000\$ numa safra; seria preciso carregar e descarregar vapores; e fazer nestes, com grande despeza o transporte para fóra da Barra. Todas essas despesas seriam perdidias e sem compensação alguma, quando o valor comercial da cinza, pela incineração, compensará as despesas que com ela forem feitas.

Com relação aos cafés esportados por outros portos nacionaes, a applicação da medida será igualmente simples, sujeita apenas a modificação no processo de destruir publicamente os cafés condenados. Em ultimo cazo, fais portos têm á sua disposição o oceano, e dispõem de acesso livre para este.

não poderia ser obtido prontamente pelos nossos doze milhões de sacas, quando a venda de doze milhões de sacas de café no curto periodo de doze mezes depende de um mecanismo comercial cuja montagem não se improviza? Porque preocupar-nos com a idéa de remeter 2 1/2 milhões de sacas de café bom para a Russia, para lá o torrar e distribuir gratis, tentando obter, como se isso fôsse possível, a entrada dessa massa de café sem pagar áquele paiz direitos de entrada, — quando não podemos dispensar 2 1/2 milhões de sacas de café bom, quando nem temos dinheiro para pagar o transporte desse café até á Russia, o seu depósito lá, a sua torrefação, a sua distribuição naquele imenso paiz em que o transporte é difficil e é caro; e quando, mesmo que tudo aquilo fosse possível, o resultado immediato dessa medida não seria sinão perdermos a freguezia da Russia, que já é um mercado de café, e a dos paizes proximos da Russia, desde a Suecia até o Ejipto, desde a França até a Azia Menor, cujo comercio iria buscar gratuitamente na Russia o café que hoje nos compra aqui? Porque insistir como remedio ao tremendo perigo que nos ameaça, que é uma realidade, que está proximo, na criação de um imposto proibitivo da saída dos cafés baixos, quando esse imposto seria iluzorio e não teria meio de applicação pratica, quando esse imposto nem faria subir os preços do café, nem mesmo os deteria na sua queda? Porque, diante de um incendio que começa a lavar, que ameaça ser devastador, preocupar-se a gente com medidas de pequeno alcance, ou com planos complicados de organização e reconstrução, — em logar de nos reunirmos todos corajosamente, rezolutamente, para atalhar o fogo?

Eu não falo em meu nome, que nada esprime; nem mesmo em nome da minha convicção, que nada vale. Falo autorizado por uma couza digna de respeito: a numeroza

adezão que a medida por mim proposta tem recebido de competentes e de interessados; a impetuoza corrente de opinião avolumada, em favor dessa medida, na lavoura e no commercio de café; a significativa impressão que a humilde espozição dessa medida cauzou á grande imprensa fluminense. Falo em nome de uma idéa que não é minha: que é, já agora, de homens eminentes do nosso paiz, que é de grande parte dos maiores lavradores do Estado; que é da imensa maioria do commercio de Santos; que é de camaras municipais unanimes; que é de nucleos importantes da lavoura.

E, em nome de todos esses grandes elementos congregados, eu tenho o direito de dizer que essa idéa é já agóra uma bandeira a cuja sombra se devem alistar todos os que entendem que devemos lutar antes de ser vencidos, resistir antes de ser esmagados. Essa idéa não será a melhor; mas graças aos elementos que reuniu em torno de si, é já agora a unica idéa capaz de nos levar ao combate. Concentrem abnegadamente em torno dela os seus esforços todos aqueles que querem combater. A quéda dessa idéa importará em entregar-nos sem rezistencia, importará em vendermos os 12.000.000 de sacas da nossa safra proxima pelos preços que nos quizerem pagar os mercados, fartos do nosso café, fortes da nossa fraqueza.

Porque a verdade é que já não é facil deslocar os elementos concentrados em torno dessa idéa; já não é facil provocar a tempo um movimento de opinião como essa idéa provocou, movimento unico, pelas suas proporções, em toda a historia da crize que vimos atravessando ha cinco anos... A dispersão de esforços poderá matar essa idéa, mas não conseguirá fazer com que outra vença. Ha cinco anos estamos a discutir sem chegar a um acôrdo; ha cinco anos estamo-nos arruinando sem reagir; ha cinco anos estamos perdendo o tempo sem nada fazer. A situação agóra é estrema. Já não podemos desperdiçar o tempo que escasseia. Os que entendem que é preciso rezistir, — não

criem, por méros detalhes de fôrma, obstaculos á ultima tentativa de resistencia que nestes cinco anos appareceu, não como idéa apenas mas encorporada já num grande movimento proximo a impôr-se, capaz de se tornar irresistivel, como uma aspiração generalizada, em caminho franco de se tornar realidade.

Está-se agora travando no seio da lavoura paulista o combate decisivo. A lavoura está decidindo da sua sorte. Todos os que clamavam que era preciso fazer alguma couza, que era preciso tentar qualquer couza — têm agora ocazião de concorrer para que alguma couza se faça, para que qualquer couza seja tentada.

Aproveitem esta ocazião de conseguir aquilo que dezejavam. Não se limitem a discussões estereis, porque de mais já se tem discutido, e chegou o momento supremo da ação. E' preferivel cair tentando um recurso, mesmo quando não nos pareça o melhor, mas, em todo o cazo, é possível — a succumbir, esperando dezanimadamente o perigo com os braços cruzados e a cabeça baixa.

VI

Entrego hoje ao Congresso do Estado a representação de um grupo respeitavel de lavradores, reforçada pela adeção assinada da grande maioria do commercio commissario de Santos, de varios nucleos da lavoura, de algumas camaras municipais; representação em que se pede ao Congresso paulista que tome a iniciativa de um convenio entre todos os Estados brasileiros produtores de café no sentido de se conseguir melhorar a situação commercial desse produto pela eliminção, durante algum tempo, de uma porcentagem das nossas safras.

Devo dizer que não está completa a lista das assinaturas abaixo publicada. Muitas das listas parciais, que correram em diversos municipios, não me chegaram ás mãos

a tempo de alcançar esta publicação, que não convinha adiar. Isso explica porque municípios agrícolas de primeira ordem, como Campinas e Caza Branca, que adotaram a idéa oficialmente em reunião de lavradores, não figuram aqui. Com Bebedouro, Jaboticabal, e diversos outros, aconteceu couza semelhante.

Quanto ás assinaturas do commercio commissario, que se acham em meu poder, e que representam a grande maioria das firmas daquela classe na praça de Santos, deixo de as publicar e de uzar o documento de que elas constam, por motivo de um escrupulo todo pessoal e espontaneo. E' sabido que a classe dos lavradores se dividiu nesta questão, como geralmente acontece; e que a idéa em discussão atraiu adezões entuziasticas de uns e provocou fervorosa opposição de outros. A' vista disso, e em atenção ás delicadas relações entre comitente e commissario, rezolvi não dar elementos a qualquer intriga movida contra aqueles que me prestijaram com a sua adezão; e não quero tambem que a falta de algumas firmas na representação dê logar a que contra essas firmas auzentes se procure fazer valer a sua attitude. Sei que uns e outros, os que assinaram e os que se abstiveram, procederam convencidamente; e para mim são respeitaveis todas as convicções sinceras.

Não deixarei este assunto sem agradecer ao commercio commissario de Santos, representado pela sua grande maioria, o corajozo apoio que me deu nesta campanha.

Eu seria ingrato si não me referisse aqui a um antigo colaborador do *Jornal do Commercio*, do Rio, que tem escrito a respeito da crize do café, sob o pseudonimo de *Mercator*, os estudos mais completos e mais intelijentes até agóra aparecidos. Não sei quem se oculta sob esse pseudonimo; sei apenas que é um homem de ecepcional competencia no assunto, e de coração grande. A idéa que eu espuz era apenas uma modificação de outra estudada por *Mercator* e por ele esposta em artigos no *Jornal do Commercio*. Eu ignorava essa circumstancia, e só a co-

nheci depois de publicada a minha espozição. *Mercator* não acuzou aquele a quem, fundado nas apparencias, tinha o direito de supôr um simples plajiaro da sua obra. E na ocazião em que o projeto saía a publico com o meu nome, fazendo o ruídozoso successo que é sabido, apoderando-se da atenzão publica, conquistando entuziasticas adezões; nesse momento *Mercator* tomava logar na campanha encetada. Mas não vinha reclamar os seus direitos á prioridade da idéa; não vinha fazer valer a sua parte no successo; não vinha atacar o meu plano, que modificava o seu... *Mercator* saiu a campo para declarar o meu projeto melhor do que o seu; para defender a nossa idéa que ele, abdicando dos seus direitos, attribuia generosamente a mim só; para defender-me com o maior vigor e com mais clara inteliçencia.

Bravo companheiro! Ao fim desta campanha, eu sinto-me feliz com o dezejo que me domina — de apertar essa mão desconhecida e leal. A ação que ella praticou, poucas mãos conheço capazes de a praticar.

Quero lembrar aqui o nome de um paulista, por muitos titulos illustre; o dr. Antonio Prado. Só agora, proporcionando-me as circumstancias ocazião de me aproximar de s. éxa., pude reconhecer de perto as raras qualidades pessoais que conquistaram para o seu nome o logar que elle occupa em nossa historia politica: inteliçencia clara, carater firme, corajem na rezolução, confiança em si mesmo, enerjia na ação. O dr. Antonio Prado não encara as graves responsabilidades que tem como um pretexto para nada fazer; mas como uma obrigação de agir. E' um tipo de homem de valor, eminentemente util.

Rendendo-lhe a homenagem contida nestas linhas, eu faço-lhe justiça e pretendo dar-lhe prova da minha gratidão pelo valiozo concurso que a sua attitude deu á minha pro-

paganda. Si não fosse essa gratidão, a homenagem publica que lhe rendo seria dispensavel, tanto para o dr. Antonio Prado, como de minha parte.

Sou obrigado a citar aqui o nome de outro paulista: o sr. dr. Rodrigues Alves, presidente do Estado. S. exa. nunca teve pessoalmente entusiasmo pelo meu projeto, a respeito de cujos resultados beneficos desde principio manifestou duvida. S. exa. afirmou-me sempre, e sempre m'ò confirmou, que, como governo, não tomaria a iniciativa dessa medida; e que só a poria em pratica mediante pronunciamiento unanime dos interessados. A unica couza que s. exa. me adiantou foi que o meu projeto era digno de atençaõ, e que, provocando a manifestação da lavoura no assunto, eu prestaria um serviço a esta e ao paiz.

Sinto a necessidade de tornar tudo isso publico, como dever de lealdade; e ainda como confirmação do que sempre disse a todas as pessoas que a esse respeito me interpelaram. S. exa. teve a bondade de me dispensar sua atençaõ; e de confiar-me, a mim, desligado de compromissos politicos, as palavras que acima refiro. Eu tive a felicidade de não uzar do prestijio do seu nome na minha propaganda; e as palavras que s. exa. me confiou, tenho o prazer de lh'as devolver intactas.

Nada mais me cabe dizer do sr. dr. Rodrigues Alves. Não tenho mal algum a dizer de s. exa.; e sinto que seria ridiculo, partindo de cidadão obscuro como eu, qualquer eloijio publico feito a um homem que é presidente do Estado de São Paulo, e que talvez seja amanhã presidente da Republica.

Não destinei ao dr. Luiz Barreto o ultimo logar nesta citação de nomes; destinei-lhe o logar que o seu nome ocupa no coração dos paulistas: um logar á parte. Esse

não tem títulos que acanhem de se dizer francamente o que dele se pensa: é um simples, um sinjelo grande homem. Esse — é o modesto mestre de mais de uma geração de paulistas; e a todas elas ensinou, acima de tudo com o seu exemplo, a bondade, o trabalho, o amor da Patria. O seu valor excepcional de homem de ciencia, a sua brilhante eloquencia de escritor, a sua incansavel atividade, — estiveram sempre ao serviço dezinteressado do paiz...

E quando, como me aconteceu nesta campanha, se tem a honra de receber o apoio da sua azeção e o concurso da sua pena, adquire-se o direito de fazer publicamente o que faço: beijar a mão veneranda que tantos beneficios tem semeado sobre a nossa terra.

Agradeço ás redações do *Jornal do Commercio*, *Paiz*, *Gazeta de Noticias* e *Dia*, do Rio, e ás de outros jornais, as transcrições com que honraram artigos meus, e as amaveis referencias que me fizeram. A todos os valentes companheiros que encontrei agradeço as animações que deles recebi, e o decidido apoio que me deram.

A quazi todos os adversarios que me combateram sou devedor de uma extrema gentileza; por alguns fui tratado não já com cativante cortezia, mas quazi com carinho. Isso, que a mim só me obriga, unicamente lhes faz honra a eles. Podemos, neste momento de treguas, saudar-nos cordialmente, como adversarios leais que se batem pelas suas idéas, e não pelas suas pessoas.

Aos poucos que me dirijiram agressões pessoais, nada respondi. Só tenho a responder-lhes agora que não provoqueei as suas agressões, e não as mereci.

E' convicção minha — que sairemos desta crise pela eliminação, durante algum tempo, da porcentagem das nossas safras que representar excesso de produção sobre o consumo. Esse recurso poderá ser adiado pela natural hesitação diante de medida tão enérgica e tão violenta, mas, salva a intervenção de qualquer elemento inesperado, como uma grande geada ou uma extraordinária baixa do cambio, o expediente será provavelmente imposto afinal pelas circunstancias (1).

A perda de tempo terá importado em perda de alguns milhões de sacas de café sacrificadas a preços baixos, e nada mais. A minha convicção funda-se, infelizmente, em razões difíceis de destruir. Não é um palpite, não é mesmo uma simples opinião; é uma convicção adquirida no estudo dos fatos.

Com dedicação que o meu interesse pessoal de insignificante lavrador não justificaria, mas que é suficientemente explicada pelo amor, felizmente vulgar, á nossa terra e á nossa raça, entreguei-me durante largo tempo ao estudo desse mecanismo complexo: a crise do café. Para isso, e antes de tudo, compreendi a necessidade de conhecer bem todos os dados do problema. A indagação era trabalhosa; mas não impossível. Varrendo do meu espirito todas as idéas preconcebidas, muitas das quais não passavam de preconceitos; preparado com a mais completa e deliberada atenção de animo; dominado pelo desejo de exatidão, procurei colijir todos os fatos, e chegar ao conhecimento de todas as minúcias da questão, quer pelo lado da produção, quer pelo lado do commercio.

De posse dos fatos, procurei a ligação de todos eles entre si; e verifiquei que essa ligação existe, que todas as peças dessa complicada engrenagem se correspondem natu-

(1) Em Agosto desse mesmo anno caíu uma grande geada, que, dando á lavoura esperanças iluzorias, contribuiu para que não fosse posto em pratica o projeto de eliminação dos cafés baixos.

ralmente, que não ha entre elas falhas ou fatores estranhos que perturbem e tornem dezordenado o seu funcionamento. Toda a engrenajem trabalha solidariamente, ora no sentido da baixa, ora no sentido da alta dos preços; e essa diferença de impulso é devida escluzivamente a um elemento variavel em estremo por sua natureza; o volume das safras brasileiras.

Já tive ocazião de espôr que, sendo o aumento de consumo um fenomeno normal, e variando de ano para ano, por grandes diferenças, o volume de nossas safras, — é este que determina, de acordo com a comezinha lei economica da oferta e da procura, as grandes oscilações dos preços.

Adquirida essa verdade, a crize atual do café fica sendo um fenomeno simples de apreciar. Essa crize é esplicada, sem iluzão possivel, pela accumulção das nossas grandes safras a contar de 1896. A nossa produção deu um salto brusco, em que não podia ser acompanhada pelo consumo. Em todo esse periodo, só no ano de 1899 — 900 a safra brasileira foi relativamente pequena. Nesse ano os preços subirem até 57 francos. Afóra dessa unica eceção, as nossas safras enormes têm dado á engrenajem comercial do café o impulso no sentido da depressão dos preços; e toda a engrenajem tem funcionado naturalmente nesse sentido.

A crize atual apenas confirma o que nos ensina toda a história comercial do café desde mais de trinta anos: que da quantidade anual de café que o Brazil fornece aos mercados depende o preço do café em todo o mundo. Foi esta a concluzão mais geral a que cheguei.

Partindo desta verdade pozitiva adquirida, o meu espirito encaminhou-se sem dificuldades para a seguinte conzideração: si regularizarmos as nossas entregas aos mercados, guardando as sobras das nossas safras grandes para preencher as faltas dos anos de falha, conseguiremos manter uma certa estabilidade nos preços, conservando-os

numa média razoavel. E', como se vê, a idéa da retenção, cuja apparencia tem tantas seduções e tantas dezilusões tem trazido.

Procurei aprofundar essa idéa. E encontrei a plena esplicação de um fenomeno aparentemente paradoxal, e que a esperiencia indica: a retenção de café, como rezistencia aos movimentos de baixa, produz, em regra, efeito negativo. Deixo de espôr a esplicação desse fenomeno em geral, porque, em nossa situação actual, a retenção seria especialmente dezastroza, e isso é que importa ao cazo presente. Acumulando os excessos anuaes da produção sobre o consumo, a retenção prolongaria a superprodução; isto é, depois de restabelecido o equilibrio entre a produção anual e o consumo anual, o efeito da retenção seria manter por muito tempo ainda uma superprodução artificial. Admitido, por ezemplo, que dentro de trez, de quatro, de cinco anos, a produção anual do mundo se mantenha em dezeseis milhõis de sacas, e que nesse periodo o consumo atinja a algarismo igual, — a acumulação dos excessos da produção no intervalo, isto é, nos trez, quatro ou cinco anos, teria como efeito prolongar além desse limite a baixa dos preços. Si acumularmos durante trez anos o excesso das nossas safras, tomando para média anual desse excesso um e meio milhão de sacas, teremos ao fim de trez anos uma sobra de quatro milhõis e meio de sacas; dado que no quarto ano o consumo alcance finalmente a produção aquele excesso anterior acumulado não permitirá que os preços subam ao nivel normal: porque o equilibrio entre a produção e o consumo será prejudicado pela ezistencia de mais quatro e meio milhõis de sacas de café disponivel. Para que esse volume de café seja absorvido e dezapareça, serão necessarios ainda alguns anos.

Foi por esse caminho que eu cheguei á idéa de destruir pelos dois ou trez annos, em que isso será util, as sobras das nossas safras. Póde-se calcular, partindo do conhecido para o desconhecido, que dentro de trez anos,

pelo seu constante alargamento, o consumo absorverá talvez uma quantidade de café igual á da produção. A eliminação das sobras atuais permitirá manter artificialmente durante trez anos o equilibrio entre o café disponivel e as necessidades do consumo; e permitirá que ao fim desses trez anos seja natural o equilibrio entre a produção real e a necessidade dos mercados.

Tratando-se, porém, principalmente, não de uma situação a prever para daqui a quatro anos, mas de uma situação atual precaria e de solução urgente, era preciso indagar, em primeiro logar — qual o efeito immediato dessa medida. Como os dados do problema são conhecidos, essa incognita não era difícil de encontrar.

Com relação aos preços, sabemos que a baixa atual é devida á superprodução; e que antes desta superprodução, o nivel normal dos preços do café era muito superior aos preços de hoje. E' certo que a cessação da superabundancia do genero nos mercados fará a alta dos preços. Era preciso em seguida calcular si essa alta adquirida para a parte a vender das nossas safras compensaria a perda da porcentagem a destruir. Para isso, era mister partir de um primeiro elemento conhecido; e esse elemento existe. Sempre que a produção se equilibrou com o consumo, o preço do café foi de uma média de 60 a 70 francos, isto é, de 50 ou 60 % acima dos preços atuais. Outro dado conhecido: 20 % da nossa safra atual correspondem aproximadamente, e até com alguma vantagem, ao volume da superprodução. A eliminação dessa porcentagem dará por conseguinte este resultado provavel: prejuizo de 20 % na quantidade; lucro de 50 ou 60 % no preço atual. Como se vê, os Algarismos que tenho uzado não são escolhidos á vontade; mas decorrem de dados conhecidos e de uma relativa ezatidão.

Outro dado conhecido: o aumento de 50 % nos preços atuais, mesmo com a perda de 20 % na quantidade, permitirá á nossa lavoura manter-se organizada e atravessar os

anos que nos separam do equilibrio entre a produção natural e o consumo. O fazendeiro que, vendendo 10.000 arrobas a 6\$000 por arroba, preço bruto, apenas faz para as despezas, obterá um lucro razoavel vendendo apenas 8.000 arrobas a 9\$000 por arroba, tambem preço bruto. (Perda de 20 % na quantidade, lucro de 50 % no preço). Para a lavoura em geral, o preço de 9\$000 por arroba em Santos será remunerador: maximé atendendo a que as despezas de produção e transporte são sucetiveis de redução.

Mas — e é nesse ponto que o problema assume a sua maxima importancia — tem-se até agóra tomado como baze, para o calculo do lucro a obter, o preço atual, de 4\$000 por dez quilos em Santos. E sabendo, como sabemos, que estamos colhendo a maior safra brasileira até hoje conhecida (sete milhões para Santos, quatro milhões para o Rio, um milhão para os outros portos nacionais), o calculo de se manter para essa safra enorme o preço atual, que é o preço de um fim de safra menor, é inteiramente gratuito. A esse respeito as probabilidades assentam tambem em elementos positivos. Em 1898-99, com um fato semelhante, isto é, com uma safra brasileira excepcional, vimos o café descer a 31 francos. O café a 31 francos, com o cambio atual, corresponde aproximadamente a café a 3\$000.

E' por essa razão, e não sem motivo plauzivel, que eu tenho sempre bazeado nesse preço provavel para a nova safra os calculos que espuz. Os que me contestam confessarão que eu tenho fundamento para supôr que o café, na força da safra, baixará a 3\$000; e que eles não têm fundamento algum apreciavel para acreditar que a baze de 4\$000 se manterá.

O projeto que eu proponho não tem por fim fazer sómente com que o café suba alguma couza dos preços atuais; ele viza principalmente impedir que o café baixe a 3\$, o que será um dezastre, e fazel-o manter-se em cerca de 6\$000, o que será a salvação da lavoura. A applicação

dessa medida teria como resultados: permitir á lavoura conservar-se organizada, sem animar novas plantações — porque o preço de 6\$000, por dez quilos, em Santos, é apenas razoavelmente remunerador, e não temos sobra de capitais que procurem remuneração modica; e aproveitarmos daqui a alguns anos toda a capacidade produtiva dos nossos cafezais, que representarão a esse tempo uma riqueza enorme. Eu sei bem, por documentos officiais publicados, que a capacidade de produção dos cafezais paulistas tende a aumentar algum tanto ainda, devido á existencia de plantações novas. Isso, em primeiro logar, prova a favor do meu projeto, reforçando a sua necessidade absoluta. Mas devemos ainda considerar que, si, pela adoção da medida lembrada, mantivermos o preço do café entre 60 e 70 francos, uma parte dos concorrentes estrangeiros será forçada a abandonar-nos o terreno. Os nossos concorrentes, em regra, não suportam *preços estaveis* de 60 ou 70 francos. O que os anima hoje, o que os mantém cedendo pouco apesar da baixa actual, é a certeza de que essa baixa é provizoria, de que nós sucumbiremos, e de que o nosso deazastre elevará o café aos preços antigos. Si conseguirmos garantir a estabilidade do preço a 60 ou 70 francos, com sacrificio mesmo de uma porcentagem das nossas safras durante trez anos, e sem esse sacrificio daí por diante, não só conservaremos o nosso papel preponderante na produção, como afastaremos do caminho muitos dos concorrentes. Aproveitemos para isso a produtividade do nosso sólo e as vantagens do nosso clima; e não as empreguemos, como temos feito, em arruinar-nos. Não sabemos o que será para os nossos concorrentes a venda da safra proxima na baze de 3\$000; sabemos que para nós será um deazastre. E é este que, antes de qualquer outra consideração, devemos evitar. A medida que eu proponho é a unica, entre todos os alvitres até agóra lembrados, capaz de oferecer uma rezistencia séria a esse descalabro, cujo risco estamos correndo.

Até aqui, tenho vindo a resumir os fundamentos do meu projeto com relação á melhora dos preços. Mas essa não é a unica vantagem consideravel que o recomenda: esse projeto adota a unica fórma de eliminar a triste concorrência que os cafés baixos fazem ao verdadeiro café. Como tive ocasião de espôr longamente, os cafés baixos, que pouquissimo rendem ao fazendeiro pelos preços atuais, que quazi nada lhe renderão aos preços de que estamos ameaçados, essas escórias que não temos vantagem séria em aproveitar, ezercem uma triplice ação nefasta: como quantidade, fazem a superprodução, e influem assim decizivamente na baixa geral dos preços do café; como concorrentes, atacam de preferencia o valor dos tipos mais finos, favorecendo a formação de um tipo médio que está sendo cada vez mais uzado na torrefação; e, como qualidade, desmoralizam perante o mundo inteiro o café brasileiro, cujo nome usurpam. Em troca de todos esses prejuizos que nos cauza, que vantagem traz ao fazendeiro o café baixo?

Cada um póde ser juiz do que apura no café baixo, e comparal-o com o que nele perde. O café baixo é o nosso grande inimigo; e nós poupamos esse inimigo.

Felizmente se formou nesse sentido de condenar os cafés baixos uma corrente quazi unanime na lavoura, contra a opinião apenas dos que não conhecem o assunto, e fazem calculos immaginarios do valor desses cafés. Cada lavrador sabe, por esperiencia propria, que as escolhas, os cafés ordinarios, quazi nada lhe rendem. A diverjencia existente na lavoura refere-se á fórma de eliminação. Uma das duas correntes formadas a respeito pretende que a eliminação dos cafés baixos seja feita por meio de um imposto proibitivo de esportação. Essa corrente encontrou

éico no Congresso do Estado, servindo-lhe de organo o meu distinto e velho amigo Gabriel Prestes. Propoz este uma tabela de imposto de esportação variavel, de acordo com as qualidades de café. Essa medida pretende favorecer as qualidades superiores e gravar as inferiores.

Eu peço licença áquele deputado, meu distinto amigo, para dizer que isso é apenas uma fórmula de ladear a questão, sem a resolver. O problema é este: o café baixo deve ser aproveitado, ou não deve? Si ha conveniencia em o aproveitar, não lhe façamos guerra; si não ha essa conveniencia, destruamol-o decididamente. Não é natural que movamos guerra ao que é um bem, ou que procuremos conservar o que é um mal.

O grande defeito desse projeto, a admitir que ele satisfizesse na prática o fim que viza, isto é, a admitir que ele conseguisse evitar a esportação dos cafés baixos, seria este: acabar de conquistar para a escolha o consumo nacional. Ha realmente quem descubra vantagem nisso; eu penso de modo diverso.

O consumo nacional não é desprezível, nem como quantidade, nem como qualidade; é um freguez de cerca de meio milhão de saccas por ano; e não me parece razoavel que favoreçamos o desenvolvimento do que já se vai dando que esse grande freguez do café, o consumo do paiz em que o café superabunda, pague por preço elevadissimo o quilo do que supõe café, e beba a escoria das nossas safras. E' natural que comecemos pelo nosso paiz na obra de rehabilitação do café brasileiro; e que iniciemos a venda esclusiva de verdadeiro café — por esse grande comprador que é o consumo nacional. Demos por onde dermos, não temos para isso outro meio sinão a destruição forçada, obrigatoria, por algum tempo, do café ordinario. Esse terrivel concorrente do café, na situação actual do commercio, só destruindo não achará vereda por onde se insinúe.

Mas esse defeito incontestavel do imposto proibitivo não é o unico. Tal imposto, lonje de vir em auxilio do

apuramento das qualidades, viria de fato incitar as ligas. A liga é o meio de formar pela junção de tipos diversos um tipo determinado. A liga melhora o tipo inferior peorando o tipo superior. Ora, sendo forçosamente grande com o imposto proibitivo a diferença de taxa entre os cafés baixos e os cafés de tipo médio, e sendo pequena essa diferença entre os cafés de tipo médio e os melhores, serão comuns os casos em que haja vantagem, para evitar a taxa mais onerosa, em ligar o café melhor ao peor, fazendo a qualidade média. Qualquer máquina comum desligará, naturalmente, sem esforço, no estrangeiro, as qualidades ligadas em nosso paiz para iludir o imposto. O interesse individual, que é geralmente ativo, aproveitará sempre esse meio facil de frustrar os intuitos da lei. E esta produziria efeito negativo, isto é, favoreceria a peora de grande parte do nosso café, tornando mais comum a liga. O efeito do imposto proibitivo, a poder este ser aplicado rigorosamente, seria promover a formação de um tipo médio para a nossa exportação. Esse imposto moveria a guerra mais eficaz que se pôde imaginar ao aperfeiçoamento do nosso café.

Resta encarar a idéa do imposto proibitivo sob o ponto de vista da sua aplicação. E' a sua falha mais consideravel. Para opôr-se á execução, mesmo aproximadamente eficaz, de uma lei bazeada nessa idéa, ha obstaculos de duas ordens: uns, atinentes ás dificuldades de classificação dos cafés; outros, atinentes á forma de embarque. E' sabido, que cada tipo de café contém diversas variedades, ou, para dizer mais claramente, que ha gradações em cada tipo. Tambem é sabido que, sendo facil reconhecer cada tipo, quando ele é bem caracterizado, esse reconhecimento se torna difficil quando se trata das ultimas gradações pelas quais de um tipo inferior se passa para o imediatamente superior. E' da pratica de todos os dias a diverjencia que entre entendidos cauzam essas nuanças. E' comum o classificarem uns como *ordinario cheio*, por ezemplo, o que a outros parece um *regular fraco*. O projeto Prestes estabelece a taxa

de 11 % para todas as gradações de regulares; e de 14 % para todas as gradações de ordinarios.

Quem decide os conflitos que a diverjencia de apreciação levantar? O projeto estabelece que as qualidades serão determinadas mediante amostras *no ato do despacho*. Mas isso é perfeitamente teorico:

Seria preciso tornar obrigatoria a identidade do café a embarcar com a amostra apresentada a despacho. A verificação só poderá ser feita no ato do embarque, pelo empregado subalterno encarregado de fiscalizar este. Como dar ao numerozo pessoal subalterno necessario a esse serviço a competencia proporcional á autoridade que iria ezercer? Como decidir de pronto as diverjencias que se suscitarem na apreciação de tipos de café que se distinguem apenas por verdadeiras nuanças? Não se perca de vista que classificar com segurança as multiplas variedades de café não é, na pratica, tão facil como em teoria parece.

Estudemos agóra a idéa do imposto proibitivo sob o ponto de vista do modo pelo qual se faz o embarque do café. E' sabido que o transporte do café para o estrangeiro se faz escluzivamente por meio de navios a vapor, geralmente *de carreira*, quer dizer, de viagens em dias certos. E' facil imajinar os prejuizos que cauza toda a demora á navegação a vapor. O transporte do café, do cais para bordo, é feito por carregadores que ganham por saca conduzida, e que por esse motivo carregam, correndo, duas sacas de cada vez. Nessas condições, como poderá fazer-se no ato do embarque a verificação minucioza da qualidade de cafés, divididos, para os efeitos do imposto, em diversas classes? Seria necessario modificar completamente o modo uzado de transporte maritimo do café. Seria indispensavel mudar completamente a fórma rapida, e relativamente barata, do embarque. E seria preciso para verificar, com o escrupulo

precizo, o conteúdo dos sete ou oito milhões de sacas que prefazem o volume da nossa esportação anual, a criação de um corpo de fiscais, competentes na materia, quer dizer: bem pagos, cujo numero é difficil imajinar atendendo ás diferenças que ha entre as quantidades de café a embarcar, não só com relação aos diversos mezes do ano, mas de uns dias para outros. Parecerá talvez que tudo isso são minucias, mas a vida é composta de minucias e a pratica não póde dispensal-as.

Haverá necessidade dessa fiscalização minucioza, feita pelo ezame de cada saca de café a embarcar? Sem duvida. Sem isso, a sanção da lei seria iluzoria. A fiscalização efetiva seria indispensavel contra o contrabando, maximé tratando-se de pequenas diferenças que importam, somadas, em milhares de contos por ano. O resultado principal das taxas proporcionais seria sobrecarregar a lavoura com imposto maior, e isso não tanto em beneficio do Tesouro, como em vantajem para os que quizessem uzar de fraude, facilima de praticar.

O projeto do meu amigo Gabriel Prestes tem ainda, além dos defeitos gerais inherentes á mesma idéa do imposto proibitivo em si, um defeito proprio e capital. Vejamos esse defeito que condena o projeto a ser abandonado mesmo pelo seu autor.

O projeto taxa em 25 % o imposto sobre as escolhas. A escolha dá, atualmente, 2\$500 por 10 quilos, ou sejam 3\$750 por arroba; e paga de imposto 720 réis por arroba, ou seja *quazi 20 % do preço bruto que custa no mercado*. A elevação desse imposto a 25 % diminuirá o valor de escolha no mercado em 187 réis *por arroba*; isto é, a arroba de escolha, por efeito do projeto em questão, daria no mercado de Santos, preço bruto, 3\$563 em logar dos 3\$750 que dá atualmente. Essa diferença do preço não é de molde a fazer guerra eficaz á esportação daquela escória.

Com o café ordinario o caso ainda é mais interessante. Esse café dá hoje, em média, 5\$000 por arroba, preço bruto; e paga de imposto 720 réis por arroba. O imposto sobre o café ordinario é de cerca de 15 % do seu valor bruto. O projeto fixa em 14 % o imposto proibitivo da exportação do café ordinario. A diferença que o projeto cria é, nesse particular, em favor do café ordinario.

Com relação aos cafés regulares, o seu efeito é este: o regular vale, atualmente, em média, 5\$850 por arroba, no mercado; e, sujeito á taxa de 720 réis, como as outras qualidades todas, paga de imposto um pouco mais de 12 %. O projeto reduz a taxa sobre o regular a 11 %. A diferença é pequena; mas é toda em favor da peóra do nosso café. Favorecer o café regular é favorecer a liga. O regular é o tipo mais baixo do verdadeiro café: é o café com impurezas em proporção consideravel.

Quanto aos cafés bons, o efeito do projeto é nenhum. O projeto incluye nessa classe os tipos comuns de *bons e superiores*: e conserva para elles a taxa ezistente, de 11 %. Como a pauta atual é feita sobre uma média entre o preço do café bom e o superior, são estes os unicos cafés que pagam aproximadamente 11 % de imposto. Nesse particular nada ha a dizer do projeto, que nada altera no que eziste, a não ser favorecer um pouco o café bom, e prejudicar um pouco o superior.

Resta-nos, pois, a classe dos finos, cuja taxa de imposto dece, pelo projeto, a 8 %. E' vizivel a intenção que tem o projeto de favorecer o mais perfeito preparo do café; vejamos como realiza ele essa intenção. Os cafés finos abrangem despoldados e mokas. Sobre que baze será organizada a pauta? Certamente sobre o preço médio dos finos. Admitindo que os cafés chatos finos de terreiro só dêem atualmente 7\$250, brutos, por arroba e que os despoldados e mokas finos só dêem 9\$000, tambem brutos, o preço médio, para o calculo da pauta, seria 8\$250. O imposto de 8 % sobre esses cafés importaria em 660 réis por

arroba. Esses cafés pagam hoje pela pauta comum a todas as qualidades 720 réis por arroba. O imposto favoreceria com 60 réis por arroba os lavradores que produzissem café fino.

No sistema atual, segundo o qual o imposto tem uma só taxa fixa, as diferentes qualidades de café são sobrecarregadas de fato com este imposto *ad valorem*: 20 % as escolhas; 15 % os ordinarios; 12 % os regulares; 11 % os bons; 10 % os superiores; 8 % os finos. A tabela muda essas taxas para as seguintes: 25 % sobre as escolhas; 14 % sobre os ordinarios; 11 % para os regulares, bons e superiores; 8 % para os finos. Si alguma couza mudasse esse projeto, seria no sentido de acoroçar a liga; mas as diferenças que ele estabelece são tão insignificantes, que realmente não acoroçarão couza nenhuma, e em couza nenhuma influirão. O unico efeito desse projeto será mudar o simples e perfeito sistema em vigor de arrecadação do imposto e fiscalização dos embarques — por um complicado, dispendiozissimo e inutil mecanismo. Porque a verdade é que esse tão defendido imposto, contrario ás qualidades inferiores — já eziste. E eziste sob a unica forma simples e perfeita, que não se presta é fraude e dispensa fiscalização. A proporcionalidade do imposto decorre, no sistema atual, não de ser marcada por lei, mas das diferenças de preço que as diversas qualidades obtêm no mercado.

Cazo queiram insistir nesse terreno do imposto proibitivo, eu chamo a atenção, com o dezejo sincero de auxiliar, para o seguinte ponto: é necessario calcular, em qualquer tabela dessas, a influencia da taxa de imposto sobre o preço do café, e a do preço na determinação da pauta. Sendo deduzida do preço real, a importância do imposto influe assim na cotação do mercado; e nessa cotação se bazeia a pauta.

O sr. dr. Vieira Souto, lente de Economia Política na Escola Politecnica do Rio, escreveu a respeito do projeto que eu trouxe a publico uma longa carta destinada á publicidade, que veiu a lume e foi transcrita, chamando-se sempre a atenção dos leitores para a circumstancia de ser s. s. profissional abalizado em materia economica. E' essa autoridade atribuida a s. s. e á sua opinião, que me faz consagrar-lhe algumas linhas, destinadas a render-lhe tambem a minha homenagem. A impressão que cauza naturalmente a carta do snr. dr. Vieira Souto é de que s. s. está alheio ao assunto e de que argumenta brilhantemente e eruditamente contra couzas que são realmente erradas, que eu não escrevi e que s. s. me atribúe. A homenagem que eu quero prestar ao Dr. Vieira Souto é a seguinte: reconheço, sem custo, em s. s., de quem só sei o que agora li, a grande autoridade scientifica que lhe atribuem em assuntos economicos; acredito que s. s. tem opiniões dignas de ser ouvidas a respeito da crise do café; estou certo de que s. s. não tem por habito esmagar com a sua ciencia os adversarios ignorantes — attribuindo-lhes inadvertidamente couzas que eles não disseram... Quanto á sua carta, em que o dr. Vieira Souto não revelou nada disso, que eu folgo em reconhecer, s. s. explicou o pouco que ela adianta — declarando que a escreveu depois de ter estado doente, ao *correr da pena*, e sob a impressão de uma *primeira leitura* de artigo meu. Os grifos são de s. s. A explicação é que é de ambos nós.

Estou pronto a receber a proveitosa lição do dr. Vieira Souto — quando s. s. m'a quizer dar tendo opinião assentada a respeito do assunto. Quanto á sua primeira impressão, peço-lhe licença para não a receber como a ultima palavra da *ciencia*. Em assunto como este, cheio de detalhes de que os livros não rezam, os mais sabios têm necessidade de estudar antes de falar ao publico e de orientar os outros.

O dr. Augusto Telles tem sido para comigo de uma tal gentileza nos artigos em que me combate — que eu sinto realmente não termos ainda chegado a um acôrdo. O que me consola é que a falta, nesse cazo, não é minha, que desde principio sustento o que s. s. quer: a intervenção mais direta do elemento brasileiro no commercio do café. S. s. é que não concorda em que essa intervenção só é possível e só será eficaz como um complemento de reabilitação commercial do nosso café, como preço e como qualidade, pela destruição temporaria e obrigatoria da parte mais ordinaria das nossas safras. Creio poder com razão attribuir a nossa diverjencia ao seguinte: o estudo do dr. Silva Telles a respeito da nossa crize obedeceu a um *parti-pris*: á idéa de que a baixa do café é causada unicamente pelos defeitos do mecanismo commercial.

Eu apliquei-me ao estudo da crize, como acima espuz, começando por varrer do meu espirito todas as prevenções, e procurando conhecer bem os fatos, para depois formar o meu primeiro juizo. E' natural que me aconteça, em consequencia disso, o que me está acontecendo: que eu aceite, como complementares e uteis, medidas que os meus adversarios aventam. Desde principio eu tenho sustentado que a valorização do café pelo meio que proponho permitirá ao elemento nacional intervir mais diretamente no commercio geral do café, proporcionando-lhe recursos, e dando meios de rejeeneração do nome do café brasileiro; favorecerá a verdadeira propaganda, possível e eficaz, do nosso café, pelos meios da grande publicidade, não só em relação á qualidade do produto, como em relação á nossa situação como produtores sem rival; fará renacer o credito da lavoura, tornando o cafezal uma fonte certa de renda, dando-lhe um valor estavel, e, ao mesmo tempo, fazendo aparecer dinheiro á procura de emprego; e auxiliará a modificação do rejimen de trabalho agricola, por tornar mais regulares e certas as relações entre colonos e patrões. Todas essas couzas serão contribuições parciais para a reor-

ganização definitiva da lavoura. Mas nenhuma delas pôde resolver a crise aguda que estamos atravessando, nenhuma delas pôde ser mesmo adotada eficazmente sem a valorização prévia do café. E esta, só a conseguiremos por uma diminuição de nossos fornecimentos aos mercados, isto é, por uma eliminação positiva das nossas safras que estão sendo excessivas no momento. Sem isso, não faremos subir os preços; e sem que os preços subam, nada poderemos fazer mais do que o que temos feito ha cinco anos: ir arrastando uma vida ingloria, em caminho do empobrecimento geral.

Como o dr. Augusto Telles é o brilhante campeão da fundação de cazas nacionais de café no estrangeiro, a s. s. dirijo as seguintes linhas em que aprecio essa idéa, de que não sou um adversario, mas sincero e antigo adepto.

Suponho que temos muito, muitissimo, a lucrar com a fundação de cazas brasileiras de café em outros paizes. Mas não é tanto pela vantagem que isso possa trazer á lavoura — como pela vantagem que essas cazas tirarão para si, e que refletirá sobre a riqueza geral do nosso paiz. O commercio é uma grande fonte de renda; e nós não nos aproveitamos dela. O nosso commercio interno, particularmente de S. Paulo, é feito quazi todo pelo portuguez, pelo italiano, pelo alemão, pelo francez, pelo sirio... O unico ramo do commercio paulista em que o elemento nacional predomina é o do café: compras no interior e comissões em Santos. Isso prova, de parte da nossa raça, uma auzencia de vocação commercial que é preciso corrigir. E como o café é, em regra, o unico genero de negocio para que têm manifestado gosto as raras vocações commerciaes surjidas em nosso meio, pronunciadamente agricola, é natural que no commercio geral do café vamos tentar os primeiros passos. Creio mesmo que é preciso, com relação ao café que produzimos, irmo-nos habituando a acompanhal-o um pouco além dos nossos cais, onde ele é embarcado, e perdemos-o até de noticia. O nosso relaxamento nesse sentido

tem bôa parte no mau nome de que padece o café brasileiro.

Mas daí a acreditar que a ação do nosso comercio seja a resolução para a crise atual — ha uma grande distancia a percorrer. O nosso comercio, direi mesmo a nossa ação comercial — não pôde concorrer para que vendamos melhor os doze milhões de sacas de café da safra prestes a começar. A nossa ação comercial representaria muito pouco, atualmente e por largos anos, nesse grande oceano que é o comercio universal de café. Para corrigirmos o mecanismo do comercio de café no mundo seria necessario batermos os que estão hoje senhores do terreno. Com que recursos? O comercio estrangeiro de café está retendo cerca de sete milhões de sacas de café, isto é, o volume de uma safra, toda S. Paulo, sobrecarregada de despezas e impostos, que pagou, e de que vai paulatinamente fazendo as entregas ezijidas pelo consumo, emquanto por outro lado continúa a pagar e armazenar todo o café que o mundo vai produzindo... No assunto de recursos, o que teriamos a opôr-lhe seria quazi nada.

Com que meios de ação? Qual é o meio pratico de realizarmos esse ideal — a aproximação entre o produtor e o consumidor? Aqui, em nosso paiz, nem o conseguimos, nem mesmo o tentamos. Quando está em Santos, um produtor de café, que é vendido na baze de 450 réis o quilo, paga 100 réis por uma chicara de café. E emquanto a poucos passos o seu café moka é vendido a 550 ou 600 réis por quilo, esse produtor encontra, cumprimenta, dá palestra ou fala em negocios a pessoas que pagam a 1\$500 o quilo de duvidozo café torrado. Passam-se assim as couzas, aos nossos olhos, em nossa caza, onde dispomos de todos os meios de ação. Essas couzas se passam com a nossa aquiencia. Porque? Porque sabemos que ao fazendeiro compete produzir o café em porção, ao torrador vendel-o ás arrobas, ao taberneiro espalhal-o aos quilos pela sua freguezia e pelo seu bairro.

A cada função o seu organ proprio. Em classificação, os organismos afastam-se desse principio á medida que vão decaindo na hierarquia natural. Organismos simples são os organismos rudimentares. Os preços do comercio a retalho não são suscetiveis de bruscas oscilações. Os retalhistas, que ganham muito quando o café está baixo, ganham pouco quando ele está alto. Não será isso da propria natureza aleatoria do comercio?

Com que elementos de atividade, de tato, de atilamento contamos, para nos pretendermos substituir vitoriozamente em paizes que mal conhecemos, cujas linguas em geral ignoramos, cujos costumes não são os nossos, em fórmias variadas de comercio, das quais não temos pratica — aos que lá trilham as veredas que abriram, e pelas quais levam o nosso café ao consumo? Mas o consumo — é a humilde hospedaria perdida nos ultimos confins da Russia; o consumo — é o desconhecido operario confundido nesses formigueiros humanos que se chamam a Alemanha, a França, a Beljica; é o arabe meio nomade de Marrocos, é o caçador errante das rejiões geladas e lonjinquas do Alaska... O consumo está em cada caza, espalhado nesses imensos Estados Unidos; está disseminado pelos vastos areiais do Egipto, pelos territorios do Transvaall, que inglezes e *boers* se disputam, por todas as cidades cosmopolitas das costas da Azia, por quazi toda a larga superficie da terra habitada...

Não! Nós brasileiros não temos materialmente forças para, no curto prazo de um ano, fazermos entrar no consumo, retalhados aos quilos, os nossos doze milhões de sacas, os nossos quarenta e oito milhões de arrobas, os nossos setecentos e vinte milhões de quilos de café.

Como arredar, para vender bem vendido o nosso genero, a concurrencia formidavel dos que nos compraram a preço baixo sete milhões de sacas, que estão por entrar no consumo?

As nossas forças dão apenas para algumas tentativas individuais. Os que fizerem essas tentativas não entrarão

dando leis, influenciando nos preços do café. Começarão forçosamente tateando, e fazendo, por força da concorrência, que é o grande regulador do comércio, a mesma couza que os outros fazem. Os que tiverem atividade, energia, inteligência para lutar com o comércio inglês, alemão, francez, americano, conquistarão o seu pequeno lugar nesse vasto campo; os que forem mais fracos, sucumbirão. As tentativas felizes serão um benefício para o nosso paiz; e mesmos com as infelizes ele alguma couza aproveitará; o grande comércio é uma escola que temos necessidade de frequentar, embora com algum sacrificio. Somos um povo dezarmado nessa luta em que os povos se disputam a conquista da riqueza.

Já vê o dr. Augusto Telles que não sou avesso á nossa intervenção no grande comércio de café. Apenas dezejo que não entremos nesse caminho difficil e estreito todo margeado de precipicios, com a confiança e o impeto de quem se atira por uma estrada liza, larga e segura. E estou convencido de que esse não é o rumo para a solução da crise. Sempre que produzimos menos café, o mecanismo ezistente serve para que obtenhamos bons preços. Ha apenas seis anos, esse mesmo mecanismo comercial nos dava preços fabulosos pelo nosso café. Ainda no ano passado, com a safra relativamente pequena, de 1899-900, ele elevou o café até 57 francos. O que faz a baixa dos preços não é o mecanismo comercial; é a nossa produção enorme. Aquele nos permitirá obter mais dinheiro por nove milhões de sacas do que por doze milhões, num ano.

Porque é defeituozo e funciona mal? De modo nenhum. Porque esse mecanismo obedece ao principio economico, e muito simples, de que perde no seu valor o genero de que ha abundancia além do que é aproveitavel.

Os partidarios da solução natural têm, geralmente, um modo muito artificial de encarar a questão. Entendem que o remedio para a crise virá do ecesso da propria crise; que a superprodução terminará pela eliminação dos mais fracos em beneficio dos mais fortes; que, para repetir a expressão familiar de que uzam, quem puder, rezistirá, e quem não puder, arreará. E ficam tranquilos. Esse modo de ver funda-se num preconceito: de que a lavoura está dividida em duas grandes classes, a dos lavradores que têm recursos, e a dos lavradores que não têm recursos. Ora a verdade é que a situação pessoal do lavrador entra em tudo isto apenas como um fator secundario. E' sabido que no começo da crise, em 1896, já havia lavradores que sentiam escassez de recursos.. A crise agravou-se, de modo tremendo, de ano para ano, nos cinco anos decorridos desde então... E, apesar disso, as lavouras desses lavradores, já sem recursos propios em 1896, não ficaram ao abandono; mas, nas proprias mãos dos primitivos proprietarios, ou passando para outras, continuaram a ser bem tratadas e a produzir café. E o café que elas produzem continúa a concorrer no mercado, em igualdade de condições, com o café dos lavradores que mais recursos têm.

A luta é, na realidade, travada entre as lavouras, e não entre os lavradores. Póde-se adotar este principio como regra geral: que a lavoura bôa só será abandonada, só será eliminada, quando não houver quem dê quantia alguma por uma bôa lavoura. E a gravidade desta situação é que não ha, em regra, entre as nossas lavouras, superioridades ou inferioridades absolutas. As condições de superioridade e de inferioridade são variadas: de produtividade, de distancia, de facilidade de custeio, das mãos em que se acham, etc., etc. Entre umas e outras lavouras, essas condições se compensam geralmente. Isso explica porque é que a baixa dos preços afeta a todos com identica intensidade, e por que é que a luta se tem sustentado e continúa a sustentar-se. Essa luta promete prolongar-se; porque é travada

entre forças de naturezas diversas, mas que se equivalem. Uma luta em que não ha propriamente fortes e fracos, terá como fim o esgotamento geral dos adversarios. A situação do Estado de S. Paulo não será, de cinco anos a esta parte, ezatamente a de uma enorme diminuição gradual da fortuna particular? Não será, a continuarmos no caminho em que vamos, a de um empobrecimento geral?

Os adeptos da solução natural confessarão que isso não é um ideal.

Mas dizem eles, a crize é um fenomeno natural... Quem o nega? O que se nega é que o papel do homem seja, em face do fenomeno natural, o da submissão dezanimada e inerte. Toda a grande obra humana a que se dá o nome generico de Civilização não é mais do que o rezultado da reação do homem contra os fenomenos naturais. Póde-se definir a civilização como a adaptação progressiva da natureza ás necessidades da vida humana. Que é o Direito sinão a reação humana contra a iniquidade da Natureza, cuja lei é a vitoria brutal do mais forte? Que é a Medicina, sinão o esforço humano em combate com o fenomeno natural que é a doença? Que é a navegação, sinão a reação humana contra esse fenomeno natural, tão hostile e formidavel, o Mar, que esfacelava a terra em pedaços dispersos, e dividia a humanidade em agrupamentos izolados? A orientação de que todo o fenomeno natural deve ser recebido com rezignação levaria os homens a decer, degrau a degrau, toda a escada por onde a humanidade tem subido, desde o mal esboçado homem das cavernas até hoje.

E não tem espição que se admita, para o cazo particular do fenomeno economico, essa submissão, injustificavel em geral. Porque o fenomeno economico é ezatamente, dentre todos os fenomenos naturais, aquele em que é indispensavel a intervenção da vontade e da inteligencia humanas.

Em nosso cazo especial a reação está se impondo, e só não reajremos por uma teimoza cegueira. A oscilação

dos preços do café obedece a um elemento que podemos até certo ponto regular: a quantidade de café brasileiro. Está em nossas mãos a faculdade de pôr fim á superabundancia, que faz a baixa dos preços. Não é razoavel que tenhamos creado essa obra de enerjia e de corajem, que a nossa lavoura de café representa, para nos deixarmos afinal esmagar, por um ato de fraqueza sob o pezo da nossa propria obra. A grande produção de café não é propriamente um fenomeno natural: é resultado do nosso esforço e da nossa vontade.

Uma objeção apresentada contra a fórmula de eliminação que proponho, fórmula que tem não só a vantagem de ser a mais simples, como a de ser a unica possivel e eficaz, dentre todas as que têm sido lembradas, — é a da duvidosa constitucionalidade de imposto cobrado em especie. E' claro que eu, assegurando a praticabilidade da medida proposta, incluia na minha afirmação a indispensavel possibilidade juridica da sua adopção. Entretanto, dispensei-me de levantar até agóra essa vaga objeção esposta sempre em termos de duvida, e não de convicção. As razões que tive para assim proceder, foram: primeiro, haver um poder competente incumbido por officio de decidir no assunto. Os meus artigos foram dirigidos até aqui á lavoura, e procuraram demonstrar apenas a vantagem pratica de reduzir por algum tempo as nossas safras, pelo unico meio conhecido de tornar essa redução obrigatoria, proporcional, e feita sobre os cafés baixos.

Em segundo lugar, uma discussão nesse terreno da constitucionalidade seria interminavel e ocioza.

O testo constitucional não impede aos Estados a criação de impostos cobrados em especie; nem determina a fórmula obrigatoria do imposto. O testo constitucional, por outro lado, reconhece aos Estados a faculdade de estabelecer, diminuir ou aumentar, a taxa dos impostos que lhes

competem, e que são uzualmente cobrados em dinheiro; e por outro lado, reconhece-lhes o direito de desapropriação por utilidade publica. Em nosso caso, a cobrança do imposto em especie seria, na peor hipotese, uma mera simplificação do seguinte processo: elevação da taxa do imposto de esportação, que é cobrado em dinheiro; e aplicação da diferença á desapropriação de certa quantidade de café. O testo constitucional não se opõe a nada disso.

A discussão provocada, e que eu não aceitei, seria travada, pois, não no terreno do direito positivo, onde a prova é sempre possível, mas no terreno aberto e sem dono da doutrina, onde a cada um é licito ter uma opinião onde a cada opinião é facil armar a sua tenda e fazer entrar na luta, a seu favor, — uma ruma de livros e um batalhão de autores. A teoria da propriedade, a teoria do imposto! Mas é certo que não diríamos nunca a ultima palavra, e não chegaríamos á verdade final — nesse vasto campo em que escolas e sistemas se disputam encarniçadamente e inutilmente a vitoria. Uma discussão dessas seria um ato de puro e ociozo diletantismo, que as minhas preoccupações não me permitem.

O que a medida em questão póde encontrar a tomar-lhe o passo — não é a Constituição: são doutrinas discutíveis e discutidas. O valor dessas doutrinas, sejam elas quais forem, aparece bem pequeno em face dos grandes interesses de uma população ameaçada...

Um ezercito em caminho da batalha — não se desvia pelo escrupulo de pizar uma horta.

Entrego ao Congresso do Estado a representação que não tenho direito de dizer da lavoura, mas que é de uma parte consideravel da lavoura e da maioria do comercio commissario. Sei, e dou testemunho disso, que o patriotismo do Congresso Paulista está justamente alarmado com a

crize atual; e que o Congresso aplica sincero esforço para acudir ao mal. Só lhe peço a sua atenção calma, refletida, sem prevenções, para a medida que lembrei, e em cujo favor não sou eu que falo, não é uma teoria que discute: são os fatos. O que sustenta eloquentemente a necessidade dessa medida — não são as minhas desvaliozas palavras: — é a nossa anormalissima situação economica, ameaçada de agravar-se assustadoramente; é a historia commercial do café, feita menos de principios do que de algarismos; é a azeção prestijioza e pozitiva de um numero avultado de interessados.

E não será, finalmente, de uma eloquencia irrespondivel o fato de não ter essa medida, tão discutida e tão atacada, provocado até hoje uma só objeção que calasse no espirito publico, e fizesse carreira?

VII

A produção

Ectetuado o Brazil, todas as rejões do mundo em que a produção do café aumentou no quinquenio de 1896-900, realizaram, reunidas, um acrescimo anual médio de 418.000 sacas, compensado aliás por uma diminuição, tambem média, de 262.000 sacas nos produtores restantes.

Nesse quinquenio, o liquido do aumento anual, foi, pois, para a produção estrangeira, 156.000 sacas.

O aumento anual da produção brasileira foi, nesse mesmo periodo, 2.694.000 sacas.

O aumento de 418.000 sacas, verificado em paizes novos, cuja população crece naturalmente, representa todo o resultado do esforço que nesses paizes provocou a alta dos preços do café, mantida de 1888 a 1895. E' sabido que o cafeeiro leva cerca de 5 anos, depois de plantado, para entrar em plena produção. E' tambem sabido que de 1888

a 1895 os preços do café se conservaram numa média enorme, de cerca de 100 francos, ou quazi o triplo das cotações atuais.

E' á luz de fatos como esses, e não orientados por meras suposições sem fundamento, que devemos estudar o papel dos nossos concorrentes no aumento de produção verificado nos ultimos anos.

Esse papel foi para as trez rejiões, nas quais, além do Brazil, a produção prosperou no ultimo quinquenio:

Mexico e America Central:

Anos	Produção
1891	1.349.000 sacas
1892	1.258.000 »
1893	1.433.000 »
1894	1.476.000 »
1895	1.305.000 »
1896	1.296.000 »
1897	1.585.000 »
1898	1.685.000 »
1899	1.687.000 »
1900	1.632.000 »

A safra de 1901 é avaliada em 1.650.000.

Do quadro acima se depreende que a estensão das plantações teve logar, principalmente, até 1894, visto como é 1899 (cinco anos depois), o ponto culminante da produção. O aumento de 338.000 sacas, isto é, de 1.352.000 arrobas, verificado no conjunto daqueles paizes, (Mexico, Guatemala, S. Salvador, Honduras, Nicaragua, Costa Rica), aumento maximo verificado de 1891 até hoje, indica que as plantações novas não foram demaziadamente consideraveis, mesmo no seu periodo de maior progresso.

Dado mesmo que a baixa dos preços, acentuada de 1897 em diante, tivesse alguma parte no estacionamento da produção, é forçozo reconhecer que, nessa estensa rejião,

que é ezatamente o nosso principal concorrente, os altos preços, que se mantiveram de 1888 a 1895, não deram um impulso extraordinario ás novas plantações. Houve municipios paulistas que, em igual periodo, fizeram individualmente quazi tanto como todos esses paizes reunidos.

Com *Venezuela, Colombia, Equador e Goianas* o cazo ainda é mais frizante. Nessa rejião verifica-se:

Anos	Produção
1891	816.000 sacas
1892	859.000 »
1893	925.000 »
1894	1.214.000 »
1895	1.122.000 »
1896	1.215.000 »
1897	1.100.000 »
1898	1.273.000 »
1899	1.086.000 »
1900	1.066.000 »

A safra de 1901 é avaliada em 850.000 sacas.

Nota-se aí, com relação aos ultimos anos, uma tendencia pronunciada para o declinio, para o qual provavelmente concorreu a baixa dos preços de 1897 em diante. Mas, como o primeiro ano, de aumento notavel foi 1894, e daí por diante não houve grande acrescimo, isso faz crer que o desenvolvimento das plantações novas se deu de 1888 a 1889, no primeiro entusiasmo cauzado pela alta dos preços. O estacionamento da produção, de 1894 em diante, indica de modo claro que o progresso das plantações novas, começado em 1888, não se manteve até 1890. Fôsse pelo atrativo de outras culturas, ou pela falta de braços, ou pela dificuldade dos transportes, ou por todos esses moti-

vos reunidos a outros, o fato é que os altos preços do café, mantidos de 1890 a 1895, não conseguiram animar novas plantações naqueles paizes.

Com relação á *Africa*, a produção obedeceu á seguinte marcha:

Anos	Produção
1891	114.000 sacas
1892	215.000 »
1893	210.000 »
1894	156.000 »
1895	181.000 »
1896	244.000 »
1897	230.000 »
1898	224.000 »
1899	220.000 »
1900	196.000 »

A safra de 1901 está calculada em 200.000 sacas.

O quadro acima dispensa comentarios. O ponto culminante da produção africana é 1896, com 244.000 sacas, isto é, com 19.000 sacas mais do que o ano de 1892. Todo o esforço empregado pelos paizes europeus que têm colonias na Africa não conseguiu grande resultado com relação á cultura do café, mesmo com os altos preços de 1888 a 1895.

Entretanto, cumpre confessar que a apreciação do conjunto de cada zona em que a produção prosperou nos ultimos cinco anos, é insufficiente; porque, na realidade, a situação geral de qualquer daquelas zonas não corresponde de modo preciso á situação de cada um dos paizes nela contidos.

Com Venezuela, Colombia e Equador dão-se fatos em inteiro dezacôrdo: a produção tem decrescido notavelmente no primeiro desses paizes e tem aumentado nos outros dous.

Venezuela chegou a ser o segundo produtor de café no mundo. E' um grande paiz, de 593.943 milhas quadradas (França: 204.092), com uma pequena população de 2.444.000 habitantes (em 1894). A imigração foi, em 1890, de 1.555 pessoas; e, em regra, o seu movimento é contrabalançado pelo da emigração. Nesse estenso paiz ha apenas 529 milhas de vias ferreas em trafego.

Venezuela esporta, principalmente, além do café, cacáu, assucar e borracha.

Em 1870 a esportação do café foi de 570.000 sacas; em 1882, de 700.000; em 1896 Venezuela atingiu o maximo da sua produção, com 930.000 sacas. Mas já em 1899 a sua esportação foi apenas de 660.000 sacas; e o declinio é vizivel de ano para ano. Coincide, naquele paiz, com a decadencia da cultura do café, o desenvolvimento da do cacáu.

Os cafés de Venezuela, de que são comercialmente conhecidos dous tipos principais — *La Guayra* e *Porto Cabelo*, têm aroma fino e gosto agradável. São perfeitamente separados segundo o tamanho dos grãos; e entram no mercado perfeitamente limpos, sem grãos ardidos ou quebrados, pedras e mais cisco. (E. Raoul). Cotação de *Porto Cabelo*, em 25 de Maio p. p., no Havre: 60 a 75 francos. (Rio, 1.^a: 39 a 40).

O que explica a decadencia recente e rapida da produção venezuelana é que o cafeeiro rende lá apenas 20 arrobas por mil pés (E. Raoul). Com esse pequeno rendimento, a cultura do café naquele paiz só pode ser remuneradora com preços elevadissimos.

A **Colombia** é outro grande paiz, de área calculada em cerca de 500.000 milhas quadradas, com uma população orçada em 4.000.000 de almas. Esporta, principalmente, além de café, ouro, prata e outros minerais em quantidades con-

sideráveis (3.642 ton.^s em 1898); diversos produtos vejetais (7.548 ton.^s em 1898); fumo (6.216 ton.^s); generos alimenticios (7.548 ton.^s); borracha (410 ton.^s).

Tem 389 milhas de vias ferreas em trafego e 270 em construção.

O solo da Colombia só em pequena parte é cultivado, devido á dificuldade dos meios de transporte. A cultura do café tem-se desenvolvido numa rejião favorecida sob esse aspecto, pois é servida pelo rio Magdalena, navegado por vapores de grandio calado até 592 milhas ácima do porto de Barranquilla. Esse rio é navegavel em 780 milhas; e os seus tributarios fornecem a esse numero um acrescimo de 215 milhas.

A produção de café foi, na Colombia: em 1887— 111.000 sacas; em 1891 — 310.000; em 1895 — 358; em 1898 — 580.000.

O tempo da colheita, na Colombia, coincide com as grandes chuvas.

Essa circumstancia dá aos cafés daquella procedencia uma pronunciada tendencia para a fermentação. O cheiro dos cafés colombianos é dezagradavel, lembrando, vagamente, o do couro. (E. Raoul).

A enorme desvalorização da moéda papel (1.300 a 1.400 %) tem sem duvida contribuido para que a produção do café se mantenha na Colombia, não obstante a queda dos preços em ouro a contar de 1896. Seja como for, a Colombia é um concorrente com que devemos contar.

Equador. — A população é de 1.270.000 habitantes, dos quais 870.000 são indios. A principal cultura do Equador é a do cacáu, de que ezistiam, 1898, 47.200.000 arvores. A produção do cacáu foi de 26.413 toneladas. Esporta tambem assucar, algodão, borracha e ouro. O Equador resente-se de grande difficuldade de comunicações, sendo as estradas quazi intranzitaveis durante metade do ano. E' um pequeno produtor de café. A esportação tem sido: em 1897 — 21.700 sacas; em 1898 — 23.000; em 1899 — 24.000.

Mexico. — A cultura do café é secundaria no Mexico. Esse paiz, consideravel pela estensão e pela população (12.491.000 habitantes, segundo o resenceamento de 1895), servido por 9.027 milhas de vias ferreas em trafego (1898), nunca chegou a esportar trezentas mil sacas de café numa safra. A produção mexicana é variadissima. Em 1898, os principais generos esportados foram, alem do café: arroz, 20.718 ton.^s; milho, 39.238.000 hectol.; trigo, 235.342 ton.^s; assucar, 66.761 ton.^s; algodão, 44.794 ton.^s; madeira, 76.777 ton.^s; cacauí, 1.341 ton.^s; fumo, 43.524 ton.^s; licores fermentados, 6.127.000 hectol. Em 1898 havia 1.693 minas em trabalho, das quais 89 de ouro, 373 de ouro e prata, 172 de ouro e outros metais, 259 de prata. O pessoal empregado na totalidade das minas mexicanas era, em 1898, de 89.000 individuos. O governo esforça-se para desenvolver a cultura da vinha, da oliveira e outras arvores frutiferas. As plantações de laranjeiras tomaram incremento notavel e fornecem importante esportação para os Estados-Unidos.

Esses dados esplicam de certo modo o papel secundario do Mexico na cultura do café, pela subdivizão da atividade e do capital em tão variados ramos de industria e tão diversas culturas. Mas, alem disso, o café não é provavelmente no Mexico uma cultura de grande rendimento. Em 1888-89, a esportação foi de 154.000 sacas; subiu a 166.000 em 1890; a 241.000 em 1893; a 268.000 em 1898.

Não se deve esquecer que o cafeeiro leva cerca de cinco anos a dar; e que o aumento de produção verificado em 1898 representa desenvolvimento das plantações durante o periodo dos preços enormes do café.

Segundo o sr. V. Marcano, citado por E. Raoul, a colheita de uma arroba de café custa, no Mexico, cerca de 2\$400 da nossa moéda; é o dobro da média que pagamos.

Com relação ao rendimento de cada arvore, o sr. P Combourg (*Bulletin des études coloniales et maritimes*, 1894) avalia-o numa média de 66 arrobas por mil pés; mas, E. Raoul, que cita aquele autor, acha-o ezajerado.

Os cafés no Mexico são comercialmente bem reputados. Entram no mercado perfeitamente limpos, raramente com algum grão preto.

Guatemala. — Area, 49.290 milhas quadradas (S. Paulo: 112.280). População em 1900: 1.574.340 habitantes. A imigração foi, em 1894, de 24.839 pessoas; a emigração foi, no mesmo ano, de 21.178. A viação ferrea tem tido consideravel incremento.

A atividade e o capital não se empregam escluzivamente nesse paiz á cultura do café. Ha 40.768 acres applicados á cultura da cana; 7.504 á do cacaú; 1.680 á do fumo. Além de assucar, cacaú e fumo, Guatemala esporta trigo, milho e feijão. Uma lei de janeiro de 1899 acoroção com favores e premios a cultura da borracha; mas é provavel que a crize atual da borracha anule os efeitos dessa lei.

Com relação ao café, a produção de Guatemala tem sido: 1880 — 220.000 sacas; 1885 — 415.000; 1895 — 530.000; 1896 — 525.000; 1897 — 630.000; 1898 — 633.000; 1899 — 644.000

Em Guatemala o café é cultivado entre 500 e 700 metros de altitude. Medeia geralmente entre os cafeeiros uma distancia de pouco mais de 12 palmos. A plantação é feita em covas de 12 polegadas em todos os sentidos, preparadas e deixadas a descoberto durante trez a quatro mezes. O cafeeiro é podado regularmente, de modo a não dar cada galho mais de trez colheitas. A produção média é de cerca de 60 arrobas por mil pés.

As plantações de café estão principalmente em mãos de alemães.

Os cafés de Guatemala são geralmente apreciados, e obtêm preços de preferencia. Em 25 de maio p. p. a cotação no Havre era para os cafés de Guatemala, lavados — 68 a 85 francos.

Guatemala é talvez o mais sério dos nossos concorrentes na produção do café; mas o aumento da sua con-

tribuição é e será fartamente compensado pela diminuição na de outros dos nossos concorrentes.

San Salvador. — Area, 725 milhas quadradas. População, em 1894, 803.534 habitantes. Esporta, além de café, assucar, borracha, fumo e anil. Tem numerosas minas em trabalho, esportando delas ouro, prata, cobre, ferro e mercurio. O governo encoraja com favores a produção do algodão. A viação ferrea está-se desenvolvendo.

A esportação de café foi de 250.000 sacas em 1895, e de 296.000 em 1898. A cotação do café S. Salvador era em 25 de maio p. p. 49 a 53 francos.

Costa Rica. — Area, 23.000 milhas quadradas. População, em 1892, 243.205 habitantes; em 1899, 310.000. Tem duas linhas ferreas em trafego e diversas em estudos. A principal esportação é de café e bananas; a esportação destas é de valor de quazi metade do da esportação do café.

A cultura do cacáu está em pleno desenvolvimento. Esporta algum ouro e prata e alguma borracha.

Em 1895 a esportação do café foi de 189.000 sacas; em 1899, de 255.000.

Os cafés de Costa Rica são variadissimos. Em um lote de 800 sacas de café de Costa Rica, refere E. Raoul, foram classificados 34 tipos.

Nicaragua. — Area, 49.200 milhas. Pop., em 1895, 380.000 hab., dos quais 1.200 alemães. Como em Guatemala, as plantações de café estão principalmente em mãos de alemães. Existe em escala consideravel a criação de gado, e a esportação de couros é avultada. As culturas principais são, além do café, — assucar, fumo e cacáu. Esporta borracha. Ha 109 minas exploradas por companhias inglezas e americanas. Em 1895 a esportação de café foi de 150.000 sacas; em 1899 foi de 153.000.

A Republica de Honduras é um produtor insignificante de café.

Haiti. — Area, 10.204 milhas quadradas. Pop., em 1894, 1.210.625 hab. Nove decimos da população são negros. A principal produção do Haiti é café; e, como entre nós, e sem outro exemplo, o café é sobrecarregado no Haiti com um pezado imposto de esportação. Como veremos adiante, não é esse o unico ponto referente ao café em que somos os companheiros unicos daquela republica de negros.

A cultura do cacau e do algodão estão em pleno florecimento no Haiti; a do fumo se desenvolve. Estão também sendo feitas modernamente tentativas para a exploração de minas, de que o solo do Haiti é bastante rico.

A produção de café do Haiti, de 1890 a 1900, consta das tabellas de pags. 99 e 99 A. Essa produção está em declinio desde 1895. Os tipos do Haiti são conhecidos por: *Cap. Jacmel, Port au Prince, Cayes, Jeremie*. Em 25 de maio p. p. as cotações no Havre eram: de 45 a 48 francos para aquelas trez primeiras qualidades; e de 43 a 46 francos para os tipos Cayes e Jeremie. Depois dos cafés brasileiros eram os do Haiti os que obtinham menores preços.

A qualidade dos cafés do Haiti é prejudicada por uma circumstancia natural: a de ser a colheita feita em geral com tempo humido. Como a Colombia, o Haiti é vitima de chuvas persistentes. Entretanto, esse defeito não é o principal dos cafés haitianos.

Esses cafés são em geral cheios de pedras e de terra. «Em seguida ás grandes chuvas, diz E. Raoul, os grãos que caem no solo arenoso misturam-se a grãos de areia; mas muitas vezes pedras e pedaços de tijolo dão testemunho do pouco cuidado; e, talvez mesmo do espirito de fraude, que prezidem ao beneficio e á esportação. — Entretanto, ultimamente, está-se manifestando melhora nesse sentido».

O café Jacmel, que era ha poucos anos o tipo classico dos cafés mal cotados, *tende*, diz E. Raoul, *a entrar nas*

qualidades superiores. «Realmente, o *Jacmel*, em 25 de maio ultimo, era cotado de 45 a 48 francos, contra a cotação de 37 a 38 para o 2.^a *bôa*, do Rio.

Abissinia e Arabia. — A produção do café é pequena na Arabia, igualmente na Abissinia, de onde essa rubiacea é orijinaria e eziste no estado selvajem.

«Colhe-se café na provincia de Enarea e do Godjam, em que dá sem cultura. As bagas maduras do precioso fruto, sem valor para o indijena, juncam o chão; sem preço em Kaffa, é só em Goudar, primeiro mercado no caminho, que o café alcança valor venal. Chegam grandes quantidades á costa de Massauah; compram-n'as os baniaus. Barcos arabes carregam esse café e transportam-n'o a Aden, de onde se propaga com o nome de café Moka» (1).

Com relação aos cafés arabes, o melhor é o do Yemen. «A quantidade esportada para além de Constantino-pola é absolutamente insignificante, diz um autor inglez. A Arabia, a Siria e o Egito consomem pelo menos dous terços da colheita; o resto é absorvido pelos turcos e armenios. Antes de chegarem aos portos de Alexandria, Jaffa e Beiruth, os sacos de *moka* são cuidadosamente ezaminados, grão a grão; e mãos experimentadas catam neles todos os grãos meio transparentes e esverdeados, que são os optimos... Essa operação é feita com a atenção dispensada pelos garimpeiros de diamantes no ezame da areia que encerra essas pedras preciosas...

A substituição por qualidades inferiores dá-se em cada entreposto da costa; e o café que entra nos mercados europeus e americanos decorado com o titulo de *moka* nem se parece com o café do Yemen» (2).

Não é possivel dar o algarismo, mesmo aproximado, da produção dos cafés arabes. Os cafés que entram nos mercados com esse nome são na grande maior parte cafés

(1) *Geogr. appl. à la marine, au comm. e à l'agric.*, por Baunier, cit. por E. Raoul.

(2) W. G. Palgrave, cit. por E. Raoul.

da India e de outras procedencias, inclusivé o Brazil (o nosso chamado *moka*). Os portos do Egipto e da Arabia recebem fortes remessas de cafés estrangeiros que, depois de limpos e postos em cestos, são reesportados como *café moka*. O seguinte quadro esclarece o assunto, com relação á importação e esportação de café na Arabia:

Anos	Importação	Esportação
1894-95	12.909.763 frs.	15.406.088 frs.
1895-96	17.665.287 »	21.090.418 »

A produção real da Arabia pode ser avaliada, ezajeradamente, em 30.000 sacas (1). A esportação de café brasileiro que saí de lá com o nome de *moka* é seguramente de algumas vezes aquele algarismo. O nosso café serve para falsificar a marca do café arabe, preferido no consumo de luxo.

Congo Livre. — As plantaçõis de café foram iniciadas em 1884. No ano seguinte foi lá introduzido o nosso *maragogipe*. Em 1899, isto é, quinze anos depois, havia ao todo quatro milhões de cafeeiros nas plantações do Congo (um só fazendeiro paulista, F. Schmidt, de Ribeirão Preto, tem cafezais maiores).

A pop. europea no Congo era de 1.958 individuos no ano de 1900. A esportação de borracha, marfim, côco, cacau e fumo, triplicou de 1895 a 1900. A de café, segundo o *Stat. Book*, de 1901, é prejudicada pela dificuldade de transportes.

Cumpre observar que o famoso *hemileia vastatrix* penetrou nos cafezais africanos, achando neles, ao que parece, campo favoravel. O hemileia é o celebre devastador dos cafezais de Ceilão, da India, de Java (2). Em 1894 fez a sua aparição nas colonias alemans da costa oriental da Africa. Na Reunião aniquilou a cultura do café.

(1) H. Lecomte. *Le café*.

(2) O hemileia parece ser especialmente agressivo na zona equatorial.

Em Madagascar matou as primeiras tentativas entusiasticas. No Natal, reduziu a quazi nada a produção, que chegou a ser de 200.000 sacas em 1870.

Outra terrivel praga dos cafezais, *the worm (xylotrichus quadripes)*, ataca as plantações da Costa d'Africa. Contra esse grande inimigo não foi ainda encontrado remedio. «Não se conhece meio de lutar eficazmente contra as devastações deste inseto que se tem espalhado por toda parte, e que encontrei mesmo em plantações recentes da costa ocidental da Africa...» (H. Lecomte, 1899).

O mesmo autor refere-se a um remedio aplicado contra essa praga, no Congo francez. E. Raoul considera-a um mal mais perigoso do que o *hemileia*. «O proprio café Liberia, diz ele, não é indene na costa d'Africa.»

Esses dous inimigos a que estão espostos os cafezais africanos explicam talvez em parte o pouco sucesso da cultura do café na Africa, não só com relação ao Congo Livre e á Republica de Liberia, mas tambem ás possessões inglezas, francezas e alemans.

Liberia. — Pop. avaliada em 2.000.000 de habitantes. O comercio estrangeiro restringe-se aos portos de mar; e só os naturais podem possuir terras. O café é cultivado em plantações pequenas e mal tratadas.

A esportação é menor de 80.000 sacas.

Possessões portuguezas. — As ilhas de CABO VERDE produzem algum café, mas a quantidade é pequena. Em S. THOMÉ, que já produziu 50.000 sacas, a esportação em 1898 foi de 30.000. A cultura do cacau, cuja esportação foi de 823 ton.^s em 1898, tem-se nessa ilha substituido á do café. Naquele ano o café esportado foi do valor de 354 contos fortes; e de 1.132 contos, tambem fortes, a do cacau. *Angola* produz e esporta café em quantidade de que não temos dados certos. Mas, a julgar pela variedade dos produtos esportados, em confronto com o valor total das esportações (7.035 contos fortes em 1899), é de supôr que a esportação de café não seja muito consideravel. Os

principais produtos esportados são: café, assucar, borracha, oleos vejetais, côco, marfim, cêra, gado e peixe. E. Raoul conta que o café *Rio Nunez*, nativo, é apanhado pelos indigenas que para esse fim cortam as arvores; e a produção desse café tende assim a tornar-se insignificante.

Possessões inglesas. — CEILÃO. Só citamos aqui a ilha de Ceilão, que não pode mais ser considerada como um produtor de café, para assinalar os efeitos do *hemileia vastatrix*. A produção, que montou a quazi um milhão de sacas em 1868, caiu a 7.000 sacas em 1900. Com a destruição dos cafezais por aquela praga formidavel, a cultura do chá substituiu-se rapidamente á do café. A esportação de chá foi de 23 libras em 1873 e de noventa milhões de libras em 1897. A área cultivada em café era, em 1878, de 250.000 acres; e caiu, 20 anos depois, em 1898, a 19.023 acres. A superficie cultivada em chá era de 10 acres em 1867; e passou a 753.872 acres em 1898. INDIA. O *hemileia* e o *xylotrechus quadripes* invadiram os cafezais da India continental, cuja produção está em decadencia. A esportação alcançou 430.000 sacas em 1872; e baixou a 240.000 em 1895.

A area plantada em café era de 289.084 acres em 1895; e reduziu-se a 148.389 acres em 1899. O café *Malabar* era cotado, em 25 de maio ultimo, no Havre, a 63/67 francos. Os cafés da India são bem beneficiados e têm em regra grande finura de aroma e de gosto. São esportados em caixas, nas quais é indicada a plantação de que provêm. JAMAICA. — Area — 4.200 milhas quadradas. Pop. em 1891 — 639.000 hab. A superficie cultivada é de..... 694.580 acres, dos quais apenas 25.902 em café. Cumpre, porém, observar, que a area plantada em cafezais tem aumentado: era de 21.276 acres em 1890, e de 23.000 em 1897. A produção tem sido: 1893-94 — 75.000 sacas; 1895-96 — 70.000; 1896-97 — 65.000. Na Jamaica, como nas Antilhas em geral, a produção é de cerca de 40 arrobas por mil pés, na média. GOYANA INGLEZA. — A es-

portação de café de Demerara, que foi de 70.000 sacas em 1830, é hoje quazi nula.

Possessões francezas. — Os francezes, mau grado o grande e intelijente esforço despendido, não têm sido felizes com a cultura do café nas suas possessões atuais. A REUNIÃO teve já uma produção regular: 16.000 sacas em 1835. De 1881 a 1885 a média foi de 9.000 sacas. Em 1882 o *hemileia* penetrou. E a produção caiu até 1.400 sacas em 1897. MADAGASCAR. «Esta ilha começava a esportar café, em pequena quantidade, quando o hemileia aí appareceu». (E. Raoul). CONGO FRANCEZ. Em fins de 1896 era avaliado em 300.000 o numero de cafeeiros ezistentes. A esportação foi de 500 sacas em 1896, e de 950 em 1897. Em 1899 as esportações totais do Congo Francez montaram a 6.625.000 francos, dos quais 3.015.000 frs. de borracha, 1.878.000 de marfim, 1.150.000 de madeiras. Pouco mais de meio milhão de francos foi o valor da esportação total de cacau, oleos, café e outros varios produtos. INDO-CHINA E COCHINCHINA. — A cultura do café foi aí iniciada; mas as plantações foram invadidas pelo terrivel *xilotrechus quadripes*. «Em Saigon, diz E. Raoul, os pés de *C. arabica* são quazi todos atinjidos por esse flajelo». — GUADALUPE. — Area, 583 milhas quadradas. Pop. em 1894 — 167.000 habitantes. A principal cultura é a da cana. (Esport. em 1898 — 22.858 ton.^s). A do cacau tem-se desenvolvido (esport. em 1899 — 915.000 libras). Em 1892 a area occupada em cafezais era de 2.825 hectares; em 1899 tinha subido a 3.065 het. Em 1899 o pessoal empregado na cultura do café era de 6.156 individuos. A produção de café foi, em média anual, de 9.000 sacas de 1891 a 1898; e subiu em 1899 a 13.000 sacas. MARTINICA. — A esportação, que foi de 12.000 sacas em 1830, caiu a 3.000 em 1893. Em 1896 foi de 6.000 sacas; e apenas de 1.900 sacas em 1897. NOVA CALEDONIA. — Nessa colonia a cultura do café, introduzida de poucos anos, se revela em pleno florecimento. A escutar os autores francezes, eziste já um tipo de café

Nova Caledonia, que deve ser colocado á frente de todos os *cafés suaves* do mundo. Como qualidade, dizem eles, o *Nova Caledonia* vale quasi o *moka* verdadeiro, do Yemen. E. Raoul diz mesmo que o prefere, e com ele a maioria dos consumidores, ao *moka* lejitimo. H. Lecomte diz que eles são apreciados pelos que o têm conseguido beber; mas que infelizmente não alcançam no mercado francez os preços a que poderiam pretender. E', pois, conveniente, vermos o que é a Nova Caledonia, e a cultura do café nessa ilha. A area cultivavel é de 1.600 milhas quadradas. A população era, em 1898, de 52.756 individuos, incluindo 3.476 homens de guarnição militar, e 7.477 sentenciados em cumprimento de peña. A produção do café, cuja introdução data de mais de trinta anos, foi: em 1894 — 1.250 sacas; em 1896 — 3.300; em 1897 — 4.000; em 1898 — 5.800. A produção média é de 25 arrobas por mil pés. O apreço ao café Nova Caledonia virá sempre, provavelmente, menos da sua ecelencia tão decantada do que da sua raridade nos mercados. GOIANA FRANCEZA. — «Todas as tentativas de colonização com trabalhadores brancos importados com grande despeza tem até hoje dado em catastrofes»... (Elisée Reclus, *Geographie Universelle*, 1894). A população da Goiana Franceza é de 34.200 habitantes. A produção de café é insignificante.

Possessões holandezas. — JAVA ⁽¹⁾. Na historia comercial do café o papel de Java é consideravel. Essa grande ilha, ou, antes, esse arquipelago, que tem hoje uma população de 34.000.000 de almas, manteve notavel produção de café durante largo tempo; e ainda hoje, apezar da vizivel decadencia em que se acha essa produção, Java conserva um logar importante entre os produtores estrangeiros. A decadencia do café em Java é devida principalmente á invazão do *hemileia*, que começou a aparecer em

(1) Para maior clareza da espozição damos denominação de *Java* ao conjunto das ilhas neerlandezas. Não tratamos da Goiana holandesa pela insignificancia da cultura do café nessa possessão.

1875. A produção, que era de 1.350.000 sacas, em média, de 1880 a 1885, caiu a 645.000, também em média, de 1896 a 1900. Entretanto, como mostra o quadro seguinte, outras culturas estão em pleno progresso:

Area cultivada em acres:

Ano	Arroz	Algodão e outros	Cana	Fumo
1894	5.064.000	3.807.000	211.000	237.000
1898	5.202.000	4.046.000	246.000	252.000

A produção do assucar foi: 1.082.923.700 libras em 1893; e 1.538.701.400 em 1898.

A do chá foi: 4.129.031 quilos em 1893; e 4.757.171 quilos em 1898.

A do fumo: 10.276.134 quilos em 1893; e 18.418.575 em 1898.

A do anil: 685.984 quilos em 1893; 1.094.225 em 1898.

Por esses dados se vê claramente que outras culturas se substituem vantajosamente á do café, sacrificada pelo *hemileia*. E' provavel que Java siga o mesmo caminho seguido por Ceilão.

Possessões alemans. — TOGOLAND (na Costa dos Escravos). População européa em 1899: 118 individuos, dos quais 113 alemães. Esporta borracha, cacáu, milho, tapioca, gengibre, côco. Em 1898 foram plantados 89.400 coqueiros, 20.900 arvores de goma, 98.000 cafeeiros. Em 1896 a esportação de café foi de 1.800 sacas. CAMEROUN. (Protetorado alemão desde 1894). Pop. branca em 1899: 425. Têm sido feitas plantações de café, cacáu, fumo, borracha, baunilha, cravo, gengibre. AFRICA ORIENTAL. Pop. branca em 1899: 1.090 pessoas. As plantações alemans são de cacáu, baunilha, fumo, borracha. As de café são feitas apenas em algumas rejiões altas. Não se esqueça que o *hemileia* e o *xynotrocus quadrupes* têm invadido os

cafezais na costa oriental e na costa ocidental da Africa. — PACIFICO. Nas possessões alemans do Pacifico a cultura do café não tem importancia.

Possessões americanas. — HAWAI. Area 6.400 milhas quadradas. Pop. em 1896: 109.020 habitantes. Nesse ano os individuos applicados á agricultura eram em numero de 7.570. A imigração e emigração foram em

	1895	1898	1899
Imigrantes	8.090	17.229	20.245
Emigrantes.	4.636	7.313	—

Em 1899 as pessoas empregadas na lavoura eram 40.500, das quais 30.000 japonezas, 6.000 chinezas, 2.150 portuguezas.

A esportação principal foi, em 1899: assucar, 21.893.190 dolars; arroz, 42.562 dol.; bananas, 84.268 dol.; café 132.347 dol. Em 1870 Hawai esportou 3.000 sacas de café; em 1890, apenas 600 sacas; em 1893, menos de 300; em 1894, 1400.

A esportação de 1899, de que possuímos informação referente ao seu valor em moeda, que acima indicamos, deve ter sido superior a 10.000 sacas. CUBA e PORTO RICO. E' difficil prever si, na mão dos americanos, Cuba irá tornar-se um produtor de café; até agora não se tem distinguido como tal. Essa ilha tem outras numerosas riquezas a explorar e em exploração. A sua principal esportação é de assucar (1.004.264 toneladas em 1894); e fumo (290 toneladas). Com Porto Rico o cazo é diverso: é quazi certo que a atividade e os capitais americanos desenvolverão aí a cultura do café. Porto Rico tem uma área de 3.600 milhas quadradas. A população era de 953.243 habitantes em 1899. Ezistem cerca de 200.000 acres applicados ao café. Os cafés de Porto Rico têm preços de preferencia nos mercados; a cotação deles era, em maio ultimo, no Havre, de 87 a 98 francos. Felizmente para nós, Porto Rico é uma ezigua ilha; e a produção do café nas Antilhas, como

acima ficou referido, é apenas de 40 arrobas por mil pés, na média. FILIPPINAS. A produção do café nas Filipinas vem de lonje. Em 1871, a esportação já era de 60.000 sacas. Em 1893 atinjiu ela o seu maximo: 75.000 sacas. Daí em diante decaiu sempre: foi de 10.000 sacas apenas em 1894; e, em 1895, o porto de Manila esportou unicamente 3.000 sacas.

As Filipinas produzem principalmente assucar, fumo, canhamo e anil. Em Luçon se está estraindo ouro com sucesso; em Cebú, está sendo organizada a exploração de carvão de pedra, de que se conta com uma produção de 5.000 toneladas por mez.

Ha em varias ilhas minas de prata, cobre, ferro chumbo, algumas em começo de trabalho. Em diversos pontos do arquipelago ha petroleo.

A decadencia rapida da cultura do café nas Filipinas, de 1883 a 1894, periodo que abrañjeu os anos de grande alta nos preços, parece indicar que essa cultura não era favoravel. E' difficil, sem duvida, dar incremento a uma industria que, mesmo com os preços obtidos pelo café, de 1888 a 1895, teve de ceder a outras certamente mais remuneradoras.

A concorrencia das possessões americanas não parece constituir um perigo sério para nós.

Desse modesto ezame da situação do café em relação á produção estrangeira, ezame rapido e sucinto, como o permitia a natureza deste livro e a urjencia da sua publicação — depreende-se que o regulador do café no mundo é o Brazil; e que o será ainda por tempo cujo limite não ha fundamento para prever.

O aumento enorme da produção brasileira nos ultimos anos, aumento que tem determinado a superprodução e a

baixa dos preços, foi devido principalmente, a causas que não têm carater permanente:

- 1.º Os altos preços do café, de 1888 a 1895;
- 2.º A baixa do cambio, dando proporções artificialmente colossais aos preços naquele periodo;
- 3.º O incremento ecepcional que nesse periodo teve a viação ferrea nas zonas do Brazil apropriadas á cultura do café;
- 4.º Uma extraordinaria corrente de imigração, de que se está dando hoje uma especie de refluxo;
- 5.º A mudança, na lavoura de café, do trabalho escravo para o trabalho livre, geralmente de europeus, e muito mais inteligente e esforçado.

Essas cauzas, como é sabido, já não influem hoje. As grandes plantações novas de café foram apenas até 1896; e a nossa produção não tarda a atinjr o seu apojeu.

Tomando isso em consideração, e depois de ezaminar a situação do consumo do café, passaremos a ver si não é verdadeiramente absurdo estarmos sofrendo sem rezistencia a crize dos preços baixos atuais, crize a que podemos pôr fim desde que o queiramos.

VIII

O aumento do consumo

O consumo do café, em regra, aumenta na proporção em que crecem a população e a prosperidade economica dos paizes em que é uzado. A ecepção feita pela Inglaterra é a unica que abertamente contraria esse principio. Mas nesse paiz o café tem dois terriveis concurrentes: o chá e o cacau. Emquanto o consumo do café se conserva estacionario nas ilhas britannicas, e está lonje de acompanhar o desenvolvimento da população, o consumo do chá, que era de 36.000.000 de libras em 1841, foi de 210.000.000 de libras em 1895; e o do cacau, 1.938.000 libras em 1841,

passou a 11.996.000 em 1882, e a 24.484.000 em 1895. O que acaba por demonstrar a natural resistencia oferecida pelo povo inglez áquela bebida — é que varias colonias inglezas esportam esse produto e que Londres é um mercado consideravel de café.

O grau em que a situação economica de um paiz influe no consumo do café é eloquentemente demonstrado pelo cazo da França em seguida á dezastroza guerra franco-prussiana. O consumo médio da França tinha sido de.... 900.000 sacas de 1866 a 1870. No quinquenio seguinte essa média cái a 615.000 sacas. Poder-se-á alegar que o imposto de entrada, que era, na França, de 55 francos por 100 quilos, passou a ser, pela tarifa de 1871, de 156 francos, e que disso veiu a diminuição do consumo. Mas essa alegação seria errada. Efetivamente, apesar de ser conservada a onerosa tarifa de 1871, já no quinquenio de 1876-80 o consumo francez tornava a alcançar o seu nivel anterior á guerra, ou, antes, ecedia-o, tendo em conta a perda da Alsacia e da Lorena. E' que a situação economica da França, por uma verdadeira resurreição que assombrou o mundo, resurjia, próspera e refeita, das ruinas da invazão alemã e da enorme indenização de guerra que teve de pagar.

Está na prosperidade dos paizes consumidores a principal esplicação do aumento do consumo nos ultimos anos. Por felicidade nossa, os paizes que mais consomem café estão em pleno e vizivel progresso.

A população norte-americana aumentou de 63.014.015 habitantes em 1890 a 76.356.102 em 1900. A importação geral dos Estados-Unidos foi de 697.148.489.000 dolars em 1899; e foi de 849.941.184 em 1900. A esportação, do valor de 1.203.931.222 dolars em 1899, passou a..... 1.370.762.571 no ano seguinte. Aos Estados-Unidos cabem 40 % do café que o mundo consome.

A' Alemanha cabem 20 %. A população da Alemanha aumentou de 52.279.901 habitantes em 1895 a 56.345.014

em 1900 — mais de quatro milhões em cinco anos. A sua importação foi de 4.246.111.000 marcos em 1895; e de 5.783.628.000 em 1899. A esportação foi de 3.424.076.000 em 1895, e de 4.368.409.000 em 1899. Ha vinte anos emigravam 250.000 alemães por ano; a média da emigração alemã, nos cinco anos de 1895 a 1899, baixou a 28.000. Em 1897, 98, e 99, a média é apenas de 23.000 emigrantes. Não se póde imaginar mais eloquente atestado de melhora nas condições de vida do povo alemão.

A' França cabem quazi 10 % do consumo do café. A prosperidade economica da França nos ultimos anos é revelada pelo desenvolvimento do comercio francez. Em 1896, a importação geral foi de 49.288.000.000 de francos; em 1896 de 58.480.000.000. A esportação geral foi de 45.936.000.000 de francos em 1896, e de 55.335.000.000 em 1900.

A' Suecia-Noruega, Holanda, Belgica, Suissa e Austria-Hungria, conjuntamente, cabem 20 % no consumo do café. Em todos esses paizes se verifica aumento de população e de riqueza nos ultimos anos.

Está aí a razão principal do aumento do consumo. Essa razão, porém, não é unica.

Não ligamos ecessiva importancia á baixa do preço do café como fator do aumento do consumo. Este só remotamente, e em proporções minimas, sente o efeito das altas e das baixas nos grandes mercados.

Os preços do consumo são, até certo ponto, fixos; não são sujeitos ás grandes ocilações. O consumo desenvolveu-se notavelmente nos Estados-Unidos durante o quinquenio de 1886—90 para o de 1891—95; na Alemanha e na França o aumento foi normal nesse periodo. E comtudo, de 1891 a 1895, o preço do café conservou-se, nos grandes mercados, numa média de 100 francos.

A verdade é que os preços do consumo não acompanham os ocilações do genero. E. Raoul estuda minuciozamente qual seria o efeito, no consumo francez de uma re-

dução de meio franco em quilo (4\$000 em dez quilos); e conclue que esse efeito seria nenhum. Adotamos nas linhas seguintes os seus argumentos.

Para justificar esta asserção, que parece á primeira vista paradoxal, basta ezaminar os fatos, isto é, o mecanismo da venda a retalho.

A venda no varejo é feita á freguezia rica, burgueza, operaria. No ponto de vista do consumo, deve-se desprezar de todo a freguezia rica, á qual é indiferente o custo do genero.

A freguezia burgueza é mais atenta á economia. Compra ela o café, geralmente, aos meios quilos; e paga o meio quilo a dous e meio e trez francos. — Como os intermediarios aproveitam sempre uma parte das baixas que se dão, é claro que a diferença de preço no café em grosso só afecta as vendas a retalho em proporção minima. Segundo informação de muitos negociantes de Pariz e da provincia, directamente interessados no aumento do consumo, uma diferença de meio franco (4\$000 por dez quilos), traria, apenas, para os preços do varejo, uma diferença de 10 centimos pôr meio quilo (160 réis em dez quilos). E' duvidozo que essa diferença fizesse aumentar o consumo de modo sensivel.

O consumo da freguezia operaria, é aquele cuja possibilidade de aumento é a mais interessante, em razão do numero de consumidores que ela representa. Essa freguezia compra geralmente o café ás onças (30 gramas).

O preço do café vendido á classe operaria tem, como ponto de partida, o café de 1.^a qualidade a 6 francos o quilo e o de 2.^a qualidade a 4,80. Isso corresponde aos seguintes preços no varejo:

1. ^a qualidade, a onça	0 fr. 20
2. ^a » » »	0 fr. 15

Com a diferença de $\frac{1}{2}$ franco por quilo (4\$000 por 10 quilos) no comercio em grosso, os preços do varejo corresponderiam ao seguinte:

1. ^a qualidade, onça	0 fr. 16,5
2. ^a » »	0 fr. 12,9

Ora, pela mesma razão que leva o varejista a vender a 0 fr. 20 a onça de café de 1.^a, e não a 0 fr. 18, que corresponderia ao preço de 6 francos o quilo, vendel-o-ia ele pelo mesmo 0 fr. 20 o que poderia vender a 0 fr. 16.5. Essa razão é o fracionamento da moéda, que é limitado.

Com relação a nós, continuamos a pagar 100 rs. por uma chicara de café; e a razão disso é que o níquel de 100 rs. é a nossa moéda minima comum.

A ação da baixa dos preços no grande comercio é realmente quasi nula sobre o consumo. Essa baixa faz-se nos mercados de orijem; e o preço nesses mercados corresponde a uma porcentajem minima dos preços de consumo.

Por ezeemplo: o preço, subindo de 4 a 8\$000 por 10 quilos em Santos, reprêzentaria para nós uma diferença de 100 %. Para o burguez francez, que paga 6 francos pelo quilo, essa diferença, si ele chegasse a sentil-a, seria de meio franco em quilo, ou de $8\frac{1}{2}$ %. No consumo operario a porcentajem seria, por assim dizer, infinitezimal. Mas a verdade é que os preços do consumo são, até certo ponto, fixos; e não obedecem ás ocilações bruscas e temporarias dos mercados em grosso.

Ha, entretanto, uma baixa de preços que deve ter influido favoravelmente no consumo do café: é a baixa do assucar. Essa não é devida, como a do café, a uma ocilação de mercados; mas a um fato de natureza permanente. O assucar deixou, pela applicação da beterraba, de ser um genero colonial, um produto difficil de certas zonas; e tornou-se nos ultimos anos uma produção comum, obtida por processos mais adiantados e mais acessiveis de cultura e de industria.

Esse fator deve ter sido consideravel no aumento do consumo do café.

Podemos provavelmente contar com um aumento normal do consumo, enquanto os paizes habituados ao café, os Estados-Unidos, a Alemanha, a França, a Austria, a Holanda, a Suecia, a Belgica, a Suissa, prosperarem; sem desprezar diversos outros paizes em que o consumo mostra tendencia natural para crescer, entre os quais está o nosso.

IX

A produção e o consumo

Partindo dos diferentes dados espostos nas paginas anteriores com referencia á produção e ao consumo do café, a algumas conclusões gerais se póde chegar.

A primeira delas é que, por cauzas de natureza temporaria, e que já hoje não persistem, a produção aumentou, de 1896 para cá, em desproporção com o consumo. Esse extraordinario desenvolvimento da produção foi devido ás plantações do Brazil, feitas em escala formidavel, de 1888 até 1896.

A segunda: — que o consumo continúa aumentando em proporção consideravel. A superprodução atual é, portanto, mesmo que a produção se mantenha, um fenomeno temporario, e que durará poucos anos.

A terceira: — que o Brazil continúa e continuará a ser o grande produtor de café, e é, cada vez mais, o regulador dos preços do genero nos grandes mercados do mundo. Da nossa produção dependem aqueles preços.

A quarta: — que temos nas mãos uma fortuna colossal, e não sabemos aproveitar-nos dela. Os nossos cafézais, tão desvalorizados hoje, representam, de fato, uma enorme riqueza; e ha quem pense que será um bem a geada que os diminua, ou a *solução natural* que condene parte deles á morte! Si perdermos hoje cafezais, teremos de

plantal-os de novo dentro de alguns anos, *ou outros paizes o farão*, o que será mais provavel, porque a famosa *solução natural* não nos deixará certamente com folego para novas emprezas.

Dependendo de nós o preço do café, estamos agonizando numa crise tremenda com que a baixa do preço nos oprime.

E tudo isso porque?

Porque nós, os grandes produtores de café, nós, que dispomos de um quazi monopolio da produção, desmoralizamos esse produto com o cisco que vendemos para ser torrado e bebido como café. Da nossa safra, ha dous milhõis de sacas que quazi nada nos rendem, a nós fazendeiros, que quazi só dão para as despezas de carreto e frete; e teimamos em vender esses dous milhões de sacas — para que vão pezar nos mercados, disputar o consumo, desvalorizar os nossos dez milhões de sacas restantes.

A escolha será realmente café? ou será apenas o cisco de que as nossas maquinas limpam o café?

Alega-se que a escolha é vendida e é bebida. E' verdade. Infelizmente para nós, a escolha é misturada ao café, torrada e bebida como café. Mas a escolha não representa nisso papel diferente do que cabe á chicorea, ao milho, a tantas outras substancias empregadas na falsificação do café.

A unica diferença é que, com a escolha, a falsificação parte de nós, produtores de café.

A verdade é que só porque o queremos suportamos a crise atual. Está em nossas mãos pôr-lhe cõbro. Si destruímos na prezente safra os nossos chamados cafés baixos, e nos rezolvermos a eliminar, por processo semelhante, a superprodução que porventura se dê nos dous anos seguintes, a crise estará desde logo terminada, por-

que não haverá resistencia capaz de impedir que os preços subam.

Se não fizermos isso, confiemos num milagre. Ou então aceitemos, de braços cruzados, a absurda solução natural, a continuação do sacrificio inutil para todos, e, afinal, a perda de cafezais que seriam preciosos daqui a quatro, daqui a cinco, daqui a seis anos...

X

A propaganda

Uma das idéas aventadas desde principio da crise atual, e das mais simpaticas, é a da propaganda do nosso café; mas essa idéa tem-se até agóra conservado no estado amorfo de uma aspiração sem plano definido.

A solução que ha dias apresentei ao ezame dos interessados não só torna possivel a propaganda, rehabilitando o café brasileiro, hoje desmoralizado, como nos encaminha naturalmente para o terreno pratico nesse assunto.

E' preciso compreender que a ação do Estado seria nula, qualquer que fôsse o esforço empregado, quaesquer que fôsses as quantias despendidas no sentido da propaganda propriamente comercial.

Essa propaganda é feita, em proporções colossais, pelo comercio de café, em todo o mundo, comercio cujo interesse está precizamente em vender muito. Imagine-se o imenso conjunto de elementos que esse comercio representa; e compare-se com tal conjunto os pequenos meios de ação que o Estado poderia empregar.

Por mais *commis-voyageurs* que atirasse ao mundo, por mais agencias que semeasse na face da terra, o Estado não seria capaz de empregar esforço igual ao de qualquer das grandes cazas de café da Europa ou da America do Norte. E o seu esforço, artificial e deslocado das suas funções normais, seria sempre menos atilado, menos metodico, menos ativo do que o desses propagandistas profissionais do café.

A entrada do Estado nesse terreno importaria numa colaboração secundaria. A sua influencia no alargamento do consumo do café, que aumenta anualmente em mais de meio milhão de sacas, seria pouco sensível. O Estado empregaria nisso um grande e despendiozo esforço para conseguir tirar apenas uma gota d'agua ao oceano em que nos afogamos.

Alguns dados positivos esclarecem o assunto:

Em criterioso artigo, publicado recentemente, o sr. dr. Francisco Ramos se refere ao que tem conseguido a caza brasileira de café dos srs. Raul de Carvalho & C.^{ia}, estabelecida em Paris com torrefação. Os dados foram pessoalmente colhidos por s. s., e são instrutivos.

Aquella caza tem um grande capital aplicado ao negocio: quatro milhões de francos. A sua actividade é conhecida, e é sabido que uza, com a maior intelligencia, de todos os meios possiveis de reclame. Vendendo, como vende, o café a 6 francos o quilo, essa caza tira do capital empregado um juro modico — o que já nos deve dar que pensar. Mas o que é de deciziva eloquencia é que essa caza, pondo em jogo tão poderozos elementos, ajindo num meio tão favoravel como é uma cidade de trez milhões de habitantes, torra e vende anualmente — *vinte e cinco mil sacas de café*. Esse algarismo está bem lonje dos dous milhões de sacas que nos sobram.

Outro cazo:

Uma poderosa caza que joga com capitais enormes, que tem filiais em diversas partes do mundo, que negocia em café ha mais de cincoenta anos, que é portanto, um grande mecanismo perfectamente montado, mantêm uma importante seção de venda de café a varejo. Essa caza empregou alguns milhares de contos na montagem de trez torrefaçõis na Alemanha.

Não se esqueça que a Alemanha é um paiz onde o café representa já o papel de bebida habitual do povo. A

referida caza mantêm *seiscentas agencias* para a venda de café torrado naquele paiz, que é um meio favoravel.

E, apesar de tudo isso, essa grande caza torra e vende anualmente — *cento e vinte mil sacas de café*.

Que meios temos nós, fóra dos dominios da fantazia e das idéas vagas, na rejião aspera da pratica, para vender a varejo milhõis de sacas de café por ano?

E' em face de dados positivos que devemos calcular qual será, para aumentar o consumo do café, a ação do Estado com a sua despeza de dous, trez, ou quatro mil contos.

Mesmo admitindo, por simples hipoteze gratuita, que o dinheiro gasto pelo Estado com a propaganda, propriamente comercial, tivesse a mais ativa, a mais intelijente, a mais esforçada applicação, ainda assim seria preciso reconhecer que dous, tres, ou quatro mil contos representam uma quantia muito insignificante no comercio universal do café — para que influam na situação atual daquelle genero.

Ainda alguns dados interessantes.

Fala-se muito, com relação á propaganda, na Inglaterra e na Russia, onde o consumo do café é relativamente pequeno. Parece a muitas pessoas que um simples esforço da nossa parte conquistará facilmente para o café esses grandes bebedores de chá. Ha nisso muita fantazia.

Já ficou dito que não temos meios de fazer nesse sentido o que não consegue fazer o grande comercio inglez, alemão e francez, empenhado nisso como possuidor de alguns milhõis de sacas — *compradas a preços mais altos do que os atuais*, — e pondo em jogo os poderozos elementos de que dispõi.

Mas convém ainda refletir no seguinte:

A rezistencia oferecida pela Russia ao consumo do café tem cauza identica á que a Inglaterra oferece. Esses dous

paizes rezistem naturalmente ao café; em ambos o chá é bebida habitual.

A Inglaterra possúe café; isto é, algumas das suas colonias produzem-no e esportam-no em quantidade muito superior á que a Inglaterra consome. Como acreditar, pois, que é por falta de propaganda que o consumo não aumenta naquele paiz? Como supôr que poderemos nós fazer lá em favor do nosso café — o que os proprios inglezes não conseguem em favor do seu?

O consumo na Inglaterra tem obedecido á seguinte escala:

Anos	Média anual
1856—060	265.000 sacas
1861—065	250.000 »
1866—070	230.000 »
1871—075	235.000 »
1876—080	239.000 »
1881—085	235.000 »
1886—090	225.000 »
1891—095	208.000 »
1896—900	200.000 »

A quéda mais notavel que aí se nota é a de 1860 a 1870. Pois essa época foi precisamente a do maximo florecimento da produção nas colonias britannicas. Ceilão teve em 1868 e 1870 as suas duas maiores safras, de quazi um milhão de sacas cada uma. De 1856 a 1870 a produção de Jamaica, pelo seu lado, aumentou em quazi um terço, passando de 40.000 sacas a quazi 60.000. Na India continental ingleza tambem a produção fez grande progresso nesse periodo, passando de 56.000 sacas em 1856 a 360.000 em 1869.

E' claro que os inglezes não bebem café porque dele não gostam, e não porque o não conheçam ou não o tenham á mão.

Com relação á Russia, o cazo não é igual, mas é semelhante. Nota-se que o consumo, que era ha vinte anos

apenas de 120.000 sacas naquele imenso paiz, é hoje do duplo. Mas ainda assim, é pequeno em confronto com a população; e a verdade é que o consumo na Russia limitou-se quazi a acompanhar, com pequena vantajem, o aumento da população. A população da Russia era de 74.000.000 em 1859; e em 1897 tinha subido a 135.000.000. O terreno ganho pelo café naquele paiz foi, portanto, realmente pouco.

E a espição está em dous fatos: em primeiro lugar, a Russia é um paiz habituado ao chá. Em 1899 foram ali importadas 52.000 toneladas de chá, o que dá, em fração de quilo, 0,35 por ano e por habitante. E' natural que o consumo do café fôsse, como foi, de pouco mais de 0,10.

Em segundo lugar, o povo russo não goza de condições de vida geralmente favoraveis, o que é demonstrado pela consideravel emigração daquele paiz. Só para os Estados-Unidos, a emigração russa foi de 722.472 individuos em 24 anos.

Essa razão prevalece tambem com relação á Italia, outro paiz importante, tão ligado a nós economicamente, e onde o consumo do café é pequenissimo em confronto com a população. Mas como preterir que faça uzo habitual de uma bebida cara — um povo cuja vida difficil é afirmada pela massa enorme dos emigrantes que esporta anualmente? No só ano de 1899 a emigração italiana foi de 308.339 pessoas.

Com relação ao consumo do café, e ao papel que se quer attribuir á propaganda comercial de nossa iniciativa, ha um cazo interessante.

A India Inglesa produz café, e esporta-o em quantidade não pequena. Em 1852, como vimos, já ela o esportava. Em alguns annos a esportação tem-se aproximado de quinhentas mil sacas.

Ora, apesar disso, o consumo da India é, por habitante, *o menor* de que rezam as estatisticas. Eis um pequeno quadro que esclarece o assunto:

Média do consumo do café por ano e por habitante em fração de quilo

Ano	Itália	Inglaterra	Rússia	Índia
1896	0,40	0,30	0,10	0,007

Não é, de certo, por falta de propaganda que os 220 milhões de habitantes da Índia preferem, com relação ao café que produzem, esportá-lo a bebê-lo.

O café é cultivado, e ceturada a Europa, em todas as partes em que geograficamente se divide a terra. O seu comércio estende-se a todos os pontos do globo onde vive o homem civilizado. E' de acórdo com o reconhecimento desse fato que devemos avaliar a nossa ação commercial em relação á propaganda desse produto. Não devemos também esquecer que o consumo do café, sem a nossa propaganda, aumenta de uma fórma notavel. O aumento é hoje talvez de seiscentas mil sacas por ano. De que esforço somos nós capazes para influir de modo consideravel nesse aumento? Que algarismos poderá a nossa ação commercial acrescentar áquele algarismo colossal?

Algumas pessoas pensam na organização de uma distribuição gratuita de café como meio de propaganda. Antes de tudo, esse consumo sem remuneração, e ainda com despesas, esta lonje de ser o que a nossa situação do momento está ezijindo. Em segundo lugar, a distribuição gratuita de café, onde quer que fôsse feita, seria aproveitada principalmente pelos que consomem café comprando-o.

Esse espediente concorreria para a baixa do genero. Seria uma idéa extravagante pretendermos fornecer de graça aos consumidores, e, ao mesmo tempo, vender mais caro aos que compram para revender.

Postas de parte essas duas fórmulas de propaganda, passo a espôr o que me parece adotavel e eficaz nesse assunto.

Adotada a medida que proponho, empenhemos na propaganda a influencia do Brazil e o concurso em dinheiro dos Estados brasileiros interessados na questão. Uzemos da ação da nossa diplomacia e do nosso corpo consular, empreguemos amplamente, na Europa e na America, todos os meios de publicidade applicaveis para fazer perante o mundo a propaganda.

Propaganda de que?

Da pura, da estrita verdade.

Façamos saber ao mundo que a superprodução acabou.

Levemos aos mercados, que esperam ou temem o excesso da nossa produção, a convicção de que esse excesso não mais se dará, que nós estamos corajosamente rezolvidos a só aproveitar das nossas safras a parte que é util, que nós estamos decididamente rezolvidos a manter o equilibrio entre o café disponivel e as necessidades do consumo.

Demonstremos ao consumo que destruimos escorias que até agóra lhe eram fornecidas como café brasileiro.

Provemos-lhe que o Brazil produz verdadeiro café, excelente café, tão bom como o das qualidades mais procuradas nos mercados.

Mostremos-lhe que não ezijimos pelo nosso produto um preço excessivo, mas uma simples remuneração pelo esforço e despeza que ele nos custa.

E, finalmente, tornemos claro a todos os interessados — que conservamos toda a nossa capacidade produtiva, e que o futuro do café pertence ao Brazil, porque, em condições normais, devido á força produtiva dos nossos cafezais, ás condições ecepcionais do nosso sólo e do nosso

clima, o Brazil está habilitado a fornecer, sem competencia, aos preços de 60 ou 70 francos, todo o café, verdadeiro e ecelente, de que o mundo precizar.

Uma poderosa organização dessa propaganda é possível; e será eficaz.

Concluzõis

(1911)

I — A esportação brasileira de café pelos portos de Santos e Rio atinjiu, nas trez safras de 1901 — 1903, a 38.450.000 sacas, desprezados os quebrados.

Devendo recair em 20 % daquela quantidade a eliminação que eu propunha, teriam sido eliminadas, NOS TREZ ANNOS, **7.609.000** sacas de café.

Pelos calculos, em que assentava o meu projeto, essa quantidade representava aproximadamente a superprodução.

II — Cinco anos depois, em virtude do Convenio de Taubaté, ajustado entre os trez grandes Estados produtores, foram retiradas *temporariamente* dos mercados cerca de 7.500.000 sacas de café, quantidade que se reconheceu afinal como representativa da superprodução.

A coincidencia é interessante, e fala em favor do meu calculo, e da segurança dos dados em que ele se baseava.

III — Das 7.609.000 sacas que teriam sido eliminadas segundo o meu projeto, pouco menos de *cinco milhões* de sacas constituiriam a contribuição da lavoura paulista.

Não convem perder de vista que a eliminação seria de cafés inferiores, escôlha e ordinario.

IV — Admitindo, ezajeradamente, que no periodo de 1901-1903 o lavrador obteve, liquido das contas de venda, 3\$000 por arroba, ou 12\$000 por saca, de café ordinario e escolha, a contribuição da lavoura paulista teria sido, em

cinco milhões de sacas eliminadas nas trez safras, correspondente ao valor de *sessenta mil contos*.

Todo o sacrificio da lavoura paulista a isso se teria reduzido — para conseguir, segundo o que eu propunha, a *destruição* de 7.609.000 sacas de café, isto é, a valorização definitiva do genero, desde 1901—1903, pelo desaparcimento da superprodução.

Sessenta mil contos, ainda assim admitido o valor liquido ezajeradissimo de 3\$000 por arroba de café baixo em 1901—1903. Qualquer lavrador sabe que esse valor está lonje de corresponder ao liquido que obteve naquele periodo. As qualidades inferiores, naquela época, mal cobriam muitas vezes as despezas de frete e carreto.

V — O imposto da valorização, criado posteriormente, e que está em vigor, é de 5 francos ouro, ou cerca de 3\$ papel por saca de café esportado pelo porto de Santos.

Para a media de 9.000.000 milhões de sacas de café esportadas anualmente por Santos, aquele imposto corresponde a 45.000.000 de francos, ou cerca de TRINTA MIL CONTOS.

Isto é:

Pelo meu projeto, a contribuição da lavoura paulista se teria reduzido a SESENTA MIL CONTOS, sacrificados repartidamente nas trez safras de 1901—1903; pela *valorização*, feita posteriormente, o sacrificio vai a TRINTA MIL CONTOS POR ANO, por prazo que não se póde prever qual seja.

Depois que está sendo cobrado, o imposto ouro escedeu já em muito os sessenta mil contos que, na peor hipóteze, eu propunha fossem sacrificados. Em só dez anos que dure, esse imposto atinjará a cerca de TREZENTOS MIL CONTOS.

VI — Deve-se notar, porém, que:

— a *valorização*, eze-cutada em 1907, retirou *temporariamente* dos mercados 7.500.000 sacas de café; pelo meu projeto, teriam sido em 1901—1903, destruidas, isto é, *eliminadas definitivamente*, 7.609.000 sacas.

Admitindo que a simples retenção de 7.500.000 sacas, aliviando os mercados, influiu beneficemente nos preços; é forçoso confessar que a eliminação definitiva de 7.609.000 sacas teria influido com eficacia maior no mesmo sentido. Ninguém negará isso, que entra pelos olhos, que quasi dispensa o raciocinio.

VII — Admita-se, entretanto, por paradoxo, que a eliminação, como eu a propunha, só dava o mesmíssimo resultado, grande ou pequeno, real ou nulo, que deu a chamada *valorização*.

Mas aquela só teria custado á lavoura *sessenta mil contos*, divididos por trez safras; a outra está custando *trinta mil contos por ano, indefinidamente*, não se póde imajinar até quando...

VIII — A verdade, porém, é que a ezeução do meu projeto teria valorizado realmente o café a contar de 1901. A queda dos preços foi um efeito, muito contestado então, hoje reconhecido por todos, da superprodução.

«O *nivel normal* dos preços do café, em ouro, — escrevia eu em 1901 — foi sempre muito superior aos preços atuais, a que, mesmo nas mais bruscas e passageiras baixas, nunca deceu antes da superprodução, cujo começo data de cinco anos. Suprimida a cauza da desvalorização, é evidente que os preços procurarão o seu *nivel normal* anterior ao atual e persistente fenómeno da superprodução».

Demonstrei então, com dados pozitivós, que a produção, devido ás nossas plantações feitas, em escala formidavel, de 1889 a 1896, crecêra de um salto, sem nenhuma proporção com o aumento do consumo, que é um fenómeno normal, de marcha lenta mas incessante, correspondendo a uma porcentagem anual quasi invariavel, como se verifica em toda a historia commercial do café.

Abandonadas as couzas a si mesmas, teríamos de esperar:

— primeiro, que o aumento normal do consumo atinjisse, depois de alguns anos, a produção, bruscamente distanciada dele;

— segundo, que, equilibrados a produção e o consumo reais, se escoasse ainda lentamente a sobra acumulada durante o periodo da superprodução.

IX — O meu projecto era um meio de intervir com intelligencia nessa situação tão clara, poupando á lavoura longos anos de espera e de dura provação. Adotado o meu projeto, teria desaparecido desde 1901 — como os fatos vieram depois demonstrar cabalmente — a anormalidade da superprodução, e com ela a anormalidade dos preços mizeraveis a que baixou o café.

O preço normal do café, antes da superprodução, orçava por 60 francos. Posto em ezeução o meu projeto, teríamos obtido pelas nossas safras, desde 1901, uma média provavelmente aproximada de 10\$ por arroba. Foi isso que não quizemos fazer, e não fizemos.

X — Passaram-se òs annos, longos e asperos annos; o consumo creceu, como sempre; a produção estacionou, si é que não vai já manifestando alguma tendencia para declinar. Póde-se afirmar que, já hoje, a produção não ecede as necessidades do consumo. O que ainda peza nos mercados e ezercherà pressão até que se escoe, é a sobra do periodo de superprodução, representado em boa parte pelo café que o Governo do Estado retém, mas que está á vista, e se destina a reentrar na circulação. A toda evidencia, entrámos no rejimen dos preços razoaveis, e caminhamos para uma situação, naturalmente tranzitoria, de preços ezajerados, que impulsionará novas plantaçõis, trazendo assim, em si mesma, o seu corretivo.

XI — Na realidade, os que oppunham ao meu projeto a *solução natural* foram os vencedores. A crise rezolveu-se naturalmente, pela ação lenta e irrezistivel do tempo. Com

quanto sacrificio inutil, porém! Que imensa fortuna a lavoura paulista poz fóra desde 1901! Parece-me que lhe deve doer a ela mais do que um remorso, a certeza de que não quiz sacrificar um total de **SESSENTA MIL CONTOS** para conseguir a eliminação de 7.609.000 sacas de cafés ordinarios em 1901-1903 — e tem agora de pagar, como está pagando e pagará durante prazo desconhecido, **TRINTA MIL CONTOS POR ANO...** Para que? Na hipóteze mais favoravel, favoravel até ao absurdo, para obter, depois de tantos anos perdidos, um resultado igual ao que teria obtido desde 1901...

INDICE

	Pag.
Breve esplanção	III
Uma candidatura.	3
Em roda do fogo	17
Jezus .	29
Eterno problema .	39
Crianças .	49
Um poeta	59
Estremos.	73
Chronicas :	
I. Finados (1891)	81
II. Carta a V. Ex. ^a Rev. ^{ma} o snr. Bispo Diocezano (1889).	82
III. O ex-imperador (1890).	87
IV. O Carnaval (1900)	90
V. Revolucionarios (1902).	93
VI. Euclides da Cunha (1905)	98
VII. A Historia em frases curtas (1905)	101
VIII. Richet, poeta (1908).	104
Selvajem.	111
Julio Ribeiro e o padre Senna Freitas.	131
Um ano depois (15 de Novembro de 1890) .	143
Braz Cubas.	163
Poetas paulistas :	
I. Diversos	171
II. <i>O Cysne encantado</i> , por B. Cepellos.	180
III. O melhor poeta paulista .	183
IV. <i>Nevoa</i> , por Amadeu Amaral.	189
Os humildes	199
Duas soluções .	233





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).